

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES  
Centro de Ciências Humanas e Naturais  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

**SILÊNIA DE AZEVEDO SILVEIRA RANGEL**

*Organização do Tópico Discursivo em Charges publicadas em A Gazeta  
no contexto da Campanha Eleitoral–2006*

Vitória,  
Agosto de 2012

SILÊNIA DE AZEVEDO SILVEIRA RANGEL

*Organização do Tópico Discursivo em Charges publicadas em A Gazeta  
no contexto da Campanha Eleitoral–2006*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos PPGEL, do Departamento de Línguas e Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Penha Pereira Lins

Vitória,

Agosto de 2012

---

# *Silênia de Azevedo Silveira Rangel*

## ***“Organização do tópico discursivo em charges publicadas em A Gazeta no contexto da campanha eleitoral - 2006”***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em 28 de agosto de 2012.

Comissão Examinadora:



---

Profª. Drª. Maria da Penha Pereira Lins (UFES)  
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora



---

Prof. Dr. André Crim Valente (UERJ)  
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora



---

Profª. Drª. Ana Cristina Carmelino (UFES)  
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

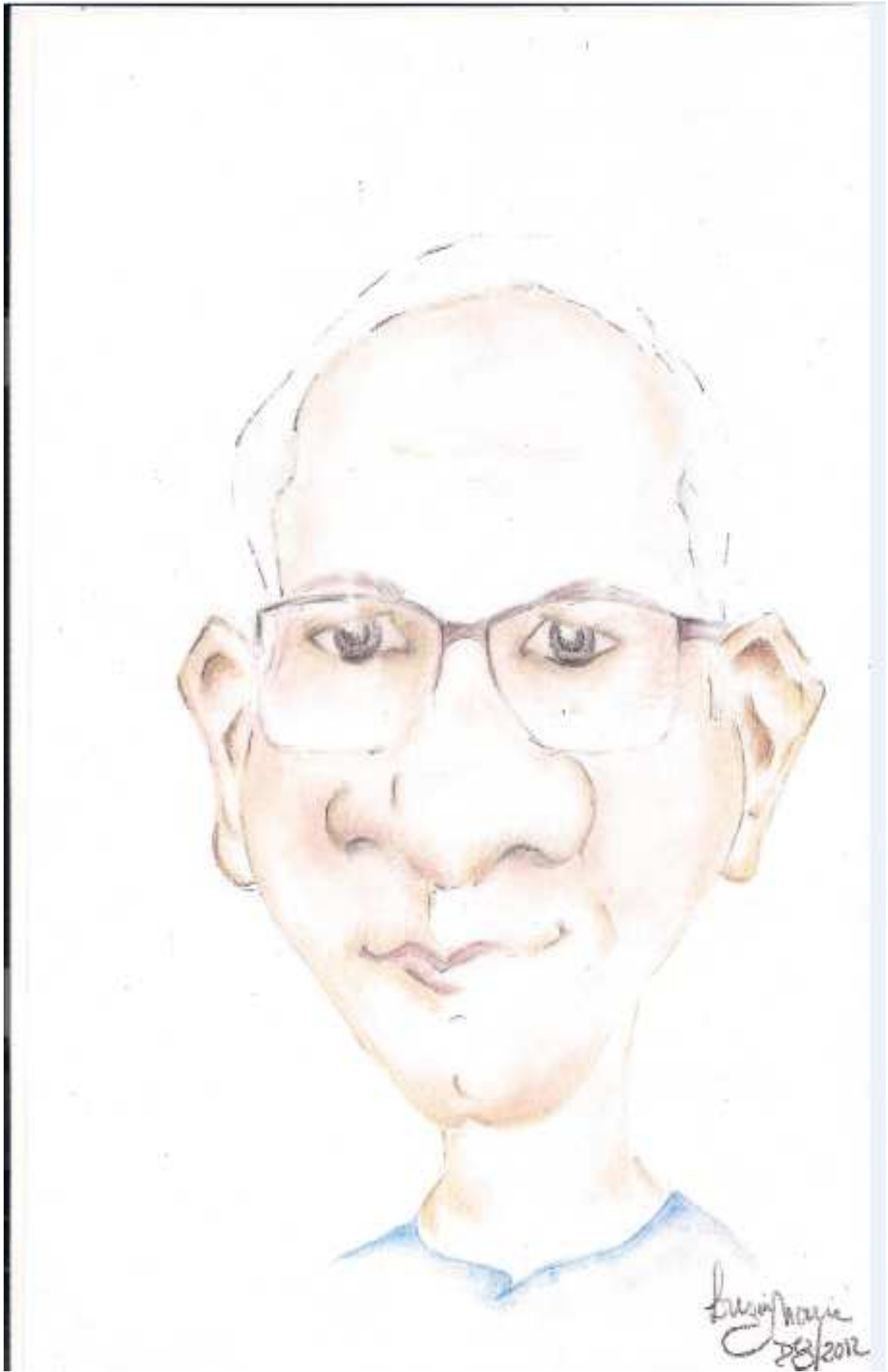
R196o Rangel, Silênia de Azevedo Silveira, 1962-  
Organização do tópico discursivo em charges publicadas em  
A Gazeta no contexto da campanha eleitoral / Silênia de Azevedo  
Silveira Rangel. – 2012.  
290 f. : il.

Orientador: Maria da Penha Pereira Lins.  
Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências  
Humanas e Naturais.

1.Linguagem. 2. Contexto (Linguística). 3. A Gazeta (Jornal).  
I. Lins, Maria da Penha Pereira. II. Universidade Federal do  
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.  
Título.

CDU: 80

---



A todos os autores brasileiros que estudaram o Tópico Discursivo. Em particular, à Anna Christina Bentes e à Maria da Penha Lins.

## AGRADECIMENTOS

Pesquisar e escrever sobre a organização do tópico discursivo em charges foi de grande prazer, mas não foi tarefa fácil; teria sido mais difícil se não pudesse contar com o auxílio e o incentivo de pessoas mais próximas e de pessoas que tive contato por pouco tempo, mas que foram fundamentais para coletar as charges, seus títulos e datas. A essas pessoas o meu eterno agradecimento. Agradeço à Fapes que me proporcionou tranquilidade para executar a minha pesquisa. Ressalto o autor das charges: Amarildo Lima, que de forma solícita se mostrou em todos os nossos contatos.

Agradeço à minha orientadora, Maria da Penha Lins, por ter me escutado, mesmo que em muitos momentos não tenha visto fundamento em minhas propostas, mas que com isso pôde me deixar aflorar no mundo acadêmico. Além disso, de forma ímpar, aos seus trabalhos (2006/2008), por darem subsídios a esta pesquisa. Agradeço à Anna Christina Bentes, que com seu fervor me trouxe inspiração para a escolha do meu projeto de pesquisa. Agradeço, ainda, à Ana Cristina Carmelino e à Micheline Mattedi Tomazi por terem imergido em minha pesquisa de maneira profunda e criteriosa. Com seus apontamentos, pude enriquecê-la.

Em particular, à Lívia, minha maior incentivadora, que, comigo, acompanhou toda a trajetória desde a minha entrada no mestrado, a escolha do *corpus*, até este momento final: foi um anjo que ficou do meu lado. Prossigo às minhas outras filhas Rafaela e Natália, e aos meus genros, que considero filhos: Thiago e William por também me incentivarem nesse percurso. Ao Rubens, como amigo e como esposo, agradeço por ter feito as configurações, e por compreender os momentos de distância e de preocupação que pairavam no período de estudo. À Natália por ter feito o *abstract* com afinco e à Irma – minha colega de mestrado - que o leu com carinho. Aos meus netos, Guilherme por em vários momentos me acariciar e dizer: “Calma Vó, tudo vai dar certo”; de igual valor os momentos que estive com Ivan, meu neto distante, que com seu olhar infantil e carinhoso me deu muita força. Agradeço à D<sup>a</sup> Ruth, que soube com seu jeito especial me dar energia e marcar com a sua presença todos os momentos que precisei de um colo de Mãe, obrigada! Aos meus irmãos: Luzia Maria, Lídia, Amintas, Nereida e Adriano, extensivo às cunhadas, cunhados, sobrinhas e sobrinhos por terem aceitado com ternura os momentos distantes.

Agradeço aos professores do Mestrado Penha Lins, Catarina, Virgínia, Júlia e Luciano pelo diálogo e pela forma sempre competente com que me auxiliaram no primeiro contato e na

subsequente tarefa de compreensão de cada autor abordado nos semestres de estudo. Aos colegas de mestrado que direta ou indiretamente participaram de minha caminhada: Camila, Lorena, Vera, Raquel Trentim, Shirlei, Irma, Raquel Vaccari, Samira, Wallace, Ivan, Sara, Ives, Marcos, Mário, Kelly, Juliene, Irineu, Heitor, Gisele... que, sempre atenciosos, ouviram-me discorrer sobre autores e sobre o tema de minha pesquisa, com suas indicações de leitura me ajudaram tanto nas tarefas propostas pelos professores quanto no adensamento do tema que fervilhava em minha mente.

Por fim, mas de grande importância, agradeço a Deus por ter transbordado em mim a sua graça, a Nossa Senhora por ter sido presente em muitos momentos de fraqueza, e a Santa Terezinha que, junto com Nossa Senhora intercederam tanto por mim. Agradeço ainda a Deus por ter me proporcionado, mesmo que num curto período de convivência, pessoas que, cada uma com seu jeito especial, fizeram com que a minha caminhada pudesse ser realizada, como o meu Pai Acyr, meu sogro Sr. Manuel e minha sogra D<sup>a</sup> Clarice.

Como bem demonstrou Fernando Pessoa: “Tenho em mim todos os sonhos do mundo”, por isso “tudo vale a pena [...]”, mesmo pelos obstáculos que me foram colocados, também agradeço, afinal, foram com as pedras lançadas em meu caminho que construí a ladeira que me trouxe até aqui. Não quero o caminho mais fácil. Não busco planícies, busco ladeiras construídas de pedras, porque minha vida é cheia de relevos, aliás, é por meio das subidas e descidas que chego...



*A charge de forma lúdica dá voz àqueles que têm muito a dizer. Após um período de produção, percebem-se nitidamente temas diversificados, aflorados parodicamente de notícias veiculadas pela mídia tanto televisiva quanto impressa.*

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar charges de Amarildo Lima publicadas no jornal *A Gazeta* (ES), referentes ao período eleitoral para governador de estado, no ano de 2006, tendo em vista a organização do tópico durante o percurso de publicação. Para tal estudo, foi utilizada a noção de Tópico Discursivo com base em Koch et al. ([1989] 1996), Jubran et al. ([1992] 2002), Koch ([1993] 2007), Jubran (2006). Para tratar do texto e sua inserção situacional e sociocultural foram abordados os estudos de Koch (2003) e de Marcuschi (2006/2008). Para a descrição de gênero foram utilizadas as definições de gênero textual na perspectiva de Marcuschi (2008) e a noção de suporte e de multimodalidade cunhadas também por Marcuschi (2008). Além disso, para se abordar a noção do gênero charge buscaram-se trabalhos de Gurgel (2004), de Lopes (2008), de Rios (2008), de Quadros (2008) e de Ramos (2010). Como aportes teórico-metodológicos para análise do *corpus*, foram abordados os trabalhos de Marcuschi (2006), Koch e Penna (2006), Pinheiro (2006), Bentes e Rio (2006) e Lins (2006/2008). Esses autores analisaram o tópico discursivo em diversos gêneros textuais. Em particular, os trabalhos de Lins (2006/2008) que inovaram a teoria do tópico discursivo ao aplicá-la no estudo das sequências de tiras diárias de quadrinhos, gênero textual que se aproxima do *corpus* desta pesquisa. Por conta de tal assertiva é que os trabalhos dessa autora foram tratados como parâmetro de estudo para o gênero privilegiado, nesta pesquisa, a charge, por ser um texto que abrange uma linguagem verbal-icônica, como também transmite um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos, atraindo a atenção do leitor de forma intensa. Assim, vendo o tópico discursivo a partir dos princípios de centração e de organicidade, a sequência de charges pôde ser observada levando-se em conta a progressão tópica instaurada por itens verbais e não verbais. Dessa forma, com este estudo, demonstrou-se ser possível estudar o tópico em um gênero textual que além de comportar múltiplas linguagens tem a sua publicação diária de acordo com os assuntos abordados na mídia.

Palavras-chave: Tópico Discursivo. Linguagem verbal-icônica. Contexto.

## ABSTRACT

The purpose of this research was to analyze the comic strips of Amarildo Lima published by a local newspaper, *AGazeta*, during the electoral campaign for governor in 2006, focusing on the organization of the topic throughout that period. For this purpose, it was chosen the notion of Discourse Topic, based on Koch et al. ([1989] 1996), Jubran et al. ([1992] 2002), Koch ([1993] 2007), Jubran (2006). In order to analyze the text and its situational and sociocultural contexts, Koch's (2003) and Marcuschi's (2006/2008) studies were taken into account. For text genre descriptions, Marcuschi's 2008 perspectives were used as framework as well as his notion of medium and multimodality. In addition to that, to approach the comic strip genre, researches by Gurgel (2004), Lopes (2008), Rios (2008), and Quadros (2008) and Ramos (2010) were also considered. For theoretical and methodological appraisal of the *corpus*, the works of Marcuschi (2006), Koch & Penna (2006), Pinheiro (2006), Bentes & Rio (2006), and Lins (2006/2008) were used. Those authors have analyzed the discourse topic in several texts genres, especially Lins (2006/2008) who innovated the theory of discourse topic when applied it to the study of sequences of comic strips published in a daily base. The present research analyses a similar type of *corpus*. Because of this assertion is that the author of this work were treated as a parameter for the study of gender privileged, in this research, the cartoon, being a text that includes a verbal-iconic language, but also conveys a critical facts about characters and politicians, drawing the reader's attention intensely. Considering the principle of organity, the sequence of comic strips was studied taking into account the topic progression established by verbal and nonverbal items. Accordingly, this research aims to demonstrate whether it is possible to study the topic in a text genre which not only can support multiple languages, has its daily publication according to the subjects covered in the media.

Keywords: Discourse Topic. Verbal-iconic language. Context.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
------------------	----

## CAPÍTULO I

Trajectoria dos estudos precusores do t3pico discursivo

1. Organiza33o t3pica de textos .....	16
1.1 A no33o de t3pico discursivo .....	29
1.2 A progress33o t3pica.....	43
1.2.1 Mudana33a de t3pico .....	50
1.2.2 Continuidade/Descontinuidade .....	54
1.2.3 Manuten33o de t3pico no discurso .....	63
1.2.4 Delimita33o de t3pico .....	67

## CAPÍTULO II

O G3neroCharge

2. O texto e sua inser33o situacional e sociocultural.....	75
2.1 O G3nero Charge e o Suporte .....	78
2.2 Diferen33a conceitual entre hist3ria em quadrinho, charge, caricatura, cartume ilustra33o.....	83
2.3 A multimodalidade percebida no g3nero charge.....	89

## CAPÍTULO III

Explorando o *Corpus* de an3lise

3. Natureza do <i>corpuse</i> m3todo de an3lise.....	95
3.1 <i>Corpus</i> .....	96
3.2 Considera33es interpretativas e anal3ticas da obra de Amarildo.....	98
3.3 Metodologia de an3lise .....	102
3.3.1 Lista cronol3gica das charges relacionadas 33 “Tem3tica do chargista Amarildo” .....	110
3.4 Organiza33o hier3rquica do t3pico discursivo “Tem3tica do chargista Amarildo”	118
3.4.1 Charges.....	121
3.4.2 Configura33es .....	150

3.5 Organização hierárquica do tópico discursivo “Campanha Eleitoral 2006”.....	154
3.5.1 Esquematização do nível hierárquico do Supertópico “Campanha Eleitoral 2006” .....	158
3.5.2 Charges.....	161

## **CAPÍTULO IV**

### Analizando a estrutura da organização tópica

4. Leitura e contextualização das charges de Amarildo .....	167
4.1 Constituição da estrutura hierárquica do tópico discursivo “Campanha Eleitoral 2006” .....	203
4.1.1 Organização linear .....	213
4.1.1.2 Configuração do Supertópico “Campanha Eleitoral 2006” .....	226
4.2 Organização hierárquica.....	227
4.3 Estrutura intratópica .....	235
4.3.1 Abertura de tópico.....	235
4.3.2 Manutenção de tópico .....	251
4.3.2.1 Configuração do Tema Explodido .....	257
4.3.3 Fechamento de tópico .....	260
Considerações finais .....	265

## **ANEXO**

1. Autorização do uso das charges de Amarildo .....	282
Referências .....	284

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho concentra-se em analisar o comportamento organizacional do tópico discursivo em sequência de charges. O material selecionado para a realização da pesquisa é de autoria do chargista Amarildo Lima, publicado pelo jornal impresso *A Gazeta*, entre 12 de março a 1º de outubro de 2006, período que demarca as iniciativas eleitorais em torno da campanha política para os cargos de Presidente da República, de Governador de Estado, de Senadores e de Deputados. No total, foram publicadas 206 charges, distribuídas em sete meses de publicação.

A partir do princípio de uma abordagem semântico-discursiva, em que o tópico é tratado como uma categoria discursiva, percebe-se que a organização tópica se faz em dois planos dentro do discurso: o hierárquico e o linear. Para tal estudo, é utilizada a noção de Tópico Discursivo com base teórica em Koch et al. ([1989] 1996), em Jubran et al. ([1992] 2002), em Koch ([1993] 2007) e em Jubran (2006).

Como até o presente momento não há trabalhos desenvolvidos, nesta área, que abordem o gênero charge pela perspectiva da organização do “Tópico Discursivo”, é que se trabalha com autores que analisaram o tópico discursivo em diversos gêneros textuais, como Marcuschi (2006), Koch e Penna (2006), Pinheiro (2006), Bentes e Rio (2006) e Lins (2006/2008). Esses autores são tomados como aportes teórico-metodológicos para análise do *corpus* da presente dissertação. Em particular, os trabalhos de Lins (2006/2008) que inovaram a teoria do tópico discursivo ao aplicá-la no estudo das sequências de tiras diárias de quadrinhos, gênero textual que se aproxima do *corpus* desta pesquisa.

Para tratar do texto e sua inserção situacional e sociocultural são abordados os estudos de Koch (2003) e de Marcuschi (2006/2008). Para a descrição de gênero serão utilizadas as definições de gênero textual na perspectiva de Marcuschi (2008) e a noção de suporte e de multimodalidade cunhadas também por Marcuschi (2008). Além disso, evidenciadas a noção de charge de Gurgel (2004), de Lopes (2008), de Rios (2008), de Quadros (2008) e de Ramos (2010).

No início dos estudos, o tópico discursivo foi focado apenas nos limites do texto oral, mas com os avanços, nesta área de estudo, percebeu-se que a teoria que aborda “*aquilo sobre o*

*que se fala*” não está presa somente à conversação. Tal raciocínio mostrou que as fronteiras para a delimitação sobre o tópico são fluidas e relativamente amplas, pressupondo a possibilidade do uso de vários gêneros textuais como base para análise, desde que se adapte a teoria ao gênero textual pretendido. Esse anseio tomou conta de muitos estudiosos, que trouxeram à tona estudos sobre gêneros textuais vistos antes como materiais improváveis de constarem como *corpus* para o estudo do tópico discursivo.

A relevância de se atentar para tal expansão no interior do que se convencionou caracterizar como material discursivo passível de ser analisado por meio da organização tópica encontra-se alicerçada à própria escolha do *corpus* analítico para a realização da presente pesquisa. Assim, como os gêneros textuais orais, escritos e os quadrinhos, que associam imagem e escrita, foram, por sua vez, incorporados como textos capazes de serem investigados e estudados com base na noção de tópico discursivo, nesta pesquisa, a charge também é incorporada como texto capaz de ser investigado e estudado com base na noção de tópico discursivo. Para tal objetivo busca-se cunhar as charges do capixaba Amarildo, artista que vem tomando espaço na mídia com seus trabalhos, nos quais se utiliza do humor para provocar a reflexão dos acontecimentos do dia a dia em seus leitores.

A escolha do gênero charge partiu, no primeiro momento, de preferências pessoais, pois analisar textos que valorizam imagem ilustrativa é depreender o máximo de significação e de relações que se pode ser capaz, com critério e coerência. A charge, em termos de conteúdo, pode ser tão rica e densa quanto qualquer texto que abrange somente a linguagem verbal. No segundo momento, justifica-se a escolha pelo fato de esse gênero textual transmitir um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos, atraindo a atenção do leitor de forma intensa.

Busca-se preencher uma lacuna nos estudos sobre o Tópico Discursivo no gênero charge, pois na Linguística Textual não se tem conhecimento de trabalhos com referência à temática que envolve esse gênero no assunto proposto para este estudo. Da mesma forma, abordam-se os estudos produzidos por linguistas brasileiros que ajudaram a ampliar as áreas de pesquisa na Linguística, sobretudo em relação à estrutura do texto e em relação aos estudos que abordam o gênero charge, incluindo o seu produtor e seu suporte.

O estudo do comportamento organizacional do tópico discursivo na sequência de charges tem como propósito descrever a organização tópica que, em princípio, parte da descrição do tópico

discursivo, para, então, verificar sua continuidade ou descontinuidade temática, mapeando as características específicas, conduzidas por uma linguagem sincrética.

Para se alcançar essa composição alguns questionamentos precisam ser remediados, os quais permeiam este trabalho de organização tópica, referentes à necessidade de:

- identificar as estratégias existentes no gerenciamento do tópico discursivo;
- verificar quais delas serão utilizadas no gênero charge, mostrando se a coerência é construída na combinação entre os elementos visuais e linguísticos;
- observar se no objeto temático da campanha política eleitoral a combinação sequencial de sentido favorece o processo de organização do tópico discursivo na charge;
- averiguar se há, na organização textual-interativa desse gênero jornalístico, uma progressão tópica;
- analisar até que ponto a periodicidade irregular de suas publicações afetam os temas abordados pelo chargista na organização temática do período de análise.

Dessa forma, pretende-se com este estudo demonstrar se é possível estudar o tópico em um gênero textual que além de comportar múltiplas linguagens tem a sua publicação diária, retomando notícias veiculadas pela mídia.

Como na charge, encontram-se múltiplas linguagens que configuram, de forma sintética, acontecimentos que provocam a reflexãocrítica a partir dos fatos sociais é que se focaliza essa prática social, apoiando-se em Koch (2003, p. 125) que assevera que “a linguística estuda também a maneira como essa língua é posta em prática no seio da sociedade”.

Com o propósito de analisar a organização tópica na charge, observa-se a continuidade/descontinuidade temática a partir da perspectiva da Linguística Textual que cede instrumentos teóricos que possibilitam avaliar o tópico discursivo no gênero charge, de modo a mapear suas características específicas, conduzidas por uma linguagem sincrética composta de itens verbais e não verbais.

Propõe-se, nesta pesquisa, um estudo focado nas charges referentes ao período de campanha política eleitoral, as quais compõem um quadro sequencial que varia tematicamente. Por conta disso, o contexto é, em princípio, ampliado para depois focar numa conjuntura local. Logo, o evento maior, intitulado *Temática do chargista Amarildo*, configura o todo do *corpuse* a



sequência de charges aparece em ordem cronológica, discriminada por título e data de publicação. Executa-se, neste momento, a organização em tópicos afins, seguindo a elaboração de gráficos, que são apresentados quantitativamente os quadros tópicos, os subtópicos e os segmentos tópicos. Todo esse processo de seleção objetiva destacar somente as charges que correspondem à temática “Campanha Eleitoral 2006”, as quais descrevem os debates políticos, em âmbito nacional e regional, para em seguida verificar a sua organização tópica. A partir daí, busca-se identificar os segmentos sucessivos correspondentes ao discurso desenvolvido em torno do tema da campanha eleitoral, considerados na perspectiva do fenômeno da topicalidade, de maneira a construir um gráfico organicista do tópico discursivo presente nas charges no período específico da campanha eleitoral.

No primeiro capítulo, propõe-se uma revisão sobre as teorias disponíveis que tratam dos conceitos básicos referentes ao tópico discursivo, a fim de proporcionar uma visão mais completa do panorama que compreende a noção de unidade discursiva analisada em vários gêneros textuais, com foco nos estudos de Lins (2006/2008) que trata do tópico discursivo em tiras de quadrinhos, gênero textual que se aproxima do gênero explorado nesta dissertação: a charge.

Já no segundo capítulo, aborda-se o texto e a sua inserção situacional e sociocultural. Expõem-se algumas considerações sobre o gênero charge e suas peculiaridades como também o seu suporte. Nesta etapa, trata-se, de forma sucinta, a história da charge no mundo e no jornalismo brasileiro, inclusive desse gênero no suporte ora utilizado, o jornal *A Gazeta*. Em âmbito conceitual, trata-se da diferença entre história em quadrinho, charge, caricatura, cartum e ilustração, por serem gêneros textuais analógicos. A linguagem imagética é igualmente abordada neste capítulo, de modo a fulgurar as características das charges elaboradas apenas com recursos visuais. Aborda-se também a multimodalidade percebida no gênero charge. Esses são pontos relevantes para se interpretar uma charge, mas a questão proeminente, nesta pesquisa, está relacionada à linguagem sincrética que envolve tal gênero, uma vez que é por meio dela que se observa a organização tópica que emana de cada uma dessas produções no período em estudo.

No terceiro capítulo, há a seleção dos dados e a metodologia utilizadas para a análise das charges explicitadas, bem como as informações da natureza do *corpus*, os traços de Amarildo em suas publicações, e a lista cronológica das charges relacionadas à *Temática do chargista Amarildo*. A organização hierárquica desse tópico discursivo também consta nesse capítulo,

onde são mostradas as charges em tópicos afins, sucedidas pelas configurações do supertópico *Temática do chargista Amarildo*, que são apresentadas por etapas. Ainda neste capítulo, aborda-se a organização hierárquica do tópico discursivo “*Campanha Eleitoral 2006*” e a esquematização do nível hierárquico.

O quarto capítulo é dedicado à análise das charges correspondentes a cada subtópico desse evento. Em seguida, a análise mais detalhada da organização tópica em sequência de charges durante a campanha eleitoral de 2006. Em primeiro plano, apresenta-se a organização linear; depois, a organização hierárquica; em seguida, aborda-se tanto a estrutura intratópica, como a abertura de tópico, a sua manutenção e o seu fechamento. Por último, é elaborada a configuração do supertópico “*Campanha Eleitoral 2006*”.

Tendo em vista que a charge, hoje, dentro dos estudos linguísticos, é enfocada como um legítimo tema de pesquisa, uma vez que especialistas da linguagem – já destituídos de vários preconceitos que forjaram uma hierarquia de autoridade implicada na suposta superioridade da língua formal sobre a forma coloquial e espontânea – passaram a emitir interesse sobre esse objeto, não há como ignorar a presença de uma nova concepção que imprimiu, conseqüentemente, novo valor a toda estratégia linguística, mesmo àquelas tipicamente orais que, contra argumentam, não se construíram desligadas da escrita (LINS, 2008).

Em decorrência dessas inovações, a linguagem da charge, na esteira dessa ampliação temática, passou a adquirir importância na esfera da Linguística Textual e, portanto, averigua-se, nesta pesquisa, o gênero charge como objeto de estudo do tópico discursivo.

Por fim, em anexo, consta a autorização das 206 charges analisadas nesta pesquisa, publicadas em *A Gazeta*, no período correspondente a 7 meses, de autoria do chargista Amarildo Lima. Nesta autorização, reza a título gratuito e em caráter irrevogável para fins de uso de suas charges nesta Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal do Espírito Santo e em futuras publicações de artigos acadêmicos em periódicos institucionais.

# CAPÍTULO I

## Trajetória dos estudos precursores do tópico discursivo

### 1. Organização tópica de textos

O presente capítulo foi pensado com o intuito de apresentar as principais linhas teóricas que regem o campo de estudos voltados para a organização tópica de textos. Por meio de uma discussão centrada nos percursos adotados pelos pesquisadores da área, para aprimorar o instrumental de análise do tópico discursivo, visa-se apontar o caminho teórico-metodológico utilizado para viabilizar a pesquisa aqui proposta, orientada no sentido de desenvolver um estudo sobre a organização do tópico discursivo em charges veiculadas no jornal *A Gazeta*, durante os meses de março a outubro de 2006, período correspondente à campanha eleitoral.

Torna-se primordial conhecer a visão de Koch([1989] 1996) e dos pesquisadores que juntamente com ela se debruçaram, e ainda se debruçam, sobre o estudo do tópico discursivo, no Brasil. Como este primeiro capítulo propõe-se uma revisão sobre as teorias disponíveis que tratam dos conceitos básicos referentes ao tópico discursivo, a fim de proporcionar uma visão mais completa do panorama que compreende a noção de unidade discursiva analisada em vários gêneros textuais, vale, em primeiro lugar, atribuir a devida importância ao trabalho precursor de Ingedore Koch([1989] 1996), que foi quem iniciou a produção e a difusão dessa teoria no Brasil e de outros pesquisadores.

O artigo que inaugurou a linha de pesquisa voltada para a organização tópica, intitulado “Aspectos do Processamento do Fluxo de Informação no Discurso Oral Dialogado”, foi publicado no ano de 1989, no livro *Gramática do Português Falado*, que tratava da organização textual-interativa. A partir de então, trabalhos acadêmicos com tal enfoque se multiplicaram, explorando gradualmente as ferramentas apresentadas nesse primeiro momento.

De imediato, as pesquisas em torno da organização textual-interativa teve como foco o processamento do fluxo de informação de uma unidade discursiva, caracterizando-a pela

centração em determinado tema, assinalado então como um dos subtópicos que compõem o tópico discursivo. Com isso, foi detectada a impossibilidade de determinar, através do que se quer dizer “acerca de” uma unidade discursiva, a sua extensão, pois o fragmento textual pode variar. Porém, existe a possibilidade de, a partir dessa unidade discursiva, observar sua organização na conversação. Dessa forma, os estudos mostraram que o fluxo de informação pode desenvolver-se de modo contínuo ou descontínuo.

Pretendeu-se, nesses estudos, analisar como a progressão temática na conversação espontânea atua nos fatores diversos associados ao contorno pragmático do discurso oral, como se manifesta na organização da informação e na apresentação formal da unidade discursiva. Assim, Koch (1989), Jubran (1989), Urbano (1989), Fávero (1989), Marcuschi (1989), Santos (1989) e Risso (1989) salientam que, quando se trata de oralidade, o discurso é prontamente associado ao fluxo rápido, levando ao raciocínio de que não há planejamento, de que, na verdade, o raciocínio flui de acordo com o tema em andamento. Antes, no entanto, de avaliar se no discurso oral dialogado há planejamento ou não, os pesquisadores buscaram em Ochs (1979) a teoria para dar sustentação a essa discussão, que registra haver vários graus de planejamento do discurso, indo do não-planejado ao planejado, expondo que

considera *não-planejado* o discurso que prescinde de reflexões prévias e preparação organizacional anterior à sua expressão. Por outro lado, o discurso *planejado* é aquele pensado e projetado antes de sua manifestação (apud KOCH et al., [1989] 1996, p. 148).

Isso significa dizer que a conversa espontânea é considerada não-planejada pelo fato de ela ser elaborada de forma simultânea com a interação entre os interlocutores. Nesse processo de organização da língua oral, o falante interage cooperativamente dando concessão ao ouvinte. Essa concessão se dá num processo de interrupção da sua ideia ou simplesmente a adiando, deixando a sua volta indícios que levam o seu interlocutor a continuar na interação comunicativa. Segundo Koch et al.([1989] 1996, p.149)isso ocorre por meio de “reparos e informações adicionais”. Nesse sentido, percebe-se que na oralidade há ações coordenadas, que proporcionam a troca constante de informações num processo de formulação e reformulação na interação conversacional. Para Koch et al.([1989] 1996) isso representa resolver problemas comunicativos.

De tal modo apreende-se, a partir dos estudos de Koch et al. ([1989] 1996), que no desenvolvimento da atividade oral, a capacidade de o locutor planejar momentaneamente sua

comunicação está exposta de forma clara e ativa. A partir de sua formulação, o interlocutor fará o mesmo, ou seja, construirá a sua fala de acordo com as ideias expostas por seu interlocutor; dessa forma, as vozes nessa interação conversacional se misturam, mas seguindo o tema em pauta.

O locutor, nesse processo de cooperação, como foi frisado por Koch et al. ([1989] 1996, p. 150) deve ser visto como um “estrategista”, pois ele promove as inserções e as reconstruções vistas de forma positiva na realização interacional entre ele e o seu ou os seus interlocutores. Faz parte dessa ação discursiva o “acordo contratual”, em que estão estabelecidas regras abstratas, utilizadas como mecanismos facilitadores entre os interlocutores no momento da interação comunicativa, promovendo a compreensão por parte do interlocutor do que o locutor está dizendo. Conforme analisam Koch et al. ([1989] 1996) é na base desse acordo que se estabelece a noção de que o locutor deve apenas falar o óbvio, concentrando-se apenas no que é relevante, sendo, após a reflexão do assunto em pauta, claro e seguro na ação conversacional.

Outro artigo utilizado para fundamentar este estudo é o de Jubran et al. ([1992] 2002) intitulado “Organização Tópica da Conversação”, também desenvolvido a partir de um diálogo do Projeto NURC. Nesse estudo([1992] 2002), os pesquisadores: Jubran, Riso, Urbano, Fávero, Koch, Marcuschi, Travaglia, Silva, Andrade, Aquino, Santos privilegiaram a análise da estrutura interna de um texto oral dialogado na perspectiva discursiva interacional, com o objetivo de definir uma categoria operacionalizável que trouxesse segurança e objetividade à análise. Para esses pesquisadores essa categoria é a de tópico discursivo. Os autores observaram, então, que, a partir desses dados percebidos nas manifestações verbais pode ser anunciada a primeira propriedade definidora de tópico, a de centralização; ampliando os estudos chegaram à segunda propriedade fundamental, a da organicidade.

A partir dessa primeira propriedade definidora pôde-se delinear com mais precisão cada assunto envolvido na interação verbal. Na segunda propriedade, foram identificadas e delimitadas as unidades tópicas, caracterizadas então pelas relações de interdependência hierárquica e sequencial entre elas; sendo vistas como categorias abstratas, primitivas.

Em relação à distribuição tópica na linearidade discursiva, estão envolvidos dois fenômenos: a continuidade e a descontinuidade<sup>1</sup>. Já em relação à mudança de tópico<sup>2</sup>, outra questão é

---

<sup>1</sup> O aprofundamento desses dois fenômenos se encontra no item 1.2.2, na página 54.

registrada por Jubran et al. ([1992] 2002). Desta vez, é observada uma passagem gradual de um tópico relevante ao outro. A partir dos tópicos de transição, observou-se que o tópico em pauta traz vestígios do tópico precedente, levando a crer queo seu teor faz parte dos dois tópicos.

Embora os estudos sobre a organização tópica tenham sido dirigidos basicamente pela propriedade de centração, nas formas do desenvolvimento de um tópico, outro aspecto vale a pena ser analisado, no que diz respeito ao seu movimento. Em relação ao movimento de tópico, o trabalho do analista, na identificação do tópico, será tratado de forma objetiva se levar em conta a uniformidade em seu tratamento, formando um conjunto com a mesma produção linguística, isso, automaticamente, levará à identificação dos segmentos tópicos e seu agrupamento sob um tópico mais abrangente, no que diz respeito ao plano vertical.

O que se pode deslumbrar é que há maneiras de se detectar formas características de se iniciar tópicos, bem como de fechá-los. A metodologia utilizada, num primeiro momento – no estudo de Jubran et al. ([1992] 2002) em relação ao texto oral do Projeto NURC – consistiu em duas etapas, considerando os eixos linear e hierárquico. Num segundo momento, foram utilizadas fichas com o objetivo de analisar a estrutura dos segmentos. Nessa análise, foram inferidas partes que compõem esses segmentos, utilizando as letras A, B e C<sup>3</sup>, conforme se trate de abertura/começo, meio ou fecho/saída, não representando de forma taxativa introdução, desenvolvimento e conclusão. Para Jubran e outros pesquisadores, dentro dessa estrutura, em relação ao texto oral, pode inexistir uma ou duas delas.

Ainda tratando da organização tópica de textos, outro artigo que será abordado nesta pesquisa é o de Koch ([1993] 2007), intitulado “Organização Tópica da Conversação”, que compõe o livro *A Inter-Ação pela Linguagem*. Nesse artigo, o objetivo da autora é verificar como se configura a organização tópica em estruturas delimitáveis que passam de um assunto para outro sem aviso prévio<sup>4</sup>. Mesmo sendo estruturas dotadas de imprevisibilidade, os participantes da interação são capazes de apontar os temas que tiveram maior força no diálogo (KOCH, [1993] 2007).

Nesses dois formatos de interação verbal, Koch([1993] 2007) percebe ao menos uma diferença entre eles. Assim, antagônico ao diálogo entre informante e entrevistador (DID),

---

<sup>2</sup> O aprofundamento desse assunto se encontra no item 1.2.1, na página 50.

<sup>3</sup> Maiores detalhes no item 1.2.4 “Delimitação de tópico”, na página 67.

<sup>4</sup> São dois textos transcritos do Projeto NURC/SP usados nesse estudo, o primeiro refere-se ao inquérito nº 18 – Tipo I DID entrevista, e o segundo refere-se ao inquérito nº 360 – Tipo D2 (Diálogo entre dois informantes).

que se caracteriza por uma sequência pré-estabelecida pelos interlocutores, o diálogo frente a frente (FF) se caracteriza por uma interação espontânea, ou seja, toda a ideia vai sendo construída no momento da interação.

Dessa forma, “a subordinação dos segmentos tópicos aos tópicos mais altos da hierarquia não se dá de forma sequencial”, segundo pronuncia Koch ([1993] 2007, p. 90). Num diálogo frente a frente, são observados vários segmentos que compõem o nível linear, logo haverá segmentos que serão decompostos em outros subtópicos (KOCH, [1993] 2007). Assim, esse diálogo em que os interlocutores vão interagindo de forma espontânea está, de certa forma, ligado ao *corpus* desta pesquisa. O texto chargístico é elaborado de forma espontânea, pois o seu produtor só tem conhecimento do que vai produzir a partir de acontecimentos que vão surgindo no decorrer do dia. Desses acontecimentos, o chargista procura retratar em sua arte o de maior relevância em relação ao momento.

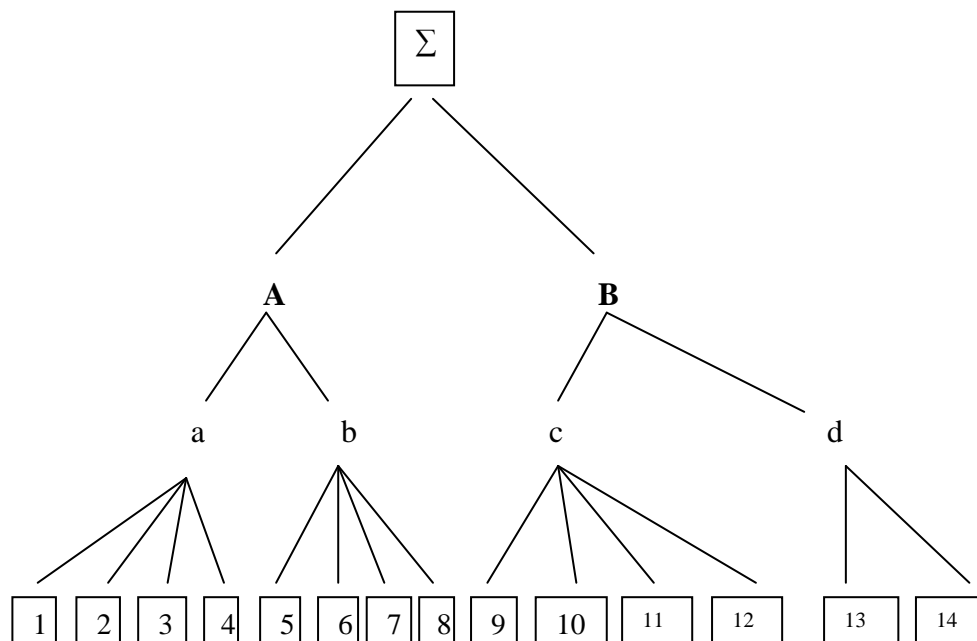
Com base nos pressupostos, Koch ([1993] 2007) observa, ainda, que num texto conversacional há fragmentos que podem ser detectados pertencentes ao mesmo tópico – fica explícita a ideia de que não é tão simples assim se detectar com clareza um tópico –, pois cada grupo de fragmentos irá formar uma unidade de nível mais alto, chegando, de acordo com a expansão dessa unidade, a um nível ainda maior.

Segundo Koch ([1993] 2007, p. 82), esboçando de forma mais clara, “os fragmentos de nível mais baixo de *segmentos tópicos*; um conjunto de segmentos tópicos formará um *subtópico*; diversos subtópicos constituirão um *quadro tópico*; havendo ainda um tópico superior que englobe vários tópicos, ter-se-á um *supertópico*”<sup>5</sup>. De forma mais clara, expõe-se o diagrama formulado pela autora.

---

<sup>5</sup> Grifos da autora.

Diagrama proposto por Koch ([1993] 2007)<sup>6</sup>:



1 a 14 segmentos tópicos

A - B = quadros tópicos

A - b - c - d = subtópicos Σ = supertópico

Fonte: Koch ([1993] 2007, p. 82)

Para ser possível trabalhar com diversificados textos é necessário que se observe “a função interacional de modo amplo, como inerente a todo e qualquer texto”(JUBRAN, 2006, p. 35). Isso corresponde dizer que em todo texto há a intenção de se interagir com o outro, no caso, o interlocutor. Para que tal ação ocorra, o produtor executa escolhas linguístico-discursivas focalizando o seu interlocutor, “presente no intercâmbio oral ou pretendido no evento comunicativo realizado por meio da escrita” (JUBRAN, 2006, p. 35). Segundo Jubran (2006, p. 35), é nesse sentido que devem ser entendidas expressões como “interação verbal” e “processo interativo”.

Dando ênfase aos estudos em outros gêneros textuais, Pinheiro (2006), em seu artigo “Tópico Discursivo como Categoria Analítica Textual-Interativa”, trabalha tanto com a oralidade quanto com a escrita, trazendo alguns autores, como Givón (1993), Brown & Yule (1983), Gorski (1994) e Jubran et al. (1992), que veem o tópico discursivo associado ao “assunto”, tema que sintetiza um segmento discursivo. Essa questão é percebida através da noção que

<sup>6</sup> Fonte: Koch ([1993] 2007, p. 82).



esse autor tem de que o “tópico sintetiza um fragmento de discurso coerente, sem que seja, via de regra, explicitamente mencionado pelo falante/escritor” (PINHEIRO, 2006, p. 44).

Sendo assim, todo o assunto e a sua mudança são percebidos pelo interlocutor ou pelo leitor sem que haja um aviso prévio por parte do locutor de qualquer tipo de texto, pois, segundo Pinheiro (2006), o tópico se relaciona com os assuntos tratados no texto. Visto dessa forma, torna-se consensuoso entre os estudiosos, inclusive por Pinheiro (2006, p. 44), que “os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc.”.

Como se percebe, o tópico é visto como algo construído no momento da ação e serve para descrever o teor sobre o qual se argumenta. Observado dessa forma, ele se “relaciona ao plano global de organização do texto” (PINHEIRO, 2006, p. 44). Esse processo de elaboração envolve fatores contextuais que abrangem as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco e partilhado entre os interlocutores, além da visão de mundo de cada um, o retorno da ideia do outro e as pressuposições que cada um faz no momento da interação conversacional. Consequentemente, é uma categoria interacional por se tratar do resultado do processo de interação e colaboração do discurso, seja ele qual for (PINHEIRO, 2006).

Em relação ao plano global de organização textual, para continuar fundamentando o seu propósito, Pinheiro (2006) salienta que na organicidade destacam-se dois níveis, o hierárquico e o linear. Ele expõe que no plano hierárquico, as sequências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos, originando os quadros tópicos caracterizados pela centração num tópico mais abrangente e pela divisão interna em tópicos co-constituintes. Em se tratando desse desdobramento, Pinheiro (2006) comunga com a posição de Jubran et al. (1992), salientando que um tópico pode ser ao mesmo tempo supertópico ou subtópico, em caso de relação de dependência entre dois níveis que não sejam imediatos. O autor destaca que os quadros tópicos, assim como os tópicos, contêm uma “noção abstrata e relacional”, contudo, essa noção passa a ter um estatuto concreto a partir da seleção que o analista executa, além de determinar o nível de hierarquia para descrever um *corpus*. Esse recorte feito pelo analista fixará se será super ou subtópico, dependendo do objetivo de seu trabalho em relação ao gênero textual abordado.

Já no plano sequencial, o autor destaca a relevância dos processos de continuidade e de descontinuidade, processos que figurariam em posições opostas, uma vez que a continuidade é caracterizada por uma relação de vizinhança entre dois tópicos (quando um aparece somente depois que o primeiro é esgotado); e a descontinuidade por uma interrupção definitiva ou provisória de um tópico.

Por conta dessas variações num texto, e para se efetuar um estudo com maior precisão, Pinheiro (2006) defende que é necessário recortar em unidades menores qualquer que seja o gênero textual de um *corpus*, pois em cada um deles existe uma variação em sua extensão. Todo esse trabalho de decomposição de um texto, parte da “perspectiva de que a topicalidade é um princípio geral de organização do texto, o segmento tópico se apresenta, então, como a unidade de composição do texto” (PINHEIRO, 2006, p.46).

Segundo Pinheiro(2006), no segmento tópico há tanto sentido embutido quanto num texto e, se confrontado com a oração, com a proposição ou com a sequênciapode coexistir com a análise textual-interativa, como uma unidade de composição textual. Mas, conforme explicita Pinheiro, são unidades que não dão conta de dados pragmático-textuais, que são os que importam para uma perspectiva discursiva de análise.

Dessa forma, Pinheiro (2006, p. 50) considera que a análise do tópico no texto se torna um procedimento de grande valor, pois é a partir desse procedimento que se deve buscar as “marcasdo processo formulativo-interacional, a serem detectadas nas descrições da organização do texto”.

Há um ponto em comum entre os estudiosos sobre as estratégias de construção textual relacionadas ao percurso do tópico, ou seja, ao modo “como o tópico entra no discurso (introdução), como se mantém em cadeia (manutenção) e como sai (mudança)”(PINHEIRO, 2006,p. 46). Tendo isso em vista, Pinheiro percebe que a gestão do tópico, nas estratégias textuais e interacionais,pode ocorrer em vários gêneros de texto.

Na mesma medida, também é interessante trazer os estudos de Bentes e Rio (2006), situados no artigo “Razão e Rima: reflexão em torno da Organização Tópica de um *Rap* Paulista”. Nesse trabalho, as autoras enfocam o *rap*“Tô ouvindo alguém me chamar”, de Mano Brown, como um gênero textual que faz uma leitura de tudo que envolve a periferia, com temas que exploram a violência, o desemprego, a miséria, dentre outros aspectos da denúncia social. No gênero *rap*, as autoras se deparam com duas linguagens que se misturam no processo de

criação, a entextualização<sup>7</sup> e o recurso à intertextualidade. Segundo afirmam, o principal efeito do *rap* surge da produção de uma imagem que destaca a figura de um homem jovem falando/discursando/conversando para outros homens que vivem as mesmas dificuldades diárias e que correspondem, a mais ou menos, à mesma faixa etária do cantor-denunciante.

Na base analítica de Bentes e Rio (2006) encontram-se as duas propriedades fundamentais que definem o tópico discursivo: a contração e a organicidade. Como é função da propriedade de organicidade permitir que se possa transitar de um tópico ao outro, Bentes e Rio (2006, p. 119) aprofundam este ponto em seus estudos destacando que Fávero (2003) acrescenta a nomenclatura linear, para o plano sequencial, e a vertical, para o plano hierárquico. Para trabalhar com a organização tópica de natureza hierárquica, as autoras buscam o modelo de análise adotado por Koch ([1993] 2007)<sup>8</sup>.

As autoras analisam que a organização tópica do *rap* em questão não traz uma estrutura “temporal linear”. Enfatizam também que o recurso de começar um relato por uma das cenas do acontecimento final da narrativa (*in media res*) é um recurso sofisticado e pouco utilizado em letras de música em geral ((BENTES; RIO,2006, p. 121).

De uma forma geral, a contribuição das autoras perpassa a compreensão de que a organização tópica pode ser analisada também como um “poderoso recurso de ‘entextualização’”, isso implica dizer que é através dessa organização que se atribui a coerência interna de um texto (BENTES; RIO,2006, p. 124). Com essa perspectiva, as autoras concluem que o *rap* analisado apresenta uma organização “complexa caracterizada por uma grande contração em termos de quadros tópicos” (BENTES; RIO, 2006, p. 124).

Menos distante dos propósitos desta pesquisa está o trabalho realizado por Lins (2006), no artigo “Organização Tópica do Discurso de Sequências de Tiras Diárias de Quadrinhos”. Essa é uma abordagem inédita no que tange à análise de tópico a partir da escrita e da imagem, pois

---

<sup>7</sup> Bentes e Rio (2006, p. 115) assumem o conceito de entextualização postulado por Bauman (2004: 3-4): “The process of entextualization, by bounding off a stretch of discourse from its context, endowing it with cohesive formal properties, and (often, but not necessarily) rendering it internally coherent, serves to objectify it as a discrete textual unit that can be referred to, described, named, displayed, cited, and otherwise treated as an object (Barber, 1999). Importantly, this process of objectification also serves to render a text extractable from its context of production. A text, then, from this vantage point, is discourse rendered decontextualizable: entextualization potentiates decontextualization. But decontextualization from one context must involve recontextualization in another, which is to recognize the potential for texts to circulate, to be spoken again in another context. The iterability of texts, then, constitutes one of the most powerful bases for the potentiation and production of intertextuality”.

<sup>8</sup> Esse modelo consta na página 21, desta dissertação. É o mesmo utilizado para se organizar o tópico discursivo proposto neste estudo.

autores como Koch, Marcuschi, Jubran, Bentes, Pinheiro trabalharam com essa noção enfocando outros gêneros textuais. Em sua análise, Lins (2006) busca definir a linguagem usada no gênero tiras de quadrinhos para, em seguida, estudar as inserções e as mudanças de assuntos e, conseqüentemente, as continuidades e as descontinuidades, sejam elas temporais, sejam tópicas, que perpassam a organização tópica.

Na linguagem desse tipo de texto, de acordo com que salienta Lins (2006), há componentes verbais e visuais e, neles, os diálogos são produzidos de forma que pareçam fazer parte do processo interativo, planejando suas falas de acordo com o fluxo conversacional que, em muitos momentos, sofre alterações devido à intromissão de vários fatores relacionados aos contextos pragmáticos. Essa forma de produção traz, segundo a autora, uma espontaneidade verbal, dando ideia de algo produzido concomitantemente à interação verbal, permitindo dizer que tal gênero textual abarca a questão do “*continuum* fala-escrita” (LINS, 2006, p. 125).

Além dessa espontaneidade também há a informalidade na elaboração desse tipo de texto, isso implica dizer que há fragmentaridade na produção, própria da oralidade. Como as tiras de quadrinhos são produzidas diariamente, inserções e mudanças de assuntos geram as continuidades e as descontinuidades em sua organização geral que, segundo Lins, assemelham-se com a “forma de organização tópica de textos falados, principalmente no que tange às estratégias relativas ao componente linguístico” (LINS, 2006, p. 125).

Lins (2006) aborda que a principal diferença em relação à língua falada e à produção de um texto que se aproxima da oralidade está na estratégia de produção, pois nesse tipo de texto não se encontra a repetição, as frases coordenadas em abundância e outros pontos, todos analisados por Koch ([1993] 2007, p. 77) em seu estudo sobre a análise da conversação “Linguagem Falada x Linguagem Escrita”, em “A inter-ação pela linguagem”.

No estudo de Lins (2008), que também se concentra na análise de tiras em quadrinhos, gênero em que há a linguagem representada a partir de imagens e de pequenos textos que se aproximam da oralidade, segue no sentido de verificar todos os aspectos que envolvem as categorias tópicas. Para tanto, a autora se apropriou do diagrama produzido por Koch<sup>9</sup>.

Provida de tais ferramentas, que fornecem objetividade em sua análise, torna-se também relevante para os seus objetivos o uso da teoria sobre *frame*<sup>10</sup>, baseada na visão de Brown e

---

<sup>9</sup> Diagrama exposto na página 21, desta dissertação.

<sup>10</sup> Teoria estudada nas décadas de 1970 e 1980, pelos linguistas Hymes, Goffman, Tannen e Wallat.

Yule (1983) que explicam tal teoria com base na ideia de que “nosso conhecimento é arquivado na memória em forma de estruturas de dados, denominadas *frames*”. De modo a ir mais longe, Lins aborda o raciocínio traçado por van Dijk (1996), que situa a noção de *frame* em uma teoria do contexto, procurando caracterizar os diversos componentes que estão incluídos nessa noção. Conforme apregoa Lins (2008, p. 37), “o autor considera *frames* como informações semânticas gerais guardadas na memória”, apontando para a possibilidade de também considerá-los contextos sociais como objetos que podem ser “organizados por certa estrutura de *frames* sociais”.

Acrescentando essa teoria à sua perspectiva, pode ser identificado, dentro de cada tópico, os pontos que conduzem os interlocutores a inferirem sobre certos assuntos e seguirem com a interação sem que haja dificuldade. Adotando essa noção, tem-se um auxílio “na tarefa de estabelecimento de conjuntos de segmentos que compõem subtópicos” (LINS, 2008, p. 35). Tendo isto em vista, essa autora frisa que a noção de *frame* utilizada em seu estudo vê o discurso como

uma forma social e cultural organizada, através da qual determinadas funções são realizadas. Focaliza os padrões de fala usados para fins determinados, como resultado do uso de estratégias comunicativas. Desse modo, a análise identifica e analisa ações realizadas por pessoas para certos propósitos, interpreta sentidos sociais, culturais, interpessoais e justifica as interpretações (LINS, 2008, p. 35).

Uma vez que o discurso é considerado como uma forma social e cultural, torna-se relevante o uso dessa noção, segundo Lins (2008, p. 35), não somente para se “buscar a compreensão das situações discursivas em sequências de tiras de quadrinhos”, como também para buscar “as noções de estruturas de expectativas”, além dos “esquemas de conhecimento e enquadramentos [que] vão auxiliar no entendimento acerca das pessoas, objetos e cenários do mundo”. São, pois, essas noções que “explicam como as pessoas partilham conhecimento de modo a produzir sentido sobre o mundo” (LINS, 2008, p.35). De tal modo que se torna possível além de delimitar porções do discurso, organizar em termos de combinação temática.

Dessa forma, os usuários de uma mesma língua buscam a coerência e a interpretação no momento da interação conversacional “a partir do que lhes é familiar e esperado” (YULE apud LINS, 2008, p. 35). Essa posição produz o entendimento de que o indivíduo interpreta tudo que o cerca de forma natural, desde que haja “estruturas de conhecimentos pré-

existentes”, adquiridas por cada usuário da língua através de experiências anteriores, vistos também como “esquemas” (LINS, 2008, p. 36).

Para aprofundar e dar maior objetividade ao seu estudo, Lins (2008) também se reporta a outra teoria de Yule (1996), a de *script*. A autora mostra que há “um conjunto de esquemas de conhecimentos que envolve sequência de eventos” (LINS, 2008, p.36). Esse conceito, na apreciação de Lins(2008), representa simplesmente um caminho para reconhecer algumas sequências de ações pertencentes a um evento, e por se constituírem em detalhes partilhados, não precisam ser especificados nos processos comunicativos ocorridos entre membros de uma mesma cultura. A autora exemplifica essa visão por meio dos eventos ocorridos no dia a dia, como “ir ao consultório médico”, “ir ao cinema”, “ir ao teatro” etc. (LINS, 2008, p.36).

No gênero estudado por Lins (2008) não só o signo gráfico visual consta como elemento, como também o linguístico, numa situação em que ambos se complementam, ainda que em certos momentos somente o visual apareça, assumindo “todas as funções dentro do texto” (LINS, 2008, p. 39). Mesmo que, para ajudar o leitor, sejam acrescentados balões representando falas, pensamentos, sentimentos de raiva, de amor, entre outros, a compreensão de sua narrativa se dá na leitura de um quadro após o outro (LINS, 2008).

Lins descreve que o gênero de seu estudo, a partir do enfoque de produção de uma narrativa, estaria mais próximo da escrita teatral, com a diferença de que o escritor, no caso dos quadrinhos, geralmente é também o produtor de imagens; o que significa que, nessa arte sequencial, essas duas funções se encontram entrelaçadas (LINS, 2008).

Logo, um ponto interessante sobre o qual vale a pena se debruçar nos estudos de Lins (2008) diz respeito à questão que a autora levanta sobre a definição que Mendonça (2002) atribui a tiras em quadrinhos. Segundo esse autor, tiras devem ser vistas como subtipo de histórias em quadrinhos, mais curtas e, portanto, de caráter sintético, podendo ser sequenciais, quando constituem “capítulos” de narrativas maiores, ou fechadas, quando apresentam um episódio por dia.

A partir dessa acepção, Lins (2008) infere uma dupla divisão dentro da narrativa em que trabalha. No primeiro, dá visibilidade as tiras-piada, em que o humor é obtido por meio de estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, com a possibilidade de uma dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável. No segundo tipo, Lins (2008) evidencia as tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no

desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens.

Mendonça (2002) afirma, conforme entende Lins (2008, p. 43), que, “quanto à temática, as tiras também podem satirizar aspectos económicos e políticos do país e que esse subtipo tira em quadrinhos se enquadra no domínio discursivo jornalístico”. Tal modo de abordar a pesquisa proporciona a Lins um olhar com viés científico. Assim, completa a autora que seu estudo

do ponto de vista da Linguística Textual insere-se, também, entre aqueles que vão além do sociológico, uma vez que, observando os elementos visuais e linguísticos para esquematizar a organização do tópico discursivo, permite reflexões não só linguísticas, mas, também, filosóficas, psicológicas, além de outras (LINS, 2008, p. 44).

Por conseguinte, a organização tópica de textos advém da noção de tópico discursivo, por perceber-se que ele é um elemento decisivo na constituição de um texto, e sua estrutura funciona como o que conduz a organização discursiva. Assim, aprofundar nessa noção se torna fundamental para se buscar a organização de qualquer que seja o gênero textual.

Percebe-se até aqui que nos trabalhos analisados encontram-se pontos relevantes que servirão como apoio para o *corpus* desta pesquisa. Nos estudos de Koch et al. ([1989] 1996) tudo gira em torno de identificar como os assuntos presentes numa conversação espontânea fluem na progressão temática de um discurso oral dialogado. Em Jubran et al. (1992] 2002) o propósito foi de definir uma categoria operacionalizável que desse segurança e objetividade, a de tópico discursivo.

Esses pesquisadores também salientam que a organicidade é uma propriedade passível de ser identificada e analisada. Em Koch ([1993] 2007) o objetivo foi de verificar como realiza a organização tópica em textos com estruturas delimitáveis que passam de um assunto para outro sem aviso prévio. Jubran (2006) e Pinheiro (2006) comungam da mesma ideia de que a organização do tópico nas estratégias textuais e interacionais pode ocorrer em vários gêneros textuais.

A análise de Bentes e Rio (2006) traz pontos em que esta pesquisa pode-se apoiar, pois o gênero textual analisado por essas autoras além de trazer uma crítica social, usa da intertextualização para produzir o *rap* “Tô ouvindo alguém me chamar”. Esse *rap* traz uma

narrativa da vida de um cidadão que transgride regras sociais. No caso da charge, a intertextualidade temática está miscigenada em sua produção, por se tratar de um critério de textualidade - princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos, segundo Marcuschi (2008).

Por fim, esta pesquisa está diretamente ligada aos trabalhos de Lins (2006/2008), por analisar as tiras de quadrinhos que é o gênero que mais se aproxima do gênero tratado nesta pesquisa, a charge, por em ambos haver as linguagens: verbal e a não verbal.

### **1.1 A noção de tópico discursivo**

As constantes revisões bibliográficas e o posterior refinamento da teoria sobre o tópico discursivo foram essenciais para que novas reflexões inaugurassem uma trajetória de estudos voltada especialmente para a construção de análises sobre a sua noção. A inovação no campo levou a uma ampliação dos dispositivos textuais considerados apropriados para um tratamento analítico com base na noção de tópico discursivo, o que envolveu outros gêneros linguísticos além dos textos orais. Assim, numa visão retrospectiva, situam-se os estudos de Koch et al. ([1989] 1996) como o pioneiro na produção das primeiras dimensões teóricas sobre a noção de tópico discursivo, tendo como parâmetro a interação conversacional.

Como já foi exposto, o estudo em questão partiu de um diálogo entre duas pessoas com o mínimo de interferência de um mediador, que segundo Koch et al. ([1989] 1996) serviu apenas para estimular a conversa<sup>11</sup>. Esses pesquisadores identificaram e separaram o assunto tratado no decorrer da entrevista. Como se trata de uma interação entre dois participantes, mesmo com um mediador, ao se transcrever o diálogo, precisou-se levar em conta a atuação de vários fatores associados ao contexto em que se dá o envolvimento entre eles, somado ao que abrange os aspectos pragmáticos do discurso oral, que, segundo esses autores, se manifestam na organização da informação e na apresentação formal da unidade discursiva.

Ao analisarem o diálogo, esses pesquisadores perceberam que “através do que se quer dizer ‘a cerca de’ uma unidade discursiva” compreende um fragmento textual caracterizado pela concentração em um tema, como um dos subtópicos em que se divide o tópico discursivo global;

---

<sup>11</sup> Sobre esse assunto, encontra-se mais detalhado nas páginas 19 e 20, desta pesquisa.



ainda observaram que não há limite para a extensão de um assunto, indo do âmbito do enunciado, correspondendo aproximadamente ao conceito de período, do ponto de vista sintático, até o âmbito mais abrangente, que envolve porções maiores do texto (KOCH et al., [1989] 1996, p. 146).

Vale lembrar que o conceito atribuído à unidade discursiva, nos estudos dos “Aspectos do Processamento do Fluxo Conversacional”(KOCH et al., [1989] 1996)propunha que essa unidade compreendesse fragmentos textuais de extensões variadas, recobrando determinado assunto (tema) em pauta no segmento recortado para análise. Em decorrência disso, Jubran et al. ([1992] 2002) depararam-se com a primeira dificuldade – exposta no estudo da “Organização Tópica da Conversação”, que deu sequência aos estudos sobre “Fluxo Conversacional” –, a de operar com “um conceito tão vago e amplo que emana da palavra assunto”(JUBRAN et al., [1992] 2002, p.343).

Além disso, cada pesquisador detinha uma opinião sobre o que significava assunto e tema. Para uns, assunto se apresentava como algo diferente de tema. Para outros,tema e assunto eram objetos imbricados. E, em nenhum dos casos, foi possível chegar a um denominador comum. Por isso, critérios objetivos não foram estabelecidos naquele momento para identificar e delimitar unidades discursivas, resultando em uma lacuna que precisa ser preenchida.

De certo modo, vale ressaltar que o esforço em se fixar critérios para compreender as unidades de natureza discursiva é uma prática geralmente dificultada por um conjunto de fatores como a interferência de pressuposições e conhecimentos compartilhados pelos falantes durante a conversação, como a fluidez com que muitas vezes se desenvolve a conversa, e a atuação de elementos não-verbais como olhares, expressões fisionômicas e gestos, aos quais o analista nem sempre tem acesso, por estar fora do contexto em que se dá a interação conversacional.

Seguindo com os estudos, Jubran et al. ([1992] 2002) analisaram o mesmo diálogo que Koch et al. ([1989] 1996) e concluíram que “a quase simultaneidade entre a elaboração e a manifestação do discurso, decorrente d[a] espontaneidade [vista no diálogo], não afasta o teor de atividade estruturalmente organizada, que caracteriza uma conversação”, acrescentando que “há como que uma consciência de que se deve falar sobre algo e de que o ponto para o

qual converge deve ficar claro para ambos [...] do ato conversacional”(JUBRAN et al., [1992] 2002, p. 342).

A partir daí, Jubran et al. ([1992] 2002) começaram a trabalhar com a noção de tópico para se organizar os temas que perpassavam uma conversa. Perceberam-se que nos enunciados se concentram temas maiores e, envolta de cada um, fragmentos desse tema. Isso ocorre como se fosse um pêndulo que está sempre em movimento, vindo de um lado para o outro, visto da seguinte maneira pelos autores:

A noção de tópico define, pois, não só o processo de “interação centrada” no estabelecimento do intercâmbio verbal, como também o movimento dinâmico da estrutura conversacional [...] Assim o tópico discursivo se torna um elemento decisivo na constituição de um texto oral, e a estruturação tópica serve de fio condutor da organização discursiva (JUBRAN et al.,[1992] 2002, p. 343).

Portanto, para esses autores, a noção de tópico não só é definida pelo processo de “interação centrada”<sup>12</sup> no estabelecimento do intercâmbio verbal, como também pelo movimento dinâmico da estrutura conversacional. Dessa forma, completam que o tópico discursivo em relação a um texto oral se torna um componente primordial de sua elaboração e que cada tópico posto de forma coerente leva a organização discursiva. Assim, o tópico discursivo

decorre de um processo que envolve os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições (JUBRAN et al.,[1992] 2002, p. 344).

A partir dessa perspectiva, os autores perceberam que além da necessidade de fixar critérios para a apreensão de unidades de natureza discursiva, depararam-se com mais uma dificuldade, a distância do analista com relação ao contexto de realização da interação conversacional. Essa questão se apresenta como outro entrave,pois, ao se estudar o texto oral, o analista se posiciona fora do espaço e do tempo em que ocorre a atividade discursiva, estabelecida entre os participantes dessa interação, gerando lacunas em sua análise. Com isso, alguns pontos inevitavelmente ficam perdidos.

---

<sup>12</sup> Aspás de Jubran et al. ([1992] 2002).

Mesmo com tais dificuldades, observou-se que o tópico se origina de um processo que abrange toda a interação conversacional entre os participantes de um diálogo, como já foi salientado. Jubran et al. ([1992] 2002) consideraram o tópico como “acerca de”<sup>13</sup>, por ele se manifestar na interação conversacional por meio dos enunciados ditos pelos interlocutores, tratando de algo de forma explícita ou não, levando os seus interlocutores a inferirem sobre o que está sendo dito.

Embora o que está sendo dito aparente possuir contornos desestruturados, há nele uma relação de interdependência semântica que, para Jubran et al. ([1992] 2002, p. 344) é provocada por um “conjunto de referentes” exposto pelo locutor, a partir do qual ele atribui relevância a cada um dos pontos que preencheram o sentido do que quis dizer. Visto dessa forma, a interação conversacional pode ser considerada coerente, por se encontrar em cada enunciado uma relevante sequência conversacional tópica, pragmática ou semanticamente ligada ao enunciado anterior ou ao posterior.

Para Jubran et al. ([1992] 2002) a necessidade de se determinar uma propriedade que delimitasse cada conteúdo da conversa fez surgir a propriedade da centração. A partir dessa delimitação, percebeu-se que não há como separar o que se diz de como se diz, portanto, chegando a outra propriedade, a da organicidade. Assim, as propriedades de centração e de organicidade “são, em síntese, traços definidores de tópicos, como categoria abstrata, primitiva” (JUBRAN et al., [1992] 2002, p. 345). Há, segundo esses pesquisadores, na categoria de organicidade um método seguro e também apropriado para evitar inferências inadequadas por parte do analista para se proceder à abstração do “foco da interação verbal” (JUBRAN, et al., [1992] 2002, p. 342) sendo vista por eles como a mais eficaz.

Após esse estudo, apreendeu-se que na estrutura abstrata encontram-se de forma explícita relações de interdependência entre os tópicos, uma vez que, em cada assunto, dentro de um maior, há uma posição de destaque em cada unidade tópica desse ponto máximo, como se fossem construindo degraus de importância de cada segmento tópico. É através da propriedade de organicidade que se compreende uma hierarquia na sua organização tópica que, segundo Jubran et al. ([1992] 2002) nos levam a camadas de uma organização, partindo de um tópico discursivo superior até chegar num de nível inferior, encontrado de forma implícita em um texto.

---

<sup>13</sup> Idem.

Assim, e como se pretendeu mostrar até aqui, é recorrente entre os pesquisadores do discurso de que para se precisar o tópico discursivo necessita-se fixar critérios minimamente seguros e objetivos, consolidados a partir da definição de tópico discursivo como uma categoria operacionalizável de análise (JUBRAN et al.,[1992] 2002). Como se trata de uma perspectiva textual-interativa o enfoque pragmático se torna pertinente, por conta disso, formular uma categoria que fosse própria para definir o estatuto textual se tornou relevante para o estudo.

Nessa interação conversacional, em que um texto é produzido por um sujeito que tem a intenção de interagir, objetivando algo em relação ao outro sujeito, percebe-se a todo o momento o que seu locutor pretende informar a partir de suas construções. Dessa forma, nos estudos de Koch ([1993] 2007), a autora verifica como se configura a organização tópica em textos com estruturas delimitáveis que passam de um assunto para outro sem aviso prévio. Mesmo sendo estruturas dotadas de imprevisibilidade, os participantes da interação são capazes de apontar os temas que tiveram maior força no diálogo. Nessa perspectiva, a autora percebe o tópico como sendo, “simplesmente, *aquilo sobre o que se fala*, embora seja uma noção complexa e abstrata” Koch ([1993] 2007, p. 88).

Conforme os estudos foram aprofundados, necessitou-se de uma releitura do conceito de tópico. Fato visto nas análises do artigo “Revisitando a noção de tópico discursivo”, em que Jubran (2006) propôs que a noção de tópico discursivo ultrapassasse, gradualmente, a fronteira do texto oral, alcançando todos os gêneros textuais de uma língua. Nessa releitura, Jubran expôs que ultrapassar o texto oral implica também a expansão das unidades discursivas, que passam a se apresentar com extensões variadas.

Por conta disso, tornou-se importante estudar de maneira detalhada e ampliada a propriedade de centração, usada para detectar o assunto ou os assuntos envolvidos no gênero analisado. Tendo isso em mente, Jubran (2006) frisa que formular critérios para se delimitar de forma mais precisa possível essas unidades discursivas tão extensas se tornou inevitável.

Isso quer dizer que uma unidade discursiva é delimitada, antes de tudo, por um conjunto relevante de referentes, cujos limites seriam dados pela importância desse conjunto em determinado ponto do texto (JUBRAN, 2006). Com essa estratégia se pôde chegar, com precisão, à noção de tópico discursivo; e esta, por ser uma categoria analítica abstrata, necessita de pontos de apoio que a possam delimitar com maior segurança. Dessa forma,

sendo operada com base nas propriedades tópicas que darão apoio não só ao recorte de segmentos textuais, como também à descrição da organização tópica de um texto.

Com a revisão de que se podem romper fronteiras, saindo do texto conversacional e ampliando para outros gêneros textuais, complementações teóricas também se estenderam às propriedades tópicas. Por esse ângulo, e trazendo à tona o princípio pragmático da cooperação entre os interlocutores numa conversação – usado como ponto de partida para se estabelecer a noção de tópico –, chegou-se à conclusão de que o princípio de centração não abrange somente a relação entre os enunciados, implicando uma revisão em seus traços, quais sejam o de concernência, relevância e pontualização. Esses traços, segundo Jubran (2006), dão à categoria de tópico discursivo critérios para o reconhecimento do estatuto tópico de um fragmento textual, ficando delimitada uma categoria analítica para a identificação e a delimitação de unidades que compõem um texto: o tópico discursivo e o segmento tópico.

Com esse novo olhar, o princípio de centração, além de sair do contexto exclusivo da conversação e adentrar no contexto da interação verbal, abarcando todo o tipo de gênero textual, passa a ser visto como a primeira propriedade definidora da categoria analítica de tópico discursivo (JUBRAN, 2006).

Por fim, percebeu-se que o princípio de organicidade precisava ir além das relações intertópicas, que são as relações de interdependência tópica que se estabelecem concomitantemente nos planos hierárquico e linear. Já o plano linear abrange também as articulações intratópicas, destacadas na organização interna dos segmentos tópicos. Como salienta Jubran (2006, p. 36) “Cabe observar agora que [...] os segmentos tópicos, tomados individualmente, deixam transparecer uma estruturação interna, através de marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos”.

Essa perspectiva se configurou após ser observado, nos estudos do material do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), no item “Estrutura interna dos segmentos tópicos”, que se poderia ir além da análise de uma organização hierárquica e linear, em termos de estruturação tópica, direcionando o olhar para os segmentos tópicos. Portanto, define-se que o princípio de organicidade fica “restrito às relações entre tópicos”, (Jubran, 2006, p. 36).

Jubran (2006) salienta que no plano intratópico registra-se o uso de marcador para sinalizar ou uma mudança de orientação dada pelo falante relativamente à informação em curso, ou a introdução que o locutor faz de um dado particular do tópico, ou ainda o reatamento de uma

informação central, interrompida pela incidência de inserções no tópico em curso. Dessa forma, pode se observar que “há sempre indicações na funcionalidade textual dessas estratégias e mecanismos na organicidade intratópica” (Jubran, 2006, p. 36).

Como o princípio de organicidade foi ampliado para abarcar além das relações intertópicas, as articulações intratópicas, Jubran (2006) aborda, a partir de Risso, o marcador “agora”. Esse marcador é um exemplo de que a sua atuação não se restringe somente a uma função interacional, passando a ser como interação verbal (JUBRAN, 2006). Aqui, vale ressaltar a sua função como articulador intratópico que, segundo Jubran (2006, p.36), dá “encaminhamento a um tópico”, dessa forma, promovendo na organização tópica a progressão do texto.

Jubran (2006, p. 36) diz que na articulação intratópica esse marcador agora “estabelece conexões circunscritas ao âmbito de um segmento tópico específico, promovendo, em sua estruturação, o seqüenciamento de proposições integradas no mesmo conjunto de referentes em centração”. Jubran (2006) amplia a sua visão ao dizer que

[n]o plano intratópico [...], registra-se o uso desse marcador para sinalizar ou uma mudança de orientação dada pelo falante relativamente à informação em curso, ou a introdução que o locutor faz de um dado particular do tópico, ou ainda o reatamento de uma informação central, interrompida pela incidência de inserções no tópico em curso (JUBRAN, 2006, p. 36).

Com essa reformulação da noção de tópico discursivo, o estudo tomou grandes proporções, saindo do plano do texto oral para outros textos, pelo fato de a topicalidade ser um processo constitutivo de qualquer texto. Em vista disso, outros autores se debruçaram sobre o estudo do tópico em outros gêneros, tais como Marcuschi; Koch e Penna; Jubran; Pinheiro; Travaglia; Rezende; Fávero, Andrade e Aquino; Morato; Bentes e Rio; Lins; Galembeck, autores reunidos numa publicação especializada sobre o tema, no ano de 2006.

No artigo "Referenciação e Progressão Tópica: Aspectos Cognitivos e Textuais", Marcuschi, (2006) percebe que apesar da fragilidade e instabilidade da noção de tópico, o desafio em seu trabalho será o de mantê-lo, sem esquecer que ele é constituído pelos objetos de discurso. Por conta disso, Marcuschi (2006, p. 8) busca “interligar uma série de questões com base numa postura a uma só vez cognitiva, discursiva e interativa”.

Em seu trabalho, Marcuschi (2006, p. 9) aborda a distinção entre tópico discursivo e tópico frasal, para então, mostrar, com base teórica, a sua escolha de não se trabalhar com a noção do tópico frasal. Esse autor salienta que o tópico frasal “só dá conta da continuidade ou da boa formação semântica passo a passo, sem poder explicar as descontinuidades a não ser negativamente”. Já o tópico discursivo, diz que “permite tratar de mais aspectos, inclusive da continuidade-descontinuidade discursiva em termos mais globais e até mesmo a passagem de tópicos antigos para novos” (MARCUSCHI, 2006, p. 9). Acrescenta esse autor que a noção de tópico discursivo não abole a frase, analisa-a “relacionada tanto a aspectos cotextuais como contextuais” (MARCUSCHI, 2006, p. 9).

O autor segue dois raciocínios, um é a noção de tópico discursivo postulada por van Dijk (1977) que diz que o tópico designa macro-estruturas semânticas; a outra é vista por Brown & Yule (1983) como o tema discursivo que é aquilo sobre o que se está falando num discurso. Seguindo por essa linha de raciocínio, o tópico discursivo na análise de Marcuschi (2006, p. 9) será desenvolvido “nos processos enunciativos”, de tal forma que a opção se configura por “dar conta de fenômenos tipicamente discursivos tais como as interrupções ou as intenções fundadas em estratégias de manipulação tópica”; ponto observado também no trabalho de Koch (1990). No caso de uma interação face a face, o autor salienta que o tópico discursivo é desenvolvido interativamente, podendo ser introduzido, desenvolvido, retirado, reintroduzido, reciclado ou abortado.

Ainda com base nas considerações sobre a noção de tópico discursivo, pretende-se verificar como Pinheiro(2006) enxergou e traçou suas contribuições para esse debate. Para o autor, o tópico é tomado como algo construído no momento da ação e serve para descrever o conteúdo sobre o qual se argumenta. Essa visão não implica somente a organização do texto, mas também a categoria interacional, por ser o produto final da “natureza interativa e colaborativa do discurso”(PINHEIRO, 2006, p.44).

Desse modo, os objetos de discurso são constituídos nas e pelas relações discursivas. Isso implica dizer também para Pinheiro (2006) que o processo de elaboração do discurso, seja ele qual for, se dá no momento da interação, e não antes do discurso. Por esse ponto de vista, cada assunto aparece podendo desaparecer e novamente retornar a qualquer momento de acordo com o fluxo conversacional ou até mesmo dependendo da interação entre os participantes e os fatores contextuais que decorrem do discurso. Nesse processo de

elaboração, consegue-se peneirar e identificar os objetos considerados e manifestados como o assunto sobre o qual o discurso se porta, tratado como tópicos, segundo Pinheiro (2006).

Em se tratando da noção de tópico, na interação conversacional, o interlocutor/leitor percebe o assunto e a sua mudança sem que seu locutor precise dizer antes o que irá relatar. No entanto, algumas críticas em relação a essa noção de tópico na materialidade do texto foram elaboradas. Alguns concordam que o tópico é “intuitivo”<sup>14</sup> (PINHEIRO, 2006, p. 44), por não aparecer destacado no texto, sendo apenas percebido pelo “analista”. Dessa maneira, depreende-se que é papel do locutor, detentor da ação de produzir o discurso, atribuir ao tópico discursivo “propriedades específicas, conforme suas práticas interacionais” (PINHEIRO, 2006, p. 44). Com isso, para o analista não correr o risco do equívoco, torna-se pertinente buscar os traços de concernência e de relevância, inseridos na propriedade de centração, objetivando identificar e depreender o tópico.

Após o trabalho de exame dos textos sobre a delimitação de uma unidade analítica compatível com o enfoque textual-interativo, Pinheiro (2006, p. 50) mostrou que o tópico não é visto somente como o “conteúdo sobre o qual se fala/escreve, sinalizando a perspectiva focalizada”, pois olhando dessa maneira o tópico seria visto apenas como uma “categoria de base textual”. No entanto, ele também é reconhecido como uma “categoria interacional”, o que corresponde dizer que o locutor é quem dá ao tópico “propriedades específicas”, de acordo com as suas práticas textuais (PINHEIRO, 2006, p. 50).

Como os pesquisadores romperam barreiras em relação ao tópico discursivo, instigando análises em textos de múltiplas naturezas, com isso, implicando o surgimento de unidades discursivas com extensões variadas, é que Pinheiro (2006), em conformidade com os autores, apoiando-se nessas mudanças, defendeu também que é necessário recortar em unidades menores o gênero textual de um *corpus*. Partindo da premissa de que, se na organização de um texto a topicalidade é um princípio genérico, o segmento tópico será a parte específica de um texto. Assim, do ponto de vista do autor:

a topicalidade é um princípio geral de organização do texto, o segmento tópico se apresenta, então, como a unidade de composição do texto,[...] reúne as mesmas características formulativo-interacionais do texto, ou seja, se constitui como uma unidade estrategicamente organizada veiculadora de sentido. Trata-se, portanto, de uma unidade compatível com a análise textual-interativa (PINHEIRO, 2006, p. 46).

---

<sup>14</sup> Termo cunhado pelo próprio Pinheiro (2006, p. 44).



Pinheiro conclui que o segmento tópico como unidade de composição textual não deve ser visto como uma oração, como uma proposição ou como uma sequência, porque estes são “unidades que não dão conta de dados pragmático-textuais” (PINHEIRO, 2006, p. 46). Portanto, em se tratando de unidade discursiva, sua análise parte de uma perspectiva discursiva por ser ela compatível com a análise textual-interativa, ponto relevante nesta pesquisa.

Imbuído de tais reflexões, Pinheiro (2006, p.44) admite que, no processo de elaboração, é possível peneirar e identificar os “objetos considerados e manifestados como o assunto sobre o qual o discurso se porta”, passando a ser “tratados como tópicos”. Tendo isso em vista, Pinheiro frisa que como esse tópico proposto se encontra fora da materialidade do texto, chegando a ser classificado como “intuitivo”<sup>15</sup>, sendo, assim, percebido apenas pelo analista, ele se encontraria amarrado a sérias dificuldades, a começar pelos problemas na demarcação de pontos que fossem pertinentes sobre o que se fala no decorrer de tantos assuntos surgidos no momento da interação.

Bentes e Rio (2006), que analisam os tópicos discursivos voltados para o gênero textual *rap*, enfatizam a percepção de que também é possível conceber o tópico como um conceito que postula macro-estruturas semânticas, que diz respeito ao tema discursivo, ou seja, aquilo sobre o que se está falando num discurso (BROWN & YULE, 1983). As autoras salientam que os tópicos preferidos e trabalhados, muitas vezes de forma detalhada pelos autores desse gênero, são a vida dos fora-da-lei. São histórias contadas por “poetas populares contemporâneos” que, muitas vezes, provocam desconforto a alguns “críticos da cultura”, devido à maneira original com que narram os fatos (BENTES; RIO, 2006, p. 117).

Alinhado às pesquisas já mencionadas, encontra-se o trabalho de Lins (2006), que enfoca o texto selecionado em tiras em quadrinhos, elaborado a partir da escrita e da imagem. Em seu estudo, a autora busca definir a categoria de tópico nesse gênero textual. Assim, o tópico “inscreve-se numa abordagem semântico-discursiva” (LINS, 2006, p. 125), por estar mais de acordo com o seu nível de abrangência. Dessa forma, tópico é tratado como uma categoria discursiva organizada em dois planos e a análise da sequência se desenvolve, segundo Lins (2006), a partir de uma perspectiva funcionalista do discurso, em que tópico é analisado pelo ponto de vista do princípio da centração, isso implica dizer que envolve o “falar-se de alguma

---

<sup>15</sup> Aspas de Pinheiro (2006).

coisa” (LINS, 2006, p. 125).Essa autora acrescenta também que o limite de cada tópico se dá pela “distribuição em segmentos sucessivos”(LINS, 2006, p. 125).

Lins (2006), versando sobre o tópico discursivo, afirma que a maioria dos autores comunga com a mesma ideia, formando um consenso em torno da seguinte noção: se numa sequência conversacional o seu enunciado está ligado de forma proeminente ao enunciado anterior e ao posterior, tópica, semântica ou pragmaticamente, há, então, coerência nessa estrutura conversacional; mas se houver rupturas isso não implica em descontinuidade textual na sequência conversacional, pois, elas são vistas como substituição de um conjunto de relevâncias tópicas corrente por outro, portanto não provocando incoerência, e sim uma interrupção momentânea do tema, podendo voltar a qualquer momento.

A autora justifica a necessidade de se definir a diferença entre assunto e tema pelo fato de encontrar dificuldade de operar com tais conceitos, uma vez que assunto pressupõe subjetividade na sua apreensão, estando, na mesma medida, quase sempre associado ao tema. Por isso, Lins (2006, p. 126) para prosseguir com o estudo de textos de tiras de quadrinhos usa como referência Goutsos (1996), que afirma que o tópico representa um “fio unificado” que transpassa o texto como um todo e, assim, é expandido, ou seja, o tópico é visto como uma estrutura ou como um *frame*.

Uma maneira simples de se identificar a diferença entre “assunto” e “tema” é constatar em qual deles é permitida uma visão geral da interação conversacional ou uma visão pontual, verificada por meio de pequenos pontos dentro de um conjunto maior. Respectivamente, assunto estará sempre no plano geral da conversação, enquanto tema estará sempre restrito a uma visão pontual. A partir dessa diferença, nota-se a necessidade de marcadores de limites para se ter definidos os tópicos. Essa definição, além de partir de tal estrutura, também se dá como *frame*, pois observando a maneira como se fala de algo, é possível detectar, através de blocos acumulados no decorrer da vida do interlocutor, o fio condutor que o levará ao entendimento do que se trata a interação conversacional, (LINS, 2006, p. 126-127).

A partir dessa perspectiva, a autora salienta ainda que, em seu estudo, a análise se detém mais em “o como” se fala de certo assunto, e menos em “o que” se fala dele (LINS, 2006, p. 126). Desse modo, segundo a autora argumenta, “aquilo de que se fala provém necessariamente do modo como se fala e o tópico pode ser representado como uma estrutura organizada que opera

tanto no interior quanto fora das fronteiras das sentenças. É o resultado de marcação de fronteiras” (LINS, 2006, p. 126).

Uma vez definidos os limites de entendimento de tópico, Lins (2006), para dar sequência ao seu propósito de estudo, vinculou a categoria de tópico, para a análise de seu *corpus*, ao objetivo de apurar como essa categoria comporta-se e organiza-se em textos de quadrinhos.

Dentro dessa perspectiva, Lins (2008, p. 19) se associa à noção que pressupõe a “organização do discurso como um todo na busca da definição do tópico, isto é, aquilo de que se fala provém necessariamente do modo como se fala”. Teoricamente, “o tópico pode ser representado como uma estrutura organizada que opera tanto no interior quanto fora das fronteiras das sentenças”. Em vista disso, conclui-se que a definição e a identificação vistas por Lins (2008) podem ser tomadas como um divisor de águas. Vale ressaltar que é a partir dessa definição e dessa identificação que a sequencialidade e a identificação de traços linguísticos devem ser enfatizados, levando a segmentação por fronteiras à percepção da coerência dentro da sequencialidade.

Fica bastante claro que, ao adentrar na questão da noção de tópico discursivo, Lins (2008, p. 20) admite como uma categoria em seu sentido geral, como uma questão ocupada em esclarecer algo “acerca de” (*aboutness*). Outro aspecto importante pontuado por Lins (2008) diz respeito ao modo como ela concebe o tópico como unidade discursiva. De acordo com a autora, o tópico não pode ser confundido com a estrutura sentencial “tópico-comentário”, ficando claro que essa noção se amplia para além do nível sentencial, se observada pelo ponto de vista da sua extensão. Isso nos remete à ideia de que “um mesmo tópico discursivo pode ser mantido em fragmentos de uma conversação, mesmo que haja mudanças nos tópicos sentenciais; o que vai importar é a ligação com a mesma estrutura de relevância tópica”(LINS, 2008, p. 21).

De acordo como Lins (2008), Dascal e Katriel veem a noção de tópico num sentido mais amplo, salientando que o tópico depende de uma série de fatores para ser identificado e destrinchado. Há pontos que precisam ser vistos para que se consiga perceber, sem erro, a topicalidade em uma interação conversacional. Para esses autores, conforme demonstra Lins (2008, p. 21), a topicalidade é uma função de “problematicidade” e diz respeito a um dado “background”.

Essa problematidade presente na topicalidade, isto é, na organização do texto oral, é intuída no decorrer da conversação através de cada elocução, e é por meio de cada uma que se levanta um novo “tópico”, como se esse representasse a emergência de um novo problema; de modo que cada tópico levanta um conjunto de relevâncias tópicas que define um conjunto de possíveis soluções para o problema colocado (LINS, 2008, p. 21). Percebe-se, com isso, que sempre que esse *background* ocorre de forma satisfatória a interação flui, abrindo espaço para um novo tópico.

Por meio dos estudos realizados por muitos autores, desde 1989<sup>16</sup>, percebeu-se que o texto conversacional não é um emaranhado de informações, muito pelo contrário. Ao se suspender essa primeira expectativa com relação ao texto conversacional, chegou-se à conclusão de que cada uma das informações presentes nesse gênero possuía uma forma organizada de se estruturar no próprio momento da interação, a partir de um processo cognitivo que organiza, em tempo real, o diálogo entre os participantes, possibilitando a introdução de novos tópicos de acordo com o fluxo da interação entre eles. Ressalta-se nesse ponto que

a noção de tópico não pode ser adequadamente definida, a não ser com o acréscimo de um conjunto de regras conversacionais, o que equivale à noção de tópico em uso, cuja principal regra é: à emissão de uma proposição segue-se uma outra proposição relacionada ao efeito dessa sobre o ouvinte. Ou seja, há um tópico potencial, que consiste de uma interseção de conceitos de um determinado conjunto conceitual e de uma nova conceituação, que inclui a substituição por um novo tópico (LINS,2008: p. 22).

Lins (2008, p. 20) evidencia que o tópico discursivo é manifestado “mediante enunciados formulados pelos interlocutores, a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou mesmo inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem”. Portanto, a definição de tópico, para a autora, também se refere, de forma resumida, “[à]quilo de que se fala”. Nesse ponto, Lins(2008, p. 20) se apoia nas discussões levadas a cabo por Brown e Yule, os quais admitem que “qualquer consideração sobre tópico implica averiguar por que o falante disse o que disse numa situação de discurso particular”.

---

<sup>16</sup> Como Koch ([1989] 1996), Jubran ([1989] 1996), Urbano ([1989] 1996), Fávero ([1989] 1996), Marcuschi ([1989] 1996), Santos ([1989] 1996) e Risso ([1989] 1996); Jubran ([1992] 2002), Risso ([1992] 2002), Urbano ([1992] 2002), Fávero ([1992] 2002), Koch ([1992] 2002), Marcuschi ([1992] 2002), Travaglia ([1992] 2002), Silva ([1992] 2002), Andrade ([1992] 2002), Aquino ([1992] 2002)e Santos([1992] 2002); Koch (1993] 2007);Marcuschi (2006), Koch e Penna (2006), Jubran (2006), Pinheiro (2006), Travaglia (2006), Rezende (2006), Fávero, Andrade e Aquino (2006), Morato (2006), Bentes e Rio (2006),Lins (2006),Galembeck (2006);Lins (2008).

A autora também lança mão das categorias tópicas que, de acordo com Koch (1992) e outros estudiosos, levam à obtenção de análises mais objetivas. Assim, no estudo da noção de tópico discursivo nas tiras em quadrinhos, Lins (2008) adota o conceito de centração e de organicidade.

Partindo das perspectivas apresentadas sobre o tópico, esta pesquisa adota o mesmo ponto de vista do trabalho de Lins em relação aos textos orais. Nesse ponto, ressalta essa autora, “os diálogos parecem estar no entremeio do oral com o escrito”, dessa forma, parece haver “a preocupação de se construir uma espontaneidade verbal, como um ‘parecer ser’, que é minuciosamente planejado anteriormente” (LINS, 2008, p. 14). Assim, a metodologia do tratamento de dados nesta pesquisa será a mesma de textos orais.

Visto assim, a análise do gerenciamento do tópico nas charges se descreve como na conversação, pois o texto nela produzido pretende ser oral, mas não o é. Como salienta Lins (2008, p. 14), em sua análise dos quadrinhos, o texto produzido para esse gênero textual “não é oral”, porém se “atualiza na escrita e se completa com o visual”. Já a organicidade é manifestada pela interdependência nos planos: horizontal e vertical. Essa organização tópica é configurada no gênero jornalístico a partir de padrões específicos da linguagem não verbal e linguística, próprias desse gênero textual.

Lins (2008) em seu estudo pondera diversas visões sobre como tratar uma unidade tópica, apreendendo pontos de vista que a percebem como um “fragmento recoberto por um mesmo tópico em que cada conjunto de fragmentos constitui uma unidade de nível mais alto, sendo o de nível mais baixo o segmento tópico” (LINS, 2008, p.52). Outra perspectiva apontada por Lins (2008) descreve a unidade tópica “como segmentos menores ou porções tópicas”, também “define sequência conversacional como dois ou mais atos conversacionais consecutivos” (LINS, 2008, p.52). Tais atos podem ser de uma mesma pessoa ou de seus interlocutores, exibindo “contingências em forma, tópico ou função” (LINS, 2008, p.52). A autora prossegue expondo que um episódio conversacional é construído, na medida em que os participantes coordenam um tópico comum no decorrer de duas ou mais sequências ininterruptas de atos conversacionais.

Vistas de forma ampla, as revisões e conseqüentemente a ampliação da teoria sobre o tópico discursivo foram essenciais para os estudos sobre a sua noção. Dessa forma, a noção do tópico discursivo é de fundamental importância para a organização de uma interação conversacional.

Por conta de tal assertiva é que se percebe consenso entre os estudiosos de que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões e retomam, uma vez que haja correspondência de objetivos entre seus interlocutores, mesmo que implique numa interação parcial.

Numa retrospectiva dos trabalhos, todos os critérios, largamente utilizados por autores como Koch et al. ([1989] 1996), Jubran et al. ([1992] 2002), Koch ([1993] 2007), Marcuschi (2006), Koch e Penna (2006), Jubran (2006), Pinheiro (2006), Bentes e Rio (2006) e Lins (2006-2008) serão tomados como aportes teórico-metodológicos para análise do *corpus* da presente dissertação, em particular, os trabalhos de Lins (2006-2008) por analisarem o tópico discursivo em tiras em quadrinhos. Com o deslocamento da teoria do tópico discursivo do texto oral para outros textos, pelo fato de a topicalidade ser um processo constitutivo de qualquer texto, é que se pretende, nesta pesquisa, introduzir mais um gênero textual nessa relação: a charge.

## **1.2 A progressão tópica**

Em todo texto, seja ele oral, seja escrito, verifica-se uma determinada orientação de conteúdo comunicativo, junto com uma seleção lexical configurada. Isso implica acrescentar os níveis de linguagem que surgem a partir da diversidade social e cultural de cada indivíduo, realizados na comunicação, que está diretamente ligado ao foco informativo, isto é, ao tópico discursivo.

Com relação à progressão tópica que emana da interação conversacional, os primeiros estudos elaborados por Koch et al. ([1989]1996) apontam para um processamento da informação no interior de uma unidade discursiva, de modo a fluir com naturalidade, como num escoamento normal e contínuo do tema, proporcionando rapidez na decorrência desses temas envolvidos na interação conversacional. Esse fenômeno também é conhecido como rematização frástica. Salienta-se que no estudo de Koch et al. ([1989]1996, p. 147) não se levou em consideração o escoamento normal e contínuo do tema, e sim os “fenômenos de descontinuidade responsáveis por um *rallentando* no fluxo”.

Nos estudos da “Organização Tópica da Conversação” um dos pontos buscados foi entender como ocorre à distribuição tópica na linearidade discursiva. Essa linearidade diz respeito à

progressão da conversação. Nela estão envolvidos fenômenos básicos, os quais caracterizam a distribuição de tópicos na linearidade discursiva: “*continuidade e descontinuidade*”(JUBRAN et al., [1992] 2002, p. 346).

Os estudos desses autores apontam que há continuidade tópica quando em uma organização sequencial dos segmentos tópicos a abertura de um se dá após o fechamento do outro. Esse fato, de acordo com Jubran et al.([1992] 2002), encontra-se na relação de adjacência ocorrida no caso característico de término do tópico anterior. Nesses estudos, percebem-se que há duas condições para a ocorrência dessa categoria: uma – a da contiguidade – que se observa no plano intertópico, e outra – a do esgotamento – constatada no plano intratópico (JUBRAN,[1992] 2002).

Tratando do processo de interação conversacional tanto o locutor quanto o seu interlocutor exercem papéis relevantes na conversação. De tal modo que, todo processo de comunicação só se configura por meio do sentido que é estabelecido na “*interlocução*”. Segundo Koch ([1993] 2007, p. 25), é no seu interior que os interlocutores se constituem e são constituídos. Em todo esse processo, que independe do gênero textual tratado, a produção de inferências desempenha um papel particularmente relevante.

Na análise dessa autora são enfocados textos do Projeto NURC/SP, um correspondendo a uma entrevista e o outro a um diálogo entre dois informantes. A conversação em ambos organiza-se em “*turnos*”, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação (KOCH, [1993] 2007, p. 80). Em vista disso, os turnos que se instauram nos dois textos se diferenciam por se tratar de que em um se percebe uma interação espontânea; no outro, tem-se uma interação com um planejamento anterior a sua realização, mas não impedindo que haja um discreto ralentamento no fluxo conversacional. Koch ([1993] 2007) percebe tanto uma simetria quanto uma assimetria nessas duas interações, afirmando que

há interações *simétricas*, como nas conversas do dia-a-dia, em que todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra; e interações *assimétricas*, como entrevistas, consultas, palestras, em que um dos parceiros detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade (KOCH,[1993] 2007, p. 80).

Para Koch, nessas interações simétricas “não é possível tomar a palavra a qualquer momento”, seus interlocutores “podem assumir o turno nos chamados *espaços de*

*transição*”<sup>17</sup>. No decorrer dessa conversação, o atual detentor de turno pode eleger o falante seguinte; se isto não acontecer, qualquer participante pode assumir a palavra. No entanto, a autora observa que, se nenhum o fizer, aquele que detinha o turno até então pode continuar a falar, até o próximo espaço de transição; e assim sucessivamente. Caso um dos participantes, que não seja aquele com a vez na interação, tente tomar o turno, segundo Koch, fala-se em *assalto de turno*, que para a autora pode ser eficaz ou não.

Em relação ao plano do texto, Jubran (2006, p. 37) entendeu que nas estratégias de sua construção havia a necessidade de se verificar a “operacionalidade” da categoria do tópico discursivo em três das estratégias: a repetição, a paráfrase e os parênteses.

Em se tratando da categoria de repetição, Jubran (2006) cita Marcuschi ao afirmar que a repetição é uma estratégia de formulação textual, podendo ser de fonemas, de morfemas, de itens lexicais, de construções suboracionais e oracionais. No caso da repetição de itens lexicais, a definição de repetição está diretamente conjugada com a noção de tópico discursivo. Jubran (2006) mostra que essa repetição só ocorrerá nas relações de interdependência entre as ocorrências da mesma palavra no mesmo tópico. Observou-se que qualquer que seja a manifestação linguística dessa categoria “o processo repetitivo só pode ser devidamente configurado se associado à elaboração de um tópico discursivo: é no interior de um segmento tópico que são apreendidas as identidades ou semelhanças entre construções linguísticas” (JUBRAN, 2006, p. 38).

Jubran (2006, p.37) limita-se a mostrar que a repetição, por item lexical, só será considerada como tal caso a palavra esteja “funcionando para a construção de uma centração tópica, instituindo relações de concernência com a matriz (primeira entrada da palavra no segmento tópico)”. Como a autora destaca ainda que esse procedimento somente ocorrerá se o item lexical repetido estiver no mesmo tópico, caso contrário, a repetição para esse fim não ocorrerá.

A estratégia seguinte é a paráfrase. Essa estratégia corresponde a uma atividade parecida com a repetição, por ser também uma atividade de reformulação. Tal fato ocorre por meio de novos enunciados que vão sendo produzidos a partir de outros enunciados, resultando no “elemento reformulador” produzido a partir de um primeiro texto que é o “elemento

---

<sup>17</sup> Maiores detalhes sobre esses aspectos que envolvem as interações, consultar Koch ([1993] 2007, p. 80).



reformulado” (JUBRAN, 2006, p. 38). Salienta-se que essa produção equivale aos olhares de cada produtor.

Ao se parafrasear um texto matriz, transfere-se para o texto secundário o termo usado anteriormente, que será visto como um termo facilitador da compreensão do texto parafraseado (tópico parafraseado). Para Jubran (2006, p.38), para se identificar a ocorrência do parafraseamento, é necessário verificar as “relações de concernência entre a matriz e a paráfrase, firmadas no âmbito de um tópico discursivo”. O termo parafraseado é construído de acordo com a interação, seja ela verbal, seja ela escrita, isso permite dizer que as referências são construídas de acordo com essa interação (JUBRAN, 2006).

Como não poderia ser diferente, para se conferir o processo de parentetização é preciso antes “levar em conta o princípio tópico da centração” (JUBRAN, 2006, p. 39), pelo fato de esse processo ocorrer em inserções que advêm nos segmentos tópicos de elementos que não fazem parte do contexto, mas que, ao serem introduzidas, não acarretam nenhum problema na coerência do processo interativo. A definição desse elemento encaixado é dada a partir do momento que informações mostrem que há relação da inserção em relação ao contexto tópico. Isso corresponde dizer que, sem se analisar através da perspectiva da propriedade de centração, não se consegue perceber se o elemento inserido está ou não coeso ao segmento tópico correspondente ao seu propósito (JUBRAN, 2006).

Esse propósito pode ser visto por ângulos diferentes, como em momentos sociocomunicativos dos quais os textos surgem. Nessa perspectiva textual-interativa os elementos encaixados adquirem uma dimensão pragmática e constituem-se “como um dos recursos pelos quais a atividade discursiva se projeta concretamente na materialidade lingüística do texto” (JUBRAN, 2006, p. 39). Isso implica afirmar que o processo de parentetização ocorre também quando o interlocutor acha necessário apenas trazer algo para uma compreensão mais eficaz ou quando o interlocutor deseja testar se está havendo compreensão no tópico abordado por ele ou mesmo se o interlocutor, ao encaixar na sua fala um elemento que não parece pertinente, enfoca algo no momento da interação para ser entendido, e isso depende de certas condições interativas provenientes da interação verbal (JUBRAN, 2006).

Numa situação como a descrita, em que se constata a intromissão do locutor ou de seu interlocutor no contexto de uso, configura-se, então, a entrada de fatores pragmáticos. Jubran(2006, p. 40) aponta uma “ruptura momentânea da centração, pela intercalação de [...]

parênteses”, dando, com isso, ênfase aos “fatores pragmáticos no texto que podem ser registrados por desvios do tópico discursivo, que é reintroduzido após o procedimento de parentetização” (JUBRAN, 2006, p. 40). Pode-se notar essa parentetização também em texto escrito, por intermédio de itens colocados entre travessão. Esse é um processo mais corrente na oralidade. Portanto, a parentetização é uma estratégia textual-interativa definível a partir da categoria de tópico discursivo, especificamente da propriedade de centração tópica, que se coloca como parâmetro para a identificação dos desvios acarretados pelas inserções parentéticas.

No artigo produzido por Marcuschi (2006) há a análise da relação entre progressão tópica e referenciação em diversos textos. O autor salienta que o discurso resulta de ativações e de desativações, e que nele uma entidade pode ser ativada por esquemas, podendo passar a um estado de acessibilidade antes de ser acessível. O autor expõe que há estratégias para se manter um tópico discursivo, como por exemplo, uma informação ativada pode ser mantida mediante estratégias anafóricas, também com processos entoacionais, com seleções sintáticas ou construções paralelas, e, por fim, com topicalizações e associações.

No que tange ao discurso, há em sua configuração as produções orais e escritas. Por conta disso, Marcuschi (2006) diz que, em relação às produções, cada discurso tem a sua organização e o seu desenvolvimento tópico diferenciado, como na conversação que desenvolve a dinâmica tópica interativamente, isto é, “sem um planejamento prévio e com monitoração local”; e no texto escrito em que há “um processo enunciativo mais calculado, na base de suposições sócio-cognitivas e planejamento de maior alcance” (MARCUSCHI, 2006, p. 9). Em ambos, na perspectiva de Marcuschi (2006, p. 21), a progressão tópica diz respeito “ao(s) assunto(s) ou tópico(s) discursivo(s) tratado(s) ao longo do texto”.

No artigo de Koch e Penna (2006, p. 23), “Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual”, as autoras propõem um estudo que aborda o texto em relação aos assuntos tratados em sua elaboração, composto de “segmentos tópicos, direta ou indiretamente relacionados com o seu tema geral ou tópico discursivo”. Esses segmentos tópicos, após serem introduzidos, podem ser mantidos por um determinado tempo, interrompidos, ou mesmo, introduzidos em um novo segmento tópico, sem haver interrupção de seu precedente.

Koch e Penna, (2006) abordam assim as propriedades do tópico descritas em Jubran et al. (1992) e Jubran (2006), as quais dizem respeito à centração e à organicidade. Na centração, segundo Koch e Penna, (2006, p. 23), é tratado “o direcionamento dos diversos enunciados formadores de um tópico para desenvolvimento de um mesmo tema [*aboutness*]” que envolve as propriedades de concernência, relevância e pontualização. Acrescentam as autoras que a pontualização não terá relevância em suas análises por não ser a responsável por tornar visível e analisável a operação que se dá “na elaboração conjunta de um projeto de dizer” (KOCH; PENNA, 2006, p. 30). Quanto à segunda propriedade, as autoras a abordam em seus dois aspectos, asseverando que a organicidade é “manifestada por relações de interdependência tópica que se estabelecem simultaneamente no plano linear e no plano hierárquico” em suas pesquisas (KOCH; PENNA, 2006, p. 24).

Quanto à progressão tópica, Lins (2006, p. 127) assinala, em vista de sua análise na sequência de tiras de quadrinhos, que os textos em quadrinhos “são classificados como criações episódicas por Quella-Guyot (1990), na medida em que mostra a cena e faz as personagens falarem”. No caso do trabalho executado por Lins (2006), a análise partiu de uma sequência de tiras, com autoria de Miguel Paiva, trazendo interações criadas em torno do personagem Gatão de Meia-Idade, identificado como alguém cheio de contradições, angústias provocadas por quatro décadas de existência, sendo que nesse clímax existencial se encontra sozinho numa multidão, tentando sobreviver a essa nova realidade. Para compor suas narrativas o autor aborda “acontecimento histórico, aproveitando para fazer ancoragem pragmática” (LINS, 2006, p. 129). Nesse estudo, Lins (2006, p. 127) percebe vários segmentos tópicos que vão surgindo, por conta disso, parte da definição de Koch et al. (1992) que assevera que “unidade tópica é um fragmento recoberto por um mesmo tópico”, sendo assim, fez a “equivalência de uma tira com um segmento tópico”<sup>18</sup>.

Na progressão temática, Lins (2006) ressalta a importância de se considerar os fenômenos da continuidade e da descontinuidade sempre com base na organização do texto falado, pois, o estudo do gerenciamento do tópico nas tiras sequenciais de quadrinhos guarda, antes de tudo, uma série de semelhanças metodológicas com o estudo que visa percorrer o mesmo caminho, só que enfocando os textos orais. Como se trata de oralidade há pouca premeditação e, conseqüentemente, pouca estrutura discursiva, o que caracteriza, de acordo com a situação, a prevalência do modo pragmático em sua organização.

---

<sup>18</sup> A autora também considera que essa unidade tópica atende às características de parágrafo ou episódio de van Dijk (1992), de episódio conversacional de Crow (1983) e segmento tópico de Fávero (1999, p. 127).

Os turnos que se instauram em tiras de quadrinhos ou em qualquer outro gênero textual em que o diálogo parece produzir-se no mesmo momento de interação entre os indivíduos, “não são introduzidos livremente como ocorre em uma conversação natural, em que o processo de cooperação depende exclusivamente da vontade e possibilidade dos interlocutores” (ANDRADE, 2005, p. 6). O que ocorre nas tiras são turnos apresentados pelo autor e escolhidos por ele mesmo, os quais dependem do fluxo da narrativa instaurada. Em se tratando do grupo de tiras, *Gatão de Meia-Idade*, selecionado por Lins (2006), o que se destaca é uma estrutura do desenvolvimento do tópico discursivo realizada de forma linear.

Na progressão tópica a topicidade diz respeito ao(s) assunto(s) ou tópico(s) discursivo(s) tratado(s) ao longo de um texto. Lins (2008) se apoia nas considerações elaboradas por Gorski (1994), para embasar o conceito de topicidade. De acordo com o que detalha Lins (2008, p. 21), a topicidade está situada no mesmo nível “da informatividade (status informacional, sintaxe de referência, ordenação), dos planos (figura/fundo) e da transitividade (traços sintático-semânticos); noção que conjuga categorias funcionais com outras categorias de natureza discursivo-operacionais”.

Lins(2008) amplia seu *corpus* de estudo trabalhando além das tiras de quadrinhos produzidas por Miguel Paiva, as de Ziraldo, “Menino Maluquinho”, as de Péricles, “Amigo da Onça”, e as de Milson Henriques, “Marly”. Essa autora salienta que, nos textos em quadrinhos, seus produtores simulam as falas das personagens em uma situação interacional própria do cotidiano (LINS, 2008). Dessa forma, percebe-se, no decorrer dos estudos referentes a essas tiras, que para que o tópico se desenvolva, é necessário que certos elementos sejam firmados. De tal modo que

uma das formas mais importantes de promover a progressão textual é através da recorrência de determinados elementos. A recorrência da imagem do personagem-título é fundamental, na medida em que sua presença abre o conjunto de expectativas associadas ao *frame* que ele incorpora. É o personagem-título que caracteriza o supertópico e que sugere possibilidades de abordagens tópicas (LINS, 2008, p. 207).

Os itens lexicais, por sua vez, são agrupados de forma que correspondam aos mesmos referentes que, segundo Lins (2006, p. 207) “ganha[m] proeminência em um conjunto determinado de tiras”, enviesado pelo foco informativo. Nesse sentido, o desenvolvimento tópico, para essa autora, “compreende basicamente a seleção de lexemas pertinentes a um mesmo campo conceitual, garantindo [...] continuidade temática”. Quanto a essa continuidade

temática, Lins (2006, p. 207-208) diz que ela “atua no sentido de manter ativado o *frame* relacionado ao subtópico em desenvolvimento, e, em níveis mais altos, a um quadro tópico determinado ou, ainda, ao supertópico em questão”.

Na trajetória dos estudos realizados nas quatro sequências das tiras, Lins (2008, p. 208) percebe que a manutenção/progressão tópica se realiza “principalmente através de cadeias semântico-lexicais que parecem organizar-se de dois modos particulares”. Um modo “evidencia a progressão temática linear” e o outro “a progressão temática por tema explodido”(LINS,2008, p. 208). Portanto, “nas sequências de tiras de quadrinhos a continuidade é feita preferencialmente pelo segundo tipo de progressão citado[...]. A organização parece acontecer de forma radial, em que o item [um de maior proeminência]representa o centro para o qual irradiam os itens explicitados” (LINS,2008, p. 208).

Numa visão geral da progressão tópica, a interação conversacional pode ocorrer de forma contínua ou descontínua, dependendo do gênero textual. Todos os trabalhos analisados nesse aspecto possibilitarão uma análise objetiva no objeto de estudo desta pesquisa, no entanto, a análise que marca maior semelhança com esse objeto são os trabalhos de Lins (2006/2008). Será observada na progressão temática como a estrutura do desenvolvimento do tópico discursivos e realiza, evidenciando a forma linear ou por tema explodido, como também, a continuidade e a descontinuidade tópica.

### **1.2.1 Mudança de tópico**

A mudança de tópico corresponde à substituição de um tópico proeminente por outro. Dessa forma, a interação conversacional permanece entre os envolvidos cada vez que ocorre a mudança de tópico nesse processo interacional. Contudo, como a passagem de um tópico para outro nem sempre é marcada, levando os interlocutores a intuírem aquilo sobre o que se fala no momento em que ocorre a interação entre seus pares, é que se verifica em Jubran et al.([1992] 2002, p. 350)que a “*mudança de tópico* caracteriza apenas ocasionalmente um processo de descontinuidade tópica na linha do discurso”. Esses pesquisadores, em conformidade com a posição de Maynard, afirmam que isso implica apenas em dizer

“reinstaurar a fala contínua”, podendo assegurar que ela se liga à manutenção e progressão da conversa (JUBRAN et al., [1992] 2002, p. 350).

É comum que a mudança de tópico seja realizada sob a forma de anúncios entre interlocutores conhecidos e de convites entre desconhecidos. Conforme Jubran et al. ([1992] 2002), quando há uma tentativa de corte do tópico em desenvolvimento por um dos locutores, pode-se registrar uma superposição de tópicos, ou seja, dois tópicos diferentes convivem temporariamente, num determinado ponto da conversa.

A mudança de tópico pode ocorrer, também, sob três formas (JUBRAN et al., [1992] 2002): i) introdução de um tópico após esgotamento natural do anterior, configurando um caso típico de continuidade; ii) passagem gradativa de um foco de relevância a outro, realizado pelo tópico de transição; iii) introdução de um tópico, por abandono do anterior, antes que os interlocutores o dessem por encerrado.

Jubran et al. ([1992] 2002, p. 370), salientam que a estrutura do *corpus*<sup>19</sup> analisado se organiza linear e verticalmente e que cabe observar que “os segmentos tópicos, tomados individualmente, deixam transparecer uma estruturação interna, através de marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos”. Cabe salientar as conclusões dos autores em relação à produção textual na conversação espontânea analisada, que, embora represente um tipo espontâneo de produção, a sua análise pode ser levada para outros textos, incluindo o texto escrito. Com isso, pode-se perceber a substituição de um tópico por outro nos textos escritos por meio de marcadores encontrados nas análises.

Quanto aos marcadores são evidenciados por meio de realização linguística. Esses marcadores além de ajudarem no critério de identificação dos segmentos tópicos, possibilitando assim perceber a mudança de tópico, também possuem reconhecido valor discursivo e/ou pragmático. O que deve ser salientado é que esse é um critério auxiliar de segmentação, já que marcas não configuram um padrão de ocorrências que possibilite categorização segura (JUBRAN et al., [1992] 2002)<sup>20</sup>.

É consenso também em Koch ([1993] 2007), essa posição de Jubran et al. ([1992] 2002) de tal modo que a substituição de um tópico por outro é percebida sem imprevistos por parte do interlocutor, configurando uma nova centração. Verifica-se, ainda que nas unidades

---

<sup>19</sup> Inquérito SP- 360 – Tipo D2.

<sup>20</sup> Maiores detalhes no item 1.2.4 Delimitação de tópico, página 67.

discursivas os limites são percebidos não apenas por seu conteúdo, aquele de maior proeminência, mas por marcas que também ajudam a delimitá-los. Dessa forma, Koch constata que é importante observar que os limites das unidades tópicas são depreensíveis não apenas pelo conteúdo (=assunto), mas também por um conjunto de marcas formais.

Esses marcadores conversacionais fornecem pistas importantes para os interlocutores envolvidos numa interação conversacional. Koch ([1993] 2007) admite que há marcadores típicos, os quais sinalizam a cada momento uma intenção do locutor, levando a troca de tópico, como: início e final de segmentos tópicos, subtópicos ou quadros tópicos; concordância, discordância, dúvida; hesitação; início e fim de uma digressão; sequência da narrativa. Há também, como indícios de finalização tópica, sinais como os gestos, os movimentos corporais, as expressões fisionômicas, bem como a mudança de interlocutor no diálogo, com isso, mostrando mudança de unidade tópica.

Em relação às marcas linguísticas, lembrando a ampliação do princípio de organicidade<sup>21</sup>, percebe-se que nas relações intertópicas, advindas da ampliação, o marcador agora, além de atuar nas relações intratópicas, de forma diferente, atua nas relações intertópicas, promovendo, na mudança, abertura de tópico. Esse marcador exerce, dessa forma, a sua função de instanciador prospectivo do texto (JUBRAN, 2006).

Há outros marcadores que sinalizam mudança de tópico, como os marcadores metadiscursivos com função textual-interativa originários da categoria de numerais. Esse tipo não aparece no *corpus* deste trabalho, mas é relevante que conste como mais um ponto trabalhado pelos estudiosos do tópico discursivo. Esses marcadores assumem duplamente funções textuais, como por exemplo, indicar estruturação tópica, e interacionais, além de marcar relevo, segundo Pinheiro (2006). São eles: “em primeiro lugar”, “ponto um [...] ponto dois” (PINHEIRO, 2006, p. 47). Para esse autor, “o metadiscorso [é considerado] como um processo textual-interativo em cuja análise entra a noção de tópico discursivo” (PINHEIRO, 2006, p. 47).

Por outro lado, é relevante trazer para esta pesquisa a análise dos marcadores envolvidos na substituição de um tópico por outro, os quais constam nos estudos de Bentes e Rio (2006). Por ser essa uma substituição marcada por “tópicos articulados e estrategicamente acionados, mantidos e desativados na/pela letra de rap ‘To ouvindo alguém me chamar’”, esses

---

<sup>21</sup>Maiores informações nas páginas 34, 35; 42, desta dissertação.

marcadores são representados por narrativas das ações do próprio narrador, (BENTES; RIO, 2006, p. 117). Cada marcador corresponde a um momento vivido por ele desde a sua entrada para o mundo do crime até o momento exato de seu assassinato. Isso fica explicitado num exemplo do quadro tópico Guina<sup>22</sup>: “*Putá aquele mano era foda/ Só moto nervosa/ Só mina da hora/ Só roupa da moda; Guina eu tinha mó admiração/ Considerava mais do que meu próprio irmão*”(BENTES; RIO, 2006, p. 118).

Já no estudo de Lins (2006), na organização tópica do discurso das sequências de tiras diárias de quadrinhos<sup>23</sup>, é percebido que, no planejamento da interação, o produtor almeja uma espontaneidade em sua criação, dando ideia de algo produzido concomitantemente à interação verbal. Para essa autora, esse gênero textual abarca a questão do “*continuum* fala-escrita”, (LINS, 2006, p. 125). Ou seja, as tiras de quadrinhos são produzidas diariamente e que inserções e mudanças de assuntos geram as continuidades e as descontinuidades em sua organização geral, (LINS, 2006).

Quanto a essa questão, Lins (2006, p. 127) assimila a perspectiva de alguns autores sobre a substituição de tópico, como por exemplo, Brown e Yule que dizem que “a extensão de um tópico está relacionada à manutenção do tema e da relevância”; Mentis, que ressalta que a mudança de tópico ocorre “quando o tópico sob discussão termina e o conteúdo da sequência seguinte não se deriva da sequência tópica imediatamente precedente”; em Atkinson e Heritage, a substituição de tópico é chamada “de ‘movimento de fronteiras tópicas’”(LINS, 2008, p. 22-23).

Seguindo por esse enfoque, Lins (2008, p. 23) diz que “mudanças tópicas ocorrem quando unidades textuais concatenadas estão não contíguas e há uma fronteira tópica entre duas sequências estabelecidas”. Assim, Lins (2008) apresenta mecanismos sinalizadores de transição de um tópico para outro, conforme proposto por Mentis (1988), como: uso de proposição que marca explicitamente o fechamento de uma sequência tópica, uso de enunciado conclusivo sobre o tópico em discussão, entre outros.

Uma visão diferenciada é posta por Lins (2008) ao tratar da mudança de tópico na perspectiva de Hurtig, que percebe a mudança de tópico em dois aspectos. No primeiro, é tratado o tópico encoberto que representa uma expansão do domínio ou de alcance do conjunto proposicional

---

<sup>22</sup> Era considerado amigo do narrador do rap “Tô ouvindo alguém me chamar”, de Mano Brown.

<sup>23</sup> As tiras analisadas no estudo de Lins em 2006 foram de Miguel Paiva: “Gatão de Meia-Idade”.



original. No segundo, é tratado o tópico esmaecido, que representa o estabelecimento de um novo conjunto proposicional com ligação com o conjunto proposicional anterior.

Por fim, três autores, com pontos de vista bem próximos, ainda são analisados por Lins (2008, p. 23):na perspectiva de Maynard “a mudança de tópico envolve um movimento de um aspecto de um tópico para outro, com vistas a gerar um conjunto diferente de referentes”; para Keenam e Schiefflin há nessa substituição “sequências de tópico incorporadas”. Quanto a essas sequências Lins (2008, p.23) salienta que “tomam alguma proposição de um tópico discursivo imediatamente precedente e/ou fornecem informação nova, que é relevante para o tópico discursivo precedente, em um novo tópico discursivo”.

Desse modo, as delimitações apresentadas, ocorridas por meio da mudança de tópico,estão inclusas nas propriedades já analisadas do tópico discursivo: a centração e a organicidade. Essas duas propriedades levam ao reconhecimento, dentro do processo colaborativo e interpretativo que envolve os participantes de uma interação, e à percepção do que se está falando, além das mudanças de tópico e da sua suspensão parcial ou definitiva por outro tópico.

### **1.2.2 Continuidade/descontinuidade no discurso**

Reexaminando os principais elementos da interação conversacional, a natureza do discurso oral que, em princípio, é relativamente não-planejada, é apontada como havendo uma forte monitoração no fluxo de informação exercida pelos seus participantes. Como essa é uma atividade que se apresenta estruturalmente organizada, mesmo que o seu processo de elaboração seja produzido de forma espontânea, a sua coerência é mostrada à medida que a relação semântica entre os enunciados fica comprovada, conferindo “um processo de gerenciamento verbal em curso” (KOCH et al., [1989]1996, p. 180). Nesse gerenciamento podem ocorrer rupturas, o que não implica em incoerência, pois de forma geral, essas rupturas podem ser vistas, apenas, como descontinuidades.

No modo descontínuo, como o fluxo informacional é mais lento, permanecendo por mais tempo o tema em pauta, percebeu-se que, quando há um corte abrupto do tema em desenvolvimento, configura-se, então, o fenômeno de ruptura, que constitui um dos processos

de demarcação de unidades discursivas na sequência informativa (KOCH et al., [1989]1996), visto na progressão temática como presença marcante no discurso oral dialogado.

Para que o fluxo informacional se desenvolva com naturalidade, no que diz respeito ao plano sequencial, percebido na interação conversacional, é preciso que haja uma relação de adjacência entre dois tópicos, com abertura de um tópico seguinte, somente quando o anterior é esgotado. Dessa forma, a distribuição desses tópicos na linearidade do discurso é manifestada de modo contínuo no interior de cada unidade discursiva.

No entanto, o ato de comunicar exige de seus participantes não só uma ação contínua de construção como também de reconstrução que, em alguns casos, é estabelecida pela desarticulação para fim de entendimento, numa construção discursiva que leva a uma articulação interativa a partir do processo de compensação pragmática.

No interior dessas unidades discursivas, o fluxo de informação pode tanto se desenrolar com naturalidade, de modo contínuo e, portanto, mais rápido; como também ser obstaculizado, dando origem às descontinuidades que conferem um ritmo ralentado à progressão temática (KOCH et al., [1989]1996). Portanto, nesses dois processos básicos, que envolve aquilo sobre o que se fala, o fluxo de informação pode desenvolver-se tanto de modo contínuo quanto de modo descontínuo.

Nesse estudo, os descompassos no fluxo informacional visam ao movimento rápido com que o locutor constrói a sua fala, tendo consequências diretas no gerenciamento desse fluxo de informação, conduzindo às descontinuidades reveladas por diferentes fenômenos. Dentre os fenômenos configurados numa interação conversacional, em que haja uma progressão temática ocorrida formalmente, está a rematização frástica<sup>24</sup>. Nela, o fluxo conversacional caminha de forma mais contínua. Esse fenômeno ocorre quando “o falante faz avançar as determinações do tema” (KOCH et al., [1989]1996, p. 147).

Outro fenômeno que provoca a descontinuidade é visto na rematização parafrástica, que, segundo os estudiosos, ocorre quando “limita-se a repisar o que já foi dito, seja por meio de repetições, seja por meio de re-elaborações” (KOCH et al., ([1989]1996, p. 147), levando a um rallentando no fluxo conversacional.

---

<sup>24</sup> Termo emprestado de Castilho (1987).

Tendo em vista que a descontinuidade é manifestada na interação conversacional de forma intensa, percebe-se que a sua configuração se dá por meio de dois procedimentos: o de inserção e o de reconstrução. No procedimento de inserção, Koch et al.([1989]1996) detectaram dois tipos: a inserção autocondicionada e a inserção heterocondicionada. Vale salientar que as duas inserções são exercidas pelo falante dentro da unidade discursiva.

Na inserção autocondicionada, a iniciativa do próprio falante é vista através das frases-hóspedes (KOCH et al., [1989]1996). Essas frases são de natureza parentética, percebidas como independentes, que interrompem por um tempo a sequência sintática de outra frase em andamento sem provocar transtornos na efetivação da comunicação, carregando funções efetivadas de contato, de esclarecimento de algum ponto, de fazer avaliações etc. Dessa forma, a ocorrência das frases-hóspedes provoca uma espécie de suspensão temporária na linha discursiva, que não chega a afetar totalmente a coesão entre as partes da informação primária (KOCH et al., [1989]1996).

Em oposição estão às inserções heterocondicionadas, que se referem a interrupções feitas pelos interlocutores. Sendo assim, Koch et al. ([1989]1996) frisam que a descontinuidade ocorre por meio de assalto do turno pelo parceiro, através de perguntas que criam para o falante o dever de respondê-las, dando origem, segundo Jefferson (apud KOCH et al., ([1989]1996,p. 153), a “sequências laterais”. Nessas sequências, o tópico suspenso é retomado em seguida, não sofrendo perturbação em seu fluxo conversacional.

Outro fenômeno que provoca uma descontinuidade na progressão temática é o processo de reconstrução. A lentidão vista no fluxo conversacional é proporcionada pelo próprio processo de reconstrução e pela sua combinação ou reiteração com outras formas de descontinuidade. Esse fenômeno envolve não só “uma reelaboração na sequência discursiva”, como também “uma recorrência em graus variados, da informação dada, provocando, uma ‘patinação’ na progressão do tema” (KOCH et al., [1989]1996, p. 158).

Esse processo de reconstrução pode ocorrer pelo mecanismo de repetição sem variação, ou seja, repetição exata, rara na conversação; e pelo mecanismo da repetição com variação. Esse processo pode ocorrer de forma imediata ou posterior, utilizando palavras, construções, padrões prosódicos, como os reparos e as paráfrases (KOCH et al., [1989]1996).

Esses pesquisadores constataram que se tratando de reconstrução dentro do discurso oral dialogado pode-se dizer que há uma escala gradativa, que parte do grau mínimo – onde se

situa as chamadas repetições exatas -, ao grau máximo – onde se situam as paráfrases. Segundo Koch et al.([1989]1996, p. 159) “entre um e outro grau de reformulação está o que denominamos reparo”.

Nesses estudos, foi possível detectar que várias questões levam o interlocutor a efetuar a repetição *stricto sensu*, uma delas é a necessidade de se preencher o tempo para manter o turno, enquanto se articula a fala ou mesmo recuperar uma informação velha para dar prosseguimento à linha discursiva, pelo acréscimo de novas informações. Esses são fatores confluentes no impedimento do fluir temático. Há ainda a repetição com “âmbito de abrangência maior”, com o objetivo de “articular informações já dadas à nova”, para então dar “à direção que o locutor vai dar à sua fala”(KOCH et al., [1989]1996, p. 161).

Observaram, também, que essa interferência não ocorre somente em algumas repetições autocondicionadas, mas também “em repetições ‘exatas’ heterocondicionadas” (KOCH et al., [1989]1996, p. 161). Isso ocorre quando o locutor repete em seguida o que o outro fala sem dados novos ou quando o locutor, ao responder o indagador, apodera-se de suas palavras, modificando a entonação, ou mesmo quando há a intenção de impedir sequência no turno, utilizando-se da reiteração de palavras do seu interlocutor.

Além disso, constataram que nos “casos de simples recorrência de palavras ou locuções a repetição é um procedimento pouco significativo no que se refere ao retardamento do fluir temático [...] tanto da auto quanto da heterorrepetição *stricto sensu*” (KOCH et al., [1989]1996, p. 163). No entanto, nos casos em que “o próprio processo repetitivo é reiterado, como nas hesitações, onde a descontinuidade é um fato incontestável” há a interferência na interação discursiva, provocando um ralentamento no fluxo temático, visto também rematização parafrástica, tratada anteriormente (KOCH et al., [1989]1996, p. 163).

No processo de reconstrução, Koch et al. ([1989]1996) salientam que o reparo está entre a repetição e a paráfrase. Por conseguinte, há no reparo um grau superior ao da repetição e um inferior ao da paráfrase. Como no recorte o grau de repetição é considerável, encontra-se nuances no processo de repetição, por isso “estende-se ao reparo a dupla possibilidade de ser auto ou heterocondicionado” (KOCH et al., [1989]1996, p. 163). Essa possibilidade de ser tanto um quanto outro leva o reparo ao ralentamento de linha discursiva por ser “variável, na medida em que depende: a) de ser maior ou menor o constituinte sobre o qual ele incide; b) de

sua própria extensão; e c) de sua confluência com outros mecanismos de descontinuidade” (KOCH et al., [1989]1996, p. 166).

Já a paráfrase está num grau mais elevado de reformulação no processo de recorrência de uma informação, instituindo-se, portanto, como um “processo visivelmente ralentador da progressão temática” (KOCH et al., [1989]1996, p. 166). Nesse processo, encontra-se a restauração que sempre implica uma interpretação do conteúdo na interação comunicativa. Essa interpretação, tanto referindo a rematização frástica quanto a parafrástica, encontra-se a metalinguagem discursiva de forma implícita ou explícita, podendo sofrer deformação em seu conteúdo nesse processo de elaboração e reelaboração do fragmento parafraseado na interação comunicativa (KOCH et al., [1989]1996).

Ainda no fenômeno de reconstrução, encontram-se de forma hierárquica outros fenômenos, como o de adjunção, que diz respeito a “informações necessárias para a compreensão de sua fala”, introduzida na unidade discursiva para “reavivar na mente do interlocutor uma informação já presente no universo discursivo”(KOCH et al., [1989]1996, p. 172). Na escala hierárquica da reconstrução, encontra-se o *afterthought*. Para Ochs (1979), os *afterthoughts* caracterizam-se como uma interposição tardia de uma informação antes elidida [ou não] na linha discursiva. O *afterthought* é elaborado a partir de um referente, como um sintagma nominal, sendo visto como mecanismo de acréscimo, de explicitação ou de realce, exercendo as funções de informar, de interar seus participantes e de argumentar sobre determinado ponto, provocando uma retenção no escoamento do fluxo informacional.

Em oposição aos *afterthoughts* encontram-se as frases-hóspedes. Um dos pontos que os diferenciam é que eles trazem informações imprescindíveis pelos falantes, já as frases-hóspedes são frases complementares ou paralelas. Um fato relevante ocorrido neles, segundo Koch et al. ([1989]1996), é que a suspensão provisória da progressão temática é mais brusca e intensamente marcada, a fim de alertar o ouvinte de que se está introduzindo uma informação que não deve passar despercebida.

Nesse estudo, o diálogo oral é visto como produção pouco planejada com tendência a explicitar os procedimentos envolvidos em sua formulação (KOCH et al., [1989]1996). Dentre os procedimentos analisados as descontinuidades foram priorizadas e entendidas como marcas de efetivação de estratégias comunicativas do falante, facilitadoras da compreensão garantindo, dessa forma, a interação comunicativa. Para esses estudiosos, o discurso oral

dialogado, além de ser o resultado de um trabalho de formulação, é também um processo de gerenciamento verbal em curso.

Sobre esse aspecto, Jubran et al. ([1992] 2002, p. 346) afirmam que a distribuição tópica na linearidade discursiva, relacionada à continuidade, é vista como uma categoria que decorre “de uma organização seqüencial dos segmentos tópicos, de forma que a abertura de um apenas se dá após o fechamento do outro, precedente”. Assim, a continuidade tópica pode ser observada pela exterioridade dos segmentos. A um segmento textual pode se seguir outro que volta ao anterior, ou outro segmento externo ao anterior. Esse segmento pode ser marcado por mecanismos de recorrência semântica, como as paráfrases e as repetições, as frases feitas, os ditados populares, os enunciados conclusivos. Tais marcas, além de possuírem valor discursivo, também possuem valor pragmático.

Como a organização tópica é compreendida em dois planos: o linear e o vertical, e ambos funcionam simultaneamente, um fato é percebido nos textos que se aproximam da fala, eles passam por um processo de descontinuidade na organização linear de seus segmentos (JUBRAN et al., [1992] 2002). Sendo assim, os segmentos de um mesmo tópico são constantemente separados, intercalados por outros segmentos, sejam por inserções parentéticas ou por outros tópicos. Essa perturbação na organização seqüencial é restabelecida num nível mais alto e abstrato visto na hierarquia tópica, sem prejudicar o estabelecimento da coerência. Como já salientado, embora os tópicos sejam desenvolvidos em diferentes momentos do texto, eles apresentam início, meio e fim. Esse ponto é relevante para esta pesquisa, pois no *corpus* tomado para análise sua produção ocorre de acordo com a notícia de maior destaque, refletindo, com isso, descontinuidade.

A partir disso, Jubran et al. ([1992] 2002, p. 348) observaram que a “descontinuidade é caracterizada basicamente por fenômenos de *inserção*”. Os estudiosos salientam que a inserção “consiste, em sentido amplo, na ocorrência de um segmento tópico no interior de um outro segmento tópico em desenvolvimento” (JUBRAN et al., [1992] 2002, p. 348). A dinamicidade do tópico no texto conversacional se configura assim por sua retomada e por sua expansão em vários segmentos tópicos. Há também aquele que surge simplesmente sem que se constitua em um específico, segundo os pesquisadores detectaram no material analisado, retirado dos dados do NURC/SP.

Quanto a esse ponto, visto por um ângulo restrito, as inserções constituem as chamadas digressões (JUBRAN et al., [1992] 2002). Sobre as digressões, a maior parte dos estudos que abordam essa temática, parte dos trabalhos de Dascal e Katriel (1982). Esses pesquisadores definem as digressões como segmentos que não se relacionam topicamente com os materiais precedentes, nem com os que se seguem (apud JUBRAN et al., [1992] 2002). Dessa forma, para que as digressões sejam caracterizadas, é necessário que aconteça não só uma suspensão do tópico, como também a inserção de um novo tópico e, em seguida, uma reintrodução do tópico previamente desenvolvido.

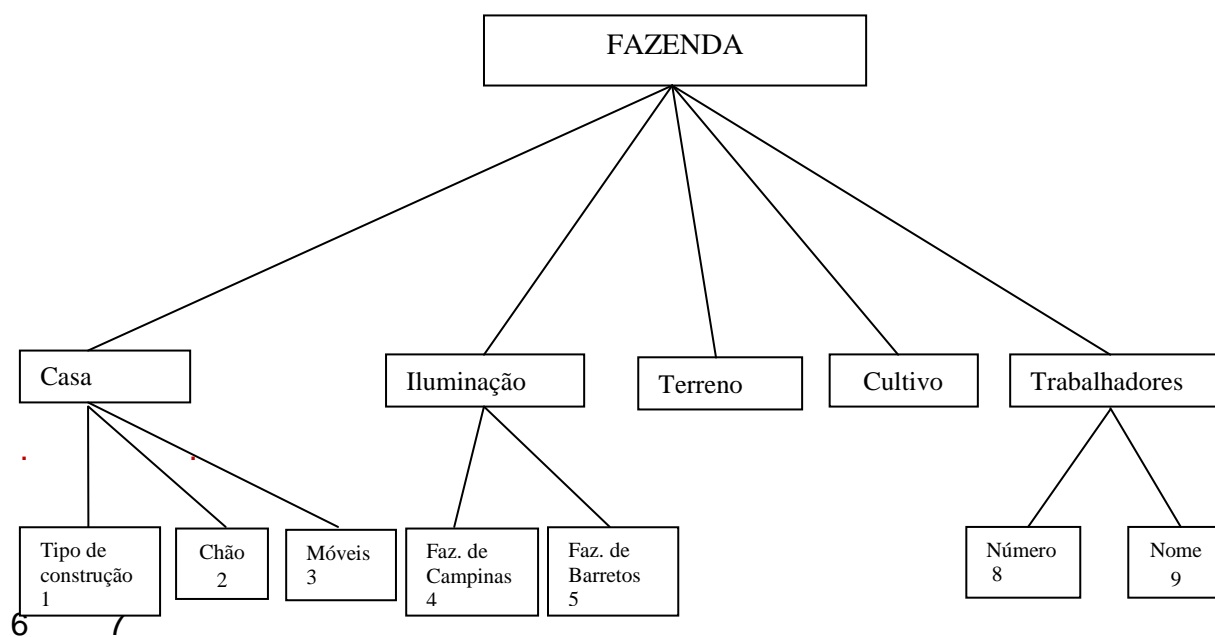
Tendo em vista as digressões, Jubran et al. ([1992] 2002) frisam que os autores propõem três tipos: a) as digressões baseadas no enunciado, caracterizadas pelo fato de existir algum tipo de relação semântica ou pragmática de conteúdo entre o enunciado principal em curso e o digressivo; b) as digressões baseadas na interação, em que a relação semântica de conteúdo não ocorre, mas há a relação pragmática de conteúdo, pois ela ocorre no fluxo conversacional motivada por algo ocorrido no contexto em que ocorre a interação conversacional; e, por último, c) as digressões baseadas nas sequências inseridas, constituídas por uma grande variedade de atos de fala corretivos, esclarecedores, informativos e classificadores.

No estudo de Jubran et al. ([1992] 2002) foram considerados dois tipos de digressões: as baseadas no enunciado e as baseadas na interação. No caso do primeiro tipo, os pesquisadores detectaram que, ao se considerar os planos linear e hierárquico da organização tópica, apesar de a digressão se evidenciar na comparação com os segmentos imediatamente adjacentes na conversação, esses segmentos subordinados a outros de nível mais alto a que esses se submetem, acabam por perder o caráter digressivo.

Observa-se, então, que durante a interação, várias construções vão sendo feitas, como tópicos que são descontinuados, retomados, referidos e inseridos. Dessa forma, considerando-se, antes de qualquer coisa, que em uma única interação conversacional os interlocutores podem desenvolver vários temas, e, conseqüentemente, vários tópicos, é possível prescindir-se de uma dada organicidade nesse evento, que se expressa na distribuição dos assuntos em quadros tópicos. Por esse princípio é que se torna interessante trazer o trabalho que Koch ([1993] 2007) realiza em seu artigo sobre a organização tópica da conversação. Nesse estudo, a autora traz dois textos transcritos do Projeto NURC/SP, mas para o presente trabalho será dada mais

atenção ao primeiro texto, pois ele se aproxima mais do *corpus* desta dissertação. Nesse texto, há um diálogo planejado de antemão<sup>25</sup> (KOCH, [1993] 2007).

O entrevistado é o Dr. J., que conta sobre a sua infância vivida no período de férias, em uma fazenda. Sua narrativa descreve como era a estrutura da *casa*<sup>26</sup>, a *iluminação*, o *terreno*, o *cultivo*, e os *trabalhadores*. Esses são os cinco subtópicos “que juntos compõem o quadro tópico “fazenda”. Alguns destes, por sua vez, se decompõem em *segmentos tópicos*: o subtópico *casa* é formado dos segmentos tópicos *tipo de construção*, *chão* (soalho) e *móveis*; o subtópico *iluminação* é composto dos segmentos *iluminação da fazenda de Campinas* e *iluminação da fazenda de Barretos*, o subtópico *trabalhadores* é formado dos segmentos tópicos *número* e *nome* (denominação dada aos trabalhadores em fazenda)”. Para esse diálogo o diagrama proposto por Koch ([1993] 2007, p. 89) é representado da seguinte forma:



Fonte: Koch ([1993] 2007, p. 89)

Na análise desse diálogo, a autora salienta que nem sempre segmentos tópicos em sucessão linear se subordinam a um mesmo subtópico, podendo adiantar outro que será desenvolvido mais adiante ou trazer de volta um tópico que parecia encerrado, ou, ainda, formar com outros segmentos que são isolados uma unidade discursiva, que são vistos como digressivos. De forma panorâmica, percebe-se muitas vezes a ocorrência de discontinuidades na sucessão

<sup>25</sup> Como no tipo de entrevista DID, do Inquérito nº 18. Esse material é encontrado no livro “Inter-ação pela linguagem”, p. 84-88.

<sup>26</sup> Todos os grifos que aparecem neste trecho são de Koch ([1993] 2007).



linear dos tópicos que, segundo Koch ([1993] 2007) parecem, à primeira vista, prejudicar a coerência do texto falado. No entanto, esses segmentos considerados “intrusos”<sup>27</sup> encontram um lugar na organização hierárquica dos tópicos, desaparecendo, desse modo, a incoerência produzida por esses elementos introduzidos de forma aleatória no texto falado (KOCH, [1993] 2007, p. 90).

Antagônico ao diálogo apresentado em que há uma sequência pré-estabelecida de antemão, há o diálogo no qual a interação ocorre de forma espontânea. Neste se observa que a subordinação dos segmentos tópicos aos tópicos mais altos da hierarquia não se dá de forma sequencial. A partir dessa análise, chegou-se à conclusão de que, num diálogo construído no momento da interação, “os tópicos se organizam hierarquicamente e as descontinuidades encontradas se desfazem em níveis mais altos da organização tópica” (KOCH, [1993] 2007, p. 109).

Como no trabalho de Jubran (2006), objetivou ampliar a perspectiva da noção do tópico discursivo, verificou-se que no funcionamento da categoria de tópico discursivo se destacam três estratégias: a repetição, a paráfrase e os parênteses. Vale ressaltar, neste momento, que na interação conversacional a construção textual não é um processo único. Durante esse envolvimento, tópicos são inseridos, retomados, refeitos, descontinuados.

Em relação às estratégias envolvidas na construção textual, na visão de Marcuschi (*apud* JUBRAN, 2006, p. 38), encontra-se a estratégia de “repetição estabelece continuidade tópica, mas não identidade referencial”. Para Marcuschi cada vez que há a repetição, há um referente novo construído. Desse modo, o tópico discursivo se desenvolve por meio de sucessivas recategorizações do referente em questão. Sendo assim, a repetição é vista como um processo de reformulação textual.

Já com relação à estratégia de paráfrase, a autora observa uma atividade de reformulação do enunciado de base. Jubran (2006, p. 38), ao citar Hilgert, assinala que o parafraseamento parte de uma relação de equivalência semântica entre a paráfrase e a sua matriz. Atuando como facilitador da compreensão de um aspecto do tópico discursivo em pauta, e, textualmente, como construtor da unidade tópica.

Seguindo por essa linha de raciocínio, a estratégia de parênteses é apreendida como um elemento introduzido no segmento tópico que o contrapõe, de forma que a coesão no contexto

---

<sup>27</sup> Termo usado pela autora para se referir aos segmentos que retornam ou são antecipados num texto falado.

tópico não sofra arranhadura. Como foi salientado, é por meio do princípio tópico da contração que se percebem inserções que destoam do contexto tópico. É nesse princípio que se encontrara a essência do que se fala, detectando introduções nos segmentos tópicos de elementos que não são pertinentes ao conjunto referencial em relevância nessas unidades textuais, provocando um desvio, mas que logo é deixado de lado, retornando ao tópico discursivo em questão.

Como as manifestações da construção por reativação podem ocorrer pela repetição e pela paráfrase, percebe-se que há continuidade tópica e não uma descontinuidade, pelo fato de nelas haver a reformulação de cada tópico discursivo e não uma quebra na continuidade para se introduzir um tópico novo. Essas são manifestações que não provocam descontinuidade tópica, mas, sim, um prolongamento no fluxo conversacional. Quando há construção pela introdução de algo que não tem ligação aparente com o conteúdo em pauta, a descontinuidade é percebida, mas, em seguida, há nessa manifestação a retomada do tópico anterior, dessa forma, mantendo o sucesso da comunicação.

Lins (2008) percebe que nas quatro sequências de tiras analisadas: Marly, Menino Maluquinho, Gatão de Meia-Idade e Amigo da Onça a continuidade em sua maioria parece acontecer por tema explodido, isto é, de forma radial, em que o item de maior destaque representa o centro para o qual irradiam os itens citados. Lins (2008, p. 208) observa nessas quatro sequências que a progressão tópica se realiza “através de cadeias semântico-lexicais” organizada de dois modos particulares: um demonstra a progressão temática linear e o outro a progressão temática por tema explodido.

### **1.2.3 Manutenção de tópico no discurso**

Partindo da premissa de que nem sempre a mudança de tópico representa descontinuidade na linearidade discursiva, podendo ser vista também como manutenção da conversação, pretende-se abordar esse aspecto por meio dos estudos do fluxo conversacional, que podem ser desenvolvidos de modo contínuo ou descontínuo. Nessa perspectiva, ao se manter um assunto por um tempo, o tópico se desenvolve com naturalidade e com fluidez, configurando a manutenção do tema na conversação. No entanto, a mudança de tópico significa o fim do

tópico anterior para dar espaço ao tópico precedente ou, simplesmente, a interrupção do tópico em andamento, ocorrendo assim à descontinuidade no fluxo da conversa. Não obstante, essa mudança de tópico nem sempre configura descontinuidade na linha discursiva de uma conversação, ao invés disso, pode estar ocorrendo um restabelecimento da interação entre os participantes, isto é, a interação permanece por mais tempo.

Outro aspecto relevante de ser destacado, diz respeito à análise das formas de desenvolvimento de um tópico, é o seu movimento. Para a identificação de um tópico é necessário adotar a uniformidade de tratamento, sob a perspectiva de um “conjunto” de produção linguística sobre determinado ponto. Segundo Jubran et al. ([1992] 2002, p. 351), essa uniformidade, no plano vertical, norteia a identificação dos segmentos tópicos e seu agrupamento sob um tópico mais abrangente.

Dessa forma, os pesquisadores veem essa ocorrência por meio dos seguintes processos: 1) usar formulações alternativas de um objeto para constituir linhas diferentes de falas tópicas; 2) falar de entidades que podem ser chamadas de membros da mesma classe; 3) expandir um elemento que, no tópico em desenvolvimento, fora rapidamente referido ou figurava como marginal no conhecimento de mundo dos interlocutores; 4) dar exemplos; 5) fazer sínteses; 6) fazer análises; 7) fazer comparações etc. Essa movimentação do tópico na conversação ocorre quando os interlocutores realizam um “deslizamento” de um aspecto de um tópico para outro, “a fim de ocasionar um conjunto diferente de mencionáveis (referentes, entidades)” (JUBRAN et al., [1992] 2002, p. 352).

Jubran et al. ([1992] 2002), definiram ainda, ao tratar dos conteúdos que preenchem uma conversa, que a propriedade de centração passa a ser vista como delimitadora desses conteúdos. Através dessa delimitação, percebeu-se que além da unidade discursiva variar de extensão, também há fragmentos da conversação que se mantêm em muitos de seus momentos. Como numa conversação em que há o revezamento de turnos de forma dinâmica, o mesmo ocorrerá com o tópico, sua estrutura também será dinâmica, suscetível de constantes alterações.

Para discutir as condutas dos participantes de uma interação, os pesquisadores se apoiam em Goffman (1976), que afirma que esses mesmos participantes se submetem a uma expressão verbal que ordena o fluxo das mensagens (JUBRAN et al., [1992] 2002). Assim, esses autores observaram que, enquanto dura o diálogo, os falantes se mantêm perfeitamente engajados no

processo interacional, apesar da multiplicidade de tópicos que o constituem (JUBRAN et al., [1992] 2002). Os participantes vão captando os sinais emitidos e orientando suas falas segundo o fio condutor (o tópico) responsável pela tessitura e a coerência da conversação.

Embora a centração tenha sido um princípio norteador da organização tópica, faz-se necessário encontrar, na expressão verbal dos falantes, indícios ou sinais de orientação aos interlocutores, que se apresentam como marcas da delimitação tópica, essas marcas são encontradas explícita ou implicitamente numa conversação. Quanto a isso, um dos pontos percebidos no artigo “Organização Tópica da Conversação”, de Koch ([1993] 2007), é a ideia de que vários assuntos perpassam uma conversação, uns com maior destaque, outros com menos relevância, mas que todos possuem a característica de manter, por um tempo, a interação de forma ativa entre os participantes.

Partindo desse pressuposto, o texto falado surge no próprio momento da interação, com inserções de tópicos variados para garantir a compreensão dos enunciados pelos interlocutores. Dessa forma, tem-se, na oralidade, uma criação coletiva dos participantes. É nessa criação coletiva que a conversa é mantida com tópicos sendo inseridos, abandonados, restaurados, ou seja, a continuidade ou a descontinuidade se manifestam na conversação através de tópicos.

Quanto a isso, Marcuschi (2006, p.8), em seu estudo, percebe que, como o tema discursivo é aquilo sobre o que se está falando num discurso, a sua manutenção tópica se dá com base “numa suposição de partilhamento de conhecimentos invocados” para se produzir um discurso e com isso “identificar referentes”. Com base nesse ponto de vista, Marcuschi (2006) admite que o tópico discursivo desenvolve-se nos processos enunciativos de forma interativa, dependendo da intenção de cada falante.

De forma resumida, observa-se que o discurso resulta de ativações e de desativações, e que nele “uma entidade pode ser ativada por esquemas”, podendo passar “a um *estado de acessibilidade* antes de ser acessível” (MARCUSCHI, 2006, p. 9). O autor expõe que há estratégias para se manter um tópico discursivo, como por exemplo, uma informação ativada pode ser mantida mediante estratégias anafóricas, também com processos entoacionais, com seleções sintáticas ou construções paralelas, e, por fim, com topicalizações e associações.

Koch e Penna (2006) também exploram, em seus estudos, a noção de manutenção tópica. As autoras propõem uma análise que aborda o texto em relação aos assuntos tratados em sua

elaboração. No desenvolvimento do tópico, Koch e Penna (2006) enfatizam que o caráter interativo da atividade discursiva torna-se altamente evidente nesse processo de manutenção tópica. No entanto, para que se concretize esse ato de dizer, é necessário que o co-enunciador, além de ter a disposição de “negociar o sentido” para que haja a manutenção de um tópico, também compartilhe conhecimentos com os co-enunciadores, levando a constituição dos significados de um texto (KOCH; PENNA, 2006, p. 24). Para as autoras, os conhecimentos compartilhados “são responsáveis por uma série de associações que determinarão, não apenas o fio discursivo, mas também a orientação argumentativa” (KOCH; PENNA, 2006, p. 24-25). Seguindo por esse raciocínio, as autoras ressaltam que a manutenção de um tema se dá pelos “processos de sinonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, pronominalizações, repetições, rotulações, nominalizações – que atuam como reativadores [ou “rememorizadores”] de um tópico introduzido” (KOCH; PENNA, 2006, p. 25).

Para tanto, os processos responsáveis pela manutenção do tema serão importantes para compor e dar sustentação tanto à propriedade de centração quanto à de organicidade. Por conta disso, o artigo de Koch e Penna (2006) será de grande auxílio para esta dissertação por tratar a propriedade de centração de forma a trazer maior precisão possível nas propriedades de concernência e de relevância, as quais serão fundamentais na análise de cada charge para, em seguida, verificar a sua organização tópica.

Outro aspecto abordado por Koch e Penna (2006) e que tem grande relevância para esta dissertação é o da manutenção tópica, percebida pela ativação através dos processos referenciais. As autoras citam que, na constituição da memória discursiva, estão envolvidas, como operações básicas, as estratégias de referenciação, como a construção/ativação pela qual um “objeto” textual, até então não mencionado, é introduzido, passando a preencher um nódulo, isto é, um “endereço” cognitivo na rede conceitual do modelo de mundo textual (KOCH; PENNA, 2006, p. 25). Assim, a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo (KOCH; PENNA, 2006, p. 25). Em relação à reconstrução/reativação ocorre por um nódulo já presente na memória discursiva que é reintroduzido na memória operacional por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece em foco. Já na desfocalização/desativação, essa estratégia de referenciação ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco,

contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores (KOCH; PENNA, 2006).

Nesses processos, fica evidenciada a estrutura dinâmica da organização tópica na conversação, mostrando que a abordagem do tópico é suscetível de alterações constantes (LINS, 2008). É nesse processo de inserir tópicos novos que Maynard (1980), citado por Lins (2008), percebe que a principal função da mudança de tópico é de reinstaurar a fala contínua. Com isso, proporcionando a manutenção dos turnos na conversação.

Os vários fenômenos, já expostos detalhadamente, atestam sua eficácia para a manutenção da fala de cada participante envolvido na interação conversacional, de tal modo que se percebe uma dinamicidade na conversa.

#### **1.2.4 Delimitação de tópico**

Quando se trata de interação conversacional, ressalta-se o fluxo rápido do raciocínio, que flui de acordo com o tema em andamento. Nessa ocorrência, os participantes centram suas atenções em cada assunto eleito por eles. Esses participantes de certa forma percebem quando estão tratando de qualquer que seja o tópico, por haver nessa interação conversacional uma demarcação de fronteira de um tópico para outro. Para Koch et al. ([1989] 1996) essa demarcação de cada unidade discursiva na sequência informativa se realiza por meio de fenômenos que vão dando corpo ao texto.

Nos estudos de Jubran et al. ([1992] 2002) objetivaram, dentre outros aspectos, identificar e delimitar as unidades tópicas através de marcas evidenciadas por meio de realização linguística. Apesar de o estudo sobre a organização tópica ter sido norteado fundamentalmente pela propriedade de centralização, faz-se necessário encontrar, na expressão verbal dos falantes, indícios ou sinais de orientação aos interlocutores, que se apresentam como marcas da delimitação tópica (JUBRAN et al., [1992] 2002).

Esses pesquisadores ao analisarem a delimitação tópica, num diálogo retirado do Projeto NURC<sup>28</sup>, constataram que os segmentos caracterizam-se como um conjunto de enunciados

---

<sup>28</sup> Inquérito nº 360-Tipo D2 (Diálogos entre dois informantes).

apresentando *abertura* ou *começo*, *meio* ou *saída*<sup>29</sup>, marcadores ou não; e a delimitação dos segmentos tópicos pode ser justificada por marcas, cuja identificação constitui um critério auxiliar de segmentação, já que elas não configuram um padrão de ocorrências que possibilite categorização segura (JUBRAN et. al., [1992] 2002)

Os pesquisadores perceberam que há fatores que dificultam a sistematização das marcas, como elas serem facultativas, em que os segmentos tópicos nem sempre têm seu início e final marcados; também como multifuncionais, em que os elementos que marcam as delimitações tópicas não exercem a função de marcar em caráter permanente e exclusivo, podendo aparecer em várias situações textuais, diferentes da delimitação tópica; e por último, serem co-ocorrentes, já que nelas há uma tendência para o acúmulo de vários procedimentos no mesmo ponto. O que se pode deslumbrar é que há maneiras de se detectar formas características de se iniciar tópicos, bem como de fechá-los (JUBRAN et. al., [1992] 2002).

Quanto ao início, ao meio e ao término dos segmentos Jubran et al. ([1992] 2002), verificaram, através dos diálogos analisados que, ao se tratar de abertura ou começo, nem sempre esses procedimentos se realizam de forma específica, podendo ser detectável apenas pela mudança de rumo da conversação. Se o tópico se caracteriza por centrar-se em um assunto, o início de um segmento tópico pode ser detectado no momento em que esta centração de assunto se distingue de uma centração anterior. Em relação ao *meio*, afirmam que ele não apresenta extensão determinada e que depende do número de enunciados que constituem o segmento tópico. Já, ao se tratar do fecho ou saída afirmaram que ele é definido no momento em que se detecta nova centração, decorrendo de forma frequente do esgotamento do tópico ou de sua descontinuidade, podendo ser motivada por fatores diversos, como a mudança brusca de tópico, aceita pelo interlocutor, como também a mudança de um ou mais referentes em relevância. Enfatizam que a saída é configurada como fim de sequência.

Os pesquisadores enfatizam que as marcas linguístico-discursivas, além de ajudarem no critério de identificação dos segmentos tópicos, possibilitando a sua delimitação, possuem também valor discursivo e/ou pragmático. É o que acontece, segundo os autores, com os marcadores conversacionais, com atos ilocutórios como as perguntas, as repetições, as frases feitas, entre outros (JUBRAN et. al., [1992] 2002). Mesmo com essas análises os pesquisadores reconhecem a necessidade de aprofundá-las em conversas espontâneas,

---

<sup>29</sup> Grifos dos autores.

propondo uma categorização preliminar conforme a parte do segmento em que frequentemente ocorrem.

Quanto a essa ocorrência, os pesquisadores postulam sobre as marcas prosódicas, em que os falantes modelam continuamente sua expressão verbal, como a entonação ascendente marcando início frasal (↗); e a descendente marcando término (↘), na maioria das vezes com inflexão conclusa. Encontram-se também as marcas morfossintáticas, que podem ser vistas pela topicalização ocorrida pelo deslocamento de um constituinte para o início da frase ou, em outro caso, quando o constituinte frasal em proeminência estabelece um quadro de referência para o que vai ser dito. Há também o deslocamento à esquerda, que se distingue da topicalização por nesta não ocorrer um pronome co-referencial. Em relação às marcas léxico-semânticas apontadas são designadas as paráfrases, com função de retomar, geralmente de modo resumido, o conteúdo anteriormente exposto; as repetições, que frequentemente permitem concluir tópicos ou concluir para introduzir novos tópicos; as frases feitas, ditados populares, que também costumam ser um recurso para finalizar tópicos; e, por fim, enunciados conclusivos, que apresentam a parte final do segmento marcada por comentários conclusivos. Além de outros elementos que podem funcionar como delimitadores de tópicos, como os marcadores conversacionais, atos ilocutórios, pausas, silêncios, hesitações etc. Dessa forma, essas marcas permitem detectar formas características de iniciar tópicos, de fechá-los. Esses pesquisadores também lembram que há segmentos tópicos sem marcadores (JUBRAN et. al., [1992] 2002).

Como no final de uma interação conversacional, de alguma maneira, os participantes conseguem descrever quais assuntos perpassaram na comunicação, mesmo que a sua elaboração seja momentânea, deve haver um ponto no qual a mudança de um tópico para outro é marcada. Através desse ponto de vista, o estudo de Koch ([1993] 2007) apresenta um conjunto de marcas formais que delimitam as unidades tópicas, as quais são percebidas não apenas por seu conteúdo, que é aquele de maior proeminência, mas por marcas que também ajudam a delimitá-las.

Corroborou-se essa afirmativa após a autora analisar dois textos retirados do Projeto NURC/SP<sup>30</sup>, sendo que um corresponde a uma entrevista e o outro a um diálogo entre dois informantes. Através dessas análises, chegou-se a um conjunto de marcas formais, como no diálogo entre informante e entrevistador (DID), em que há uma sequência pré-estabelecida de

---

<sup>30</sup> Inquérito nº 18- Tipo DID Entrevista e Inquérito nº 360-Tipo D2 (Diálogos entre dois informantes).



antemão:a) no início de uma unidade, a presença de elementos como:“bem”, “então” etc.; b) no final de uma unidade, a presença de pausas mais prolongadas, entonação característica, frases conclusivas do tipo “é isso aí”, “enfim”, além de marcadores conversacionais como “viu?”, “percebe?”, “né?” etc.

Adverso ao diálogo anterior encontra-se o diálogo entre dois informantes (D2), nele a interação ocorre de forma espontânea, chegando ao seguinte conjunto de marcas: a) início “aí”, “então” etc., e fim: “percebeu?”, “entendeu?” etc.; b) concordância, “tá”, “sem dúvida” etc.; discordância, “não”, “não é bem assim” etc.; dúvida, “será?”, “é mesmo?” etc.; c) hesitação, “ah”, “eh”, “é [...]”, “uhn [...]” etc.; d) início de uma digressão, “mas [...]”, “antes que me esqueça” etc., e fim de uma digressão, “voltando ao assunto”, “fechando os parênteses” etc.; e) sequência da narrativa: “aí”, “então” etc.

Destacam-se nesses diálogos sinais que mostram a finalização de uma unidade tópica, como os gestos, os movimentos corporais, as expressões fisionômicas, bem como a mudança de interlocutor no diálogo (KOCH, [1993] 2007). Esses sinais podem funcionar como indícios de finalização de unidades tópicas.

Em relação aos estudos de Bentes e Rio (2006), as autoras concluem que no *rap* analisado a principal marca do início dessa narrativa autobiográfica e de seu fechamento é o enunciado proferido por um locutor (L2) diferente do locutor principal (L1). No decorrer de suas análises, percebem que um subtópico relacionado a um determinado tópico pode funcionar como um marcador de mudança de tópico e, ao mesmo tempo, continuar sendo um subtópico (BENTES; RIO, 2006).

As pesquisadoras concluem que a forma como se dá a organização tópica no *corpus* analisado é um exemplo de que

(i) um subtópico pode funcionar como um marcador de mudança de quadro tópico ou mesmo de subtópicos ligados a um quadro tópico ou mesmo subtópicos ligados a um mesmo quadro tópico e (ii) há uma topicalização do narrador-personagem e suas ações em função da necessidade de explorar um tipo de subjetividade: a dos jovens das grandes periferias das cidades brasileiras (BENTES; RIO, 2006, p. 124).

Ainda em relação à delimitação de tópico, Lins (2006) identifica e delimita unidades tópicas com o fito de observar as marcas que demarcam o início, a manutenção e o fim de tópico no gênero tira em quadrinhos. Lins, em consenso com Jubran et al. ([1992] 2002), ressalta que as

marcas facultativas, multifuncionais e co-ocorrentes não devem constituir critérios absolutos para a delimitação de tópicos, por conta disso, a autora opta por se apoiar na teoria de *frame*.

Lins (2006) mostra que, ao se tratar de tópicos, há aqueles desenvolvidos progressivamente e aqueles com fronteiras. A primeira perspectiva é vista por Mondada (2001), que ressalta que os tópicos que se desenvolvem progressivamente são próprios de uma boa conversação, em que nem bem se acaba de falar de um tópico já se começa outro. Dessa forma, realiza-se certa fluidez na conversação. Esses dois tipos de tópicos se diferenciam pelo fluir da conversação. Ao se tratar do tópico com fronteira, encontra-se uma interação conversacional formal, o tema é fechado, os locutores só iniciam outro tópico após fechar o anterior. Lins (2006) salienta que essas duas maneiras diferentes de falar são vistas como uma maneira de “falar sobre um tópico” e a outra de “falar topicalmente”. Constata assim que

no interior de uma perspectiva que reconhece um continuum entre fala e escrita, pode-se considerar que “falar sobre um tópico” se aproxima mais da escrita, por sua organização, enquanto “falar topicalmente” se aproxima da fala, por seu afrouxamento na gestão do tópico (LINS, 2008, p. 191).

Esses dois processos podem, conforme Lins (2006), ser depreendidos na organização das tiras de quadrinhos em geral, pois, ora os autores falam sobre um tópico, ora falam topicalmente, como percebe em Miguel Paiva (Gatão de Meia-Idade), que só se permite falar de outro tópico quando esgota o anterior. Já outros como Ziraldo (O Menino Maluquinho), Péricles (O Amigo da Onça) e Milson Henriques (Marly) preferem “falar topicalmente”, isto é, de maneira mais solta, indo e voltando no desenvolvimento do tópico (LINS, 2006, p. 133).

A autora, ao aprofundar seus estudos sobre a organização tópica das tiras em quadrinhos, trata da delimitação tópica, seja em nível hierárquico, seja em nível linear, afirmando que há uma sintaxe e uma semântica da conversação. Na sintaxe, salienta que, como qualquer regra sintática, especifica a disposição de tópico; na regra semântica, especifica o arranjo particular de tópico que produz sentido num mundo determinado. Portanto, conclui Lins (2008), a sequência linear está para a sintaxe da conversação, assim como a sequência hierárquica está para a semântica da conversação. Quanto a esse assunto, afirma que

pelas regras da sintaxe são detectados os tópicos locais e pelas regras da semântica, os tópicos globais. Assim, as regras para a substituição de tópicos estão, de modo amplo, ligadas às regras de livre associação (LINS, 2008, p. 32).

Um ponto relevante a ser apresentado na questão da delimitação tópica são os fenômenos linguísticos: a progressão/continuidade tópica, a progressão/continuidade referencial e a progressão/continuidade temática. Tendo isso como expectativa, Lins (2008) observa, numa visão mais globalizada do texto, que é necessário estabelecer uma distinção entre esses fenômenos.

A progressão/continuidade tópica, segundo a autora, diz respeito ao conjunto de segmentos tópicos que, direta ou indiretamente, são relacionados com o tema geral, realizando-se de forma contínua ou descontínua, mas sem provocar rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas do tópico em andamento. Declara, ainda, que a topicalidade constitui um princípio organizador do discurso (LINS, 2008).

Em relação à progressão/continuidade referencial Lins (2008) se reporta a Koch (2001) para fazer a distinção, observando que esse fenômeno ocorre com introdução de referentes novos ou inferíveis a partir de outros elementos do co-texto, compreendendo as cadeias referenciais garantidoras da continuidade e, simultaneamente, da progressão referencial, na qual os objetos do discurso podem ser mantidos, modificados ou mesmo criados em novos objetos.

A progressão/continuidade temática, por sua vez, pode ser vista em níveis mais amplos de análise, também por meio de novas predicções sobre os elementos temáticos, a partir de dados inferíveis no co-texto, como o caso de anáforas indiretas, incluindo as anáforas associativas, do encapsulamento por nominalização, dos encadeamentos entre enunciados. Esse fenômeno deve garantir a continuidade de sentidos do texto, o que é feito pelo uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico; além desse, deve-se garantir a continuidade em termos cognitivos, através do uso de itens lexicais que designam elementos integrantes de um mesmo modelo mental, como *frame*, esquema, *script*, cenário (LINS, 2008).

Em relação aos três tipos de progressão, Lins (2008) menciona que há uma relação de inclusão, na medida em que a progressão textual é garantida, em parte, pela progressão/continuidade tópica, a qual engloba a progressão/continuidade temática, que, por sua vez, engloba a progressão/continuidade referencial. Ou seja, uma progressão/continuidade está pela outra e por todas para dar suporte à progressão textual (LINS, 2008).

Além dos aspectos expostos, há a estrutura intertópica e a linear que devem ser levadas em consideração nessa discussão. Lins (2008) trata das duas estruturas, observando que na inter-

tópica a pirâmide é formada a partir de camadas tópicas, que se superpõem pela abrangência temática. Em relação à estrutura linear, permite que se veja como os segmentos são combinados entre si, proporcionando a ligação de assuntos que se relacionam, ampliando temas. É relevante se tratar dessas duas estruturas, pois elas remetem à noção de episódio ou parágrafo de van Dijk (1996), que também são relevantes para a questão da delimitação de tópicos.

A autora faz referência, ainda, à noção de episódio ou de parágrafo, dizendo que van Dijk (1996) situa a unidade episódio/parágrafo num nível intermediário, entre a unidade oração ou sentença, de um lado; e de outro, a unidade texto, discurso ou conversação como um todo. A autora salienta que “os episódios ou parágrafos são caracterizados como seqüências coerentes de sentenças de um discurso, linguisticamente marcadas quanto a começo e/ou fim, e definidas, além disso, em termos de algum tipo de ‘unidade temática’” (LINS, 2008, p. 33).

Van Dijk contribui com uma formulação adicional, que focaliza as propriedades semânticas do episódio e esclarece que se trata de uma unidade semântica, já “o parágrafo é sua manifestação superficial” (LINS, 2008, p. 34). Os episódios são vistos pelo autor como independentes, ou seja, é possível identificar e distinguir cada um deles, mas como são tratados como unidades semânticas do discurso devem ser coerentes. Essa autora acrescenta que essa coerência é integrada a uma macroproposição global, explicada a partir da noção de “tópico”, “tema” ou “ponto principal”(LINS, 2008, p. 34).

Portanto, um episódio representa uma seqüência de proposições de um discurso que pode ser incluído numa macroproposição. A relevância teórica dessa noção de episódio estaria no fato de que há, agora, uma unidade textualmente baseada, que combina com a seqüência de proposições das quais a macroproposição é constituída. A autora diz que a noção de episódio auxilia na delimitação de tópicos de uma seqüência textual. Dessa maneira, Lins (2008, p. 34) apresenta uma lista de “sinais” gramaticais, descritas por van Dijk, que podem ser esperados no início de episódios, como as pausas e fenômenos de hesitação (preenchedores, repetição no discurso oral); a sinalização de parágrafo no discurso escrito; os marcadores de mudança temporal, “nesse meio tempo”, “no dia seguinte” etc. e mudanças de tema; os marcadores de mudança de lugar, “em Amsterdam”, “na outra sala”; os marcadores de mudança de “elenco”, conseguidos através da introdução de novos referentes (frequentemente com artigos indefinidos) ou reintrodução de referentes “velhos” (com frases nominais completas em lugar de pronomes); entre outros.

Como esses marcadores assinalam o início de um novo episódio, conseqüentemente assinalam o final do episódio anterior. Assim, no momento em que há uma mudança de tempo e de lugar, em que um elenco diferente de participantes e um novo evento ou ação global estão sendo introduzidos, “pode-se assumir que aí se tem o início de um novo episódio” (LINS, 2008, p. 35). Essas marcas são importantes na interação por exercerem uma das funções básicas na linha discursiva, que é a mudança de tópico promovida pela delimitação do tópico através dessas marcas. Dessa forma, promovendo a reinstauração da fala contínua.

Lins (2008) faz um paralelo entre os trabalhos de van Dijk, em relação a episódio, e de Koch, em relação à noção de segmento tópico. Para essa autora, a noção de episódio além de auxiliar na delimitação de tópicos de uma sequência textual, corresponde a um segmento tópico. Fato relevante nesta pesquisa, pois, partindo dessa visão, cada charge passa a ser vista como um episódio, que corresponde, como em Lins (2008, p. 35), “a um segmento tópico”. Pautando nesse enfoque, como em Lins (2008), cada charge vista como episódio, por vez vista também como segmento-tópico, isso quer dizer que cada segmento tópico é visto, neta pesquisa, como umacharge-segmento<sup>31</sup>.

Após imergir num apanhado de reflexões conduzidas por autores que estudaram o tópico em vários gêneros textuais, seus conceitos servirão de norteadores para este estudo, como por exemplo, na conversa espontânea, na letra de música. Este estudo amplia-se com as discussões de Lins (2006/2008), que focaliza os estudos sobre o tópico discursivo nas tiras em quadrinhos. É a partir desses estudos que se torna possível estudar o tópico em charges, uma vez que a sequência de charges pode ser observada levando-se em conta a progressão tópica instaurada por itens verbais e não verbais, com base nos princípios de centração e de organicidade.

Ressalta-se que o trabalho de Koch ([1993] 2007) sobre organização tópica da conversação, serve de parâmetro para estruturar a análise desta dissertação que, após definir o recorte que leva à identificação das unidades tópicas, visando caracterizar as relações de interdependência hierárquica e sequencial entre elas, parte-se para detectar traços reveladores da estrutura interna das unidades tópicas nas charges. Os estudos de Lins (2006/2008) são, na mesma medida, utilizados como parâmetro teórico, já que sua pesquisa inovou ao transportar a categoria tópica para o gênero tiras de quadrinhos, demonstrando como tal categoria comporta-se e organiza-se dentro desse discursivo específico.

---

<sup>31</sup> Mais detalhes sobre esse ponto, pesquisar em Lins (2008, p. 53).

## Capítulo II

### O Gênero Charge

#### 2. O texto e sua inserção situacional e sociocultural

A compreensão primária de que o processo de interação humana produziu múltiplas formas de comunicação desencadeou a promoção de uma perspectiva funcionalista da linguagem. Uma vez que língua passa a ser entendida “simultaneamente como um sistema e como uma prática social” (KOCH, 2003, p. 124), ela também passa a ser considerada como um princípio vivo, em constante transformação. Koch (2003), ao definir a língua como um conjunto de elementos inter-relacionados nos níveis morfológico, fonológico-morfológico e sintático, afirma que todos esses níveis seriam estáticos se não houvesse a sociedade. Logo, nessa arte de se metamorfosear, a linguagem acaba por refletir as variações que ocorrem, antes de tudo, no plano social, nas múltiplas formas de organização projetadas pelos homens, sucessivamente, ao longo do tempo.

Indiscutivelmente, é por meio da língua que o homem defende a sua maneira de interpretar o mundo, interagindo com o outro, influenciando e sendo influenciado. É saliente, neste ponto, refletir sobre o que diz Koch (2003, p. 124), quando concebe que é “nesse lugar de interação [no meio social] que se constituem as formas lingüísticas e todas as maneiras de falar que existem numa determinada época, numa determinada sincronia”. Com isso, percebe-se que o meio e a temporalidade interferem no modo de pensar de uma determinada sociedade que, a partir daí, produz os seus discursos objetivando a interação dos homens com a ideologia.

Já em relação à linguagem, esta é entendida como algo mais amplo em comparação com a língua. Para Koch (2003, p. 124), linguagem é “a capacidade do ser humano de se expressar através de um conjunto de signos, de qualquer conjunto de signos”, visto como algo variado, uma vez que nele se encontram as linguagens visual, gestual, pictórica, sonora, verbal etc. Nessa visão, Koch deixa claro, reportando-se a Bakhtin (2003, p. 125), que a linguagem tem

um sujeito, mas esse sujeito não é “individualista, adâmico, criador de tudo”, nem é “aquele sujeito da ilusão do sujeito”.

Assim, apreende-se que a visão de Koch com relação ao sujeito é motivada pela relação desse sujeito com o seu interlocutor e com o contexto em que esses agentes estão inseridos. Olhando por esse ângulo, há uma tríade formada que nunca se dissocia, pois, para a autora, o sujeito participa da sociedade de forma ativa. Essa relação entre o sujeito e o seu interlocutor se configura numa interação de forma espontânea, estruturada e coerente, por não ser um emaranhado de palavras sem nenhum valor de enunciado proferido, já que os seus participantes conseguem definir o seu foco, proporcionando o entendimento; caso contrário, não haveria possibilidade de comunicação.

Como a língua é posta em prática por esse sujeito e o seu interlocutor cabe à Linguística explicar como ocorre tal processo, pois essa disciplina não estuda somente a teoria da linguagem verbal, mas também, e como mostra Koch (2003, p. 126), a maneira como essa língua é posta em prática no seio da sociedade, entendendo como se dá “a interação humana através da língua”. Trata, além disso, do comportamento do homem em sociedade como, por exemplo, o seu modo de agir, a sua interação com o outro, o uso do argumento, a maneira como contra-argumenta e a sua maneira específica de persuadir.

Marcuschi (2006) profere que, ao usarmos “a língua para produzir nossas enunciações discursivas, não estamos apenas transformando objetos do mundo em objetos de discurso”, na realidade “estamos produzindo *objetos de discurso*”, caso contrário, “continuaríamos presos a uma visão de linguagem como atividade codificadora de informações objetivas” (MARCUSCHI, 2006, p. 10). De tal modo que, ao se acessar o mundo pelo discurso parte-se dele e não do mundo como tal (MARCUSCHI, 2006).

O autor, por perceber que a noção de objetos de discurso vai além de uma visão cognitiva da realidade, estabelece, por meio das sugestões de Mondada (1994), uma relação direta entre noção, objetos de discurso e tópico. Por esse enfoque, Marcuschi (2006) percebe que se podem apresentar várias operações internas determinadas por expressões que podem evocar um conjunto de propriedades, relações ou associações (*frames*, cenários, esquemas etc.); pela operação de textualização que são relações determinadas pelo domínio cognitivo gerado no processo de textualização de um elemento (cotextualidade); e pela operação de referenciação,

isto corresponde dizer que um elemento designa um universo e fenômeno nomeados por sinonímia ou até mesmo por substituição.

Ao se acessar o mundo pelo discurso, não se deve conduzir à ideia de que se constrói o mundo de modo exclusivamente discursivo, Marcuschi (2006) salienta que se estas operações internas são fundamentais, elas não podem eliminar o concurso de fatores externos, assim ele assevera que

a questão empírica não desaparece, mas assume um lugar definido e delimitado. Os objetos de discurso (enquanto espaços mentais) não são dados exclusivamente discursivos, pois eles emergem de uma inspiração do mundo sob um fundo existente (espaço de base) e inserem-se num mundo pensável. O discurso é esse movimento dinâmico que permite o surgimento dos objetos nele desenvolvidos. (MARCUSCHI, 2006, p. 12)

De tal modo, na visão de Koch (2003), a Linguística vai ter que acompanhar a própria evolução humana, isso significa que ela vai ter sempre o que dizer frente ao “conhecimento de todos os gêneros que permeiam as práticas sociais” (KOCH, 2003, p. 127). Conclui-se, portanto que, assim como há evolução humana, a linguística tem que acompanhar todas as mudanças sociais por causa dos gêneros textuais que vão surgindo por conta dessa evolução. Quanto a isso Koch (2003) diz que à medida que novos gêneros vão surgindo, a linguística textual assume novos desafios, atenta a “todas as mudanças em todos os espaços em que o homem estiver atuando” (KOCH, 2003, p. 128).

Marcuschi (2008), em seu estudo, afirma que a visão de hoje sobre os gêneros textuais não é nova, é a evolução de uma disciplina que teve início no Ocidente, com a tradição poética de Platão e com a tradição retórica de Aristóteles. Hoje, a noção de gênero é usada para se “referir a uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (MARCUSCHI, 2008, p. 147). Isto corresponde dizer que essa noção foi ampliada, tanto pode ser usada para a retórica quanto para a etnografia, a sociologia, a antropologia, inclusive a linguística, mas em particular nas perspectivas discursivas.

No que se refere à produção de um texto é necessário que o ancore em um contexto situacional<sup>32</sup> com a decisão por um gênero textual que produza determinado discurso e que também concerne às relações semânticas que se dão entre os elementos no interior do próprio

---

<sup>32</sup> Segundo Marcuschi (2008, p. 87), o contexto situacional envolve desde as condições imediatas até a contextualização cognitiva, os enquadres sociais, culturais, históricos entre outros.



texto. Quanto a esses aspectos que tratam das relações situacionais e cotextuais no texto, Marcuschi (2008, p. 87) diz que não se podem esquecer tais aspectos porque “sem língua não há texto”. Prossegue esse autor salientando que também “sem situacionalidade e inserção cultural, não há como interpretar o texto”.

Como o gênero charge perde o sentido de texto virtual por já estar inserido no contexto interpretativo, isto é, do sentido de texto virtual passa ao sentido situado, correspondendo dizer às relações ditas contextuais que se estabelecem entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva (o que envolve os conhecimentos individuais e coletivos) é que se entende que não se pode produzir nem entender um texto considerando apenas a linguagem, segundo Marcuschi (2008).

Alinhadas dessa forma, ressalta-se que a charge é definida pelo contexto em que está inserida. Como texto e gênero textual inserido no jornal impresso, a charge pode mobilizar, ao mesmo tempo, em sua textualização, mais de uma linguagem, no caso, “a verbal (da palavra escrita) e outras não-verbais (do desenho do traço, das formas, das cores e dos arranjos diagramático e combinatório de todos esses elementos)” (LOPES, 2008, p. 10). Nesse sentido, esta pesquisa objetiva analisar, por meio da articulação da linguagem sincrética, as charges publicadas num importante veículo de comunicação da capital do Espírito Santo, na intenção de examinar a organização dos assuntos perpassados no período eleitoral de 2006.

## **2. 1 O Gênero Charge e o Suporte**

Torna-se relevante antes de discorrer sobre o texto chargístico conhecer a origem da palavra charge e a sua função como gênero textual. Originada do termo francês *charger* que significa carga, exagero, designando representações exageradas dos traços que marcam o caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. Também visto como desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, geralmente veiculado pela imprensa, tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas (HOUAISS, 2001). Segundo o verbete do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2000), charge significa cartum em que se faz, geralmente, crítica social e política, e chargista a pessoa que faz charges; e que seria, portanto, o caricaturista.

Porém, para se enveredar nesse gênero textual é pertinente trazer alguns pontos que irão ajudar a perceber o quanto nele há um discurso que, em tão pouco espaço, consegue alcançar uma visão tão perspicaz das ações alheias. Sua principal característica pode ser observada em oposição a desenhos comuns, os quais não se definem, exclusivamente, pelo contexto aos quais pertencem e que são passíveis, portanto, de funcionarem como referências atemporais. As charges, ao contrário, caracterizam-se pela estreita vinculação com o cenário da atualidade em que são produzidas; sua compreensão necessita, invariavelmente, de conhecimentos prévios acumulados, que venham a induzir a formulação de um sentido por parte do leitor, bem como o seu acesso cognitivo.

Em outras palavras, a charge permite a percepção imediata e global do contexto em que está inserida, desde que o destinatário compartilhe e seja participativo dos acontecimentos vigentes. Dessa forma, tem-se um gênero textual comunicativo bastante eficiente, posto que informa o máximo com o mínimo de elementos.

Observa-se que as charges apresentam uma estrutura peculiar de seu gênero, isto é, em sua composição há a linguagem que se compõe simultaneamente de imagem (o desenho) e de palavras, sendo que em algumas charges encontra-se somente o elemento visual em suas composições. Quadros (2008) apresenta a charge como

um texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituído por quadro único. Raramente o chargista recorre à divisão do espaço em duas ou mais imagens para expressar a sua idéia, mas invariavelmente transcende o domínio do puramente visual, aliando desenho e texto escrito (QUADROS, 2008, p. 71).

Em relação ao processo de textualização da charge, Lopes (2008) o considera um texto de opinião, contribuindo para a compreensão dos seus efeitos de sentido. Para tanto, o autor traz a visão de Discini (2005), que afirma ser a charge

um texto predominantemente figurativo, que parodisticamente retoma notícias veiculadas pela própria mídia e ao fazê-lo, não apenas brinca com as figuras caricaturadas e com a própria notícia, mas também imprime à voz do enunciador do veículo de comunicação em que se insere um tom relativizador, já que lúdico (DISCINI, apud LOPES, 2008, p. 10).

Como a charge está veiculada a um fato do noticiário, vale tratar neste ponto de seu suporte. As charges analisadas foram publicadas pelo jornal *A Gazeta*, que traz em seus temas, de

forma ficcional, notícias, numa relação intertextual, segundo Ramos (2010). De acordo com Marcuschi (2008), o jornal é seguramente um suporte com muitos gêneros, pois essa mídia impressa, que comporta o texto chargístico, guarda a ideia de suporte de um gênero, como “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 176)<sup>33</sup>. Com isso, é importante salientar, na perspectiva de Marcuschi (2008, p. 176), que o “suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente”.

Em relação a visão de Marcuschi (2008), o suporte para a publicação de uma charge é específico, ele exemplifica a sua visão dando como modelo um *outdoor*. Para o autor, esse suporte não comporta a publicação de uma charge, por ser o *outdoor* um suporte público para vários gêneros, com preferência para publicidades, anúncios, propagandas, comunicados, convites, declarações, editais. Não é qualquer gênero que aparece num *outdoor*, pois esse é um suporte focado preferencialmente na esfera discursiva comercial ou política. Tal fato pode até ocorrer, contudo, essa charge servirá apenas como alvo de publicidade para o chargista. O certo, segundo Marcuschi, “é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte” (2008, p. 174).

O suporte, tratado de forma mais restrita por Marcuschi (2008, p. 177) como “suporte convencional”, traz a publicação do gênero charge cotidianamente, isso implica dizer que ele está presente e, de forma contundente, na mídia impressa, interagindo com outros textos escritos e/ou imagéticos apresentados [em jornais] (Lopes, 2008). No entanto, Lopes ressalta que a charge tem um caráter desafiador, pois faz com que o leitor de um jornal, muitas vezes, não encontre facilmente o sentido, tendo de procurá-lo em um ou mais textos, verbais ou não, que formam o todo da página e/ou da edição do jornal. Há casos em que essa interação entre os textos ocorre somente entre edições de dias diferentes (LOPES, 2008).

Resgatar o gênero charge no seu percurso no seio da sociedade faz preencher uma lacuna até os dias atuais. Isso é possível pelo o historiador José Honório Rodrigues, citado por Lopes (2008), que presume ser o *Corcundão*<sup>34</sup> – jornal que apareceu em Recife no ano de 1831 – o primeiro periódico a experimentar o estilo ilustrativo em suas publicações. Esse teria sido então “o veículo jornalístico da primeira manifestação imagética em território nacional” (LOPES, 2008, p.30). O *Corcundão* é igualmente visto como o fundador do gênero charge na

---

<sup>33</sup> Esse formato específico pode ser visto em jornal, em livro, em revista, em outdoor, entre outros.

<sup>34</sup> Grifos do autor.

imprensa brasileira. No entanto, a data do surgimento da charge na imprensa nacional nem sempre é objeto de consenso, como pode parecer. Em seu trabalho, Lopes traz a referência de estudiosos do jornalismo que afirmam que “no Brasil, a *charge* surge em 1837 e não em 1831”, como foi mostrado acima com o jornal *Corcundão*. A primeira caricatura brasileira teria sido, então, publicada no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, no dia 14 de dezembro de 1837.

Divergências à parte, o que se torna relevante demonstrar é que as ilustrações passaram a executar um importante papel na imprensa. Dessa forma, o seu elaborador passou a exercer a função de expositor dos acontecimentos, dos mais cotidianos aos mais curiosos. Com o passar do tempo, esses desenhos tornaram-se também meios de vida de muitos artistas, que se profissionalizaram na arte de desenhar. Contudo, antes de alcançar tal grau de especialização, a publicação de charges e desenhos ilustrativos era bastante esporádica. Somente a partir de 1844, os trabalhos dessa natureza começaram a ser publicados regularmente. O chargista responsável pela frequência foi Rafael Bordalo, que publicava no jornal *Lanterna Mágica*<sup>35</sup>.

A charge política, por sua vez, foi popularizada por Angelo Agostini, conhecido como *O repórter do lápis*, que teve o auge de sua carreira entre os anos de 1876 a 1898, na *Revista Illustrada*<sup>36</sup>, um tabloide de oito páginas que documentava “com sátira e riso muito do que estava ocorrendo em sua época, como, por exemplo, toda a discussão em torno da *Abolição da Escravatura* (1888) e da *Proclamação da República* (1889)” (LOPES, 2008, p. 34,35).

No início do século XX, os artistas do desenho passaram a ter suas obras publicadas em revistas de atualidade, onde, geralmente, a ilustração ocupava uma página inteira. Foi um século em que jornais e revistas tenderam a se estabilizar como empresas, diversificando atividades e introduzindo ininterruptamente alterações na qualidade do seu material. As histórias do *Amigo da Onça*, publicadas na revista *O Cruzeiro*, a partir de 1943, acabaram se transformando num dos personagens mais populares do país. Suas histórias foram publicadas semanalmente, durante 17 anos. Seu ponto forte eram as críticas aos costumes que, segundo Lopes, superavam a mera diversão, anunciando “um traço muito característico das charges, o qual permanece até os dias de hoje” (LOPES, 2008, p. 37).

---

<sup>35</sup> O jornal *Lanterna Mágica* ficou conhecido como o primeiro jornal de crítica diário. Começou a circular em 15 de maio de 1875, com Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, que se ocultavam sob o pseudônimo de *Gil Vaz* e Bordalo. Apesar de ter sido um sucesso, o jornal deixa de circular no 33º número, em 31 de Julho de 1875.

<sup>36</sup> A *Revista Illustrada* foi uma publicação satírica, política, abolicionista e republicanabrasileira, fundada no Rio de Janeiro pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini, a qual circulou durante os anos de 1876 a 1898.

Apesar de, na década de 1950, a fotografia ter assumido papel de destaque na imprensa, reduzindo o espaço destinado ao desenho, não houve interrupção do uso de caricaturas, charges e cartuns a partir desse período. Na realidade, o que ocorreu foi um redimensionamento da caricatura que não perdeu, independente do formato, o seu lugar nas páginas principais dos jornais e revistas (LOPES, 2008). Lopes acrescenta que ela passou, além de tudo, a ser valorizada como parte da opinião, assumindo uma característica própria, de iniludível peso político e ideológico.

As charges produzidas para o jornal *A Gazeta* também podem ser entendidas conforme Lopes (2008) as compreende, ou seja, como uma ação ornamental que se transforma numa ação substantiva, acentuando a sua influência e aumentando a sua carga informativa. Ao associar humor e comunicação, as charges desempenham cada vez mais uma presença de vanguarda na imprensa, já que se submete a um constante processo de aprimoramento (LOPES, 2008). As charges continuam mantendo “vivas muitas das tradições expressivas que a compuseram historicamente, definindo-se pela apropriação e reatualização constantes de diferentes linguagens” (QUADROS, 2008, p. 71).

A constatação de que o gênero charge detém um caráter de informalidade que atrai a atenção dos leitores já é um aspecto bem conhecido desse discurso jornalístico, bem como a ideia de que, nele, a noção precisa de um contexto é imprescindível para a construção de seu sentido. Se analisado fora de um contexto de produção/interação com as notícias que perpassam pela mídia, a charge parece ser um conjunto de frases com sentido vazio, sem aparentes relações de sentido que possam provocar significado, mas quando esse leitor resgata o acontecimento, ele logo produz efeitos que levam ao entendimento da intenção do chargista. Num primeiro momento, por exemplo, tem-se a impressão de que não se trata de um texto coerente e coeso, já que os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – aparentemente não se encontram conectados entre si, estabelecendo uma sequência linear balizada por dependências de ordem de sentidos. Todavia, se observada mais criteriosamente, a coerência do texto em questão é construída pelo encadeamento dos tópicos nos diversos níveis de organização tópica, instituindo a progressão.

Em relação ao contexto sócio-histórico, Quadros (2008, p. 72) afirma que “a linguagem da charge está em comunicação constante, direta, aberta com o passado [...], [mas é] efêmera, cuja mortalidade está fixada para o mesmo dia”. Essa autora acrescenta que o “desgaste das intenções da temática da charge, centrada na atualidade, é inevitável, entretanto, dentro de um

contexto histórico, poderá por diversas vezes repetir-se” (QUADROS, 2008, p.72). De certa forma, a charge permanece atual enquanto crítica ao *establishment* econômico ou social de um País.

## **2.2 Diferença conceitual entre histórias em quadrinhos, charge, caricatura, cartum e ilustração**

Nos gêneros textuais: charge, caricatura e cartum há pequenas diferenças onde quase se percebe identidade e uniformidade entre esses gêneros. Torna-se interessante para esta pesquisa trazer os conceitos desses gêneros textuais em que há uma analogia em suas constituições. De acordo com Lopes (2008), o gênero charge perpassa a história, pois a sua presença em periódicos brasileiros vem desde o Império. Nessa época, se produzia ilustrações para a imprensa, mas, com o desenvolvimento da reportagem fotográfica, ocorrido no final do século XIX, começou-se a firmar distinções e especializações entre as ilustrações, como a charge, o cartum, a história em quadrinhos, a caricatura e a arte. Na visão de Pablo Picasso a arte “não é a aplicação de uma regra de beleza, mas daquilo que o instinto e o cérebro podem conceber além de qualquer regra”<sup>37</sup>.

Entre 1898 e 1900, surgem, conforme afirma Lopes (2008, p.29), “as primeiras oficinas tipográficas em jornais cariocas e paulistas que contratam para operá-las fotógrafos profissionais”. Mesmo com a introdução da fotografia nos jornais, o desenho ilustrativo “ainda predominará, por longo tempo, como informação gráfica” (LOPES, 2008, p.29).

Como as histórias em quadrinhos, a charge, a caricatura, o cartum, a ilustração nem sempre foram diferenciados entre si, Lopes (2008) constata que, antes das teorias referentes aos aspectos conceituais serem elaboradas, todas as modalidades eram conhecidas somente como caricaturas. Em contraste com essa realidade há, na contemporaneidade, diferenças essenciais entre esses termos. Gurgel (2004, p.4) mostra, no entanto, que existe certa “dificuldade em definir os termos e que muitas vezes eles são utilizados um pelo outro”.

Tal confusão é explicada pela forma generalizada como esses gêneros textuais são vistos, isto é, pelo que há de comum entre esses textos, seus traços básicos: a visualização e o humor

---

<sup>37</sup> <http://artefontedeconhecimento>.

(GURGEL, 2004). Como Gurgel (2004) profere, observam-se dificuldades em definir essas diferentes narrativas de humor, Ramos (2010) atribui a um desconhecimento das características das histórias em quadrinhos e de seus diferentes gêneros. Mesmo assim, antes, torna-se necessário, pois, que se proceda à diferenciação entre esses gêneros textuais, para que se possa imergir na análise do comportamento organizacional do tópico discursivo em sequência de charges.

Como salienta Ramos (2010, p. 16) “ter uma noção clara do que se trata cada gênero contribui muito para uma leitura mais aprofundada e crítica dos quadrinhos”. Salienta-se, neste ponto, que tais gêneros para Ramos (2010) são considerados gêneros dos quadrinhos. Para esse autor “mapear a essência do que define algumas formas de apresentação dos quadrinhos, de modo que se possa entender melhor cada uma delas e, ao mesmo tempo, distinguir uma da outra” evita que um termo seja usado pelo outro, a partir de critérios que ajudem na leitura.

Para Ramos (2010, p. 17) “os quadrinhos [...] gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos em comum com a literatura [...], como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens”, mas, completa esse autor, “cada um(a) à sua maneira”. Ramos (2010, p. 18) traz o posicionamento de Barbieri ao dizer que “os quadrinhos dialogam com recursos da ilustração, da caricatura, da pintura, da fotografia, da parte gráfica, da música e da poesia [...], da narrativa, do teatro e do cinema”.

Infere-se, portanto, que os recursos dos quadrinhos são os elementos da narrativa, e o espaço da ação é contido no interior de um quadrinho, (RAMOS, 2010). Esse autor acrescenta que “o tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em uma única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões, que simulam o discurso direto”.

Em relação ao discurso direto simulado nos quadrinhos, representam aspectos da oralidade que para Ramos (2010, p. 18) “reúnem os principais elementos narrativos, apresentados com auxílio de convenções que formam o que estamos chamando de linguagem dos quadrinhos”. Ressalta-se na visão de Ramos (2010) pontos que mostram o que os quadrinhos são, com base na análise de obras em quadrinhos e de estudos sobre a área, identificam-se algumas tendências (RAMOS, p. 19):

- diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos;

- predomina nas histórias em quadrinhos a sequência ou tipo textual narrativo;
- as histórias podem ter personagens fixos ou não;
- a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, conforme o formato do gênero;
- em muitos casos, o rótulo, o formato, o suporte e o veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, de modo a orientar a percepção do gênero em questão;
- a tendência nos quadrinhos é a de uso de imagens desenhadas, mas ocorrem casos de utilização de fotografias para compor as histórias.

Portanto, Ramos (2010, p. 20) apregoa que Barbieri “definiu histórias em quadrinhos como um grande rótulo que une as características apresentadas [...] utilizadas em maior ou menor grau por uma diversidade de gêneros [...]”. Ramos (2010, p. 20) acrescenta ainda que os diferentes gêneros “teriam em comum o uso da linguagem dos quadrinhos para compor um texto narrativo dentro de um contexto sociolinguístico interacional”. Por essa definição, Ramos (2010, p. 20) diz que a caricatura e a ilustração, “por não constituírem narrativas, não são vistas como gêneros dos quadrinhos”. Então, Ramos (2010, p. 20) expressa que os quadrinhos seriam “um grande rótulo, um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”.

Ramos (2010) salienta que os poucos estudos linguísticos existentes sobre classificar os quadrinhos por gêneros costumam seguir caminho semelhante ao da literatura científica, com maior ou menor profundidade. Para esse autor, é possível identificar pelo menos três comportamentos teóricos (RAMOS, p. 20):

- o que vê os quadrinhos como um grande rótulo que abriga diferentes gêneros;
- o que vincula os gêneros de cunho cômico – charge, cartum, caricatura e tiras (em alguns casos, chamadas de quadrinhos) – num rótulo maior, denominado *humor gráfico* ou *caricatura* (usada neste segundo momento num sentido mais amplo);
- o que aproxima parte dos gêneros, em especial as charges e as tiras cômicas, da linguagem jornalística (linha apoiada no fato de serem textos publicados em jornal).

Ramos (2010, p. 16) salienta que a charge e a tira cômica são “textos unidos pelo humor, mas diferentes no tocante às características de produção”. Para ele a charge “aborda temas do



noticiário e trabalha em geral com figuras reais representadas de forma caricata, como os políticos”, “de certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual” (RAMOS, 2010, p. 21). Já a tira para esse autor “mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias” (RAMOS, 2010, p. 16).

Pelo fato de Ramos (2010, p. 21) seguir a linha teórica que vê os “quadrinhos como um grande rótulo que agrega vários gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantes narrativos” é que para ele os quadrinhos abrigam: os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos<sup>38</sup>.

No caso da charge, essa arte visual, o fundamental é tentar apreender, por exemplo, o contexto histórico em que foi elaborada. Mas, para isso, a charge exige conhecimento para se proceder sua reflexão; para, a partir daí, ser interlocutor da mensagem do artista, vendo mais do que um jogo de linhas, formas e cores.

Lopes (2008) trabalha com a ideia de que a charge é declaradamente desenho, elaborado com traços visuais hiperbólicos. Assim, o desenho que compõe esse gênero textual reproduz, na verdade, uma imagem interpretada pelo artista. Um aspecto importante constitutivo da charge é que, ao contrário da maioria das fotografias jornalísticas, ela não se caracteriza por “transmitir ou gerar efeitos de *realidade*” (LOPES, 2008, p. 48). O próprio aspecto constitutivo das charges, como desenhos, não permite esse tipo de perspectiva.

Sendo a charge limitada temporalmente, ela apresenta certa vida útil, isto é, como sempre se refere a um assunto vigente, quando o fato que a gerou é esquecido ela perde a sua força. Obviamente há assuntos que podem alimentar uma charge em todas as épocas - com destaque para efeito icônico -, como injustiça social, miséria, preconceito entre outros. O chargista pode usar a caricatura de algum personagem político, celebridade etc. se isso for necessário, mas pode simplesmente lançar mão de bonecos sem feições específicas se tal recurso servir para expressar a opinião.

De modo a caracterizar um pouco melhor o gênero charge, Gurgel (2004, p. 5) assegura que “uma boa charge deve procurar um assunto atual e ir direto onde estão centrados a atenção e o interesse do público leitor”. Ademais, Lopes (2008, p.21) salienta que “a mensagem nela

---

<sup>38</sup> Mais detalhes sobre os gêneros citados, pesquisar em ‘Os diferentes gêneros’, do livro “A leitura dos quadrinhos”, de Ramos (2010).

presente é interpretativa e crítica, sendo que, pelo seu poder de síntese, pode ter às vezes o peso de um editorial”. A charge é, portanto, uma maneira de “comunicação condensada com muitas informações, cujo entendimento depende de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento específico em que se estabelece a relação discursiva entre o produtor e o receptor” (GURGEL, 2004, p. 5).

Há na charge mais do que um simples desenho, há uma crítica político-social que se expressa graficamente a partir de uma visão determinada sobre situações do cotidiano, advindas, principalmente, dos acontecimentos veiculados nos noticiários. Pois, de forma pontual, “o noticiário do dia deve ser a fonte de inspiração do chargista” (LOPES, 2008, p.21), visto que a charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade censurar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas, o que não configura uma regra, apesar desses recursos serem bastante usuais.

Como numa charge o senso de narrativa predomina, seu criador se utiliza de desenhos, balões, onomatopeias, legendas e outros elementos numa cena, em que algo acontece em determinado tempo, que será “resumido ao máximo” (RIOS, 2008, p. 300). Uma notícia que rende páginas e mais páginas em um jornal, “é resumida em uma pequena alegoria, com um ou dois balões, lida e compreendida quase imediatamente”, (RIOS, 2008, p. 300).

Quanto a esse ponto, Ramos (2010) salienta que a linguagem dos quadrinhos possui uma série de recursos auxiliados pelos balões para representar a fala ou o pensamento. Esse recurso gráfico procura recriar, segundo Ramos (2010, p. 33), “um solilóquio, um monólogo ou uma situação de interação conversacional”<sup>39</sup>. Há também o papel das cores nos quadrinhos, por haver “uma série de informações (neles) que são transmitidas por meio de signos plásticos, indicadores de cor”, sugerindo vários sentidos (RAMOS, 2010, p. 84)<sup>40</sup>.

Gurgel (2004, p. 5) ao tratar da charge, diz que essa focaliza “certa realidade, geralmente política, fazendo uma síntese”, e que “somente os que conhecem essa realidade entendem a charge”, já em relação à caricatura, considera que “focaliza um elemento dessa determinada realidade focada pela charge”. Ramos (2010, p. 23) profere que a principal diferença entre charge e cartum é o fato de que este “não estar vinculado a um fato do noticiário”, “no mais,

---

<sup>39</sup> Ramos (2010, p. 33) diz que é comum nas histórias em quadrinhos ver o pensamento de um personagem descrito em palavras ou flagrá-lo falando em voz alta, tendo a si mesmo como interlocutor. O primeiro caso seria um monólogo, não compartilhado com outras pessoas. O segundo, uma situação de solilóquio.

<sup>40</sup> Maiores detalhes em Ramos (2010).

são muito parecidos”. Segundo Gurgel (2004), a charge, diferencia-se dos demais gêneros textuais por fazer crítica a fatos políticos usando o humor.

Em relação ao cartum, Lopes (2008, p. 20), salienta que a sua definição parte da perspectiva de que a sua elaboração tem como premissa “um desenho humorístico, que pode servir de ilustração para algum texto”. Além disso, evidencia que “o cartunista pode recorrer às legendas ou dispensá-las”, dependendo de como pretende atingir o seu objetivo (LOPES, 2008, p. 21). Acrescenta também que se trata de um gênero no qual o seu elaborador pode fazer “críticas de costumes”, mesmo pautado numa narrativa humorística (LOPES, 2008, p. 20). Nesse caso, as críticas de costumes são igualmente atribuídas como sendo característica primordial da charge (LOPES, 2008).

Segundo Gurgel (2004, p. 5), na perspectiva do cartunista Chico Caruso “o cartum seria como uma máquina fotográfica focada no infinito; por focar uma realidade genérica sua possibilidade de compreensão é muito maior”. Ramos (2010, p. 24) acrescenta que “em apenas um quadro, o cartum consegue sintetizar uma sequência entre um antes e um depois, elementos mínimos da estrutura narrativa”. Observa ainda que o humor “advém de uma situação corriqueira [...]”, e não de “um assunto do noticiário jornalístico”.

A caricatura é, para Lopes (2008), “qualquer desenho que acentue, propositadamente, as características marcantes de um rosto”. Entretanto, acrescenta o autor, “a caricatura nem sempre é um desenho humorístico” (LOPES, 2008, p.19). Por sua vez, Gurgel (2004, p. 3) salienta que na caricatura existe o que se costuma chamar de “portrait-charge”, ou seja, caricatura de pessoas, enquanto a charge é basicamente política, o cartum, com ou sem palavras, isolado ou em sequência, costuma sempre transmitir uma piada.

Tanto Gurgel (2004, p. 4) quanto Lopes (2008, p. 20) definem a caricatura como “uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc.”. Partindo dessa visão, não só a própria caricatura, como também a charge, o cartum, o desenho de humor, a tira e a história em quadrinhos são subdivisões da caricatura, tomadas a partir da conceituação mais particularizada entre esses termos.

De forma resumida, considerando a função que cada uma dessas modalidades desempenha, pode-se afirmar que a caricatura indica um exagero proposital nas características marcantes de um indivíduo. O cartum, além de criticar costumes de uma sociedade, é atemporal. Já a charge

além de fazer crítica a um personagem, frisa um fato ou um acontecimento político específico, nela há limitação temporal. Dessa forma, Lopes diz que

caricaturistas, chargistas, ilustradores desempenham funções *relevantes*, [...]. Assinam espaços valorizados nos diários e nas revistas, preferidos que são por leitores que privilegiam o humor, a opinião política ilustrada, o desenho que facilita a compreensão dos fatos (LOPES, 2008, p. 36).

Em qualquer que seja o gênero textual tratado: histórias em quadrinhos, charge, caricatura, cartum, ilustração, seus produtores parecem provocar os leitores à reflexão sobre fatos e personagens do mundo, uma vez que desnudam aquilo que está oculto por trás desses acontecimentos. É possível que um dos objetivos seja persuadir e influenciar ideologicamente o imaginário do interlocutor. Mas, no fundo, há possibilidade que esses gêneros textuais tendem a fazer crer na capacidade de não assujeitamento<sup>41</sup> dos indivíduos às restrições impostas pelos valores convencionais, a despeito das pressões institucionais a que os sujeitos estão expostos. Logo, tanto a charge quanto os outros gêneros aqui tratados parecem se mostrar como um forte instrumento de transformação, que transmite múltiplas informações de forma condensada, facilitando a leitura.

### **2.3 A multimodalidade percebida no gênero charge**

Para a teoria da multimodalidade, o texto multimodal é aquele cujo significado se realiza por mais de um código (FERRAZ, 2008). Detendo-se em tal perspectiva o texto chargístico encaixa nessa teoria por nele estarem reproduzidas as linguagens verbal e não verbal. Em relação à produção chargística, Marcuschi (2008) adota a perspectiva de que em uma sequência de imagens, em que elementos linguísticos e não linguísticos interagem para produzir os efeitos desejados, joga-se com aspectos referenciais e com conhecimentos prévios de seu interlocutor.

Absorver as múltiplas linguagens do mundo moderno exige preparação, mas não é algo impossível de se realizar, pois a capacidade do homem em articular conhecimentos e absorver novas formas de mensagens é que o leva a uma interpretação plausível, além de desenvolver a

---

<sup>41</sup> Esse não assujeitamento é proposto por Koch (2003, p. 125).

sua capacidade de organizar o pensamento, de aprofundar o seu conhecimento, e com isso transmitir ideias, informações e opiniões.

Como a interação entre os indivíduos e o meio social é mediada pela linguagem, considerando-se que nela encontram-se inúmeras formas e realizações, é que, em dias atuais, esta multiplicidade de linguagens pode ser percebida atentando-se para as diversas maneiras de apresentação de um texto. Dessa forma, como a linguagem do mundo atual privilegia modalidades diferentes da escrita, a multimodalidade nesta pesquisa se torna apropriada. Pois um texto, no qual predomina uma única linguagem, não atende mais às novas necessidades da sociedade atual, que, na visão de Ferraz (2008, p. 3), “um texto pede maior quantidade de informação em frases de tamanho reduzido”.

Em relação às linguagens que perpassam a interação entre os indivíduos remete-se à língua originada da fala e manifestada pelos canais sonoro da fala, gráfico da escrita, visual da aparência, dos gestos, do olhar, do sorriso, da postura, da imagem, da cor, entre outros. Assim, têm-se as linguagens verbal e não verbal que se complementam por meio da linguagem dos quadrinhos (RAMOS, 2010).

Como a charge é um gênero multimodal e pertence ao gênero dos quadrinhos há, segundo Ramos (2010, p. 74), também representação visual dos “elementos paralinguísticos da conversação, nome dado aos aspectos não verbais presentes no ambiente em que a fala é produzida. Os signos visuais permitem que o leitor observe os gestos e as expressões do corpo dos personagens”.

Nesta pesquisa, como o gênero tratado não está restrito somente ao uso da linguagem verbal, observa-se a necessidade de analisar a interação dessas linguagens para se apreender os assuntos que o perpassam. Além de buscar conjugar e dar à devida importância às diversas linguagens, como também objetiva dar sentido a sua produção.

Na charge, como as estratégias de representação da oralidade simulam a estrutura de uma conversa natural, os balões “seriam uma representação dos turnos conversacionais”, (RAMOS, 2010, p. 63), a fala representada pela linguagem verbal e a imagem representada pelo elemento paralinguístico.

Dessa forma, a linguagem é considerada como um ato de comunicação, por ser a capacidade humana de articular significados, promovendo uma ação individual na interpretação, dando

sentido à charge que, segundo Marcuschi (2008, p. 95), possui vários aspectos curiosos como não ter “orações sequenciadas”, não se restringir “apenas ao uso da linguagem articulada” e servir-se “de um sistema semiótico diferente do que o linguístico”, portanto, “trata-se de um gênero *multimodal*”.

Assim, como o texto multimodal é composto pelas linguagens verbal e não verbal, observa-se a necessidade de se estudar a interação dessas linguagens, pois cada vez mais os textos multimodais são apresentados à sociedade. Muito se sabe sobre o processamento de textos verbais, mas sobre a leitura, por exemplo, de uma charge - que abrange as características de um texto multimodal -, é algo que a cada dia está sendo estudada e interpretada.

Partindo dessa premissa, tem-se na elaboração do texto chargístico múltiplas informações condensadas. Nesse sentido, na elaboração de seu texto não entram somente fenômenos estritamente linguísticos. Apesar de as estratégias que envolvem a elaboração de um texto serem relevantes, para Marcuschi (2008, p. 94) “um texto só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte”.

Reportando-se novamente a Marcuschi (2008, p. 94) que diz que “um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte”, cabendo a esse leitor compreender/interpretar o verbal, e o não verbal com o objetivo de uma apreensão que vai além do superficial, lendo nas entrelinhas. Essa leitura é possível por meio dos conhecimentos de mundo acumulados no dia a dia desse leitor, sabendo dos fatos sociais que o cercam.

A linguagem utilizada no texto chargístico é sintetizada, apresentando-se por meio da combinação de imagens com pouco texto escrito. No caso das charges que se utiliza somente a linguagem não verbal, percebe-se com clareza que nesse texto há unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente, do ponto de vista da ação que produz uma comunicação efetiva entre os interlocutores.

Dessa forma, a linguagem é considerada como um ato de comunicação, por ser a capacidade humana de articular significados, promovendo uma ação individual na interpretação, dando sentido à charge que, segundo Marcuschi (2008, p. 95), possui vários aspectos curiosos como não ter “orações sequenciadas”, não se restringir “apenas ao uso da linguagem articulada” e servir-se “de um sistema semiótico diferente do que o linguístico”, portanto, “trata-se de um gênero *multimodal*”.

Neste trabalho, como se escolheu abordar o texto chargístico, em que há a combinação das linguagens verbal e não verbal no seu contexto de uso, será também necessário considerar a maneira como a linguagem não verbal provoca significação. Por ser esse gênero composto também de imagem que remete a algo referente a um momento sócio-histórico, provocando interpretações, é que será pertinente trabalhar com base na visão de Joly (2010, p.29), que constata que “um signo só é ‘signo’ se ‘exprimir idéias’ e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem uma atitude interpretativa”. Partindo dessa perspectiva, pode-se afirmar que tudo pode ser signo, uma vez que, ao sermos seres socializados, aprendemos a interpretar o mundo ao nosso redor seja ele natural, seja cultural.

Em decorrência da imagem chargística, salienta-se que, neste trabalho, não se almeja discorrer sobre as origens da semiótica, entretanto, são necessários alguns apontamentos, especialmente para melhor se compreender o que é uma imagem, ou “o que ‘diz’ uma imagem e, sobretudo, *como o diz*”, segundo Joly (2010, p.32). Para tanto, a imagem é observada “sob o ângulo da significação e não, por exemplo, da emoção ou do prazer estético” (JOLY, 2010, p.28).

É nesse aspecto que se pretende trabalhar o sentido de imagem nesta pesquisa, porque o *corpus* aqui explorado se refere às charges veiculadas num importante jornal capixaba durante o período de campanha política. No geral, pode-se dizer que as charges “são consideradas prevalentemente de cunho *político*” (LOPES, 2008, p.43). Isso implica afirmar que o enfoque dessas charges englobam, acima de tudo, aspectos que estão direta ou indiretamente atrelados a um profundo teor de reflexão político-social, como a atitude do eleitor com relação aos candidatos. O chargista procura despertar no eleitor que a responsabilidade está com ele na escolha do político, por estar em suas mãos o poder dessa escolha – o voto. Dessa maneira, além de mostrar a fórmula de se optar pelo melhor candidato, de certa forma também está direcionando o eleitor para a questão social, pois depende de políticos responsáveis e atuantes a implementação de políticas públicas para amenizar as diferenças sociais. Assim, espera-se que em parte se solucione a questão da violência que tanto aflige a sociedade.

Joly (2010), ao discorrer sobre a heterogeneidade da imagem, auxilia a enquadrá-la no conceito de imagem chargística, mesmo que a charge seja constituída de linguagem verbal-icônica. Dessa forma,

o primeiro princípio essencial é provavelmente, a nosso ver, que o que se chama “imagem” é *heterogêneo*. Isto é, reúne e coordena dentro de um quadro (ou limite) diferentes categorias de signos: “imagens” no sentido teórico do termo (*signos icônicos, analógicos*), mas também *signos plásticos*

(cores, formas, composição interna, textura) e a maior parte do tempo também *signos* linguísticos (linguagem verbal). É sua relação, sua interação, que produz o sentido que aprendemos a decifrar mais ou menos conscientemente e que uma observação mais sistemática vai ajudar a compreender melhor (JOLY, 2010, p. 38).

Para esta autora, a imagem é percebida como representação, implicando dizer que não há regras para a sua construção. A autora assevera que “se essas representações são compreendidas por outras pessoas além das que as fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural” (JOLY, 2010, p.40).

Nesse ponto, ao tratar da mensagem linguística, concorda-se que ela seja determinante na interpretação da imagem em seu conjunto, porque essa poderia produzir muitas significações diferentes que a mensagem linguística canalizaria. Com isso, Joly (2010, p. 109) conclui que a imagem é polissêmica “porque veicula grande número de informações, como qualquer enunciado um pouco longo”. Quanto à interpretação da imagem, a autora afirma que

ela pode se orientar diferentemente segundo esteja ou não em relação com uma mensagem linguística e segundo a maneira como essa mensagem, se é que há mensagem linguística, corresponde ou não à expectativa do espectador (JOLY, 2010, p. 109).

De acordo com Roland Barthes (apud JOLY, 2010, p. 109, 110), o texto acoplado à imagem tem uma função de ancoragem ou de revezamento. Ancoragem quando o texto interage com a imagem, indicando um “nível correto de leitura”. Revezamento quando imagem e palavras se tornam elementos complementares, assumindo o texto a função de enunciar aquilo que a imagem dificilmente conseguiria expor. A partir da problemática da interação e da complementaridade, sempre com base na teoria de Barthes, Joly reconhece a especificidade de cada linguagem – a da imagem e a das palavras – mostrando, ao mesmo tempo, que elas se complementam, que uma precisa da outra para funcionar, para ser eficaz. O que corresponde dizer que “a complementaridade das imagens e das palavras também reside no fato de que se alimentam umas das outras” (JOLY, 2010, p.121).

A charge, conforme definiu Lopes (2008), é um texto sincrético que compartilha duas linguagens, a imagética e a textual. Explicitada dessa forma, a charge ganha nova projeção, enquadrando-se perfeitamente no conceito de complementaridade, uma vez que a significação só se estabelece quando há a inter-relação entre a imagem e o texto. Assim, todo significado de sentido que a compõe precisa dessa complementaridade para poder construir o seu



processo de textualização. A charge, portanto, corresponde a um texto que se constrói mediante a articulação da linguagem sincrética num mecanismo coesivo e de inferência, podendo ser sintetizada num único quadro. Ramos (2010, p. 149) trata, nesse caso, que “o antes e o depois da narrativa ficam condensados no mesmo quadrinho”, chamando-o de recurso de *redução*<sup>42</sup>.

Sobretudo, o que se analisa nesta pesquisa não é propriamente o humor construído a partir do que é dito, mas o que se apreende de tal artifício para perceber se o que está sendo dito e mostrado numa charge pertence ao período de campanha eleitoral. Dá-se atenção a todos os aspectos que envolvem a elaboração desse gênero multimodal, porém sem aprofundar na questão da imagem, buscando em cada uma delas apenas o tópico abordado pelo artista. Para isso é preciso buscar uma contextualização.

---

<sup>42</sup> Grifo de Ramos (2010).

## Capítulo III

### Explorando o *Corpus* de análise

#### 3. Natureza do *corpus* e método de análise

O conjunto de charges escolhido para análise foi publicado no jornal *A Gazeta*, entre março e outubro de 2006. O recorte temporal demarca, especificamente, o período de campanha eleitoral, evento que mobilizou grande atenção do criador das charges, que retratou várias polêmicas e episódios relevantes acerca dessa disputa. A composição do *corpus* será analisada, portanto, de modo a descrever a organização tópica através das estratégias que o chargista Amarildo usou para respeitar um quadro sequencial que varia tematicamente, ora dando enfoque ao contexto local, ora aos acontecimentos relativos ao contexto nacional e internacional.

A etapa eleitoral do ano de 2006 foi selecionada dentre campanhas políticas anteriores, em decorrência da particularidade no Espírito Santo, pois, no primeiro momento, pode-se citar a relevância adquirida pelo Estado, nesse momento, no âmbito do cenário nacional, por conta do forte incremento no setor econômico, providenciado pelo incentivo à instalação de empresas e indústrias de grande porte na região, além do crescente processo de urbanização que atingiu suas principais cidades (BITTENCOURT, 2006). Tal condição, de caráter econômico-social, tem colaborado para a progressiva visibilidade espírito-santense.

Outra explicação que se pretende acrescentar a justificativa da pesquisa diz respeito aos motivos que levaram a escolha do suporte<sup>43</sup>, centrado na mídia impressa *A Gazeta*. No período de campanha política, o chargista tratou o tema da eleição publicando uma sequência de charges com diferentes abordagens sobre esse assunto e outros que fizeram parte do cenário estadual, nacional e internacional.

---

<sup>43</sup> Ver sobre suporte na página 78, desta dissertação.

A outra particularidade que caracterizou as eleições ocorridas, em 2006, reside na conjuntura da primeira reeleição instituída, no Espírito Santo, para governador. Até então, todos os mandatos, desde a instauração da República, quando os Presidentes de Província foram substituídos pelos Presidentes de Estado, haviam sofrido sucessão sem repetição imediata de liderança, com exceção do período em que a administração estadual ficou sob a responsabilidade dos Interventores e das Juntas Governativas, à época de Getúlio Vargas na presidência federal. Findada esta etapa, retornaram aos palcos políticos os eletivos Governadores do Estado que, desde 1947, mantiveram-se enquadrados no modelo democrático brasileiro, que não permitia a extensão de mandatos.

No entanto, a partir de uma emenda constitucional aprovada em 1997, a reeleição tornou-se uma possibilidade consentida por lei. A delimitação cronológica desta pesquisa é sustentada, principalmente, por essas duas especificidades, que terminam por vincular a sua temporalidade às edições do jornal *A Gazeta*, publicadas no intervalo de março de 2006 a outubro do mesmo ano, quando as atividades publicitárias e os debates de campanha foram encerrados.

### **3.1 Corpus**

O *corpus* desta dissertação é composto de 206 charges publicadas diariamente no jornal *A Gazeta*, no intervalo de sete meses, a contar do dia 12 de março ao dia 1º de outubro de 2006, período que compreende as atividades em torno da campanha eleitoral. O processo de seleção e organização primária das charges respeitou ao período político em âmbito nacional, incluindo fatos que dividiram espaço na imprensa tanto falada quanto escrita, elencando-as sequencialmente. Em seguida, destacaram-se 39 charges que descrevem o período de campanha política, no Espírito Santo.

Um breve histórico da imprensa no Estado se torna necessário para se chegar ao jornal *A Gazeta*, suporte das produções chargísticas que servem de *corpus* para esta pesquisa. No Espírito Santo, de acordo com Gabriel Bittencourt (1998), a imprensa só se instalou em terras capixabas 32 anos após a criação da *Imprensa Régia*, no Rio de Janeiro, em 1808, com a publicação do primeiro jornal do Espírito Santo, chamado *O Estafeta*, surgido a partir de um

contrato com o Executivo capixaba, que previa a concessão por um período de dez anos para que esse jornal pudesse publicar os atos oficiais. Segundo Bittencourt, da última década do século XIX até a década de 1920, foram registrados 484 títulos, na Capital e no interior, dentre estes o jornal *A Gazeta*, que começou a circular em 11 de setembro de 1928.

Inicialmente, foi fundado como um instrumento impulsionador do setor imobiliário nas regiões circundantes da Ilha de Vitória, projeto que não tardou a falhar, sendo logo transferidas as suas intenções, quando passou a ser reconhecido como “Diário Matutino Independente e Noticioso”. O termo independente, nesse caso, detinha um claro propósito de distinção, já que se distanciava de outros meios de comunicação sustentados pelos políticos oficialmente no poder.

De larga abrangência, *A Gazeta* circulou diariamente pela maior parte dos municípios espírito-santenses, desde sua inauguração, alcançando algumas áreas de Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, fator que indica que tal empreendimento jornalístico logo se estabilizou, constituindo-se como um importante veículo de comunicação de massa.

Dentre suplementos, colunas e inovações no formato, o jornal *A Gazeta* passou a publicar charges, integrando esse gênero textual permanentemente nas suas edições, encontrada na seção de “Opinião”. O precursor dessa modalidade no Estado foi o chargista Amarildo Lima que, há 25 anos, produz caricaturas cotidianas para *A Gazeta*. A charge, nesse veículo de comunicação, passou a funcionar esquematicamente como um aparato verbal e imagético que aborda temas em voga no mundo, no país e no Estado.

De modo particular, as charges que compõem esta dissertação acumulam uma diversidade imensa de eventos, devido também ao longo período que arremata a temática da campanha eleitoral. Dentre os mais comuns estão Copa do Mundo; denúncias de corrupção no Congresso Nacional; crise deflagrada pelo Primeiro Comando da Capital, em São Paulo (PCC); Eleição para Presidência da República, para Deputado Federal e Estadual e para Governador do Estado, entre outros assuntos, cada um com especificidades em seu modo constitutivo.

Todas as charges foram publicadas na seção de Opinião desse jornal, somente duas foram publicadas em outras seções, como a de nº 119, com data de 07/07/2006, intitulada “Zidane melhor jogador”, publicada no Caderno Especial do referido jornal; e a de nº 138, que foi publicada na capa de *A Gazeta*, em 26/7/2006, intitulada “Clima quente na final”.

A exemplo das charges que serão analisadas, elas são caracterizadas por serem um texto visual humorístico e opinativo, que criticam um personagem ou fato político específico. Em sua constituição, o chargista baseia-se na remissão a um universo textual geralmente dado pelo próprio jornal. As charges, assim, mantêm relações intertextuais com textos verbais, não verbais, verbais e não verbais conjuntamente.

Dessa forma, o chargista pode usar a caricatura de algum personagem político se isso for necessário, como pode produzir desenhos sem feições específicas se tal recurso servir para expressar o que pretende passar para os seus leitores. No caso do chargista Amarildo pode-se perceber que, na maioria de suas produções, o que mais prevalece são as caricaturas de personagens aos quais quer se referir.

Com base nas reflexões a respeito de tópico discursivo, cada charge, que equivale às cenas traçadas numa só produção, resultando em um evento, é considerada como um segmento tópico (frase-segmento). Por sua vez, cada frase-segmento corresponde a um episódio de um evento maior, que em nível vertical vai ser constituído sequencialmente de subtópicos, quadros tópicos e supertópico.

Em relação ao léxico utilizado nas charges do *corpus* deste estudo, é preservada a ortografia oficial e nivelada a linguagem pelo padrão jornalístico, que se realiza no respeito às principais regras gramaticais, utilizando um vocabulário simples, simulando a estrutura de uma interação conversacional.

### **3.2 Considerações interpretativas e analíticas da obra de Amarildo**

Amarildo, chargista<sup>44</sup>, nascido em 17/06/62, na cidade de Baixo Guandu, ES, bacharelou em Artes Plásticas pela Universidade Federal do ES. Pós-Graduado em MBA - Gestão em Empresas de Mídia pela UVV. Sua trajetória não parou, formou-se em Ilustração Editorial e Infografia na Desktop Publishing – SP; Modelagem e animação 3D na Cadritech - São Paulo; 3D Studio Max Básico e Avançado na UPGRAPH e Animação e WebDesign para internet.

---

<sup>44</sup> Informações recebidas de Amarildo por meio de e-mail em 7/9/2011.

Esse artista tem seus trabalhos publicados diariamente em *A Gazeta* há 25 anos, onde atualmente exerce os cargos de Editor de Ilustração e Chargista. Também publica charges no Blog do Noblat do Jornal O Globo, na Revista da Semana da Editora Abril, na revista Veja, na Revista Época, na Revista de cinema Set. Seus desenhos imagéticos vão além, como nas tiras de humor "Moqueca" Capixaba no jornal *A Gazeta*.

No período proposto de estudo, há, nas charges elaboradas por Amarildo, mais do que simples traços que expressam graficamente a sua visão sobre os acontecimentos, percebe-se uma crítica político-social. Esse autor parodia situações ocorridas no período eleitoral de 2006. Dessa forma, há em seu produto final, um gênero comunicativo bastante eficiente em que esse autor busca condensar toda a informação em um pequeno espaço, cujo entendimento depende somente de que o seu interlocutor detenha fatos da contemporaneidade ao momento específico em que se estabelece essa relação de locutor e interlocutor. Os leitores de suas charges têm consciência de que as linguagens verbais e não verbais dialogam entre si e com outros textos externos à charge encontrados no todo do jornal *A Gazeta*, e não somente na página em que ela aparece.

No contexto referente à campanha eleitoral, em que um dos candidatos almeja a reeleição: Lula (Para Presidência da República) e Paulo Hartung (para Governador do Espírito Santo), Amarildo reproduz aquilo que ele apreendeu do momento vivido e/ou presenciado. As ideias para a elaboração de suas charges surgem como um resultado de várias conexões. Utilizando-se da síntese em sua produção, esse autor proporciona um significado amplo nesse contexto político.

É nesse significado vasto que está o discurso pretendido pelo chargista, construído na imagem, contendo toda a sua visão de mundo. Enfim, o discurso é a apropriação da linguagem, e esse chargista, ao dar forma à imagem atribui-lhe significados muito mais expressivos do que aquele conseguido através de um texto jornalístico, pois a mensagem presente na charge é interpretativa e crítica. Alinhada a essa perspectiva, nota-se que Amarildo em suas produções provoca os leitores à procura de reflexão sobre suas escolhas eleitorais.

As 206 charges envolvidas nesta pesquisa se caracterizam pela estreita vinculação com o cenário em que foram produzidas. Amarildo as elaborou utilizando as linguagens que refletiram o momento vivido pelos brasileiros de forma direta ou indireta. Quanto à busca da

interpretação de todos os elementos que as compõem, depende de cada leitor. Cada um lança o olhar em várias direções em busca de pontos que lhe proporcionam significados. Esta é uma leitura que se pode entender como multidirecionada. Quando há a linguagem verbal, a apreensão do sentido depende da associação que esse leitor faz entre a linguagem não verbal e a linguagem verbal, procedendo assim a sua leitura.

A linguagem verbal trabalhada na obra desse chargista tenta reproduzir uma língua informal, isto é, Amarildo ambiciona por parte de seu interlocutor a sensação de que este esteja presenciando o momento da interação entre os personagens de sua charge. Em alguns momentos, tem-se a impressão de que ele quer, além dessa momentaneidade, interagir com o leitor.

Como Amarildo elabora seus desenhos a partir da construção de interditos escolhidos com o objetivo de expressar criticidade perante eventos repercutidos nos meios de comunicação é que os elementos encaixados adquirem uma dimensão pragmática, constituindo-se como um dos recursos pelos quais a atividade discursiva se projeta concretamente na materialidade linguística do texto. Nesse ponto, pretende-se posicionar esta pesquisa nos limites da análise linguística, como um meio para a compreensão do ato verbal e imagético publicado pelo chargista. Assim, “quando não se apercebe das complexidades das relações entre um evento e a matriz em que ele acontece, entre um organismo e o seu meio, o observador depara-se com algo “misterioso” ou é induzido a atribuir ao seu objeto de estudo certas propriedades que o objeto não possui” (WATZLAWICK, 1966, p. 18).

No caso das charges toda a sua construção textual escrita e imagética é intencional. Segundo Reyes (2011, p. 8), “as palavras que usamos constituem quase sempre um esboço, um desenho aproximado, um guia impreciso de acordo com a ocasião, guia que tem a virtude de suscitar certas imagens mentais em nossos interlocutores”. Se os interlocutores dos desenhos produzidos por Amarildo conseguem construir as imagens que aproximam das que Amarildo pretende, avalia-se que houve o compartilhamento de suas ideias.

Dessa maneira, o locutor faz várias inferências até concluir a validade ou a invalidade dessa mensagem. Quanto a isso Reyes diz que

O processo de entender literalmente uma expressão linguística é bastante complicado, sobretudo quando a mensagem, ainda que explícita, é difícil de se decifrar pelo tema, pelo vocabulário, e às vezes, porque não conhecemos suficientemente o emissor nem as circunstâncias em que foi emitido. O

significado convencional das palavras não se faz suficiente (REYES, 2011, p. 9).

Isso fica muito claro em relação à charge desse artista, pois ele se concentra na mensagem que quer passar, constrói a sua imagem e trabalha com essa construção com a preocupação de que seu interlocutor infira e construa uma imagem parecida com a sua. Nessa construção, o significado dado pelo artista/locutor à mensagem está uma parte explícita e outra implícita. Para Reyes (2011), o que está implícito não comporta dizer que não se pretende comunicar. Para essa autora, “o que não é dito, também se comunica” (REYES, 2011, p. 10).

Tanto a mensagem passada de forma explícita quanto à passada de forma implícita contribuem para a produção de argumento, são mensagens compostas de princípios inseridos na maneira apurada de se comunicar. Há necessidade que, nessa maneira de se comunicar, haja clareza - seja num texto oral, seja num texto escrito, seja ainda num desenho. Amarildo produz os seus desenhos com traços claros, formando a sua ideia, com suas escolhas linguísticas completando o texto, tornando-o ainda mais legível para o leitor.

Outro ponto observado nas produções desse autor é a escala de representação das figuras que é frequentemente alterada. Logo, supõe-se que Amarildo pretende dar espaço à hipérbole visual, mediante a qual é exibida a desproporção dos traços, das formas e das cores, de tal forma a facilitar a leitura da linguagem não verbal.

De forma lúdica, Amarildo, por meio de suas charges, dá voz àqueles que têm muito a dizer. Após um período de produção, percebem-se, nitidamente, temas diversificados aflorados parodicamente de notícias veiculadas pela mídia tanto televisiva quanto impressa.

Quanto a esses aspectos para se compreender o verbal, e o não verbal com o objetivo de uma apreensão que vai além do superficial, lendo nas entrelinhas, é que o conhecimento de mundo acumulado no dia a dia do leitor, sabendo dos fatos sociais que o cercam levará ao entendimento de cada charge.

Como cada leitor traz conhecimentos de mundo diferentes, a apreensão de uma produção chargística requer muito cuidado. Procurar compreender como se dá a leitura e a compreensão desse texto multimodal, em que há a influência de aspectos não verbais na leitura de textos verbais - podendo se expandir em muitas leituras, com interpretações que podem variar -, é que a interpretação do evento representado pela charge deve levar em consideração o personagem em questão, o cargo exercido, a posição social que se encontra, o espaço



geográfico, o espaço temporal, a ação exercida por esse personagem no contexto, a situação que provoca o humor, como também os aspectos linguísticos, os aspectos sociais, os aspectos cognitivos etc. Dessa forma, procurar-se-á evitar muitos imprevistos na interpretação de cada charge envolvida desta pesquisa, trazendo na leitura de cada uma, que envolve o período de pesquisa: campanha eleitoral 2006, o momento histórico em que os fatos ocorreram.

### **3.3 Metodologia de análise**

Como se objetiva analisar o comportamento organizacional do tópico discursivo nas charges no período eleitoral é vista a noção de “Tópico Discursivo” com base teórica em Koch et al. ([1989] 1996), Jubran ET al. ([1992] 2002), Koch ([1993] 2007), Jubran (2006). Assim, vendo o tópico discursivo a partir dos princípios de centralização e de organicidade, a sequência de charges pode ser observada levando-se em conta a progressão tópica instaurada por itens verbais e não verbais.

Para tratar do texto e sua inserção situacional e sociocultural abordam-se os estudos de Koch (2003) e de Marcuschi (2006/2008). Para a descrição de gênero utilizam-se as definições de gênero textual na perspectiva de Marcuschi (2008) e a noção de suporte e de multimodalidade cunhadas por Marcuschi (2008). Além disso, evidenciam-se a noção de charge de Gurgel (2004), de Lopes (2008), de Rios (2008), de Quadros (2008) e de Ramos (2010).

Para entender melhor o tópico discursivo no gênero textual proposto para análise nesta pesquisa, buscam-se trabalhos de autores que analisaram o tópico discursivo em outros gêneros textuais, tais como Marcuschi (2006), Koch e Penna (2006), Pinheiro (2006), Bentes e Rio (2006), especialmente Lins (2006-2008).

Os trabalhos desenvolvidos nesta área ainda não abordaram o gênero charge pela perspectiva da organização do “Tópico Discursivo”. O estudo que mais se aproxima da proposta desta pesquisa é produzido por Lins (2006/2008), que inovou a teoria do tópico discursivo ao aplicá-la no estudo das sequências de tiras diárias de quadrinhos.

Como a charge é produzida obedecendo praticamente à mesma periodicidade das tirinhas, partindo, quase sempre, do tema em destaque nos noticiários do dia anterior, é possível traçar um paralelo na sequência das charges e das tiras em quadrinhos. Assim como no gênero

textual analisado por Lins, pretende-se verificar se as charges também são atravessadas por inserções e mudanças de assuntos que promovem continuidades e descontinuidades em sua organização global. É nesse possível continuum e descontínuum que se pretende verificar o tópico discursivo. Além disso, pretende-se observar quais pontos são mais proeminentes e mais expostos no período eleitoral.

A pesquisa é apoiada igualmente no princípio da centração tópica e na definição do limite de tópicos, presentes na perspectiva funcionalista do discurso, para desenvolver a análise da sequência. Ao passo que a centração significa o *falar-se de alguma coisa*<sup>45</sup>, o limite de tópicos define sua distribuição em segmentos sucessivos. Ao enveredar por esse caminho, é possível detectar a fronteira que demarca cada tópico distribuído nos segmentos contínuos. O princípio de centração leva a percepção de que a organização tópica se faz em dois planos: o hierárquico e o linear. Esses dois planos estão ligados entre si na edificação do discurso, pois o primeiro corresponde à abrangência do assunto, e o segundo, à linha discursiva. Por se tratar de uma categoria discursiva, o tópico aparece, neste estudo, inscrito numa abordagem semântico-discursiva, por se organizar nesses dois planos discursivos.

A partir do princípio da centração é possível analisar não só a manutenção do tema, como também sua relevância, de modo a definir a sua extensão, observando as marcas que delineiam o início, a permanência, a mudança e o fim de cada tópico.

Para examinar como o tópico discursivo comporta-se e organiza-se no gênero charge é necessário tomar de empréstimo o modelo metodológico formulado a partir da descrição de um diálogo do Projeto NURC. O esquema consiste em: 1) identificar e delimitar unidades tópicas; 2) caracterizar as relações de interdependência hierárquica e sequencial (linear) entre elas; e 3) detectar traços reveladores da estrutura interna das unidades tópicas (JUBRAN et al., ([1992] 2002).

Como Lins (2008) ao usar esse modelo ajudou a definir padrões mais amplos de análise acerca do tópico discursivo em um *corpus* ímpar é que o diálogo constante com essa autora faz-se imprescindível devido à própria especificidade do discurso presente na charge. Ao aplicar o modelo na organização do tópico discursivo em tirinhas, Lins (2008) contribuiu para fundamentar a análise sobre a combinação entre os elementos linguísticos e visuais, característicos também do discurso chargístico.

---

<sup>45</sup> Lins, 2008.

Pautando pelo princípio de que a charge é elaborada de acordo com os acontecimentos do dia a dia, e de que seus leitores precisam acumular conhecimentos de notícias do cotidiano para refletirem sobre o tema tratado, os quais são detectáveis somente quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação é que se torna pertinente observar o processo constitutivo da charge, procurando detectar o tema que se encontra dissolvido entre as linguagens que perpassam esse gênero textual. Isso porque o sentido, nas charges, é construído através do nível semântico pela significação das palavras e dos enunciados e da associação de palavras e imagens em cada charge.

Para se proceder à análise de cada charge a fim de se verificar o comportamento organizacional do tópico discursivo em sequência de charges é que se deve imergir no universo vivido pelo criador das charges. Há a preocupação de trazer temas que se destacam em seu momento histórico. Dessa maneira, a charge é elaborada de modo que seu leitor possa caminhar em direção as suas intenções. Com isso, o chargista, a partir da leitura que faz de seu mundo, posiciona-se na construção da imagem com a finalidade de recortar o registro visual para comunicar sua mensagem, que indica o quanto a imagem mostra da cena representada, segundo Saliba (2002).

Para estabelecer o sentido de qualquer que seja o texto é necessário não só o conhecimento de mundo como também o enciclopédico, permitindo, com isso, a realização de processos cruciais para a sua compreensão. É esse conhecimento de mundo que favorece aos usuários, independente do texto, a construção de um sentido textual. Koch (1999) enfatiza a ideia de que é nesse universo textual que as crenças sobre os mundos possíveis se ligam, o que é determinado pelo modo como o interlocutor vê o texto, se ele se refere ao mundo real ou ficcional. Será essa a influência decisiva que fará o leitor considerá-lo como coerente ou não, fato relevante em uma charge.

Ao realizar uma leitura da produção da charge nota-se o quanto os episódios polêmicos figuram como os mais retratados em meio a uma plêiade de notícias diárias. Essa informação indica que o processo de elaboração é feito a partir de recortes que moldam a produção do enunciador. Nesse ponto, recorre-se à teoria da pragmática, que reforça a prerrogativa de que produção e interpretação dependem de suposições mútuas, compartilhadas. Para entender torna-se necessário, como propõe Lins (2008, p.35), “refletir sobre a dimensão dos modelos compartilhados dos falantes e os sistemas de crenças que afetam o que é dito”.

Em consequência da formação da imagem, o usuário da língua é, em determinada situação, incorporado ao cenário conversacional; na charge, esse cenário conversacional incorpora-se ao contexto no qual ela é produzida. Caso o usuário não esteja nessa determinada situação ou não procure informações que o possam levar ao conhecimento dos fatos ele não entende o significado da imagem. Em outras palavras, sem conhecer o contexto não há entendimento da mensagem.

Em relação ao contexto sociocognitivo que envolve os interlocutores, Koch (2002, p.24) esclarece que “ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal”. Quanto a essa perspectiva, a autora explica que, para que haja o intercâmbio entre os conhecimentos armazenados, é preciso o conhecimento linguístico, o conhecimento da situação comunicativa, o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura, entre outros. Para a autora a mobilização desses conhecimentos por ocasião do procedimento textual realiza-se por meio de “estratégias de diversas ordens: cognitiva [...]; sociointeracionais [...]; textuais [...]” (KOCH, 2002, p. 24).

Por esse meio, o trabalho de análise das charges é facilitado nos aspectos referentes ao contexto compartilhado com os “recursos para contextualizar a escrita” (KOCH, 2002, p. 32), pois eles facilitam a compreensão do leitor para aquilo que o chargista pretende transmitir. A metodologia adotada para a realização da pesquisa se configura nos termos desenvolvidos pelo método bibliográfico, o qual define que todo o trabalho é produzido a partir de autores que estudam a teoria de tópico discursivo e que dão apoio e estrutura na análise de cada charge.

Por não haver muitos estudos nesse tipo de abordagem, com vistas a funcionar como instrumento de análise na investigação acerca do tópico discursivo no gênero charge, implica em uma série de exigências e cuidados em sua aplicação, pois, o presente trabalho envolve o texto escrito, com intenção de ser proferido no momento da suposta interação conversacional, só que em charges.

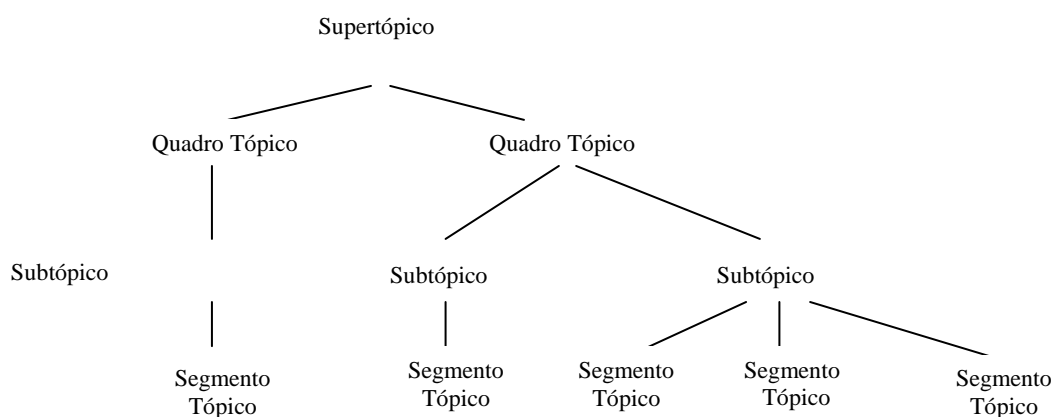
Outro ponto importante neste estudo é o de explorar os contextualizadores que aparecem nas charges. Numa produção textual os contextualizadores são os sinais verbais e não verbais utilizados tanto por falantes quanto por ouvintes que dão pistas de contextualização na

interação conversacional, objetivando as pressuposições que levam ao acesso pretendido na argumentação e também ao prolongamento do envolvimento entre os interlocutores.

Tais pistas de contextualização se ampliam para a produção escrita. Nesse tipo de texto, os escritores exploram toda uma escala de recursos para contextualizar a escrita, modalizando-a, como por exemplo, as aspas, para determinar ironia, distanciamento crítico; o uso de sinais de exclamação, para veicular ênfase; o uso de recursos gráficos, para distinguir tipos de conteúdo. Além desses recursos há a seleção lexical, o uso de dadas formas de tratamento e assim por diante como pistas importantes para a captação do sentido pretendido pelo produtor do texto. Cabe acrescentar os recursos gráficos, como o tipo de letra, os travessões, os parênteses, os destaques em itálico ou em negrito, entre outros que também podem ser encontrados em algumas charges do *corpus*.

Até agora, tratou-se especialmente dos aportes teóricos e metodológicos relativos à análise textual das charges, ainda que imbricada, certamente, à imagem. Contudo, também são utilizadas referências dedicadas exclusivamente à análise imagética, já que o *corpus* inclui charges que apresentam apenas traços desenhados, sem nenhuma referência verbal. Por consequência, pretende-se analisar as charges a partir da busca de significados até chegar à sua interpretação. Esse, na verdade, é o ponto de partida da organização do material explorado nesta pesquisa. Em outras palavras, é preciso antes analisar a composição das charges para, então, verificar a sua organização tópica. Desse modo, a análise do conteúdo é empregada como técnica fundamental, pois é por meio da organização das charges que se pretende chegar ao comportamento organizacional do tópico discursivo no período proposto para estudo.

Dessa forma, em síntese, o *corpus* escolhido é analisado, primeiramente, com base no princípio da centração, que auxilia na identificação e na rotulação dos segmentos tópicos. Em seguida, parte-se para a estrutura organizacional dentro de uma análise funcionalista. Após tais etapas, analisam-se as charges a partir do conceito de topicalidade, entendida como princípio de organização do discurso, com a elaboração de uma estrutura arbórea proposta por Koch ([1993] 2007). E, por fim, as charges observadas encontram-se na ordem que aparecem no segmento tópico. Grosso modo, a estrutura se apresenta da seguinte forma:



Assim, pretende-se organizar o tópico discursivo que perpassa a charge por meio desse modelo arbóreo. Desse modo, sustenta-se a ideia de que há, no decorrer das charges publicadas diariamente no jornal *A Gazeta*, no intervalo de sete meses, uma continuidade tópica possibilitada pela sequência temática com que o chargista organiza a sua seção cotidiana. Nessa perspectiva, defende-se a noção de que a continuidade tópica, uma vez explicitada na produção chargística do jornal *A Gazeta*, apresenta-se sob uma forma descontínua, o que não impede que se estabeleça uma sequência, estimulada por recursos verbais e não verbais, que desencadeiam outras possibilidades de produção de sentido.

Como a análise tópica desenvolve-se somente após a segmentação linear do *corpus* selecionado e a construção da pirâmide<sup>46</sup> tópica é que se procede a análise do comportamento organizacional do tópico discursivo no gênero textual ‘charge’, do artista Amarildo. Em sua segmentação linear, são trabalhadas 206 charges. A partir desse ponto, é vista a organização hierárquica que envolve os segmentos tópicos, seguindo os subtópicos, os quadros tópicos, e por fim, o supertópico, dentro do recorte temporal de sete meses.

Com a intenção de verificar como o tópico é organizado no período proposto de publicação, partindo do objeto temático da campanha eleitoral 2006, são selecionadas das 206 charges somente as que tratam desse tema. Ressalta-se que, quando se tratar de campanha para governador, aborda-se somente campanha eleitoral para governador do Espírito Santo por ser esse o ponto relevante na pesquisa. Para tal seleção se procede a uma análise que, segundo Koch (2002, p. 48), deve ser feita com base em “três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional”. Realizar esse tratamento exige, por conseguinte,

<sup>46</sup> O termo pirâmide é usado para demonstrar o formato do modelo arbóreo sugerido por Koch ([1993] 2007), encontrado na página 21, desta pesquisa.

observar o enunciador na charge, o contexto e o texto caracterizado pelos elementos linguísticos e visuais do gênero em questão, os quais proporcionam uma combinação sequencial conduzindo o leitor à produção de sentidos, formada por intermédio desses referentes expostos na produção por parte do artista.

Para o entendimento dessa arte visual, como se deve antes contextualizá-la, parte-se da perspectiva de Lins (2008) que salienta ser a partir de uma análise do contexto, que leva em conta os comportamentos prévios dos falantes, as afirmações que ele fez anteriormente, como também as inferências que se faz sobre esse falante, em termos de: conhecimentos, crenças; desejos, preferências; atitudes; e sentimentos e emoções, dessa forma, torna-se possível delimitar porções do discurso e organizá-las em termos de combinação temática.

Além desses fatores uma charge necessita que seu leitor tenha conhecimentos prévios para inferir nos traços do artista, no caso desta dissertação, os assuntos abordados por Amarildo são tratados de forma sintetizada seguindo cada charge que faz parte da proposta desta pesquisa: Campanha Eleitoral em 2006. Assim, os assuntos privilegiados pelo chargista além de serem compartilhados pelos interlocutores desse apanhado de charges, podem também acompanhar quais procedimentos foram usados para garimpá-las e separá-las em tópicos afins.

Desse modo, o propósito desta pesquisa é o de observar como se organiza o tópico discursivo em sequência de charges, publicadas no jornal *A Gazeta*. Com o propósito de observar a organização do tópico discursivo na temática “Campanha Eleitoral 2006”, parte-se para o evento maior desse período demarcado para estudo, que corresponde a sete meses com total de 206 publicações de Amarildo. Essas charges estão numeradas em ordem cronológica de publicação, começando na charge número 1, publicada em 12 de março.

Constam na lista cronológica *em negrito* as charges que correspondem ao supertópico proposto para pesquisa: Campanha Eleitoral 2006, isto é, estão destacadas das outras charges. Com isso, pretende-se facilitar para o leitor quando se falar em continuidade, descontinuidade, mudança de tópico, inserção, entre outros.

A princípio, executa-se a organização em tópicos afins a partir da noção de *frame* abordada por Lins (2008)<sup>47</sup>. Essa autora salienta que essa noção é relevante no estudo da organização textual, porque proporciona identificar porções discursivas que podem ser incluídas no

---

<sup>47</sup> A noção de *frame* é tratada nas páginas: 25, 26 e 39, desta pesquisa, a partir do ponto de vista de Lins (2008).

interior de porções maiores ou que devem ser incorporadas a porções de outro *frame*. Assim, considerando-se o evento maior “*Temática do chargista Amarildo*” como um todo, em sua sequência de charges analisadas a fim de serem separadas por assuntos e subassuntos a partir da lista cronológica das charges relacionadas a esse evento, que consta de tabelas sequenciais das charges publicadas em cada mês relativo ao recorte temporal, relacionadas e numeradas da seguinte forma:



**3. 3. 1** Lista cronológica das charges que envolvem à “Temática do charginista Amarildo”, distribuída conforme cada tabela a seguir:

I - Tabela sequencial das charges publicadas no mês de *Março* de 2006.

<b>Charges</b>	<b>Datas</b>
<b>1) “Geraldo Alckmin e José Serra”</b>	<b>12/03</b>
( 2 ) “Motoristas em greve ou incêndio aos ônibus”	13/03
( 3 ) “Hartung, Martinelli, ônibus”	14/03
<b>( 4 ) “Alckmin é escolhido candidato à Presidência da República pelo PSDB”</b>	<b>15/03</b>
( 5 ) “A única pergunta respondida por Duda Mendonça”	16/03
( 6 ) “Greve da Polícia Civil”	17/03
( 7 ) “Insegurança no Estado devido à greve das Polícias Civil e Militar e incêndio a ônibus”	18/03
( 8 ) “Incêndio em ônibus”	19/03
( 9 ) “O problema na segurança dos ônibus”	20/03
( 10 ) “Cadeira Câmara da Serra”	21/03
( 11 ) “Vereadores em casa de massagem”	22/03
( 12 ) “A infância de Palocci, caseiro”	23/03
( 13 ) “Caseiro funcionária Caixa Econômica”	24/03
( 14 ) “Lula toca casaca, Palocci dança”	25/03
( 15 ) “Psicanálise Cadeira Serra”	26/03
( 16 ) “Ônibus fogo câmera B”	27/03
( 17 ) “Caseiro derruba Palocci”	28/03
( 18 ) “Palocci, Mantega e Lula caixa”	29/03
( 19 ) “CPI poupa o Presidente Lula”	30/03
( 20 ) “Políticos vão para o espaço no Governo Lula”	31/03
<b>Total</b>	<b>20</b>

*Fonte: Jornal A Gazeta.*

II - Tabela sequencial das charges publicadas no mês de *Abril* de 2006.

<b>Charges</b>	<b>Datas</b>
( 21 ) “Chuva deixa cidades alagadas no Espírito Santo”	01/04
( 22 ) “Lula com a esposa na cama”	02/04
( 23 ) “Dengue culpa político”	03/04
( 24 ) “Seguro de carro para mulher é mais barato”	04/04
( 25 ) “Lula e Geraldo Alckmin”	05/04
( 26 ) “Carequinha chega no céu”	06/04
( 27 ) “No Congresso tudo acaba em pizza”	07/04
( 28 ) “Astronauta pobre come”	08/04
( 29 ) “Como seria a cota na UFES no esporte”	09/04
( 30 ) “Vitória e Botafogo são campeões”	10/04
( 31 ) “Superlotação nas prisões capixabas”	11/04
<b>( 32 ) “Presidente Lula e Geraldo Alckmin na disputa pela Presidência”</b>	<b>12/04</b>
( 33 ) “Situação da superlotação nos presídios do Espírito Santo”	13/04
( 34 ) “Cruz cadeia lotada”	14/04
( 35 ) “Judas mostra Evangelho”	15/04
( 36 ) “Suzane Richthofen mente, mensalão 3”	16/04
( 37 ) “Classificação no Campeonato Brasileiro de Futebol 2006”	17/04
( 38 ) “Caseiro Francenildo Costa, 22 mil”	18/04
( 39 ) “Francenildo falando ao telefone com Palocci”	19/04
( 40 ) “Márcio Thomaz Bastos Justiça”	20/04
( 41 ) “Coser roubado carro”	21/04
( 42 ) “Lula mão suja”	22/04
( 43 ) “Coisas que não se vê”	23/04
( 44 ) “Varig TV fora do ar”	24/04
( 45 ) “Verba de deputados gasta com gasolina daria para ir a Lua duas vezes”	25/04
( 46 ) “Itamar, Garotinho Estatutos”	26/04
( 47 ) “Escolinha para deputados voltarem da Justiça para a Assembleia”	27/04
( 48 ) “Dalai Lama em Lula”	28/04
( 49 ) “Futebol X Estudo Ronaldinho”	29/04
( 50 ) “Violência no Espírito Santo”	30/04
<b>Total</b>	<b>30</b>

*Fonte: Jornal A Gazeta.*

III - Tabela sequencial das charges publicadas no mês de *Mai*o de 2006.

<b>Charges</b>	<b>Datas</b>
<b>( 51 ) “Como o eleitor se sente ao votar”</b>	<b>01/05</b>
( 52 ) “Garotinho faz greve de fome”	02/05
( 53 ) “Lula e Evo Morales em nacionalização do petróleo boliviano”	03/05
( 54 ) “Lula, Evo e o Consumidor”	04/05
( 55 ) “Lula, Evo, Kirchner e Chávez”	05/05
( 56 ) “Legislativo, Executivo e Judiciário”	06/05
( 57 ) “Lula desmoralizado”	07/05
( 58 ) “Lula carro gás telefone3”	08/05
( 59 ) “Aumento do combustível”	09/05
( 60 ) “Presídio de segurança máxima tem acesso à sinal de celular”	10/05
( 61 ) “Garotinho e Silvinho TV”	11/05
( 62 ) “Hugo Chávez, Evo Morales e o poema de Eduardo Alves Costa”	12/05
( 63 ) “Basta Petrobrás”	13/05
( 64 ) “Sanguessuga”	14/05
( 65 ) “Gás conversão e desconversão”	15/05
( 66 ) “Mortes em São Paulo e convocação da Seleção”	16/05
( 67 ) “Presidiários usam celular para encomendar assassinatos”	17/05
( 68 ) “Bandido nervoso com a conta de celular”	18/05
( 69 ) “Secretaria de Justiça pede bloqueio de celular nos presídios”	19/05
( 70 ) “Operadora bloqueia sinal de celular em zona de risco”	20/05
( 71 ) “Violência fecundação pobre”	21/05
( 72 ) “Lula e Evo Morales falando ao celular”	22/05
( 73 ) “Bloqueio de celular nos presídios”	23/05
( 74 ) “Presidiários tentam ligar para Parreira”	24/05
<b>( 75 ) “Pesquisa aposta que Lula tem mais de vinte pontos percentuais sobre Geraldo Alckmin”</b>	<b>25/05</b>
( 76 ) “Fax morte pânico”	26/05
( 77 ) “Câmara CPI advogado preso”	27/05
( 78 ) “Transfusão de sanguessugas, políticos transferidos de ambulância p/ viatura de polícia”	28/05
( 79 ) “Brasileiro, futebol, assalto”	29/05
( 80 ) “Bloqueio de celular”	30/05
( 81 ) “Bloqueio de celular nos presídios prejudicam a vida da população”	31/05
<b>Total</b>	<b>31</b>

*Fonte: Jornal A Gazeta.*

IV - Tabela sequencial das charges publicadas no mês de *Junho* de 2006.

<b>Charges</b>	<b>Datas</b>
( 82 ) “Telefone em presídio e o corte do jogador Edmilson”	01/06
( 83 ) “Dia de cão na vida do capixaba”	02/06
( 84 ) “Ronaldo jogador da Seleção Brasileira de Futebol”	03/06
<b>( 85 ) “Brasil bola X urna 3”</b>	<b>04/06</b>
( 86 ) “Verde amarelo, fome Brasil”	05/06
( 87 ) “Engarrafamento devido a obras na ponte de Camburi”	06/06
( 88 ) “Capixabas sofrem com engarrafamento e com a greve de tanqueiros”	07/06
( 89 ) “Trânsito lento em Vitória e o Sistema Aquaviário parado”	08/06
( 90 ) “Brasileiro só pensa na Copa do Mundo”	09/06
( 91 ) “Ronaldo critica Lula por ter chamado de gordo”	10/06
( 92 ) “A criação do homem com Ronaldinho Gaúcho”	11/06
( 93 ) “Ronaldinho Deus favoritismo”	12/06
( 94 ) “Brasileiro só pensa na Copa do Mundo”	13/06
( 95 ) “Ronaldinho Gaúcho come a Croácia de entrada”	14/06
( 96 ) “Parreira técnico da Seleção sendo entrevistado”	15/06
( 97 ) “Ronaldo, o Fenômeno”	16/06
( 98 ) “Pelé vudu Maradona 6 X 0”	17/06
( 99 ) “O peso do jogador Ronaldo da Seleção Brasileira”	18/06
( 100 ) “Moradores de rua querem assistir à Copa do Mundo em TV de plasma”	19/06
( 101 ) “Rebelião acaba no Espírito Santo”	20/06
( 102 ) “Rebelião prisão final”	21/06
( 103 ) “Bussunda é o Anjo da Guarda de Parreira para o jogo da Seleção Brasileira”	22/06
( 104 ) “Sistema Transcol e Varig embarque”	23/06
( 105 ) “Jogador de futebol Ronaldo da Seleção Brasileira”	24/06
( 106 ) “Avião da Varig”	25/06
( 107 ) “Varig reservas Parreira”	26/06
( 108 ) “Santo forte”	27/06
( 109 ) “Gana zebra gordo”	28/06
( 110 ) “Vidente joga na loteria”	29/06
( 111 ) “Parreira, TV digital, escolha de audiência”	30/06
<b>Total</b>	<b>30</b>

*Fonte: Jornal A Gazeta.*

V - Tabela sequencial das charges publicadas no mês de *Julho* de 2006.

<b>Charges</b>	<b>Datas</b>
( 112 ) “Brasileiro reza Argentina”	01/07
<b>( 113 ) “Paulo Hartung reeleição”</b>	<b>02/07</b>
( 114 ) “Ônibus da Seleção”	03/07
<b>( 115 ) “Bola de futebol se transformando em urna eletrônica”</b>	<b>04/07</b>
( 116 ) “Chefe efeito Parreira”	05/07
( 117 ) “Torcedor Portugal”	06/07
( 118 ) Publicada no Caderno Especial da Copa 2006: “Zidane melhor Copa2”	<b>07/07<sup>48</sup></b>
<b>( 119 ) “Campanha venda TV”</b>	<b>07/07</b>
( 120 ) “FIFA estuda novas regras para facilitar o gol”	08/07
<b>( 121 ) “‘Eleição’ urna eletrônica”</b>	<b>09/07</b>
( 122 ) “Itália campeã, genro”	10/07
( 123 ) “Carro importado X popular3”	11/07
<b>( 124 ) “Lula pescado, Alckmin dando à distância, pesquisa eleitoral gancho”</b>	<b>12/07</b>
<b>( 125 ) “Lula, Alckmin, ajuda”</b>	<b>13/07</b>
( 126 ) “São Paulo Faschion Week, violência, terror”	14/07
( 127 ) “PCC PT envolvido”	15/07
( 128 ) “Felipão, não ao Brasil”	16/07
( 129 ) “Em Segurança Pública”	17/07
( 130 ) “Libanesa preocupada com a violência em São Paulo e no Espírito Santo”	18/07
( 131 ) “Governador de São Paulo pede ajuda ao Espírito santo”	19/07
<b>( 132 ) “Gangorra”</b>	<b>20/07</b>
( 133 ) “Lula tem janta vetada por doméstica”	21/07
( 134 ) “Sanguessuga estaca Vampiro”	22/07
( 135 ) “Ataque em Israel”	23/07
( 136 ) “Involução Humana, do homem ao macaco”	24/07
( 137 ) “Guerra no Oriente Médio e Agente Penitenciário no Espírito Santo”	25/07
( 138 ) Publicada na Capa de <i>A Gazeta</i> : “Clima quente na final”	<b>26/07<sup>49</sup></b>
( 139 ) “Magno Malta sanguessuga”	<b>26/07</b>
( 140 ) “Anões do futebol, Dunga, do Brasil; Feliz, do Flamengo; Zangado, do Vasco”	27/07
( 141 ) “Vascaíno ignora ligação de flamenguista”	28/07
<b>( 142 ) “Senadora Heloísa Helena candidata a Presidência”</b>	<b>29/07</b>
( 143 ) “Deputados envolvidos no escândalo da Máfia das ambulâncias”	30/07
( 144 ) “Demissões na Varig”	31/07
<b>Total</b>	<b>33</b>

*Fonte: Jornal A Gazeta.*

<sup>48</sup> Duas publicações no mesmo dia.

<sup>49</sup> Idem.

VI - Tabela sequencial das charges publicadas no mês de *Agosto* de 2006.

<b>Charges</b>	<b>Datas</b>
( 145 ) “Míssil Israelense mata crianças”	01/08
( 146 ) “Ambulância e carro forte”	02/08
( 147 ) “Cofres públicos, fim da reeleição”	03/08
( 148 ) “Fidel barba vira irmão2”	04/08
( 149 ) “Gratz sendo levado para o Rio e passageiros”	05/08
<b>( 150 ) “Produtos deverão conter informações ao consumidor”</b>	<b>06/08</b>
<b>( 151 ) “Heloísa Helena e Lula, antes e depois das eleições”</b>	<b>07/08</b>
( 152 ) “São Paulo é atacado novamente pelo crime organizado”	08/08
( 153 ) “Gratz Rio praia”	09/08
<b>( 154 ) “Eleições/Lula (PT), Alckmin (PSDB) e Heloísa Helena (PSOL)”</b>	<b>10/08</b>
( 155 ) “Sanguessugas hospital”	11/08
( 156 ) “Bombas caem em Beirute e bombas caem no Brasil e no Espírito Santo”	12/08
( 157 ) “Dias dos Pais X Violência”	13/08
( 158 ) “Crianças frio fogo ônibus 2”	14/08
( 159 ) “Cubanos acertam a aparência de Fidel Castro no Photoshop”	15/08
<b>( 160 ) “Gravação do horário eleitoral gratuito”</b>	<b>16/08</b>
<b>( 161 ) “Horário eleitoral é o melhor momento para não assistir à TV e fazer outra coisa”</b>	<b>17/08</b>
<b>( 162 ) “Horário Eleitoral Gratuito”</b>	<b>18/08</b>
( 163 ) “Prefeitura de Vitória reajuste do IPTU”	19/08
( 164 ) “Carro cadeia arma morte”	20/08
<b>( 165 ) “Horário Eleitoral Gratuito”</b>	<b>21/08</b>
( 166 ) “Herrar é humano”	22/08
<b>( 167 ) “Vote em mim!”</b>	<b>23/08</b>
( 168 ) “Magno Malta envolvido em escândalo de corrupção”	24/08
( 169 ) “Operação pirataria na Assembleia Legislativa”	25/08
( 170 ) “Coser sanciona aumento do IPTU”	26/08
( 171 ) “Político atestado de trouxa”	27/08
( 172 ) “A modernidade que agiliza o trabalho é a mesma que mata”	28/08
( 173 ) “Venda de horário eleitoral”	29/08
<b>( 174 ) “Alckmin pesquisa Boxe 2”</b>	<b>30/08</b>
<b>( 175 ) “Alckmin Volks demite”</b>	<b>31/08</b>
<b>Total</b>	<b>31</b>

*Fonte: Jornal A Gazeta.*

VII - Tabela sequencial das charges publicadas no mês de *Setembro* de 2006.

<b>Charges</b>	<b>Datas</b>
( 176 ) “O Grito de Alckmin”	<b>01/09</b>
( 177 ) “Carro deputado médico 2”	02/09
( 178 ) “Alckmin buraco assalto”	<b>03/08</b>
( 179 ) “Pesquisa eleitoral para acabar com o Horário Eleitoral”	<b>04/09</b>
( 180 ) “Ronaldinho Gaúcho e Dunga”	05/09
( 181 ) “Sem palavras”	06/09
( 182 ) “Galinha na Assembleia Legislativa”	07/09
( 183 ) “Origem da violência no trânsito”	08/09
( 184 ) “Alckmin futuro previsão 2”	<b>09/09</b>
( 185 ) “Violência no trânsito”	10/09
( 186 ) “Congresso 11 de setembro Torres Gêmeas”	<b>11/09</b>
( 187 ) “Alckmin Boxe soco volta”	<b>12/09</b>
( 188 ) “Índios Aracruz motosserra”	13/09
( 189 ) “Alckmin, FHC, Lula corda 2”	<b>14/09</b>
( 190 ) “Índio corta eucalipto e Evo Morales boicota a Petrobrás”	15/09
( 191 ) “Candidato à Presidência Alckmin fala com Evo gás pesquisa”	<b>16/09</b>
( 192 ) “Papa Bento XVI X Bin Laden”	17/09
( 193 ) “Lula e Geraldo Alckmin”	<b>18/09</b>
( 194 ) “Lula tem seu assessor envolvido em escândalo de Dossiê”	19/09
( 195 ) “Metamorfose Tucano Dossiê”	20/09
( 196 ) “Dossiê e Máfia dos Sanguessugas”	<b>21/09</b>
( 197 ) “Lula diz que Governo não joga lixo debaixo do tapete”	22/09
( 198 ) “Eclipse Lunar Dossiê”	23/09
( 199 ) “Papa Bento XVI e marimbondos Islâmicos”	24/09
( 200 ) “Lula foge do Dossiê”	25/09
( 201 ) “Lula lança Dossiê”	26/09
( 202 ) “Lula e Alckmin”	<b>27/09</b>
( 203 ) “Debate nas eleições para Presidente”	<b>28/09</b>
( 204 ) “Horário Eleitoral: Candidato bom gorda 2”	<b>29/09</b>
( 205 ) “Eleição Google 2”	<b>30/09</b>
<b>Total</b>	<b>30</b>

Fonte: *Jornal A Gazeta.*

VIII- Tabela da charge publicada no mês de *Outubro* de 2006.

<b>Charge</b>	<b>Data</b>
<b>( 206 ) “Eleição dedo arma”</b>	<b>01/10</b>
<b>Total</b>	<b>01</b>

*Fonte: Jornal A Gazeta.*



### **3.4 Organização hierárquica do tópico discursivo “Temática do chargista Amarildo”**

De acordo com a proposta de se verificar a organização do tópico discursivo no gênero charge, tornou-se necessário dispor primeiro do tópico intitulado “Temática do chargista Amarildo” para, depois, analisar a organização da proposta desta pesquisa: “Campanha Eleitoral 2006”. As charges selecionadas, tanto para verificar a organização hierárquica da temática de Amarildo, quanto para a campanha eleitoral 2006, foram trabalhadas em três etapas: 1ª) identificação e delimitação de segmentos tópicos; 2ª) observação dos procedimentos pelos quais os segmentos tópicos delimitados são distribuídos no plano discursivo linear e como são distribuídos de forma que se inter-relacionam no plano discursivo hierárquico; por fim, 3ª) caracterização estrutural desses segmentos tópicos, definindo início, manutenção e fechamento do tópico.

Dessa forma, assinala-se, dentre outros aspectos, que o tópico funciona como um dispositivo que enlaça o texto, estruturando-o com a finalidade de organizar o discurso nele presente. Vale destacar, neste ponto da pesquisa, que além do tópico ser percebido como sendo aquilo sobre o que se fala e que não deve estar desvinculado do como se fala; o tópico define-se, ainda, por uma unidade que sustenta, além da propriedade de centração, uma segunda propriedade, a da organicidade. Enquanto a propriedade de centração reúne assunto e conteúdo em determinado tema, a propriedade de organicidade se manifesta por relações de interdependência, estabelecidas simultaneamente em dois planos: o hierárquico e o sequencial. Assim, não há o risco de cometer equívocos na configuração do que está sendo falado em forma de texto escrito.

Cada charge aparece, nesta dissertação, como um segmento tópico, em moldes semelhantes ao que Lins (2008) apresentou em seu trabalho sobre tiras em quadrinhos. Em seu estudo, a autora pondera diversas visões sobre como tratar uma unidade tópica. Assim a autora apreende pontos de vista que percebem a unidade tópica como um fragmento recoberto por um mesmo tópico, em que cada conjunto de fragmentos constitui uma unidade de nível mais alto, sendo o de nível mais baixo o segmento tópico; também como segmentos menores ou porções tópicas; definindo também como sequência conversacional com dois ou mais atos conversacionais consecutivos. Esses atos podem ser de uma mesma pessoa ou de seus interlocutores.

Lins (2008), a partir dessa revisão conceitual, define cada tira diária de quadrinhos como um segmento tópico, ou seja, como uma tira-segmento. Desta forma, a autora considera cada tira-episódio como uma unidade que atende “às características postas tanto para definirem parágrafo ou episódio”, como “episódio conversacional” e “segmento tópico” (LINS, 2008, p.53). Partindo da perspectiva de Lins (2008) o gênero textual charge, abordado nesta pesquisa, recebe o mesmo tratamento que o gênero textual abordado pela autora em seu estudo, isto é, cada charge utilizada nesta dissertação passa a ser tratada como segmento tópico, dotado de sentido assim como um parágrafo ou um episódio, logo

cada tira-segmento corresponde a um episódio de um evento maior, que em nível vertical vai ser constituído sequencialmente de subtópicos, quadros tópicos e supertópico, o que, em conjunto, conduz na direção de um *frame* determinado (LINS, 2008, p. 53).

Dessa forma, cada sequência propicia verificar um supertópico organizado em camadas, em que o tema, sobre diferentes enfoques, ordena-se de modo hierarquizado, podendo ser visto como uma pirâmide invertida<sup>50</sup>. Em seu cume, o supertópico, abaixo, o agrupamento de temas, denominados de quadros tópicos, em seguida, os subtópicos, que são os temas que apresentam perspectivas em comuns e, por fim, os blocos de segmentos, que fazem parte de um subtópico ou de mais de um subtópico.

Para se proceder na sistematização da organização em relação ao eixo hierárquico, é preciso observar os tópicos mais desenvolvidos na organização da “Temática do chargista Amarildo”, a partir daí, a organização se dá pela quantidade de segmentos tópicos em cada quadro tópico. Em cada subtópico a organização já não segue esse padrão, de forma geral, parte-se do evento ocorrido no exterior, no Brasil, na capital, no estado. Cada charge passa a ser vista como um segmento, e por sua vez, passa a ser tratada como charge-segmento. Então, cada charge-segmento é agrupada a partir do grau de associação entre as outras charges-segmentos, além do enquadramento sucessivo de grupos em relação a outros grupos pertencentes a níveis mais altos, configurando, nos termos e no modelo de Koch ([1993] 2007), uma pirâmide tópica<sup>51</sup>.

Em relação ao supertópico “Temática do chargista Amarildo” a pirâmide é somente em partes construída. A sequência referente a esse supertópico compõe-se de assuntos que aludem a eventos que acontecem a cada quatro anos e eventos que são inerentes ao cotidiano da

---

<sup>50</sup> O termo pirâmide invertida é usado para demonstrar o formato do modelo arbóreo sugerido por Koch ([1993] 2007), encontrado na página 21, desta pesquisa.

<sup>51</sup> Esse é o formato do modelo sugerido por Koch ([1993] 2007), encontrado na página 21, desta pesquisa.

sociedade. Todos, ao serem observados pela estrutura de *frame*, que caracteriza cada evento, podem ser esquematizados e identificados da seguinte forma:

a. Personagens:

Adultos-Personagens reais e fictícios (Exemplos: charges 5 e 13):

Com objetivos bem traçados (Exemplo: charge 125)

Com o dom da retórica (Exemplo: charge 151)

Políticos (Exemplo: charge 113)

Eleitores (Exemplo: charge 150)

Jogadores (Exemplo: charge 128)

Infratores da Lei (Exemplo: charge 67)

Policiais (Exemplo: charge 73)

b. Cenários:

Rua (Exemplos: charge 21)

Espaço indeterminado (Exemplo: charge 54)

Campo de futebol (Exemplo: charge 30)

Bar (Exemplo: charge 37)

Residência (Exemplo: charge 122)

Congresso Nacional (Exemplo: charge 70)

Hospital (Exemplo: charge 166)

Trânsito (Exemplo: charge 181)

Presídio (Exemplo: charge 60)

Velório (Exemplo: charge 18)

Brasil (Exemplo: charge 130)

Exterior (Exemplo: charge 135)

c. Características Atitudinais

Presença de espírito (Exemplo: charge 99)

Poder de convencimento (Exemplo: charge 160)

Angústia de ter que optar (Exemplo: charge 51)

Cidadão coagido (Exemplo: charge 27)

Tenta se camuflar de bom cidadão, político (Exemplo: charge 61)

Tenta levar vantagem em tudo que realiza (Exemplo: charge 10)

Acredita na impunidade (Exemplo: charge 153)

Limpeza dos cofres públicos (Exemplo: charge 147)

Portanto, o grupo de charges a seguir corresponde aos segmentos tópicos sobre a temática que mostra políticos corruptos, jovens atletas, eleitores, criminosos, cidadãos à mercê de mentes insanas, entre outros, desnudando a pequenez de alguns seres humanos. Desnudar essa pequenez que reveste o ser humano como uma capa está diretamente ligado ao propósito desse gênero jornalístico, pois a charge transmite múltiplas informações de forma condensada, facilitando a sua leitura, para com isso, alcançar o seu propósito: a crítica da atualidade sócio-político-econômica.

Estas charges fazem parte do supertópico “Temática do chargista Amarildo” separadas em 9 quadros tópicos, 35 subtópicos e 250<sup>52</sup> segmentos tópicos, os quais serão tratados como charges-segmentos. Com a exposição de todas as charges do período de 7 meses de publicação, pode-se ter uma noção de como o chargista Amarildo Lima tratou os pontos relevantes da campanha eleitoral de 2006. A partir desse evento maior, tratar-se-á somente das charges referentes à campanha eleitoral.

### **3.4.1 Charges**

#### **1º Quadro Tópico: “*Questões Sócio-Político-Econômicas*” [54 Charges]**

##### **1º Subtópico: ‘*Questão Sócio-Político-Econômica Internacional*’ [16 Charges]**

---

<sup>52</sup> O aumento de charges está relacionado à repetição de algumas em outros subtópicos.



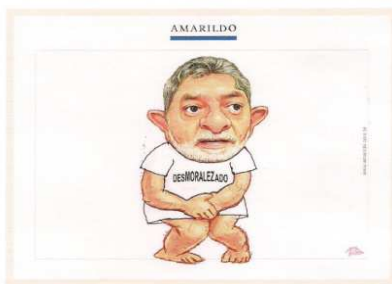
Charge-segmento 53: "Lula e Evo Morales", Publicada em Consumidor", em 4/5/2006



Charge-segmento 54: "Lula, Evo e o Publicada Kirchner e Chávez", em 5/5/2006



Charge-segmento 55: "Lula, Evo, Publicada 3/5/2006



Charge-segmento 57: "Lula desmoralizado", Publicada em 7/5/2006da



Charge-segmento 62: "Hugo Chávez, Evo Morales e o poema", em 12/5/2006



Charge-segmento 63: "Basta Petrobrás", Publica-Publicada em 13/5/2006



Charge-segmento 72: "Lula e Evo Morales ao celular", Publicada em Israel", 22/5/2006



Charge-segmento 135: "Ataque em Publicada em 23/7/2006



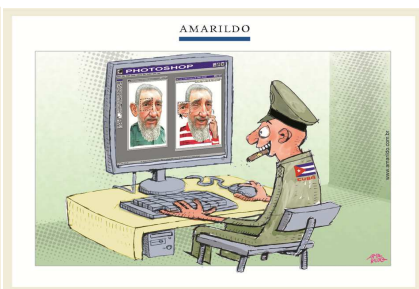
Charge-segmento 145: "Missil Israelense mata crianças", Publicada em 1/8/2006



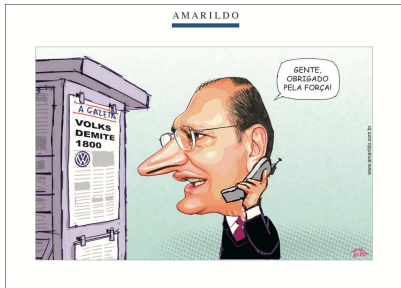
Charge-segmento 148: "Fidel barba vira irmão 2", Publicada em 4/8/2006



Charge-segmento 156: "Bombas caem em Beirute e no ES", Publicada em 12/8/2006



Charge-segmento 159: "Cubanos acertam Fidel", Publicada em 15/8/2006



Charge-segmento 175: "Alckmin Volks demite", Publicada em 31/8/2006



Charge-segmento 190: "Índio corta Eucalipto Charge-segmento 192: "Papa Bento XVI X Bin Laden", Publicada em 15/9/2006



Charge-segmento 192: "Papa Bento XVI X Bin Laden", Publicada em 17/9/2006



Charge-segmento 199: "Papa Bento XVI e marimbondos", Publicada em 24/9/2006

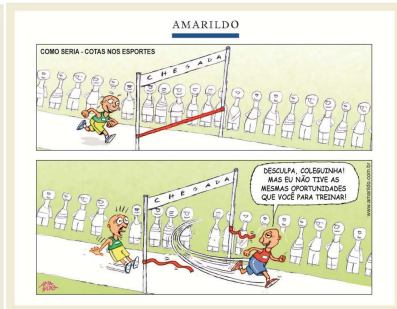
## 2º Subtópico: 'Questão Sócio-Político-Econômica Nacional' [30 Charges]



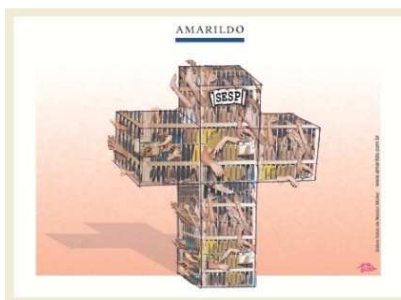
Charge-segmento 23: "Dengue culpa político", Publicada em 3/4/2006



Charge-segmento 28: "Astronauta pobre come", Publicada em 8/4/2006



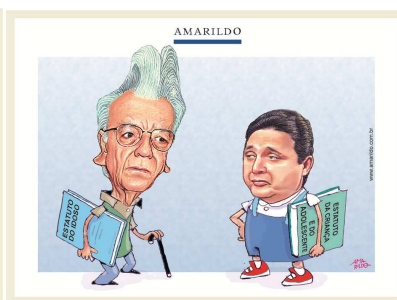
Charge-segmento 29: "Como seria a cota na Ufes no esporte", Publicada em 9/4/2006



Charge-segmento 34: "Cruz cadeia Lotada", Publicada em do ar', 14/4/2006



Charge-segmento 44: "Varig TV Fora Publicada em 24/4/2006



Charge-segmento 46: "Itamar Garotinho Estatutos", Publicada em 26/4/2006



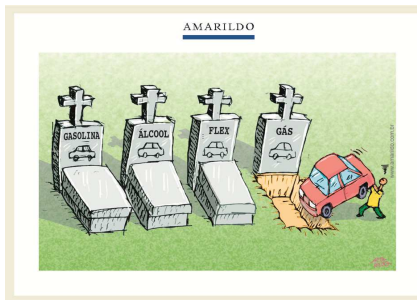
Charge-segmento 49: "Futebol X Estudo Ronaldinho", Publicada em 29/4/2006



Charge-segmento 54: "Lula, Evo e o Consumidor gás", Publicada em 4/5/2006



Charge-segmento 58: "Lula carro telefone 3", Publicada em 8/5/2006



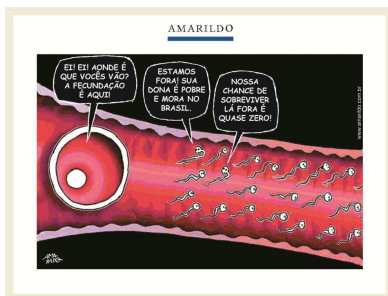
Charge-segmento 59: "Aumento do combustível", Publicada em 9/5/2006



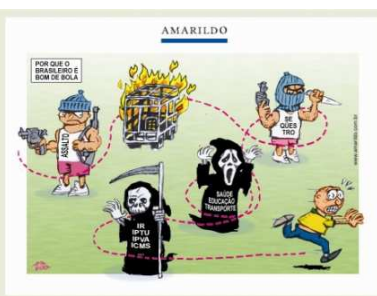
Charge-segmento 65: "Gás conversão e desconversão", Publicada em 15/5/2006



Charge-segmento 66: "Mortes em São Paulo e convocação", Publicada em 16/5/2006



Charge-segmento 71: "Violência fecundação pobre", Publicada em 21/5/2006



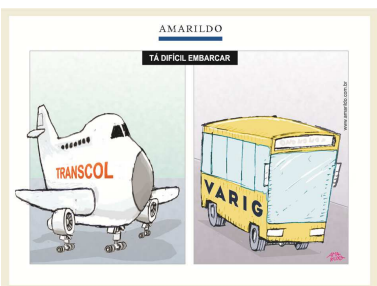
Charge-segmento 79: "Brasileiro, futebol assalto", Publicada em 29/5/2006



Charge-segmento 86: "Verde amarelo, fome Brasil", Publicada em 5/6/2006



Charge-segmento 100: "Moradores de rua", Publicada em 19/6/2006



Charge-segmento 104: "Sistema Transcol e Varig embarca", Publicada em 23/6/2006



Charge-segmento 106: "Avião da Varig", Publicada em 25/6/2006



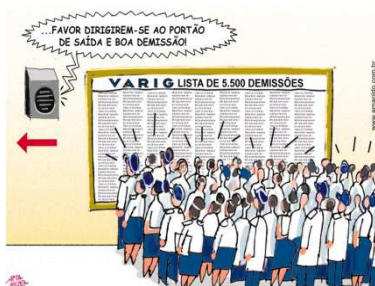
Charge-segmento 123: "Carro importado X popular", Publicada em 11/7/2006



Charge-segmento 130: "Libanesa preocupada", Publicada em 18/7/2006



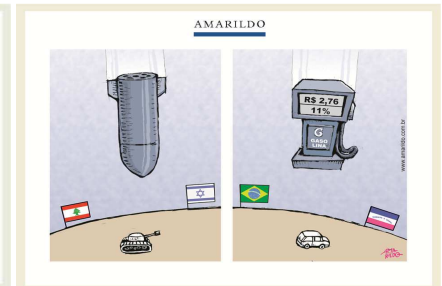
Charge-segmento 131: "Governador de São Paulo", Publicada em 19/7/2006



Charge-segmento 144: "Demissões na Varig", Publicada em 31/7/2006



Charge-segmento 149: "Gratz sendo levado para o Rio", Publicada em 5/8/2006



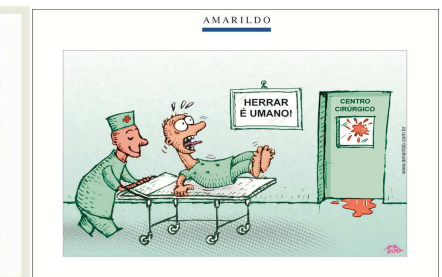
Charge-segmento 156: "Bombas caem em Beirute e Espírito Santo", Publicada em 12/8/2006



Charge-segmento 157: "Dia dos Pais X Violência", Publicada em 13/8/2006



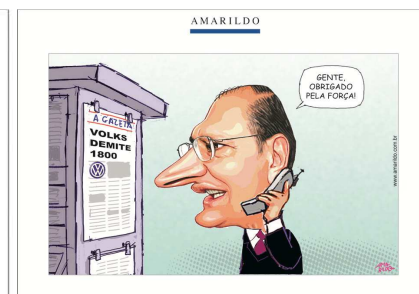
Charge-segmento 158: "Crianças frio Fogo ônibus", Publicada em 14/8/2006



Charge-segmento 166: "Herrar é humano", Publicada em 22/8/2006



Charge-segmento 171: "Político atestado de trouxa", Publicada em 27/8/2006



Charge-segmento 175: "Aickmin Volks demite", Publicada em 31/8/2006

### 3º Subtópico: 'Questão Sócio-Político-Econômica Estadual' [9 Charges]





Charge-segmento 87: "Engarrafamento obras Camburi", Publicada em 6/6/2006



Charge-segmento 88: "Capixaba engarrafamento e greve". Publicada em 7/6/2006



Charge-segmento 89: "Trânsito lento em Vitória", Publicada em 8/6/2006



Charge-segmento 104: "Sistema Transcol e Varig", Publicada em 23/6/2006



Charge-segmento 130: "Libanesa preocupada com a violência", Publicada em 18/7/2006



Charge-segmento 170: "Coser sanciona aumento IPTU", Publicada em 26/8/2006



Charge-segmento 182: "Galinha na Assembleia Legislativa", Publicada em 7/9/2006



Charge-segmento 188: "Índios Aracruz motosserra", Publicada em 13/9/2006



Charge-segmento 190: "Índio corta eucalipto e Evo Morales", Publicada em 15/9/2006

## 2º Quadro Tópico: "Corrupção Política" [53 Charges]

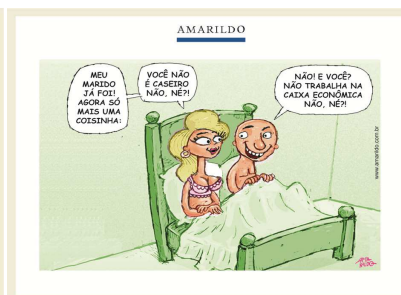
### 1º Subtópico: 'Corrupção Política Nacional' [42 Charges]



Charge-segmento 5: "Pergunta respondida por Duda", Publicado em 16/03/2006



Charge-segmento 12: "A infância de Palocci", Publicada em 23/3/2006



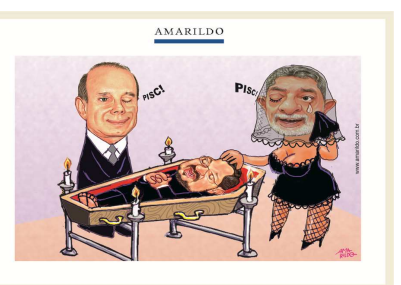
Charge-segmento 13: "Caseiro Funcionária Caixa Econômica", Publicada em 24/3/2006



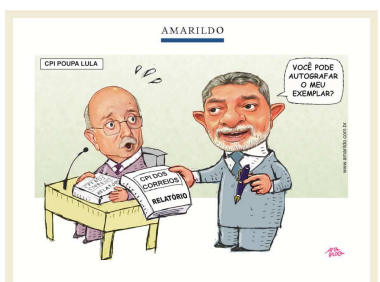
Charge-segmento 14: "Lula toca casaca Palocci dança", Publicada em 25/3/2006



Charge-segmento 17: "Caseiro derruba Palocci", Publicada em 28/3/2006



Charge-segmento 18: "Palocci, Mantega e Lula caixa", Publicada em 29/3/2006



Charge-segmento 19: "CPI poupa o Presidente Lula", Publicada em 30/3/2006



Charge-segmento 20: "Políticos vão para o espaço no governo Lula", Publicada em 31/3/2006



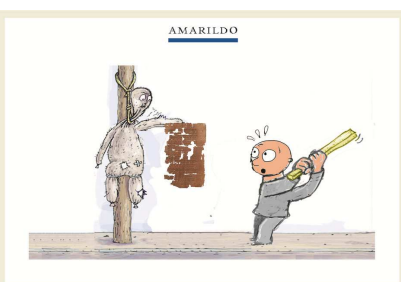
Charge-segmento 25: "Lula e Geraldo Alckmin", Publicada em 5/4/2006



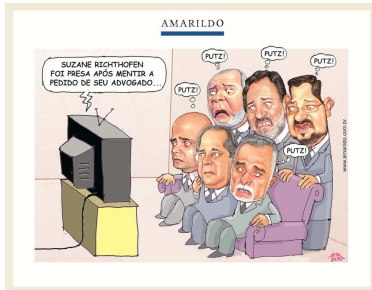
Charge-segmento 26: "Carequinha chega no céu", Publicada em 6/4/2006



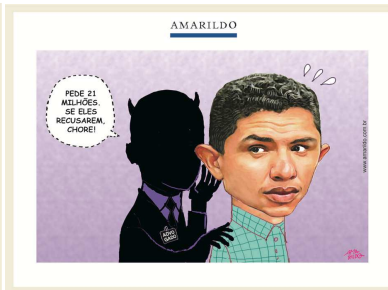
Charge-segmento 27: "No Congresso tudo acaba em pizza", Publicada em 7/4/2006



Charge-segmento 35: "Judás mostra Evangelho", Publicada em 15/4/2006



Charge-segmento 36: "Suzane Ritchthoffen, mensalão 3", Publicada em 16/4/2006



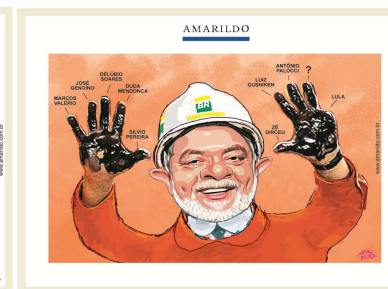
Charge-segmento 38: "Caseiro Francenildo, 22 mil", Publicada em 18/4/2006



Charge-segmento 39: "Francenildo ao telefone com Palocci", Publicada em 19/4/2006



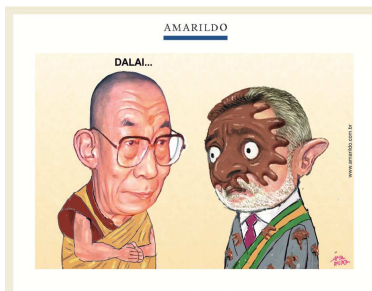
Charge-segmento 40: "Márcio Tomaz Bastos Justiça", Publicada em 20/4/2006



Charge-segmento 42: "Lula mão suja", Publicada em 22/4/2006



Charge-segmento 45: "Verba de deputado, ir para a lua 2 vezes", Publicada em 25/4/2006



Charge-segmento 48: "Dalai Lama em Lula", Publicada em 28/4/2006



Charge-segmento 61: "Garotinho e Silvinho TV", Publicada em 11/5/2006



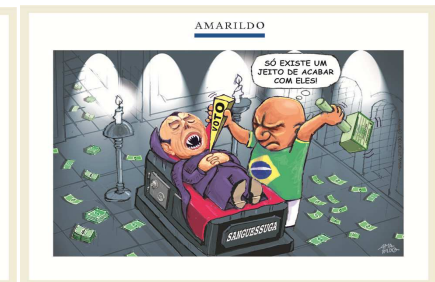
Charge-segmento 64: "Sanguessuga", Publicada em 14/5/2006



Charge-segmento 77: "Câmara CPI advogado preso", Publicada em 27/5/2006



Charge-segmento 78: "Transfusão de sanguessugas", Publicada em 28/5/2006



Charge-segmento 134: "Sanguessuga estaca Vampiro", Publicada em 22/7/2006



Charge-segmento 139: "Magno Malta sanguessuga", Publicada em 26/7/2006



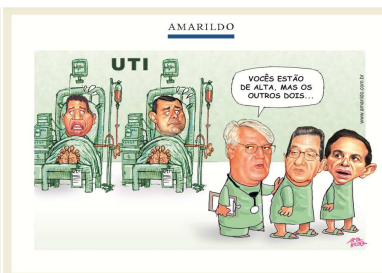
Charge-segmento 143: "Deputados envolvidos escândalo", Publicada em 30/7/2006



Charge-segmento 146: "Ambulância e carro forte", Publicada em 2/8/2006



Charge-segmento 147: "Cofres públicos", Publicada em 3/8/2006



Charge-segmento 155: "Sanguessugas hospital", Publicada em 11/8/2006



Charge-segmento 160: "Gravação do horário eleitoral gratuito", Publicada em 16/8/2006



Charge-segmento 168: "Magno Malta envolvido escândalo", Publicada em 24/8/2006



Charge-segmento 173: "Venda de horário eleitoral", Publicada em 29/8/2006



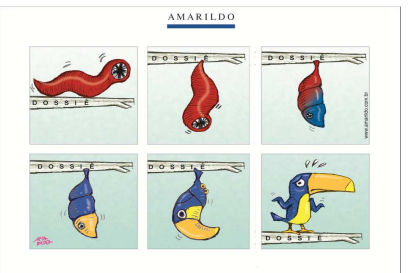
Charge-segmento 177: "Carro deputado médico", Publicada em 2/9/2006



Charge-segmento 186: "Congresso 11 de setembro", Publicada em 11/9/2006



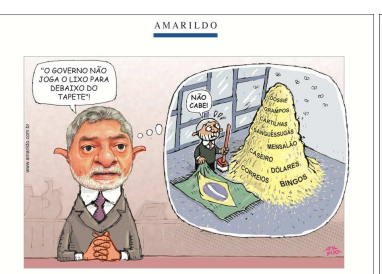
Charge-segmento 194: "Lula tem seu assessor escândalo", Publicada em 19/9/2006



Charge-segmento 195: "Metamorfose Tucano Dossie", Publicada em 20/9/2006



Charge-segmento 196: "Dossie Máfia dos sanguessugas", Publicada em 21/9/2006



Charge-segmento 197: "Lula diz que Governo joga lixo", Publicada em 22/9/2006



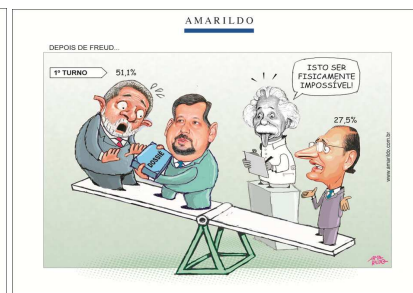
Charge-segmento 198: "Eclipse Lular Dossie", Publicada em 23/9/2006



Charge-segmento 200: "Lula foge do Dossiê boomerangue", Publicada em 25/9/2006

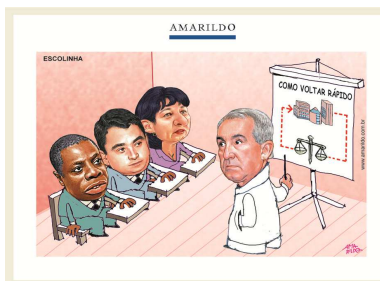


Charge-segmento 201: "Lula lança Dossiê", Publicada em 26/9/2006



Charge-segmento 202: "Lula e Alckmin", Publicada em 27/9/2006

## 2º Subtópico: 'Corrupção Política Estadual' [6 Charges]



Charge-segmento 47: "Escolinha para deputados", Publicada em 27/4/2006



Charge-segmento 52: "Garotinho faz greve de fome", Publicada em 2/5/2006



Charge-segmento 61: "Garotinho e Silvinho TV", Publicada em 11/5/2006



Charge-segmento 147: "Cofres públicos fim da reeleição", Publicada em 3/8/2006



Charge-segmento 149: "Gratz levado para o Rio", Publicada em 5/8/2006



Charge-segmento 153: "Gratz Rio praia", Publicada em 9/8/2006

## 3º Subtópico: 'Corrupção Política Municipal' [5 Charges]



Charge-segmento 10: "Cadeira Câmara da Serra", Publicada em 21/3/2006



Charge-segmento 11: "Veredores em casa de massagem", Publicada em 22/3/2006



Charge-segmento 15: "Psicanálise cadeira Serra", Publicada em 26/3/2006



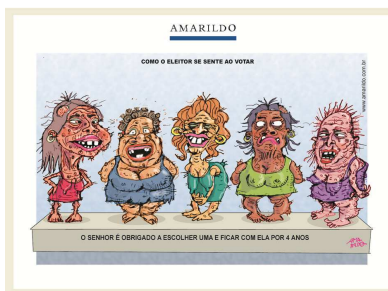
Charge-segmento 147: "Cofres públicos, fim da reeleição", Publicada em 3/8/2006



Charge-segmento 163: "Prefeitura reajuste do IPTU", Publicada em 19/8/2006

### 3º Quadro Tópico: "Campanha Eleitoral" [47 Charges]

#### 1º Subtópico: 'Campanha Eleitoral Geral' [12 Charges]



Charge-segmento 51: "Como o eleitor se sente ao votar", Publicada em 1/5/2006



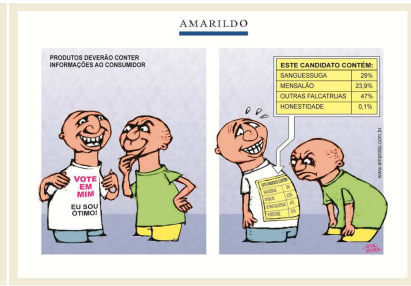
Charge-segmento 85: "Brasil bola X urna 3", Publicada em 4/6/2006



Charge-segmento 115: "Bola de futebol se transforma em urna", Publicada em 4/7/2006



Charge-segmento 121: "Eleiçãourna eletrônica", Publicada em 9/7/2006



Charge-segmento 150: "Produtos informações ao consumidor", Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 161: "Horário eleitoral" Publicada em 17/8/2006



Charge-segmento 162: "Horário Eleitoral Gratuito", Publicada em 18/8/2006



Charge-segmento 165: "Horário Eleitoral Gratuito", Publicada em 21/8/2006



Charge-segmento 179: "Pesquisa eleitoral", Publicada em 4/9/2006



Charge-segmento 204: "Horário Eleitoral: candidato bom", Publicada em 29/9/2006

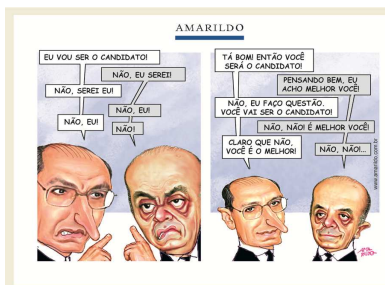


Charge-segmento 205: "Eleição Google", Publicada em 30/9/2006



Charge-segmento 206: "Eleição dedo", Publicada em 1/10/2006

## 2º Subtópico: 'Campanha Eleitoral para Presidência da República' [25 Charges]



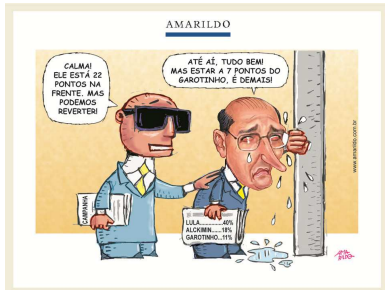
Charge-segmento 1: "Geraldo Alckmin e José Serra", Publicada em 12/3/2006 em 15/3/2006



Charge-segmento 4: "Alckmin é escolhido Alckmin na disputa", Publicada em 12/4/2006



Charge-segmento 32: "Presidente Lula e Alckmin", Publicada em 12/4/2006



Charge-segmento 75: "Pesquisa Lula 20 pontos Alckmin", Publicada em 25/5/2006



Charge-segmento 85: "Brasil bola X", Publicada em 4/6/2006



Charge-segmento 124: "Lula e Alckmin gancho", Publicada em 12/7/2006



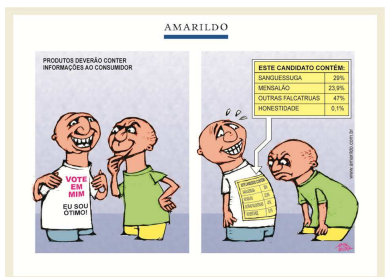
Charge-segmento 125: "Lula, Alckmin, Charge-segmento 132: "Gangorra", Charge-segmento 142: "Senadora Heloisa ajuda", Publicada em 13/7/2006



Charge-segmento 132: "Gangorra", Publicada em 20/7/2006



Charge-segmento 142: "Senadora Heloisa ajuda", Publicada em 29/7/2006



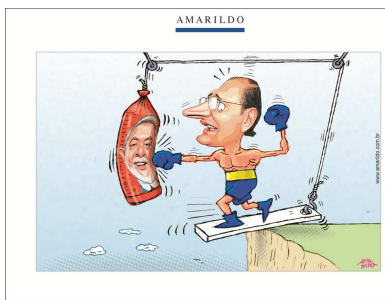
Charge-segmento 150: "Produtos informações ao consumidor", Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 151: "Heloisa Helena e Lula", Publicada em 7/8/2006



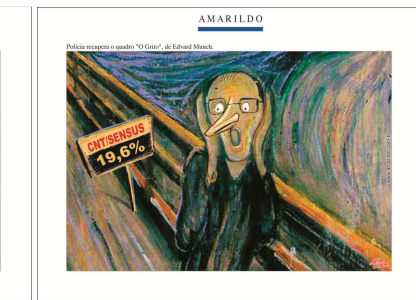
Charge-segmento 154: "Eleições", Publicada em 10/8/2006



Charge-segmento 174: "Alckmin pesquisa Box 2", Publicada em 30/8/2006



Charge-segmento 175: "Alckmin Volks demite", Publicada em 31/8/2006



Charge-segmento 176: "O Grito de Alckmin", Publicada em 1/9/2006





Charge-segmento 178: “Alckmin buraco assalto”, Publicada em 3/9/2006



Charge-segmento 184: “Alckmin futuro previsão 2”, Publicada em 9/9/2006



Charge-segmento 186: “Congresso 11 de setembro”, Publicada em 11/9/2006



Charge-segmento 187: “Alckmin Box saco volta”, Publicada em 12/9/2006



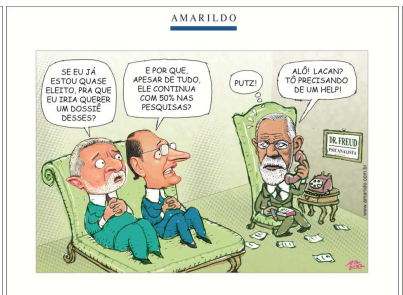
Charge-segmento 189: “Alckmin, FHC, Lula corda 2”, Publicada em 14/9/2006



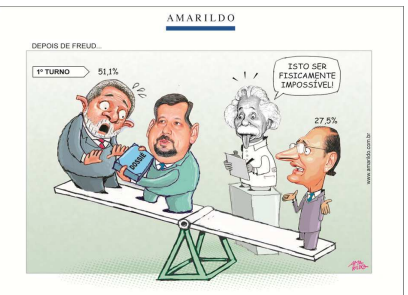
Charge-segmento 191: “Alckmin fala com Evo Morales gás”, Publicada em 16/9/2006



Charge-segmento 193: “Lula e Geraldo Alckmin”, Publicada em 18/9/2006



Charge-segmento 196: “Dossiê e Máfia dos Sanguessugas”, Publicada em 21/9/2006



Charge-segmento 202: “Lula e Alckmin”, Publicada em 27/9/2006

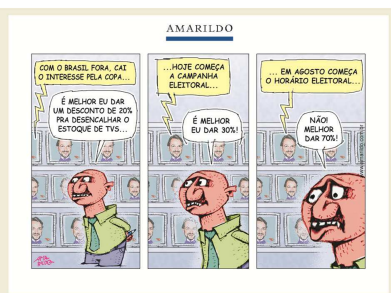


Charge-segmento 203: “Debate nas eleições para Presidência”, Publicada em 28/9/2006

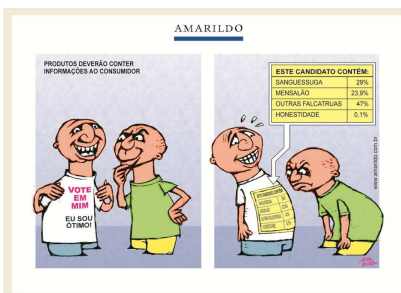
3º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ [3 Charges]



Charge-segmento 113: "Paulo Hartung reeleição", Publicada em 2/7/2006



Charge-segmento 119: "Campanha venda TV", Publicada em 7/7/2006



Charge-segmento 150: "Produtos informações ao consumidor", Publicada em 6/8/2006

#### 4º Subtópico: 'Campanha Eleitoral para Deputado Federal' [3 Charges]



Charge-segmento 85: "Brasil bola X urna 3", Publicada em 4/6/2006

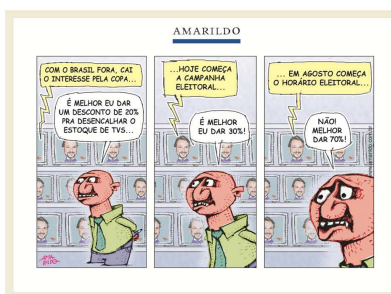


Charge-segmento 160: "Gravação do horário eleitoral gratuito", Publicada em 16/8/2006

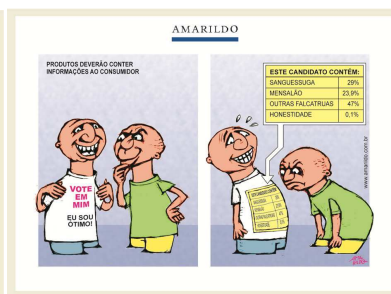


Charge-segmento 186: "Congresso 11 de setembro", Publicada em 11/9/2006

#### 5º Subtópico: 'Campanha Eleitoral para Deputado Estadual' [4 Charges]



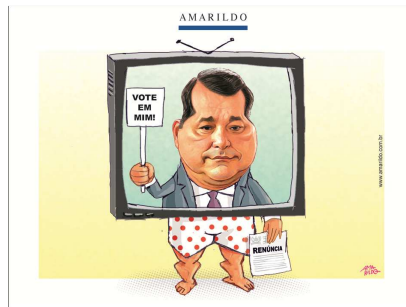
Charge-segmento 119: "Campanha venda TV", Publicada em 7/7/2006 em 6/8/2006



Charge-segmento 150: "Produtos informações ao consumidor", Publicada em 16/8/2006



Charge-segmento 160: "Gravação do Publicada horário eleitoral gratuito",



Charge-segmento 167: “Vote em mim!”,  
Publicada em 23/8/2006

#### 4º Quadro Tópico: “Futebol” [35 Charges]

##### 1º Subtópico: ‘Copa do Mundo’ [29 Charges]



Charge-segmento 66: “Mortes em São Paulo e convocação”, Publicada em 16/5/2006



Charge-segmento 74: “Presidiários ligam para Parreira”, Publicada em 24/5/2006



Charge-segmento 82: “Telefone em presídio”, Publicada em 1/6/2006



Charge-segmento 84: “Ronaldo jogador”, Publicada em 30/6/2006



Charge-segmento 86: “Verde amarelo, Fome Brasil”, Publicada em 5/6/2006



Charge-segmento 87: “Engarrafamento Camburi”, Publicada em 6/6/2006



Charge-segmento 90: “Brasileiro só pensa na Copa”, Publicada em 9/6/2006



Charge-segmento 93: “Ronaldinho Deus Favoritismo”, Publicada em 12/6/2006



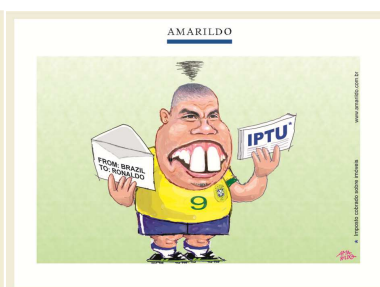
Charge-segmento 94: “Brasileiro só pensa na Copa”, Publicada em 13/6/2006



Charge-segmento 95: "Ronaldinho come a Croácia", Publicada em 14/6/2006



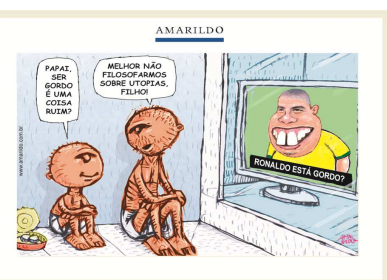
Charge-segmento 96: "Parreira técnico da Seleção", Publicada em 15/6/2006



Charge-segmento 97: "Ronaldo, o Fenômeno", Publicada em 16/6/2006



Charge-segmento 98: "Pelé vudu Maradona 6 a 0", Publicada em 17/6/2006



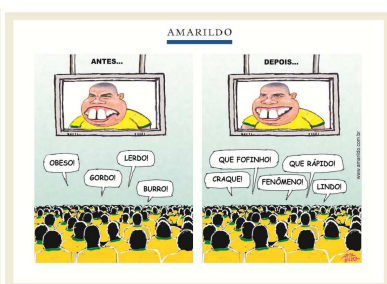
Charge-segmento 99: "O peso do jogador Ronaldo da Seleção", Publicada em 18/6/2006



Charge-segmento 100: "Moradores de rua assistir Copa", Publicada em 19/6/2006



Charge-segmento 103: "Bussunda é o Anjo da Guarda", Publicada em 22/6/2006



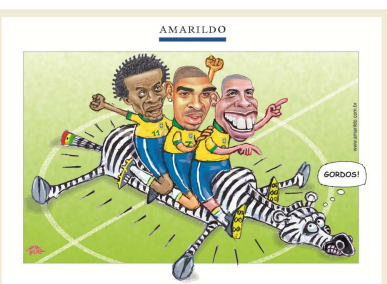
Charge-segmento 105: "Jogador de futebol Ronaldo", Publicada em 24/6/2006



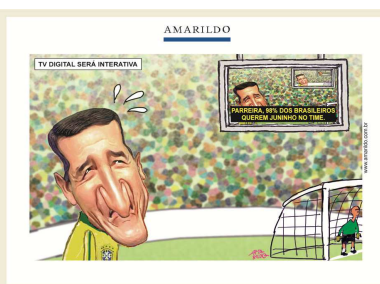
Charge-segmento 107: "Varig reservas Parreira", Publicada em 26/6/2006



Charge-segmento 108: "Santo forte", Publicada em 27/6/2006



Charge-segmento 109: "Gana zebra gordo", Publicada em 28/6/2006



Charge-segmento 111: "Parreira, TV digital, audiência", Publicada em 30/6/2006



Charge-segmento 112: “Brasileiro reza Argentina”, Publicada em 1/7/2006



Charge-segmento 114: “Ônibus da Seleção Brasileira”, Publicada em 3/7/2006



Charge-segmento 116: “Chefe feito Parreira”, Publicada em 5/7/2006



Charge-segmento 117: “Torcedor Portugal”, Publicada em Copa 2”, 6/7/2006



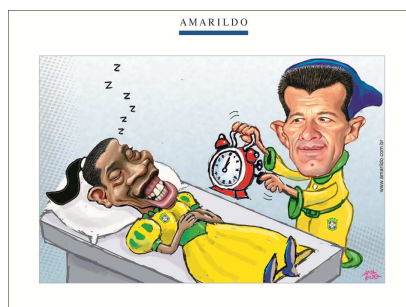
Charge-segmento 118: “Zidane melhor Publicada em genro”, 7/7/2006



Charge-segmento 122: “Itália campeã Publicada em 10/7/2006



Charge-segmento 128: “Felipão, não ao Brasil”, Publicada em 16/7/2006



Charge-segmento 180: “Ronaldinho Gaúcho e Dunga” Publicada em 5/9/2006

**2º Subtópico: ‘Campeonato Brasileiro’ [1 Charge]**



Charge-segmento 37: “Classificação no Campeonato Brasileiro”, Publicada em 17/4/2006

3º Subtópico: ‘Copa do Brasil’ [3 Charges]



Charge-segmento 138: “Clima quente na final”, Publicada em 26/7/2006



Charge-segmento 140: “Anões do futebol”, Publicada em 27/7/2006



Charge-segmento 141: “Vascaíno ignora”, Publicada em 28/7/2006

4º Subtópico: ‘Campeonato Regional’ [2 Charges]



Charge-segmento 30: “Vitória e Botafogo são campeões”, Publicada em 10/4/2006



Charge-segmento 37: “Classificação no Campeonato Brasileiro”, Publicada em 17/4/2006

5º Quadro Tópico: “Crise no Estado” [20 Charges]

1º Subtópico: ‘Crise na Segurança Pública’ [17 Charges]



Charge-segmento 3: “Hartung, Martinelli, ônibus”, Publicada em 14/3/2006



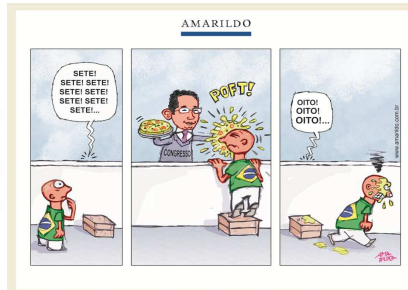
Charge-segmento 6: “Greve da Polícia Civil”, Publicada em 17/3/2006



Charge-segmento 7: “Insegurança no Estado, greve policial”, Publicada em 18/3/2006



Charge-segmento 9: "O problema na segurança", Publicada em 20/3/2006



Charge-segmento 16: "Ônibus fogo câmera B", Publicada em 27/3/2006



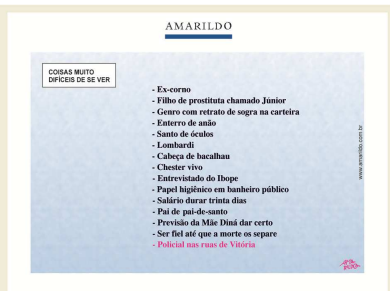
Charge-segmento 31: "Superlotação nas prisões capixabas", Publicada em 11/4/2006



Charge-segmento 33: "Superlotação nos presídios do Espírito Santo", carro", Publicada em 13/4/2006



Charge-segmento 41: "Coser roubado", Publicada em 21/4/2006



Charge-segmento 43: "Coisas que não se vê", Publicada em 23/4/2006



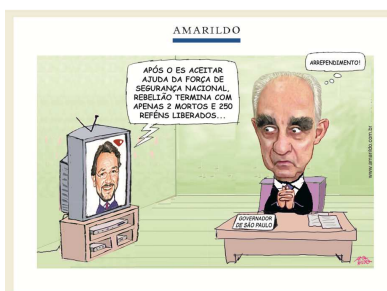
Charge-segmento 50: "Violência no Espírito Santo", Publicada em 30/4/2006



Charge-segmento 76: "Fax morte pânico", Publicada em 26/5/2006



Charge-segmento 83: "Dia de cão na vida do capixaba", Publicada em 2/6/2006



Charge-segmento 101: "Rebelião acaba no Espírito Santo", Publicada final", em 20/6/2006



Charge-segmento 102: "Rebelião prisão", Publicada em 21/6/2006



Charge-segmento 129: "Em Segurança Pública", Publicada em 17/7/2006

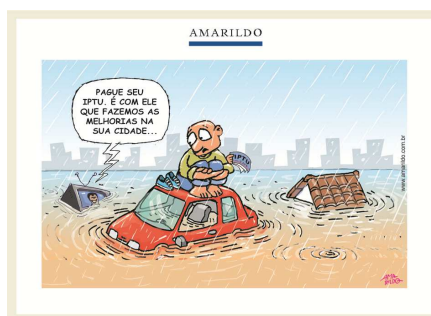


Charge-segmento 130: "Libanesa preocupada com a violência", Publicada em 18/7/2006



Charge-segmento 137: "Guerra no Oriente Médio", Publicada em 25/7/2006

## 2º Subtópico: 'Problema Social' [1 Charge]



Charge-segmento 21: "Chuva deixa cidades alagadas no Espírito Santo", Publicada em 1/4/2006

## 3º Subtópico: 'Impunidade' [2 Charges]



Charge-segmento 56: "Legislativo, Executivo e Judiciário", Publicada em 6/5/2006



Charge-segmento 127: "PCC PT envolvido", Publicada em 15/7/2006

## 6º Quadro Tópico: "Outros Temas Sócio-Políticos" [13 Charges]

### 1º Subtópico: 'Reivindicação' [2 Charges]



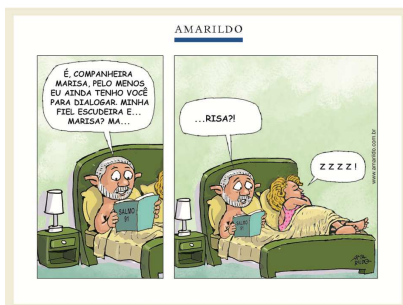


Charge-segmento 2: “Motoristas em greve”, Publicada em 13/3/2006



Charge-segmento 24: “Seguro de carro para mulher é mais barato”, Publicada em 4/4/2006

### 2º Subtópico: ‘Lula’[3 Charges]



Charge-segmento 22: “Lula com a esposa na cama”, Publicada em 2/4/2006

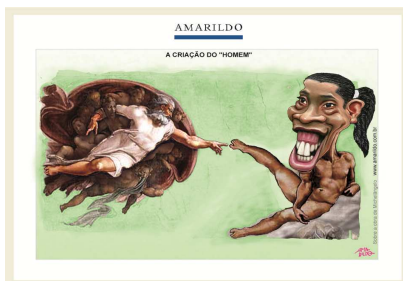


Charge-segmento 91: “Ronaldo critica Lula”, Publicada em 10/6/2006

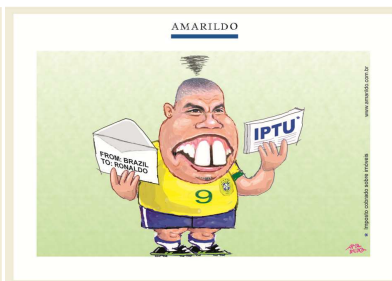


Charge-segmento 133: “Lula tem janta vetada”, Publicada em 21/7/2006

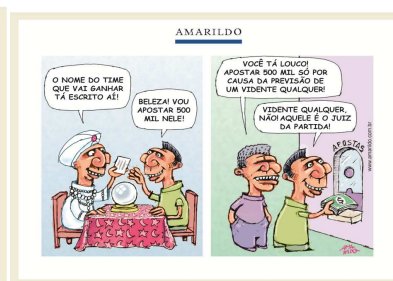
### 3º Subtópico: ‘Referência ao Futebol’[4 Charges]



Charge-segmento 92: “A criação do homem”, Publicada em 11/6/2006



Charge-segmento 97: “Ronaldo, o Fenômeno”, Publicada em 16/6/2006

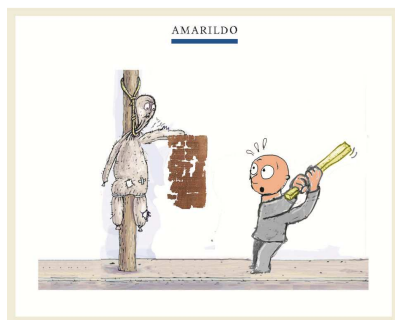


Charge-segmento 110: “Vidente joga na loteria”, Publicada em 29/6/2006



Charge-segmento 120: "Fifa estuda novas regras para gol", Publicada em 8/7/2006

#### 4º Subtópico: 'Políticos X Vantagens' [4 Charges]



Charge-segmento 35: "Judas mostra Evangelho", Publicada em 15/4/2006



Charge-segmento 171: "Político atestado de trouxas", Publicada em 27/8/2006



Charge-segmento 175: "Alckmin Volks demite", Publicada em 31/8/2006



Charge-segmento 182: "Galinha na Assembleia", Publicada em 7/9/2006

#### 7º Quadro Tópico: "Crime" [12 Charges]

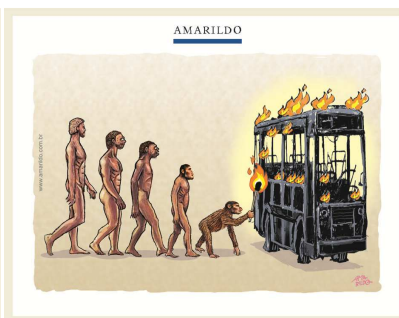
##### 1º Subtópico: 'Incêndio aos Ônibus' [4 Charges]



Charge-segmento 2: "Motoristas em greve ou incêndio", Publicada em câmera B", 13/3/2006



Charge-segmento 16: "Ônibus fogo", Publicada em 27/3/2006



Charge-segmento 136: "Involução Humana", Publicada em 24/7/2006



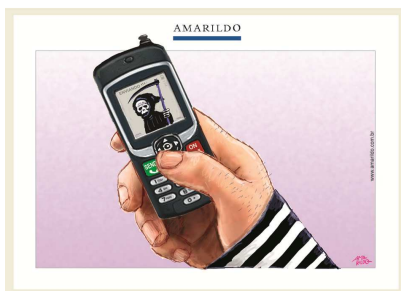
Charge-segmento 158: "Crianças frio fogo ônibus", Publicada em 14/8/2006

**2º Subtópico: 'Reflexo da Violência' [1 Charge]**



Charge-segmento 8: "Incêndio em ônibus", Publicada em 19/3/2006

**3º Subtópico: 'Crime Organizado' [6 Charges]**



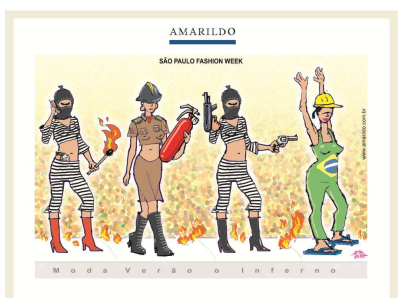
Charge-segmento 67: “Presidiários usam celular”, Publicada em 17/5/2006



Charge-segmento 69: “Secretaria de Justiça, celular presídio”, Publicada em 19/5/2006



Charge-segmento 125: “Lula, Alckmin, ajuda”, Publicada em 13/7/2006



Charge-segmento 126: “São Paulo Fashion violência”, Publicada em 14/7/2006



Charge-segmento 152: “São Paulo, crime organizado”, Publicada em 8/8/2006



Charge-segmento 164: “Carro cadeia arma morte”, Publicada em 20/8/2006

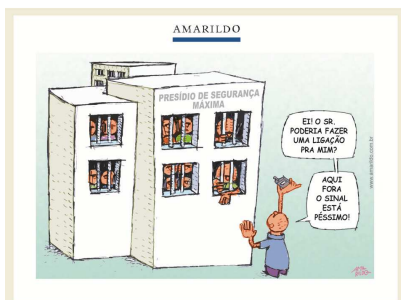
#### 4º Subtópico: ‘Pirataria’ [1 Charge]



Charge-segmento 169: “Operação pirataria na Assembleia”, Publicada em 25/8/2006

### 8º Quadro tópico: “Tentativa de Bloqueio de Celular”[11 Charges]

#### 1º Subtópico: ‘Consumidor Prejudicado’ [3 Charges]



Charge-segmento 60: “Presídio de segurança máxima”, Publicada em 10/5/2006



Charge-segmento 81: “Bloqueio de celular nos presídios”, Publicada em 31/5/2006



Charge 82: “Telefone em presídio”, Publicada em 1/6/2006

**2º Subtópico: ‘Bloqueio de Celular nos Presídios’ [2 Charges]**



Charge-segmento 69: “Secretaria de Justiça pede bloqueio de celular nos presídios”, Publicada em 19/5/06



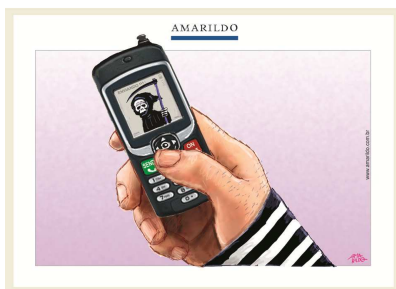
Charge-segmento 73: “Bloqueio de celular nos presídios”, Publicada em 23/5/06

**3º Subtópico: ‘Alusão aos Presídios’ [1 Charge]**



Charge-segmento 70: “Operadora bloqueia sinal de celular em Zona de risco”, Publicada em 20/5/06

**4º Subtópico: ‘Celular nos Presídios’ [3 Charges]**



Charge-segmento 67: "Presidiários usam celular para encomendar assassinatos", Publicada em 17/5/06



Charge-segmento 68: "Bandido nervoso como conta de celular", Publicada em 18/5/06



Charge-segmento 74: "Presidiários tentam ligar para Parreira", Publicada em 24/5/06

### 5º Subtópico: 'Bloqueio de celular' [2 Charges]



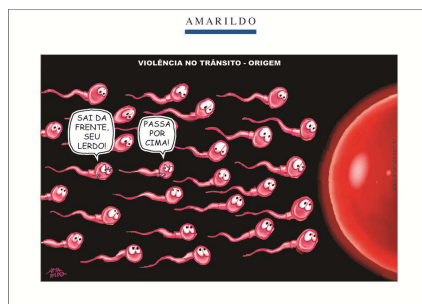
Charge-segmento 70: "Operadora bloqueia sinal de celular", Publicada em 20/5/2006



Charge-segmento 80: "Bloqueio de celular" Publicada em 30/5/2006

### 9º Quadro Tópico: "Violência no Trânsito" [5 Charges]

#### 1º Subtópico: 'Origem da Violência no Trânsito' [2 Charges]



Charge-segmento 183: "Origem da violência no trânsito", Publicada em 8/9/2006



Charge-segmento 185: "Violência no trânsito", Publicada em 10/9/2006

#### 2º Subtópico: 'Desrespeito às Leis de Trânsito' [1 Charge]



Charge-segmento 181: “Sem palavras”,  
Publicada em 6/9/2006

### 3º Subtópico: ‘Outro Método Usado pelos Criminosos’ [1 Charge]



Charge-segmento 164: “Carro cadeia arma morte”,  
Publicada em 20/8/2006

### 4º Subtópico: ‘Stress X Trânsito’ [1 Charge]



Charge-segmento 172: “A morte que agiliza o trabalho”,  
Publicada em 28/8/2006

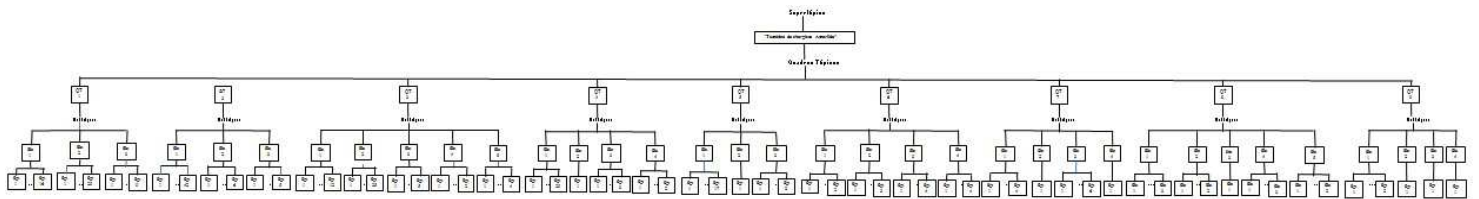
Seguem-se as configurações elaboradas a partir do modelo arbóreo de Koch ([1993] 2007)<sup>53</sup>, que exemplifica a hierarquização do supertópico “Temática do chargista Amarildo”. Na primeira configuração, apresenta-se o quadro geral da organização hierárquica desse supertópico. Em seguida, elaboram-se outras configurações, expondo, em primeiro lugar, quantitativamente os quadros tópicos e, em segundo, os quadros tópicos nomeados; para, em seguida, indicar os respectivos segmentos tópicos, acrescentando as datas de publicação de cada segmento tópico.

---

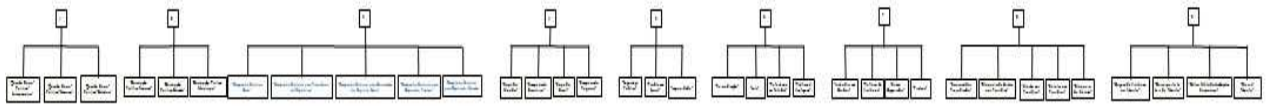
<sup>53</sup> Esse modelo encontra-se na página 21, desta pesquisa.

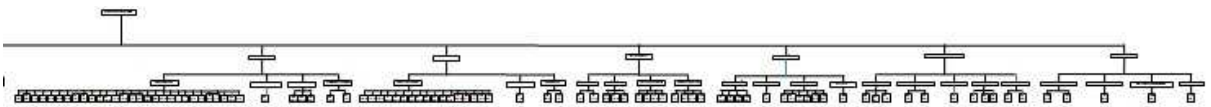
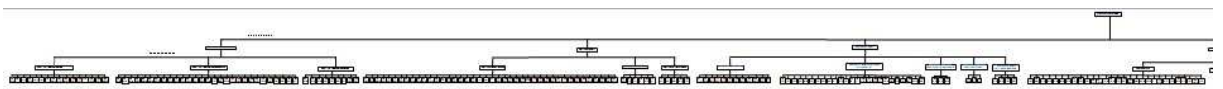


### 3.4.2 Configurações









### 3.5 Organização hierárquica do tópico discursivo “Campanha Eleitoral 2006”

Destaca-se que essa organização hierárquica corresponde ao foco desta pesquisa que, por fim, analisa a organização tópica do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, retratado nas charges elaboradas por Amarildo. Cada uma delas equivale a um segmento tópico, tratado como charge-segmento. As charges selecionadas para a proposta de análise seguiram o mesmo critério do item 3.4, que trata da “Organização hierárquica do tópico discursivo ‘Temática do chargista Amarildo’”<sup>54</sup>. Que, no primeiro momento, identificou e delimitou cada segmento tópico; no segundo, observaram-se os procedimentos pelos quais cada segmento tópico delimitado é colocado no plano discursivo linear e como é colocado de forma que se inter-relaciona no plano discursivo hierárquico; por fim, verificou-se a caracterização estrutural desse segmento tópico, detectando o início, a manutenção e o fechamento do tópico.

Pautando pelo foco desta pesquisa, o supertópico que será tratado daqui por diante encontra-se na organização hierárquica do supertópico “Temática do chargista Amarildo” como o 3º Quadro Tópico<sup>55</sup>, desmembrado para se tornar o estudo desta dissertação. Então, o supertópico “Campanha Eleitoral 2006” é composto de 39 charges, algumas são repetidas equivalendo a 47<sup>56</sup> charges-segmentos divididas em 5 Subtópicos: 1º) Campanha Eleitoral Geral, 2º) Campanha Eleitoral para Presidência da República, 3º) Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo, 4º) Campanha Eleitoral para Deputado Federal e o 5º) Campanha Eleitoral para Deputado Estadual; todos relacionados ao único Quadro Tópico: ‘1º Turno’. Procura-se, assim, pontuar *frames* que caracterizam ‘eleição’, esquematizando-os da seguinte maneira:

a. Identificação:

Políticos

Eleitores

b. Subidentificação:

Corruptos

Desconfiados

---

<sup>54</sup> Da página 118 à 121.

<sup>55</sup> Da página 131 à 136.

<sup>56</sup> Como já exposto nesta dissertação, esse aumento na quantidade de charges se deve a que algumas valem tanto para um subtópico quanto para outro, dependendo da análise efetuada em cada charge.

c. Cenário:

Em alguns momentos em ambientes abertos; em outros, fechados.

De desconfianças e denúncias

d. Características Atitudinais:

Políticos:

Bons de lábia

Camuflados com pele de cordeiro

Oportunistas

Delatores

Eleitores:

Menos inocentes

Mais desconfiados

Mais exigentes

Ex-otimistas em relação aos políticos

A série de segmentos tópicos que aborda as eleições gerais no Brasil em 2006 está relacionada ao período que vai de 12 de março a 1º de outubro de 2006. Neste dia, foi realizado o primeiro turno. Quase 126 milhões de eleitores, em todo Brasil, escolheram seus representantes no legislativo e no executivo. Esse foi um importante momento da democracia, com a escolha dos seguintes cargos eletivos: Presidente e Vice-Presidente da República, Deputados Federais, Senadores, Governadores e seus Vice-Governadores e Deputados Estaduais.

É relevante trazer o contexto histórico vivido pelos brasileiros nas eleições de 2006, pelo fato de esse período ter ocorrido em meio a uma nítida reorganização das forças políticas do país. Nas eleições gerais anteriores, após três tentativas consecutivas, o Partido dos Trabalhadores (PT), representado pelo seu candidato Luiz Inácio Lula da Silva, chegou pela primeira vez à Presidência da República, em meio a um temor generalizado por parte do mercado financeiro internacional com relação a riscos de desestabilização econômica e descumprimento de contratos. O Partido da Social-Democracia Brasileira, que ocupara anteriormente o cargo durante oito anos, viu sua força política reduzida à medida que o novo governo passava a assumir uma política econômica próxima à do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Cogitou-se, inclusive, que o PT assumia o lugar do PSDB como representante do Brasil da social-democracia.

A partir de uma série de denúncias de corrupção com relação às práticas do governo, o PT viu-se desestruturado e continuamente acusado de traidor de seus ideais históricos. Apesar da descrença de antigos setores da esquerda brasileira no PT, verificou-se ainda um forte apoio popular a Lula, no início de 2006.

Esse breve histórico facilitará, sobremaneira, o entendimento dos segmentos tópicos sobre a temática que mostra, além da propaganda eleitoral, políticos em fase de campanha, políticos corruptos também em fase de campanha, políticos promovendo alianças políticas e políticos cassados tentando se eleger. Quanto ao único quadro tópico “1º Turno”, do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, há três subtópicos desenvolvidos da seguinte forma: o primeiro subtópico é composto dos segmentos tópicos que abordam a campanha eleitoral de modo geral; no segundo subtópico, a campanha eleitoral para a Presidência da República; no terceiro, a campanha eleitoral para Governador do Espírito Santo; no quarto, a campanha eleitoral para Deputado Federal e, por fim, a campanha eleitoral para Deputado Estadual.

Vale lembrar que, quando se trata de ler e interpretar charges, há que se considerar que os seus leitores se encontram social e ideologicamente situados e participam, portanto, da construção do sentido, e sabem que a linguagem da charge está em comunicação constante com a notícia, alimentando-se da novidade, dos acontecimentos sociais e políticos. É possível, por conta de tais aspectos, que as charges que fazem parte do *corpus* desta pesquisa não sejam compreendidas sem uma retrospectiva sobre os fatos que as geraram, por conta disso, em cada charge, que faz parte do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, elaborou-se um texto de análise, com isso o leitor poderá se situar no contexto sócio-histórico em que os fatos ocorreram.

Além desses fatores que favorecem o desenvolvimento de análise de uma charge acrescenta-se que se deve verificar as condições de produção, como também compreender a relação estabelecida entre texto-autor-leitor/eleitor, possivelmente identificar os julgamentos e opiniões manifestados pelo chargista na comunicação proposta por cada charge. Desse modo, o que importa na análise é o conteúdo, observado por meio das linguagens encontradas em sua elaboração, como a linguagem verbal, a não verbal, e em algumas somente a linguagem não verbal.

A sequência da temática “Campanha Eleitoral” não é engessada, pois os subtópicos não se desenvolvem numa sequência rígida. Isso implica dizer que, além dos assuntos serem introduzidos antes do esgotamento do anterior, eles em alguns momentos se repetem. Dessa forma, o supertópico “Campanha Eleitoral 2006” é composto de 39 charges que se decompõem em 47 charges-segmentos. Como exposto anteriormente, há charges repetidas nos subtópicos, como é o caso das charges 85, aparecendo três vezes; 119, aparecendo duas vezes; 150, aparecendo quatro vezes; 160, aparecendo duas vezes; e a 186, aparecendo também duas vezes.

Seguindo uma ordem cronológica, a charge 85 aparece em três subtópicos: ‘Campanha Eleitoral Geral’, ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’. A charge 119 aparece em dois subtópicos: ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’. Em relação à charge 150, aparece em quatro subtópicos: ‘Campanha Eleitoral Geral’, ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’. A charge 160 aparece em dois subtópicos: ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’. Por fim, a charge 186, que aparece em dois subtópicos: ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’.

Em relação ao supertópico proposto pela pesquisa: “Campanha Eleitoral 2006”, para se proceder à sistematização de sua organização hierárquica é preciso observar como essa organização ocorre pelo grau de importância da campanha eleitoral no Brasil. O princípio norteador é o da centralização, como foi também para o supertópico “Temática do chargista Amarildo”. Outro procedimento que segue o mesmo padrão deste supertópico é o de cada charge ser vista como charge-segmento, correspondendo dizer que cada charge-segmento é agrupada a partir do grau de associação entre as outras charges-segmentos. Além do enquadramento sucessivo de grupos em relação a outros grupos pertencentes a níveis mais altos, configurando, nos termos e no modelo de Koch ([1993] 2007) uma pirâmide tópica<sup>57</sup>.

Considerando ser o foco central desta dissertação a configuração para “Campanha Eleitoral 2006” é elaborada sem quebras, ou seja, na íntegra. Como a sua organização ocorre de acordo com o grau de importância da eleição em um País como se expôs, mas como há charge que trata somente de eleição, então, se privilegiou como 1º subtópico Campanha Eleitoral Geral,

---

<sup>57</sup> Esse é o formato do modelo sugerido por Koch ([1993] 2007), encontrado na página 21, desta pesquisa.



em seguida a Campanha Eleitoral para Presidência da República, depois Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo, Campanha Eleitoral para Deputado Federal e, por fim, Campanha Eleitoral para Deputado Estadual.

Nessa configuração, em conformidade com o grau de importância da eleição em 2006 em que o assunto é abrangido, estabelece-se a relação de interdependência entre os tópicos, garantindo a visibilidade na organização, como foi visto no supertópico anterior. Percebe-se essa visibilidade de forma diferenciada, em que cada nível é recoberto por outro superior e constituído por um inferior e que a delimitação das fronteiras de cada assunto ocorre a partir da focalização. Enfatiza-se neste ponto da pesquisa que se aborda, dentre as campanhas, somente a campanha eleitoral para governador do Espírito Santo por ser esse o ponto relevante dentro do supertópico em questão.

### **3.5.1 Esquematização do nível hierárquico do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”**

#### **Supertópico “Campanha Eleitoral 2006”**

##### **Quadro tópico: 1º Turno**

###### 1º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral Geral’

- Segmentos Tópicos

Charge (51) – “Como o eleitor se sente ao votar”

Charge (85) – “Brasil bola X urna 3”

Charge (115) – “Bola de futebol se transformando em urna eletrônica”

Charge (121) – “‘Eleição’ urna eletrônica”

Charge (150) – “Produtos deverão conter informações ao consumidor”

Charge (161) – “Horário eleitoral é o melhor momento para não assistir à TV e fazer outra coisa”

Charge (162) – “Horário Eleitoral Gratuito”

Charge (165) – “Horário Eleitoral Gratuito”

Charge (179) – “Pesquisa eleitoral para acabar com o Horário Eleitoral”

Charge (204) – “Horário Eleitoral: Candidato bom gorda 2”

Charge (205) – “Eleição Google 2”

Charge (206) – “Eleição dedo arma”

## 2º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’

- Segmentos Tópicos

Charge (1) – “Geraldo Alckmin e José Serra”

Charge (4) – “Alckmin é escolhido candidato à Presidência da República pelo PSDB”

Charge (32) – “Presidente Lula e Geraldo Alckmin na disputa pela Presidência”

Charge (75) – “Pesquisa aposta que Lula tem mais de vinte pontos percentuais sobre Geraldo Alckmin”

Charge (85) – “Brasil bola X urna 3”

Charge (124) – “Lula pescado, Alckmin dando à distância, pesquisa eleitoral gancho”

Charge (125) – “Lula, Alckmin, ajuda”

Charge (132) – “Gangorra”

Charge (142) – “Senadora Heloísa Helena candidata a Presidência”

Charge (150) – “Produtos deverão conter informações ao consumidor”

Charge (151) – “Heloísa Helena e Lula, antes e depois das eleições”

Charge (154) – “Eleições/Lula (PT), Alckmin (PSDB) e Heloísa Helena (P SOL)”

Charge (174) – “Alckmin pesquisa Boxe 2”

Charge (175) – “Alckmin Volks demite”

Charge (176) – “O Grito de Alckmin”

Charge (178) – “Alckmin buraco assalto”

Charge (184) – “Alckmin futuro previsão 2”

Charge (186) – “Congresso 11 de setembro Torres Gêmeas”

Charge (187) – “Alckmin Boxe soco volta”

Charge (189) – “Alckmin, FHC, Lula corda 2”

Charge (191) – “Candidato à Presidência Alckmin fala com Evo gás pesquisa”

Charge (193) – “Lula e Geraldo Alckmin”

Charge (196) – “Dossiê e Máfia dos Sanguessugas”

Charge (202) – “Lula e Alckmin”

Charge (203) – “Debate nas eleições para Presidente”

### 3º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’

- Segmentos Tópicos

Charge (113) – “Paulo Hartung reeleição”

Charge (119) – “Campanha venda TV”

Charge (150) – “Produtos deverão conter informações ao consumidor”

### 4º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’

- Segmentos Tópicos

Charge (85) – “Brasil bola X urna 3”

Charge (160) – “Gravação do horário eleitoral gratuito”

Charge (186) – “Congresso 11 de setembro Torres Gêmeas”

5º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’

- Segmentos Tópicos

Charge (119) – “Campanha venda TV”

Charge (150) – “Produtos deverão conter informações ao consumidor”

Charge (160) – “Gravação do horário eleitoral gratuito”

Charge (167) – “Vote em mim!”

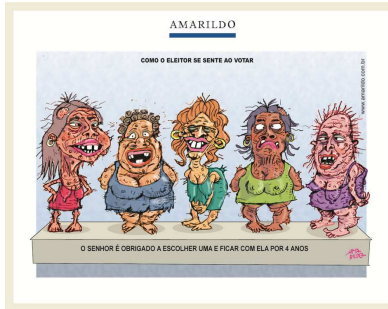
A seguir, as charges correspondentes ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Esse supertópico é composto por 1 quadro tópico, 5 subtópicos e 47 segmentos tópicos. Os títulos dos segmentos tópicos foram sintetizados, com o objetivo de comporem a configuração: 4.1.1.2, na página 204, desta pesquisa.

### **3.5.2 Charges**

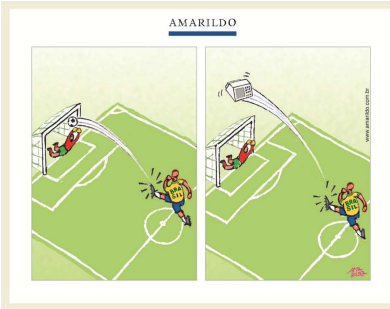
**Supertópico: “*Campanha Eleitoral 2006*”**

**Quadro Tópico: 1º Turno** [47 Charges]

**1º Subtópico: ‘*Campanha Eleitoral Geral*’** [12 Charges]



Charge-segmento- 51: Eleitor/escolha, Publicada em 1/5/2006



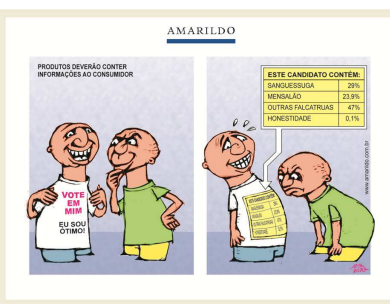
Charge-segmento- 85: Urna Eletrônica, Publicada em 4/6/2006



Charge-segmento- 115: Urna Eletrônica, Publicada em 4/7/2006



Charge-segmento- 121: Voto, Publicada em 9/7/2006



Charge-segmento 150: Histórico do candidato, Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento- 161: Horário Eleitoral, Publicada em 17/8/2006



Charge-segmento 162: Horário Eleitoral Castigo, Publicada em 18/8/2006



Charge-segmento 165: Horário Eleitoral Decoração, Publicada em 21/08/2006



Charge-segmento 179: Pesquisa, Publicada em 4/9/2006



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral/Escolha, Publicada em 29/4/2006

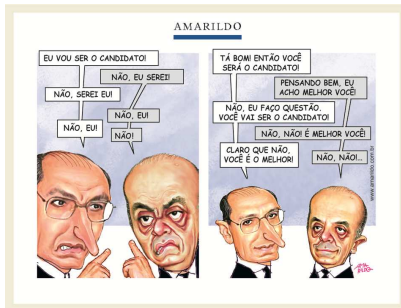


Charge-segmento 205: Urna Eletrônica, Publicada em 30/9/2006



Charge-segmento 206: Voto X Cassar Corrupto, Publicada em 1/10/2006

2º Subtópico: 'Campanha Eleitoral para Presidência da República' [25 Charges]



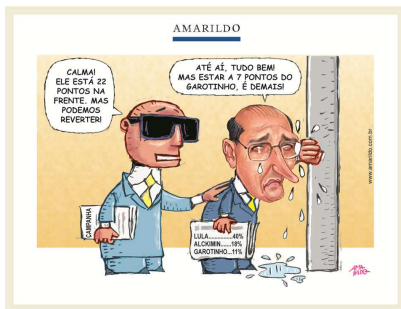
Charge-segmento 1: Pré-candidatura, Publicada em 12/3/2006



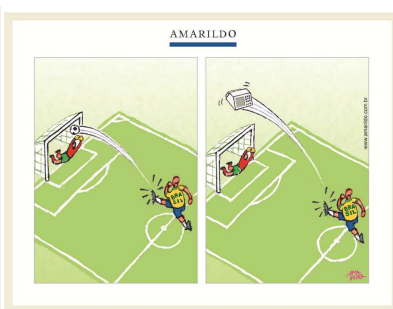
Charge-segmento 4: Candidatura, Publicada em 15/3/2006



Charge-segmento 32: Disputa, Publicada em 12/4/2006



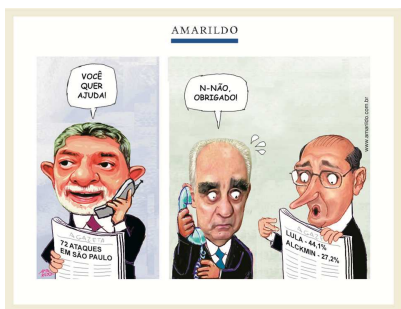
Charge-segmento 75: Pesquisa, Publicada em 25/5/2006



Charge-segmento 85: Uma Eletrônica, Publicada em 4/6/2006



Charge-segmento 124: Pesquisa, Publicada em 12/7/2006



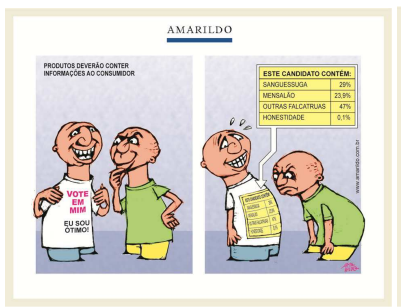
Charge-segmento 125: Pesquisa, Publicada em 13/7/2006



Charge-segmento 132: Pesquisa, Publicada em 20/7/2006



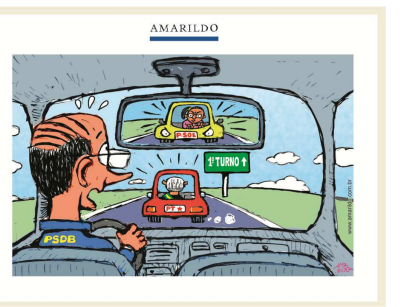
Charge-segmento 142: Coligação, Publicada em 29/7/2006



Charge-segmento 150: Histórico do Candidato, Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 151: Campanha X Tempo, Publicada em 7/8/2006



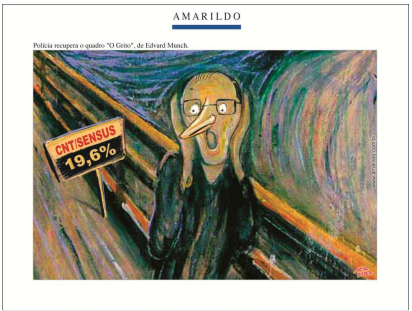
Charge-segmento 154: Pesquisa, Publicada em 10/8/2006



Charge-segmento 174: Pesquisa,  
Publicada em 30/8/2006



Charge-segmento 175: Pesquisa,  
Publicada em 31/8/2006



Charge-segmento 176: Pesquisa,  
Publicada em 1/9/2006



Charge-segmento 178: Pesquisa,  
Publicada em 3/9/2006



Charge-segmento 184: Pesquisa,  
Publicada em 9/9/2006



Charge-segmento 186: Voto,  
Publicada em 11/9/2006



Charge-segmento 187: Pesquisa,  
Publicada em 12/9/2006



Charge-segmento 189: Pesquisa,  
Publicada em 14/9/2006



Charge-segmento 191: Pesquisa,  
Publicada em 16/9/2006



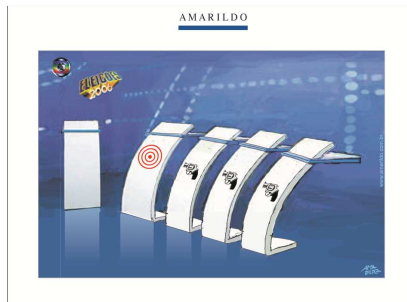
Charge-segmento 193: Objetivo,  
Publicada em 18/9/2006



Charge-segmento 196: Pesquisa,  
Publicada em 21/9/2006



Charge-segmento 202: Pesquisa,  
Publicada em 27/9/2006

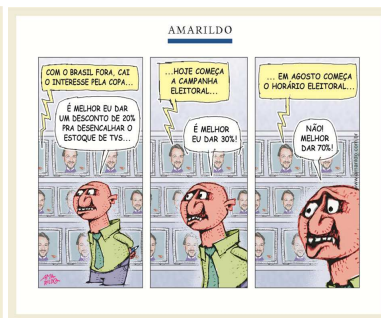


Charge-segmento 203: Debate,  
Publicada em 28/9/2006

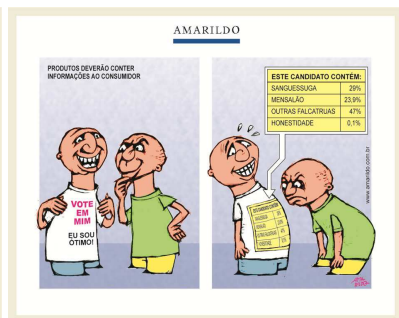
### 3º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ [3 Charges]



Charge-segmento 113: Campanha,  
Publicada em 2/7/2006

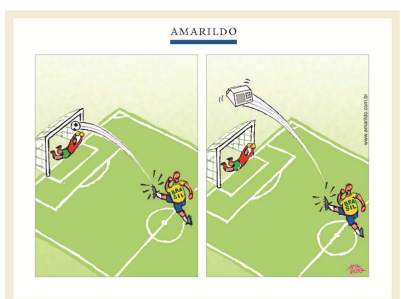


Charge-segmento 119: Campanha,  
Publicada em 7/7/2006

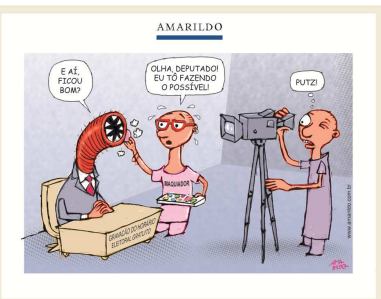


Charge-segmento 150: Histórico do Candidato,  
Publicada em 6/8/2006

### 4º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’ [3 Charges]



Charge-segmento 85: Urna Eletrônica,  
Publicada em 4/6/2006



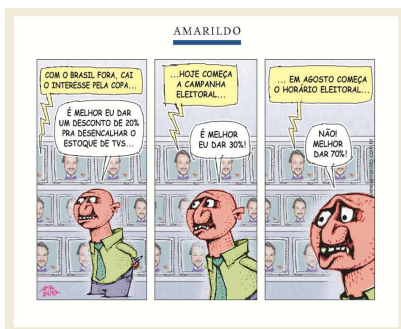
Charge-segmento 160: Campanha,  
Publicada em 16/8/2006



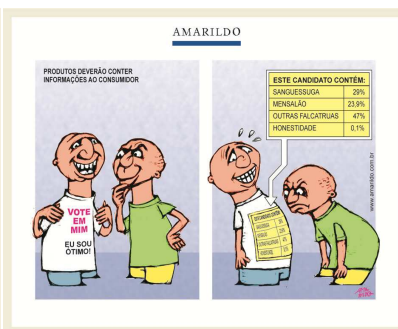
Charge-segmento 186: Voto,  
Publicada em 11/9/2006

### 5º Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’ [4 Charges]





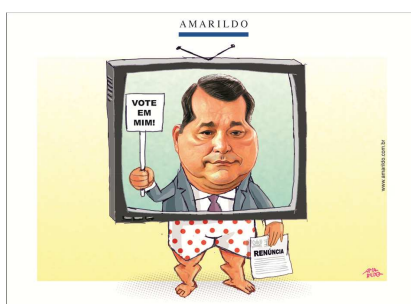
Charge-segmento 119: Campanha, Publicada em 7/7/2006



Charge-segmento 150: Histórico do Candidato, Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 160: Campanha, Publicada em 16/8/2006



Charge-segmento 167: Campanha, Publicada em 23/8/2006

## Capítulo IV

### Analizando a estrutura da organização tópica

#### 4. Leitura e contextualização das charges de Amarildo

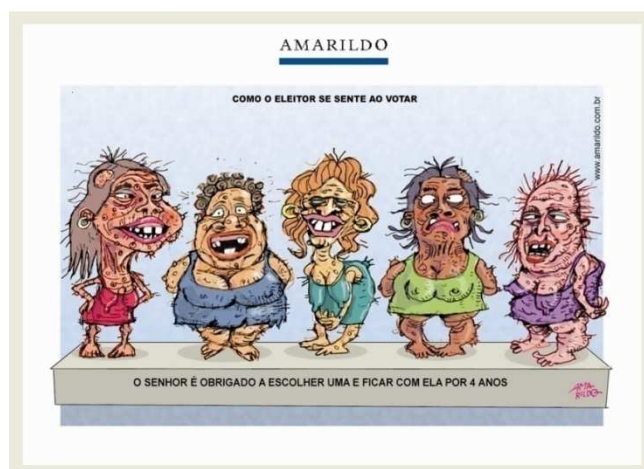
Como foi reforçado, quando se trata de ler e interpretar charges, deve-se considerar que os seus leitores encontram-se social e ideologicamente situados, participando, portanto, da construção do sentido e sabem que a linguagem da charge está em comunicação constante com a notícia. Para que as charges sejam compreendidas se torna necessária uma retrospectiva sobre os fatos que as geraram, por conta disso, em cada charge, elabora-se um texto de análise, com isso o leitor poderá se situar no contexto sócio-histórico em que os fatos ocorreram. Desse modo, observa-se o conteúdo de cada charge por meio das linguagens que se complementam encontradas em sua elaboração, como a linguagem verbal, a não verbal - visual da imagem e da cor -, e em algumas somente a linguagem não verbal.

No conteúdo da análise destas charges, além de abordar o que perpassa em cada charge, o leitor também encontrará de forma clara o procedimento de enquadramento de cada charge-segmento em determinado tópico.

Como ponto de partida nas análises, a charge de número 51 não só abre o supertópico “Campanha Eleitoral 2006” como também abre a análise do 1º subtópico “Campanha Eleitoral Geral”, intitulada “Como o eleitor se sente ao votar”, publicada no dia 1º de maio de 2006. Nela, Amarildo elaborou o seu desenho expondo os “candidatos” e sugerindo ao leitor/eleitor que pense muito bem antes de fazer a escolha, porque sem a responsabilidade eleitoral provavelmente fará uma escolha errada com sérias implicações no futuro.

De início, atenta-se para certas condições de produção, como a principal evidência que marca a abertura desse primeiro subtópico: o enunciado que aparece como título na parte superior da charge, que diz: “Como o eleitor se sente ao votar”; na parte inferior, há mais um enunciado: “O senhor é obrigado a escolher uma e ficar com ela por 4 anos”. Assim sendo, tanto o

enunciado título quanto o enunciado que arremata a ideia contida no enunciado título, há marcadores linguísticos que indicam o processo eleitoral, como: ‘eleitor’, ‘votar’ e ‘escolher’.



Charge-segmento 51: “Como o eleitor se sente ao votar”, publicada em 1/5/2006

Numa perspectiva geral, uma das preocupações que tem tomado conta de muitos eleitores é a escolha certa do candidato ao cargo de carreira política, isso fica evidenciado nessa charge que abre a campanha eleitoral de 2006. Possivelmente Amarildo, com esse trabalho, tenha procurado incentivar o eleitor que investigue cada candidato antes da escolha, porque depois de eleito será o dono por quatro anos da cadeira do Palácio Anchieta, sede do governo desde 1798. Em seguida, apresenta os candidatos numa plataforma em que mostra os concorrentes que pleiteiam um cargo político. A ilustração de cada candidato parece deixar transparecer a sensação de como o eleitor se sente ao votar.

Provavelmente Amarildo tenha lançado mão da hipérbole para representar os candidatos à eleição, produzindo figuras feias que provocam repulsa ao eleitor. Como o papel do chargista na sociedade é relevante, pode se induzir que com esse tipo de produção ele pretende se fazer escutar, abrindo os olhos dos eleitores para a reflexão antes da escolha do candidato que o irá representar por longos anos.

Como “a cor é um elemento que compõe a linguagem dos quadrinhos”, proporcionando “informações visuais” trabalhadas “pelos artistas” e interpretadas “pelos leitores”/eleitores, segundo Ramos (2010, p. 84), é que se ressaltam as cores usadas para compor a linguagem da charge. Observa-se que são nítidas e bem fortes, com um colorido que chama a atenção. Um ponto que deve ser salientado em relação às cores é o fato de Amarildo não ter usado em nenhuma das personagens as cores que fazem referência tanto à Bandeira do Brasil quanto à Bandeira do Estado do Espírito Santo ou de qualquer outro estado,

confirmando a ideia de que não há a intenção de indicar qual cargo esta charge indica, ou seja, o chargista parece estar se referindo a apenas às eleições em geral. Essa é uma ocorrência relevante, pois em outros trabalhos, quando esse artista pretende fazer referência ao Estado ele usa cores referentes à Bandeira do Espírito Santo: azul, branca e rosa.

Sendo a hipérbole uma característica do humor em geral e da charge em específico, é que o leitor/eleitor tem a perspectiva de outros posicionamentos percebidos por meio do choque proporcionado pelas figuras elaboradas de forma exagerada, lançadas no primeiro dia de campanha, pode-se levar a “intuir” que com a mídia trabalhando para a reflexão desse leitor/eleitor de que o amanhã é apenas uma promessa e o hoje nunca acontece de acordo com a promessa feita, é que se torna possível pautar mudança no cabide de emprego conseguido através do voto do POVO.

Na charge em questão, Amarildo representa os políticos por meio de figuras tão feias, que se pode perceber o quanto o eleitor se sente mal ao votar. Essa é uma interpretação possível, mas não é a mais engraçada, ainda que o chargista tenha procurado o humor, pois ela representa não só um período de 4 anos de pontos negativos, como também de tortura psicológica em relação a eventos que podem gerar um retrocesso nas conquistas da democracia. Portanto, é uma escolha que leva a um possível desconforto.

Normalmente, quando se propõe uma escolha, há possibilidade de que uma coisa seja melhor do que outra. A hipérbole produzida na charge sacode o senso comum e talvez assuste, mas acima de tudo provoca impulsos nefastos similares dos quais o leitor/eleitor já foi capaz de sentir e foi recalçado em seu interior para buscar a mudança. Se essa charge for lida pela visão de que tudo precisa mudar, inclusive a posição do eleitor perante os candidatos ao ‘poder’ haverá políticos com discurso visando o bem social e não o bem individual.

A charge seguinte, de número 85, demonstra ser um trabalho de intercontextualidade com a Copa do Mundo e as eleições, intitulada “Brasil bola X urna 3”, publicada no dia 4 de junho de 2006. Infere-se que seja a Copa do Mundo ao observar a camisa do jogador que lança a bola em direção ao gol. Nas costas do jogador está escrito em letras garrafais: “Brasil”. No segundo quadro, o chargista transformou a bola numa urna eletrônica passando por cima do gol. Portanto, a imagem leva à leitura de que Amarildo elaborou o desenho se referindo aos jogos da Copa e às eleições. Pode-se também inferir que nessa charge Amarildo pretende

fazer uma crítica às escolhas dos brasileiros nas eleições quando o jogador lança a bola fora do gol, isto é, como se os eleitores fizessem escolhas erradas, desperdiçando seus votos.

Como não há indicação de qual cargo político a charge se refere ao tratar das eleições, há duas possibilidades de leitura: na primeira, infere-se que essa produção esteja relacionada à campanha eleitoral geral. Porém, ao se observar o uso das cores correspondentes à Bandeira do Brasil: verde, amarelo, azul e branco, pode-se intuir que essa seja uma produção que se refere a eleições em âmbito Nacional. Logo, essa charge pode fazer parte de três subtópicos: além do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, também para a ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’.



Charge-segmento 85: “Brasil bola X urna 3”, publicada em 4/6/2006

A charge de número 115, com o título “Bola de futebol se transformando em urna eletrônica”, publicada no dia 4 de julho de 2006, parte, como na charge anterior, de uma intercontextualização.



Charge-segmento 115: “Bola de futebol se transformando em urna eletrônica”, publicada em 4/7/2006

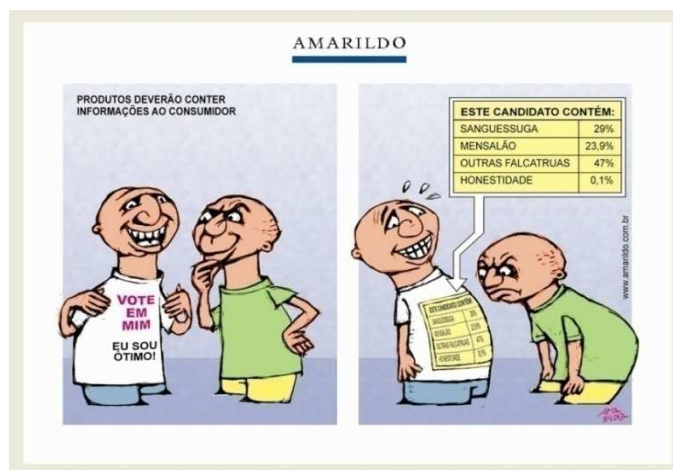
Como é possível notar, em seu primeiro quadro há o desenho de uma bola que, no decorrer dos quadros seguintes, muda de forma, adquirindo, gradativamente, o formato de um cubo, para se transformar, no instante final, em uma urna eletrônica. Portanto, o léxico ‘bola’ e ‘Justiça Eleitoral’ correspondem a futebol e à eleição, esse arranjo leva o leitor/eleitor a inferir Campanha Eleitoral, utilizando o contexto Copa do Mundo.

Na charge 121, intitulada “‘Eleição’ urna eletrônica”, publicada no dia 9 de julho de 2006, também pode ser constatada a presença da intercontextualização. Nela, Amarildo brinca com o misticismo e elabora uma leitura baseada na expectativa da previsão adotada por algumas pessoas que, ao terem que tomar uma decisão, buscam respostas na prática da vidência; por conta disso, o chargista formulou a sua charge utilizando um possível eleitor e uma possível vidente. Tudo é inferido pelo leitor/eleitor por meio dos léxicos: ‘prever o futuro’ e ‘alterar o seu futuro’.



Charge-segmento 121: “‘Eleição’ urna eletrônica”, publicada em 9/7/2006

A charge seguinte intitulada “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada no dia 6 de agosto de 2006, de número 150, mostra um tipo de abordagem corriqueira dos candidatos.



Charge-segmento 150: “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada em 6/8/ 2006

De acordo com o que se pode observar a abordagem praticada pelos candidatos, apesar de usual, não contava com um elemento imprevisível, o da curiosidade do eleitor em saber o histórico do pretendente ao cargo político.

Nessa charge, fica nítida a sobreposição da linguagem não verbal à linguagem verbal. Nela, não há balões com enunciados indicando diálogo, mas o modo como a imagem foi elaborada deixa explícita a ideia de uma interação conversacional entre dois indivíduos. A linguagem verbal aparece apenas em forma de título, para chamar a atenção do leitor/eleitor; e na camisa, como um enunciado imperativo, fazendo um chamamento ao eleitor para que vote nesse candidato. Há também um enunciado exclamativo, com o próprio candidato se elogiando.

No primeiro quadro, do lado esquerdo, ponto de partida da leitura dessa imagem, duas figuras do sexo masculino, além de um texto escrito em letras garrafais, chamam a atenção do leitor/eleitor: “PRODUTOS DEVERÃO CONTER INFORMAÇÕES AO CONSUMIDOR”. A intertextualidade é uma característica “muito marcante e presente no texto chargístico” (LOPES, 2008, p. 61). A charge, assim, “retoma, de alguma forma, algum prévio conhecimento notório ou algum fato que já tenha sido veiculado pela própria mídia” (LOPES, 2008, p. 61).

Tal característica pode ser rapidamente identificada no título da charge 150. O direito do consumidor já foi algo tratado repetidas vezes pela mídia, o que instiga interpretar a imagem como uma proposta vinda do próprio governo e que autoriza o lançamento da campanha, como o enunciado insinua: “Produtos deverão conter informações ao consumidor”.

Toda essa leitura é possibilitada pelo *frame* que, segundo Lins (2008, p. 22), “é através dele que é dada a interpretação de assuntos a partir de estruturas de expectativas que vão sendo atendidas através da ativação de esquemas de conhecimentos internalizados” pelo leitor/eleitor. Esses conhecimentos perpassam a produção de Amarildo e podem ser percebidos por seus interlocutores.

Em relação ao interlocutor que divide a cena com o candidato, observa-se o uso da cor verde e amarela. Quanto ao uso da cor amarela, há duas possibilidades. Na primeira, conjugada à cor verde, pode estar representando a Bandeira Nacional, ou seja, Amarildo está se referindo a todos os brasileiros. Por outro lado, levando em consideração que o candidato está usando as cores da Bandeira do Espírito Santo, pode-se inferir com uma possibilidade grande de acerto que a charge está representando também as eleições para os cargos que se referem ao Espírito Santo.

Em relação ao rótulo impresso na camisa do candidato, nos dois primeiros itens, os léxicos ‘sanguessuga’ e ‘mensalão’ referem-se aos *frames* relacionados ao governo federal, implicando a considerar que essa charge se refere à nuvem negra de corrupções que cobriu Brasília. Vê-se que a mobilização de conhecimentos, por ocasião do processo textual, é de grande importância, pois é por meio desses conhecimentos que se realiza o entendimento das estratégias não só da ordem cognitiva, como também da sociointeracional e da textual (JUBRAN et al., [1992] 2002). Por conta dessas assertivas, conclui-se que essa charge pertence não somente ao subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, inserido no terceiro quadro tópico “Campanha Eleitoral”, mas a outros subtópicos do mesmo quadro tópico, como ‘Presidência da República’, ‘Governo do Espírito Santo’ e, por fim, ‘Deputado Estadual’.

A charge seguinte, de número 161, publicada no dia 17 de agosto de 2006, com o título “Horário eleitoral é o melhor momento para não assistir à TV e fazer outra coisa” se refere somente à campanha eleitoral geral. Isso é percebido pela imagem da TV, a qual transmite o horário eleitoral sem mostrar qual é a emissora responsável pela programação, pois cada emissora transmite o horário eleitoral de seu Estado. No canto direito inferior da TV, está indicado que o telespectador colocou em mudo para não ouvir a retórica dos candidatos, sugerindo que o leitor/eleitor está interessado apenas na programação seguinte a do horário eleitoral.





Charge-segmento 161: “Horário eleitoral é o melhor momento para não assistir à TV e fazer outra coisa”, publicada em 17/8/ 2006

Vale ressaltar que o horário eleitoral gratuito na TV e no rádio teve o seu início no dia 15 de agosto de 2006, numa terça-feira, dois dias depois o chargista tratou desse tema. Nesse horário, os candidatos têm a oportunidade de divulgar suas campanhas políticas até o dia 28 de setembro.

Na charge seguinte, a de número 162, publicada no dia 18 de agosto de 2006, o horário eleitoral é novamente retratado, mas dessa vez como castigo para a criança, por isso não foi colocado no mudo, pois, como Amarildo enfatizou, o horário eleitoral tem 1001 utilidades. Os léxicos ‘horário eleitoral gratuito’ marcam que essa é uma charge do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’.



Charge-segmento 162: “Horário Eleitoral Gratuito”, publicada em 18/8/2006

O mesmo ocorre na charge seguinte, de número 165. Com o mesmo título da anterior “Horário Eleitoral Gratuito”, publicada no dia 21 de agosto de 2006, a insatisfação do eleitor em relação ao horário eleitoral obrigatório gratuito é o enfoque central da charge. Esse horário

é obrigatório, porque as emissoras não têm escolha, mas o eleitor tem e recusa-se a assistir. Seus léxicos também confirmam que pertence ao subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’.



Charge-segmento 165: “Horário Eleitoral Gratuito”, publicada em 21/8/2006

A charge 179, intitulada “Pesquisa eleitoral para acabar com o Horário Eleitoral”, publicada no dia 4 de setembro de 2006, parece fechar a ideia contida nas anteriores: ‘a insatisfação pelo horário eleitoral gratuito’. Com os mesmos léxicos da anterior, essa charge confirma pertencer ao mesmo subtópico. De modo particular, ela traz o numeral ‘1º’ e o léxico ‘turno’ confirmando o único quadro tópico: “1º Turno”, do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”.



Charge-segmento 179: “Pesquisa eleitoral para acabar com o Horário Eleitoral”, publicada em 4/9/2006

A charge 204, por sua vez, intitulada “Horário Eleitoral: Candidato bom gorda 2”, publicada no dia 29 de setembro de 2006, insiste na mesma polêmica: ‘a insatisfação pelo horário eleitoral gratuito’. Nela, Amarildo mostra que tudo depende do estado fisiológico em que se encontra o telespectador. O que confirma que essa charge pertence ao subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’ são os léxicos que aparecem no balão acima da TV: “Horário Eleitoral Gratuito”.



Charge-segmento 204: “Horário Eleitoral: Candidato bom gorda 2”,  
Publicada em 29/9/2006

Na charge seguinte, a de número 205, intitulada “Eleição Google 2”, publicada no dia 30 de setembro de 2006, Amarildo traz um desenho de uma urna eletrônica, a qual sugere a ausência de bons candidatos. Isso é percebido pelo que está escrito no local de pesquisa: “Candidato bom”. Embaixo, encontra-se o resultado da pesquisa: “Não foi encontrado nenhum documento correspondente”. Assim, todos os léxicos configuram a ideia de que esta charge pertence ao subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’.



Charge-segmento 205: “Eleição Google 2”, publicada em 30/9/2006

Na charge 206, intitulada “Eleição dedo arma”, publicada no dia 1 de outubro de 2006, completa a ideia da charge anterior, pois nela é mostrado o dedo indicador como uma arma, pois se não há candidato bom na pesquisa realizada pelo Google (na charge de número 205) o dedo do eleitor tem o poder de se tornar uma arma que irá eliminar os maus candidatos. Essas são premissas encontradas nos léxicos ‘arma’, ‘cassar’ e ‘corrupto’.

Nas últimas eleições, a votação aconteceu, em quase todo território nacional, por meio do sistema de voto em urna eletrônica. É uma tecnologia que além de combater às fraudes

eleitorais agiliza a apuração dos resultados. Esse curto comentário vale para mostrar a partir de qual raciocínio se faz a leitura desta charge, que traz em sua produção o desenho de uma mão com o dedo indicador apontando como se fosse um cano de uma arma. Salienta-se que o método anterior do voto era em cédula de papel onde o eleitor precisava escrever o nome e/ou número de seu candidato. O sistema de urna eletrônica trouxe maior rapidez, pois o eleitor com toques do dedo indicador executa o seu direito de escolha. A partir do desenho produzido por Amarildo, observa-se analogia nas formas linguísticas ‘dedo’ e ‘arma’, ou seja, tem-se a criação da imagem de uma arma pela influência da imagem de um dedo. Vale ressaltar que a urna eletrônica é uma tecnologia desenvolvida aqui no Brasil.

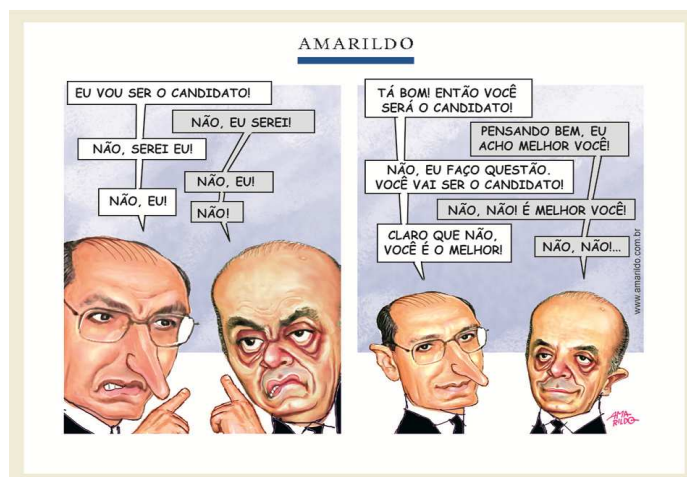


Charge-segmento 206: "Eleição dedo arma", publicada em 1/10/2006

O Espírito Santo foi o primeiro estado a concluir a apuração no primeiro turno, em 1º de outubro de 2006, com os resultados das eleições para governador, senador, deputado estadual e federal. Cerca de 2,3 milhões de eleitores exerceram seus direitos e deveres como cidadãos, escolhendo os seus representantes.

O bloco seguinte é composto de charges que dizem respeito ao subtópico "Campanha Eleitoral para Presidência da República", os léxicos encontrados neste agrupamento confirmam essa distribuição.

A charge de número 1 dá início à análise do segundo subtópico 'Campanha Eleitoral para Presidência da República', intitulada "Geraldo Alckmin e José Serra", publicada no dia 12 de março de 2006. Nela, Amarildo elaborou o seu desenho expondo dois momentos dos candidatos à pré-candidatura de seus partidos (PSDB). No primeiro quadro, o chargista apresenta o contexto em que, de aliados políticos, os personagens se tornaram opositores, por conta da disputa pela candidatura à Presidência da República por seus partidos.



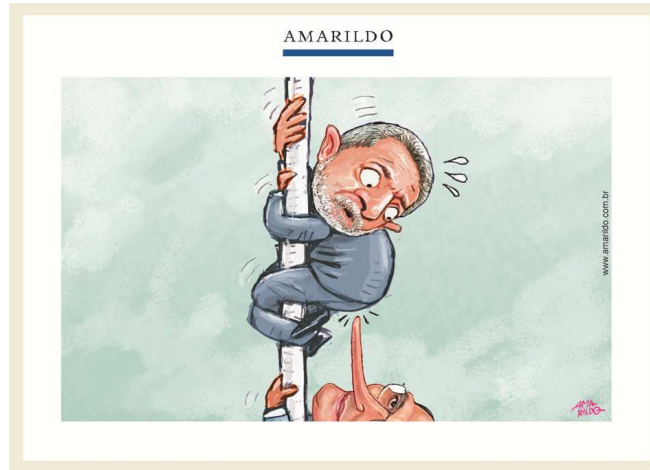
Charge-segmento 1: “Geraldo Alckmin e José Serra”, publicada em 12/3/2006

A charge 4, publicada no dia 15 de março de 2006, é uma sequência da charge anterior. Nela, Amarildo traz o candidato já escolhido por seu partido para concorrer à Presidência da República, resultado que se deu após desistência de Serra. Os léxicos que comprovam que a charge pertence ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ se encontram no título “Alckmin é escolhido candidato à ‘Presidência da República pelo PSDB’”. Nesta charge o chargista faz referência ao momento vivido pelos capixabas: greve de motoristas de ônibus e ataques aos ônibus.



Charge-segmento 4: “Alckmin é escolhido candidato à ‘Presidência da República pelo PSDB’”, publicada em 15/3/2006

A charge de número 32, intitulada “Presidente Lula e Geraldo Alckmin na disputa pela Presidência”, publicada no dia 12 de abril de 2006, denota que Alckmin faz de tudo para atrapalhar a campanha eleitoral do candidato Lula em busca da reeleição. Toda essa leitura é proporcionada pelos traços das fisionomias dos dois candidatos e pelos léxicos relacionados aos nomes dos respectivos candidatos no título da charge.



Charge-segmento 32: “Presidente Lula e Geraldo Alckmin na disputa pela Presidência”, publicada em 12/4/2006

A charge 75, intitulada “Pesquisa aposta que Lula tem mais de vinte pontos percentuais sobre Geraldo Alckmin”, publicada no dia 25 de maio de 2006, também faz parte do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’.



Charge-segmento 75: intitulada “Pesquisa aposta que Lula tem mais de vinte pontos percentuais sobre Geraldo Alckmin”, publicada em 25/5/2006

Infere-se tal assertiva pelos léxicos relacionados à campanha, como os nomes dos candidatos ‘Lula’, ‘pontos percentuais sobre Alckmin’, e a ‘pesquisa’, procedimento corriqueiro num processo eleitoral, além dos traços que marcam nitidamente a fisionomia de Alckmin: calvo, nariz grande e fino, usa óculos.

A charge a seguir, de número 85, faz parte do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, intitulada “Brasil bola X urna 3”, publicada no dia 4 de junho de 2006, também compõe o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ pelo fato de em sua produção haver cores que correspondem à Bandeira do Brasil: o verde, o amarelo, o azul e o branco.



Charge-segmento 85: “Brasil bola X urna 3”, publicada em 4/6/2006

Na charge 124, intitulada “Lula pescado, Alckmin dando à distância, pesquisa eleitoral gancho”, publicada no dia 12 de julho de 2006, Amarildo insinua que quem está emplacando nas intenções de voto é o candidato Lula. Pela sua aparente despreocupação, conta com uma boa vantagem em relação ao seu opositor Geraldo Alckmin.



Charge-segmento 124: “Lula pescado, Alckmin dando a distância, pesquisa eleitoral gancho”, publicada em 12/7/2006

Embora não haja léxicos explicitando que são os dois candidatos à Presidência, a caricatura é suficiente para deixar clara tais inferências, confirmadas por meio de seu título: “Lula pescado, Alckmin dando a distância, pesquisa eleitoral gancho”.

Na charge intitulada “Lula, Alckmin, ajuda”, de número 125, publicada no dia 13 de julho de 2006, o chargista continua tratando da preocupação que o candidato Alckmin tem em relação à distância nas pesquisas de seu opositor Lula. O dado novo, na charge, mostra o contexto turbulento vivido em 2006 no estado de São Paulo. Na época, o então governador Cláudio Salvador Lembo aparece entre os candidatos numa provável situação de desconforto, pois no período em que substituiu Alckmin houve uma onda de violência em São Paulo.



Charge-segmento 125: “Lula, Alckmin, ajuda”, publicada em 13/7/2006

No desenho, Amarildo parece querer com os traços nas fisionomias dos três personagens mostrar sentimentos diferenciados. Percebe-se nos traços, à época, do presidente Lula tranquilidade; no governador (também à época) de São Paulo Lembo, um ar de indecisão na atitude que deve tomar por conta se sua posição adversa em relação a Lula e a Alckmin; já os traços expostos na fisionomia de Alckmin demonstram espanto, pois Lula mantinha larga vantagem na disputa pela Presidência da República.

O que sustenta tal leitura são os léxicos identificados nos jornais, os quais se encontram nas mãos de Lula e de Alckmin, como ‘72 ataques em São Paulo’ e, no de Alckmin, ‘Lula – 44,1%, Alckmin – 27,2%’. Tratando agora do léxico encontrado no título da charge e no balão da fala de Lula: ‘ajuda’, confirma a questão da necessidade de um apoio Federal a que Lembo se recusava, por apoiar Alckmin. Tal ajuda possivelmente faria aumentar a distância entre ambos. Já o léxico que enfatiza a questão da pesquisa ‘ajuda’ faz com que essa charge também faça parte do quadro tópico “Crime”, e de seu subtópico ‘Crime Organizado’.

Na charge 132, publicada no dia 20 de julho de 2006, com o título “Gangorra”, vê-se, no canto superior direito, o léxico que confirma mais uma vez o quadro tópico nomeado “1º Turno”. Nessa charge, há três dos sete candidatos que disputaram a Presidência da República em 2006.





Charge-segmento 132: “Gangorra”, publicada em 20/7/2006

Para o turno seguinte, foram somente dois dos mais votados: Lula e Alckmin. Amarildo também retrata na charge o descontentamento da candidata Heloísa Helena, que se desentendeu com o PT, convertendo-se de apoiadora a crítica no governo do Partido dos Trabalhadores, sobretudo diante das muitas denúncias de corrupção e desvios de verbas públicas, integrando as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) que foram formadas para se apurarem denúncias de corrupção. Tudo isso confirma que esta charge pertence ao quadro tópico “1º Turno” e sua presença no subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’.

Para o turno seguinte, foram somente dois dos mais votados: Lula e Alckmin. Amarildo também retrata na charge o descontentamento da candidata Heloísa Helena, que se desentendeu com o PT, convertendo-se a crítica e não mais apoiadora do governo desse partido. Sobretudo diante das muitas denúncias de corrupção e desvios de verbas públicas, integrando as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) que foram formadas para se apurarem denúncias de corrupção. Tudo isso confirma que esta charge pertence ao quadro tópico “1º Turno” e sua presença no subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’.

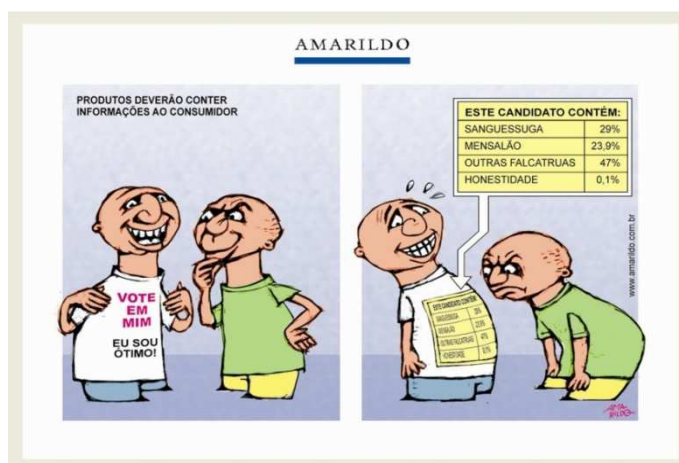


Charge-segmento 142: “Senadora Heloísa Helena candidata a Presidência”, publicada em 29/7/2006

A charge acima, de número 142, intitulada “Senadora Heloísa Helena candidata à Presidência”, publicada no dia 29 de julho de 2006, trata da posição confortável da candidata Heloísa Helena. Os léxicos que confirmam que a charge compõe o subtópico “Campanha Eleitoral para Presidência da República” são: ‘declara voto’ e ‘apoio’.

A charge 150, vista a seguir, intitulada “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada no dia 6 de agosto de 2006, também faz parte do subtópico “Campanha Eleitoral Geral”. Nela constam os léxicos ‘sanguessuga’ e ‘mensalão’. Eles se referem a eventos ocorridos no Governo Federal e justificam sua presença neste subtópico.

Caso um desses léxicos deixe de ser detectado, o leitor/eleitor terá dificuldades em inferir e, com isso, não alcançará a intenção do chargista, que parece elaborar o desenho tanto com a finalidade de direcionar a leitura para a campanha eleitoral geral, quanto para a campanha para Presidência da República.



Charge-segmento 150: “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada em 6/8/2006

A charge de número 151, intitulada “Heloísa Helena e Lula, antes e depois das eleições”, publicada no dia 7 de agosto de 2006, explora o antes e o depois do ex-sindicalista e do, então, Presidente da República e candidato à Presidência da República Luis Inácio Lula da Silva; e do hoje e provável amanhã da candidata à Presidência da República Heloísa Helena.

O que explica a presença dessa charge no subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ é a fisionomia de cada candidato, completada pela postura de cada um, pois indica discurso pronto de quem almeja alcançar o poder. E o que fecha a ideia está contido no quadro em que os candidatos aparecem já com a faixa presidencial.



Charge-segmento 151: “Heloísa Helena e Lula, antes e depois das eleições”, publicada em 7/8/2006

Na charge seguinte de número 154, intitulada “Eleições/Lula (PT), Alckmin (PSDB) e Heloísa Helena (PSOL)”, publicada no dia 10 de agosto de 2006, Amarildo traz novamente a questão da distância dos candidatos na disputa pela Presidência da República.



Charge-segmento 154: “Eleições/Lula (PT), Alckmin (PSDB) e Heloísa Helena (PSOL)”, publicada em 10/8/2006

Pela imagem, percebe-se que Alckmin aparenta preocupação, ao verificar que à sua frente encontra-se o candidato Lula e logo atrás, ameaçando ultrapassá-lo, vem a candidata Heloísa Helena. Infere-se tal questão através dos léxicos: eleições/Lula (PT)', 'Alckmin (PSDB)' e 'Heloísa Helena (PSOL)'. Todos encontrados no título e suas disposições, além da imagem que os reforça.

A charge 174, intitulada “Alckmin pesquisa Boxe 2”, publicada no dia 30 de agosto de 2006, o chargista procura retratar a luta do candidato à Presidência da República Alckmin em busca da destruição da candidatura à reeleição de seu opositor mais forte: Lula.



Charge-segmento 174: “Alckmin pesquisa Boxe 2”, publicada em 30/8/2006

A imagem diz tudo, pois como se nota, o penhasco abaixo da tábua em que Alckmin se apoia parece representar que quanto mais o candidato tenta desestruturar a campanha a reeleição de Lula, mais a sua candidatura cai nas pesquisas. Mais uma vez os traços nas fisionomias dos candidatos confirmam que fazem parte deste subtópico.

A charge de número 175, com o título “Alckmin Volks demite”, publicada no dia 31 de agosto de 2006, também mostra a luta do candidato Alckmin em detonar com a campanha a reeleição do candidato Lula.

Essa inferência parte da demissão efetuada pela Volkswagen de 1.800 funcionários, levando o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC a ordenar greve por tempo indeterminado. As demissões coincidiram com a realização de uma assembleia do Sindicato de Metalúrgicos do ABC para tomar uma posição frente aos planos anunciados para São Bernardo do Campo pelos diretores da indústria automotiva alemã. À época, a Volks afirmou que o corte decorria da política econômica do governo Lula, que teria estrangulado a produção.



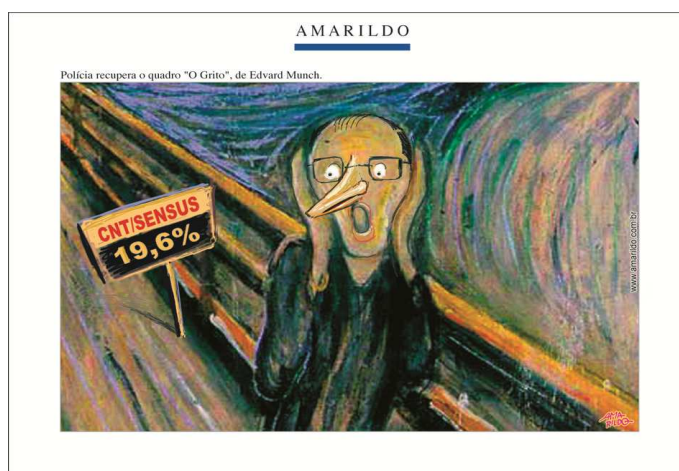
Charge-segmento 175: “Alckmin Volks demite”, publicada em 31/8/ 2006

Essa retrospectiva no contexto histórico vivido pelo ABC Paulista serve de base para constatar que a charge em questão faz parte não só do subtópico “Campanha Eleitoral para Presidência da República”, mas também do subtópico “Questão Nacional”; além do subtópico “Políticos X Vantagem”. Em relação ao primeiro subtópico e ao terceiro, a ideia é reforçada pelos léxicos encontrados no balão da fala de Alckmin: ‘gente’, ‘obrigado’, ‘força’. O candidato Alckmin se vê desesperado e tenta atirar para todos os lados, ou seja, qualquer coisa que venha desestabilizar o País atinge diretamente a campanha eleitoral do candidato à reeleição, Lula. Por conta disso, Alckmin se vê favorecido, por isso agradece à Volks por medir forças com o Sindicato e o BNDES (implicitamente Lula). Em relação ao subtópico “Questão Nacional” está relacionado ao momento de instabilidade na economia do País, podendo levar a uma queda nas pesquisas eleitorais do então Presidente e candidato à reeleição Luis Inácio Lula da Silva.

A charge 176, analisada em seguida, intitulada “O Grito de Alckmin”, publicada no dia 1 de setembro de 2006, trabalha com a intertextualização, citando a obra famosa de Edvard Munch, *O Grito* (1893), referência notória da arte expressionista. Nela, as emoções estão representadas como nuances contorcidas de uma realidade, o medo, a aflição, a incerteza, entre muitas outras sensações, que fazem parte do quadro negativo de sentimentos experimentados num momento de profunda angústia e desespero existencial.

Pode-se inferir que a figura central da charge seja o candidato à Presidência da República Geraldo Alckmin por dois pontos marcantes em seu rosto: o nariz e os óculos. A situação indica, pelos olhos arregalados e a boca da figura que abre num grito, que a imagem não

parece representar uma atitude contemplativa, e sim perturbadora e desesperadora, como se Amarildo quisesse caracterizar o momento de aflição vivido pelo candidato Alckmin em relação ao seu opositor, Lula, que tomava uma larga distância nas pesquisas.



Charge-segmento 176: "O Grito de Alckmin", publicada em 1/9/2006

Essa é uma possível leitura, pois a pesquisa CNT/Sensus mostrava que Alckmin tinha 19,6% das intenções de voto, fato informado pelo chargista no canto esquerdo da charge, contra 51,4 de seu opositor e presidente Lula.

A charge seguinte de número 178, intitulada "Alckmin buraco assalto", publicada no dia 3 de setembro de 2006, parece reforçar a queda nas pesquisas eleitorais. Nela, os léxicos 'pesquisa' e 'embaixo' mostram que a charge pertence ao subtópico em questão. Amarildo contextualizou e, em certa medida, comparou a queda nas pesquisas do candidato à Presidência da República Alckmin com o maior assalto ao Banco Central em Fortaleza, ocorrido em 2006.



Charge-segmento 178: "Alckmin buraco assalto", publicada em 3/9/2006

Constata-se que a charge faz parte do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ pelo anúncio do operário ao seu chefe, quando este avisa ter encontrado no túnel algo inusitado. Esse fato é comprovado pelo desenho de uma mão saindo do buraco. A mão pertence a um homem vestido de terno, de óculos e com um nariz bem saliente. Esses são os traços que parecem representar o candidato Alckmin. Além disso, há em seu pescoço um peso, forçando-o para baixo, nele consta o léxico: ‘pesquisa’. Esse é um léxico muito encontrado no período de campanha.

A charge de número 184, intitulada “Alckmin futuro previsão 2”, publicada no dia 9 de setembro de 2006, aborda, talvez como último recurso, a busca do candidato em desvantagem pela previsão futura em relação ao resultado final da eleição. Aparentemente, Amarildo retrata a ansiedade sentida pelo candidato Alckmin em saber se ganhará as eleições.



Charge-segmento 184: “Alckmin futuro previsão 2”, publicada em 9/9/2006

Infer-se que o homem retratado pelo chargista seja o candidato Alckmin, por sua fisionomia bem marcante. Além disso, deduz-se também que essa charge pertence ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ pelos léxicos ‘veja o seu futuro’, ‘IBOPE’, ‘CNT/Sensus’ e ‘FUTURA’.

A charge de número 186, intitulada “Congresso 11 de setembro Torres Gêmeas”, publicada no dia 11 de setembro de 2006, intertextualiza um dos momentos trágicos da história da humanidade com uma das arquiteturas mais famosas e conhecidas da Capital do Brasil. Nela, Amarildo traz o Congresso Nacional, cartão-postal de Brasília. A Sede do Poder Legislativo brasileiro é um conjunto de construções onde se destacam duas cúpulas representando os plenários: a cúpula maior (convexa) do plenário da Câmara dos Deputados e a cúpula menor (côncava) do plenário do Senado Federal. O outro contexto são as Torres Gêmeas do World

Trade Center, em Nova Iorque, cenário de um ataque terrorista, conhecido também como ‘atentados de 11 de setembro de 2001’.

Na charge, Amarildo elabora duas cenas, inferidas pelas duas cores ao fundo e pelas datas registradas como títulos das cenas: “11 de setembro” e “1º de outubro”. Elas separam os dois cenários: do lado esquerdo, indo em direção as ‘Torres Gêmeas’, um avião, enquanto do lado direito, o chargista esboça um Título Eleitoral, indo em direção ao Congresso Nacional. Por meio de essa ideia, Amarildo intenciona mostrar ao leitor/eleitor que, da mesma forma que o avião derrubou as Torres Gêmeas, o título de eleitor é capaz de derrubar os maus políticos que se encontram no Congresso Nacional.



Charge-segmento 186: “Congresso 11 de setembro Torres Gêmeas”, publicada em 11/9/2006

Um breve apanhado do evento que inspirou a produção da charge serve para dar embasamento ao argumento de que essa é uma charge que pertence ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’. Essa charge pertence também ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, essa inferência parece ser possível pelo fato de Amarildo ter elaborado a sua charge somente com a cúpula maior (convexa) do plenário da Câmara dos Deputados, representada na segunda cena da charge.

Na charge 187, intitulada “Alckmin Boxe soco volta”, publicada no dia 12 de setembro de 2006, o chargista continua a retratar a angústia de Alckmin, ou sua determinação, pela busca à Presidência da República. Nela, Amarildo mostra o candidato como um lutador de boxe em treinamento.





Charge-segmento 187: “Alckmin Boxe soco volta”, publicada em 12/9/2006

Boxe ou pugilismo é um esporte de combate, no qual os lutadores usam apenas os punhos tanto para a defesa quanto para o ataque.

O lutador, representado como Geraldo Alckmin pelo chargista Amarildo, aparenta pouca habilidade nos golpes que desfere. Suas manobras têm, assim, pouca eficácia e sem muito esforço seu opositor o enfrenta e o derruba. A caricatura de Lula, desenhada no meio do saco de pancada, não ataca, mas neutraliza a agressão do opositor. Infere-se, por meio dessa análise, que esta é uma charge direcionada ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, por retratar os dois principais candidatos à vaga presidencial.

A charge de número 189, publicada no dia 14 de setembro de 2006, intitulada “Alckmin, FHC, Lula corda 2”, expõe a posição de Fernando Henrique Cardoso em relação ao seu colega de partido Alckmin.



Charge-segmento 189: “Alckmin, FHC, Lula corda 2”, publicada em 14/9/2006

Um breve histórico esclarece o detalhe de FHC. O ex-presidente, na época Senador, oferece um empurrãozinho sugestivo para Alckmin. Percebe-se, pela expressão do candidato do PSDB, que não está entendendo em que sentido o levará este empurrãozinho de FHC, se a vitória ou a derrota definitiva. O contrassendo advém do fato de ambos serem filiados ao mesmo partido, já que a ajuda parece favorecer mais do que prejudicar o opositor ao cargo de Presidente da República Lula.

Em relação à charge seguinte, de número 191, intitulada “Candidato à Presidência Alckmin fala com Evo gás pesquisa”, publicada no dia 16 de setembro de 2006, necessita-se também de um breve histórico para se compreender adequadamente a fala desse candidato em conversa com Evo Morales, presidente da Bolívia. Nela, Amarildo introduz, além dos léxicos do título da charge, os léxicos ‘não’, ‘adiantou’, ‘nada’, ‘Lula’, ‘chega’, ‘50%’, ‘venceria’ e ‘1º Turno’, pois na época, no dia 1º de maio de 2006, símbolo da celebração dos trabalhadores, o Presidente Evo Morales, em uma medida de caráter unilateral, decretou a nacionalização da produção e exploração do gás e do petróleo na Bolívia. Evo Morales assumiu o poder prometendo distribuir as riquezas naturais de seu país ao povo, num discurso de caráter populista. Esse foi um episódio largamente aproveitado pelos opositores do Presidente e candidato à reeleição, pressionando o então presidente Lula a tomar atitudes enérgicas.



Charge-segmento 191: “Candidato à Presidência Alckmin fala com Evo gás pesquisa”, publicada em 16/9/2006

Por conta disso, pode-se inferir que Alckmin precisaria de mais um ato impetuoso como o de Evo Morales para que ele se posicionasse melhor nas pesquisas. Todos os léxicos encontrados na charge analisada levam a crer que pertença ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’.

A charge de número 193, com o título “Lula e Geraldo Alckmin”, publicada no dia 18 de setembro de 2006, reforça a ideia de que, mesmo ficando cada dia mais improvável a vitória de Alckmin na eleição para a Presidência, suas esperanças num difícil, mas não impossível triunfo de última hora, não esmorecem e o candidato ainda crê numa vitória milagrosa, já que os escândalos são muitos no Governo de seu opositor.

Observando-se de forma atenta a charge em relação aos binóculos que os candidatos usam para ver a Faixa Presidencial, nota-se que o candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva está tranquilamente avistando o seu objetivo: a Faixa. Lula tem a sensação de proximidade por meio de seu binóculo. O mesmo não ocorre com o outro candidato, Geraldo Alckmin parece estar transtornado por ver o seu objetivo tão distante de si: a Faixa.

Para um leitor/eleitor que não tenha acompanhado atentamente a campanha eleitoral imagina que isso seja explicado pela posição invertida do binóculo, proporcionando a sensação oposta, ou seja, dando a sensação de que a Faixa está muito distante dele e que isso não significa problema. No entanto, para aquele leitor/eleitor que soube de todos os escândalos, envolvendo o Governo Lula e como Alckmin torceu para que isso afetasse nas pesquisas, consegue inferir que Alckmin vê a cada dia mais distante à possibilidade da Faixa, que simboliza o cargo mais alto do País, ser passada para ele.



Charge-segmento 193: “Lula e Geraldo Alckmin”, publicada em 18/9/2006

O leitor/eleitor infere que a charge refere-se à corrida pela Presidência, primeiro pelas fisionomias dos candidatos: ‘Lula’ e ‘Alckmin’, segundo pela faixa que os dois estão vendo.

Em relação à faixa há também a faixa governamental, distintiva do cargo de governador, e a faixa prefeital, distintivo do cargo de prefeitos municipais. O historiador Estevão Martins,

professor da UnB, profere que a faixa presidencial “É um símbolo que não tem nome, transmitido de uma pessoa a outra. O rito de transmissão da faixa é fundamental para mostrar que o poder também passa.”

A charge seguinte, de número 196, com o título “Dossiê e Máfia dos Sanguessugas”, publicada no dia 21 de setembro de 2006, faz parte de dois quadros tópicos: “Corrupção Política” e “Campanha Eleitoral”.

No primeiro caso, sua inclusão é devida ao tema das corrupções que assolavam o País; no segundo, aos léxicos que tratam de campanha, como ‘estou’, ‘quase’, ‘eleito’, ‘continua’, ‘50%’, ‘pesquisas’, além das fisionomias marcantes dos candidatos a corrida à Presidência da República: Lula e Alckmin.



Charge-segmento 196: “Dossiê e Máfia dos Sanguessugas”, publicada em 21/9/2006

O mesmo ocorre na charge seguinte, de número 202, intitulada “Lula e Alckmin”, publicada no dia 27 de setembro de 2006, ela também faz parte de dois quadros tópicos: “Corrupção Política” e “Campanha Eleitoral”. Em corrupção, é por constar o léxico ‘Dossiê,’ que aparece também na charge anterior. Para se entender a charge anterior e a atual em relação ao questionamento do candidato Geraldo Alckmin diante das pesquisas é necessário entender o caso do Dossiê.

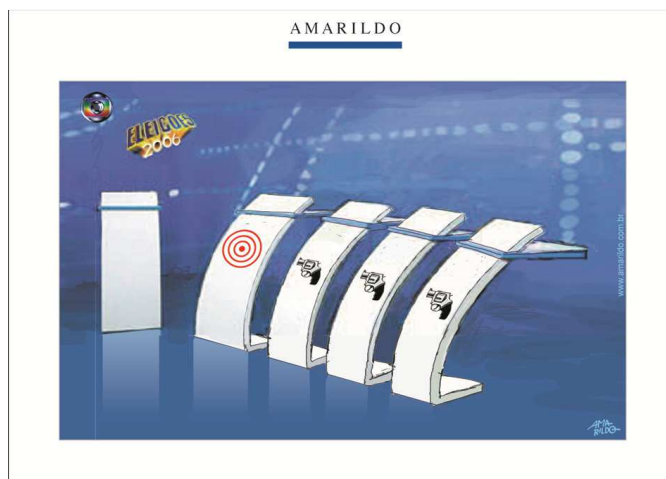


Charge-segmento 202: “Lula e Alckmin”, publicada em 27/9/2006

“Escândalo do Dossiê” ou “Escândalo dos Alopados” é como ficou conhecida a repercussão da prisão em flagrante, a 15 de setembro de 2006, de integrantes do PT acusados de comprar um falso dossiê, de Luiz Antônio Trevisan Vedoin, com fundos de origem desconhecida. O dossiê acusaria o candidato ao governo do estado de São Paulo pelo PSDB, José Serra, de ter relação com o escândalo da máfia dos sanguessugas. O plano seria prejudicar Serra na disputa ao governo de São Paulo para destruir, em nível nacional, o PSDB e ajudar o PT a eleger o senador Aloizio Mercadante como governador. Esse Escândalo teve ligação direta com o “Escândalo dos Sanguessugas”. O novo escândalo foi o quarto e o mais grave enfrentado pelo governo Lula.

O motivo para que pertença ao quadro tópico “Campanha Eleitoral”, mais precisamente ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, é por possuir o léxico que marca eleição: ‘1º Turno’. Essa é uma das charges que solidificam a nomeação dada ao quadro tópico que pertence ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Além do léxico ‘1º Turno’ há numerais que indicam a diferença na pesquisa de um candidato para o outro: 51,1% para o candidato à reeleição: Luis Inácio Lula da Silva; e 27,5%, para o candidato Geraldo Alckmin.

A charge 203 encerra o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, intitulada “Debate nas eleições para Presidente”, publicada no dia 28 de setembro de 2006. Nela, Amarildo remonta o cenário da emissora Rede Globo de Televisão, a qual a TV *Gazeta* é afiliada. Neste debate, observa-se pela proposta do chargista, que quatro dos oito candidatos participarão.



Charge-segmento 203: "Debate nas eleições para Presidente", publicada em 28/9/2006

A participação alternada no debate, só acontece entre os quatro candidatos que obtiveram ao menos cinco pontos percentuais na pesquisa ou entre aqueles que, filiados a partidos políticos com ao menos cinco deputados federais à época. Os que preencheram esses requisitos, nas eleições de 2006, foram: Luiz Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque.

Na charge de Amarildo, na última tribuna, há o desenho do alvo circular usado para treinar tiro ao alvo; em cada tribuna seguinte, uma arma apontada para esse alvo. Pode-se inferir que o alvo a que todas as armas miram representa o candidato à reeleição Lula da Silva, pelo fato de que o momento era de denúncias de corrupção contra o seu partido. Isso é visto na cronologia dos debates televisionados que, de forma generalizada, pautou na corrupção. No debate retratado pelo chargista o candidato Lula não compareceu.

A charge de número 113 abre a análise do subtópico 'Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo', intitulada "Paulo Hartung reeleição", publicada no dia 2 de julho de 2006. Nela, sugere-se que Hartung camufla a sua vontade de ser candidato para disputar a reeleição. Essa charge corresponde ao primeiro segmento tópico do subtópico em questão, nela está representada a mudança na história, marcando a primeira reeleição instituída, no Espírito Santo, para governador.



Charge-segmento 113: "Paulo Hartung reeleição", publicada em 2/7/2006

A charge seguinte, de número 119, intitulada "Campanha venda TV", publicada no dia 7 de julho de 2006, aborda, de forma figurativa, a baixa na venda de televisores após a Copa do Mundo, agravada por conta do início do período eleitoral, que consiste evento desinteressante e, logo, desestimulante para os consumidores. O leitor/eleitor infere que seja no Espírito Santo tal expectativa por constar a logomarca da 'TV Gazeta' – ao lado – ilustrada no canto direito de cada TV que aparece na vitrine da loja de eletrodoméstico representada na charge a seguir:



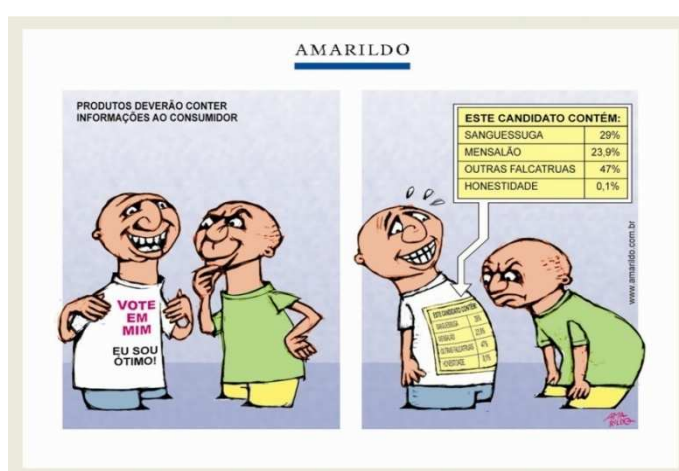
Charge-segmento 119: "Campanha venda TV", publicada em 7/7/2006

Essa charge pode representar tanto o subtópico 'Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo', quanto o subtópico 'Campanha Eleitoral para Deputado Estadual'. Essas possibilidades são inferidas pelo fato de não haver, em nenhum dos balões de fala encontrados na charge, léxicos que deixam visível para qual subtópico pertence essa charge. Portanto, essa charge vale somente para esses dois subtópicos, porque a logomarca da TV Gazeta (ampliada

ao lado) aparece como símbolo determinante desta constatação, já que cada emissora transmite propaganda eleitoral de seu Estado.



A charge 150, a seguir, intitulada “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada no dia 6 de agosto de 2006, que também faz parte do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, compõe o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ pelo fato de nela constar os léxicos ‘sanguessuga’ e ‘mensalão’. Eles se referem a eventos ocorridos no Governo Federal.



Charge-segmento 150: “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada em 6/8/2006

Além de essa charge fazer parte desses dois subtópicos também faz parte de mais dois subtópicos: ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ e ‘para Deputado Estadual’. Tal fato ocorre pelas cores da roupa do candidato à eleição que são as mesmas cores encontradas na bandeira do Estado do Espírito Santo.

A charge 85, logo abaixo, inicia o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, com o título “Brasil bola X urna 3”, publicada no dia 4 de junho de 2006. Nela, Amarildo intertextualiza dois momentos marcantes na vida do brasileiro: a Copa do Mundo e as Eleições.

Essa charge, de acordo com a análise aqui exposta, faz parte de mais dois subtópicos além do citado, o subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’ e o ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’. Como não há indicação de cargo político, há duas possibilidades de leitura: na primeira, infere-se que essa produção esteja relacionada à campanha eleitoral geral pelo fato de constar uma urna eletrônica, que é lançada para o gol. Porém, ao se observar o uso das



cores correspondentes à Bandeira do Brasil verde, amarelo, azul e branco, intui-se que essa seja uma produção referente às eleições em âmbito Nacional. Logo, essa charge pode fazer parte de três subtópicos: além do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, também o subtópico ‘Campanha a Presidência da República’ e o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’.



Charge-segmento 85: “Brasil bola X urna 3”, publicada em 4/6/2006

A charge abaixo, de número 160, intitulada “Gravação do horário eleitoral gratuito”, publicada no dia 16 de agosto de 2006, faz parte deste subtópico em decorrência do léxico que aparece no balão de fala do maquiador: ‘deputado’.



Charge-segmento 160: “Gravação do horário eleitoral gratuito”, publicada em 16/8/2006

Além deste subtópico, a charge pertence também ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, por se inferir que o léxico ‘deputado’ valha para ambos.

A charge, a seguir, publicada no dia 11 de setembro de 2006, corresponde a 186ª do *corpus*, intitulada “Congresso 11 de setembro Torres Gêmeas”. Como mencionado anteriormente<sup>58</sup>, Amarildo traz nesse trabalho uma intertextualidade temática tanto na elaboração do título, quanto nos traços que indicam semelhança entre o ataque terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, e o poder de mudança do título eleitoral para uma nova configuração do Congresso Nacional, em Brasília.



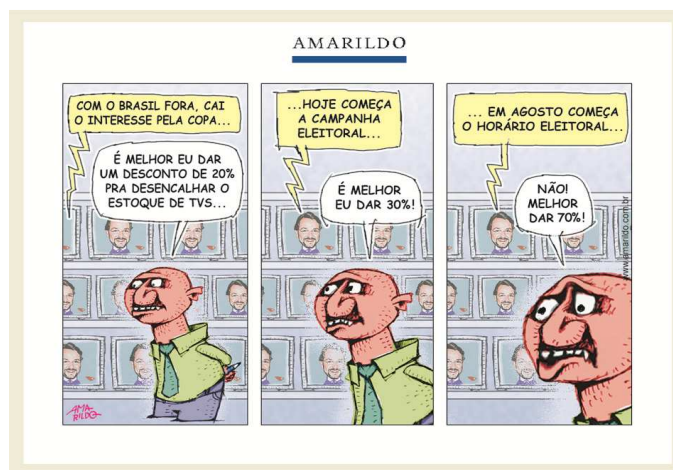
Charge-segmento 186: “Congresso 11 de setembro Torres Gêmeas”,  
Publicada em 11/9/2006

Inferre-se, igualmente, que esta charge pertença ao subtópico ‘Deputado Federal’, por nela constar a simbologia que marca a Câmara dos Deputados em Brasília, representada no desenho da cúpula convexa.

Entretanto, vale ressaltar que o desenho produzido por Amarildo deixa de lado, quer dizer, omite o conjunto da arquitetura projetada por Niemeyer: a cúpula menor (côncava), do plenário do Senado Federal. Pode-se inferir que essa é uma omissão intencional, pois Amarildo elabora duas cenas, fato percebido pelas duas cores encontradas ao fundo da charge. Caso aparecesse a cúpula menor (côncava), corresponderia ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para o Senado’. Fato que parece ser de fácil percepção para aquele leitor/eleitor que conhece os monumentos do Distrito Federal, além de se inferir por meio das duas cores encontradas na charge.

---

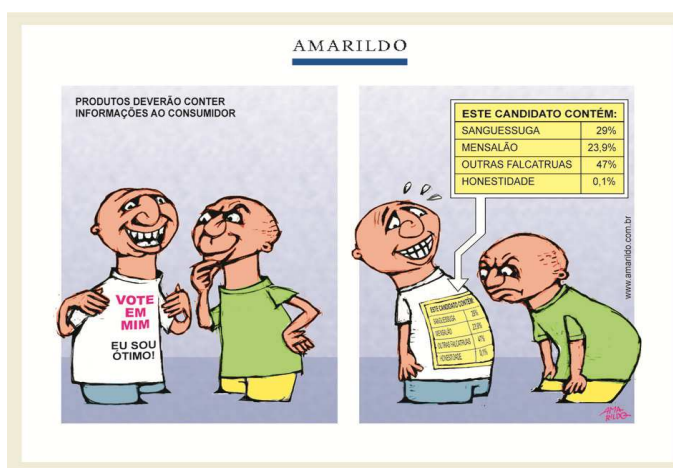
<sup>58</sup> Páginas 189 e 190.



Charge-segmento 119: “Campanha venda TV”, publicada em 7/7/2006

A 119ª charge, acima, abre a análise do subtópico “Campanha Eleitoral para Deputado Estadual”, intitulada “Campanha venda TV”, publicada no dia 7 de julho de 2006. Ao mesmo tempo em que se pode inferir que essa charge seja do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, devido à presença da logomarca da TV Gazeta<sup>59</sup>, também é possível deduzir que ela pertença ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’. De forma resumida, o léxico que liga a charge abaixo a este subtópico é ‘deputado’, e o que liga a ideia de Estado é a ‘logomarca’.

Seguindo a distribuição por tópico, a próxima charge é a 150, intitulada “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada no dia 6 de agosto de 2006.



Charge-segmento 150: “Produtos deverão conter informações ao consumidor”, publicada em 6/8/2006

Vale lembrar que essa charge já faz parte de outro subtópico: o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, precisamente por constar em sua elaboração as cores da bandeira do Espírito Santo, como já exposto anteriormente.

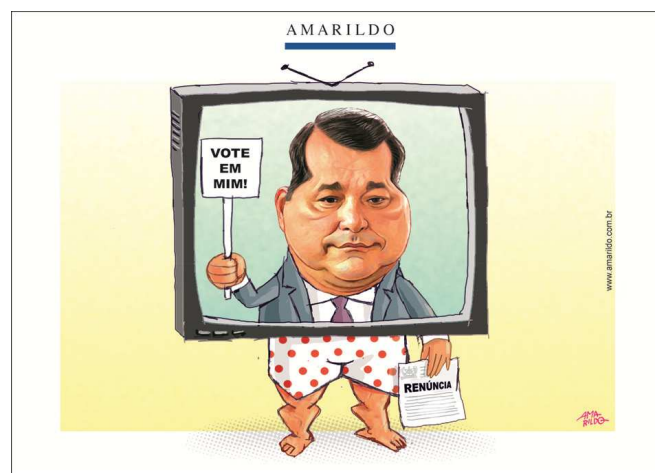
<sup>59</sup> Exposta na página 197, desta pesquisa.



Charge-segmento 160: “Gravação do horário eleitoral gratuito”, publicada em 16/8/2006

Já a charge de número 160, com o título “Gravação do horário eleitoral gratuito”, publicada no dia 16 de agosto de 2006, faz parte deste subtópico devido ao léxico ‘deputado’, servindo tanto para o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, quanto para ‘Deputado Estadual’.

A charge de número 167, intitulada “Vote em mim!”, publicada no dia 23 de agosto de 2006, retrata uma situação que parece ser constrangedora para Marcelino Fraga. Uma retrospectiva em 2005 se faz necessária para que se possa entender a charge de Amarildo.



Charge-segmento 167: “Vote em mim!”, publicada em 23/8/2006

Em 2005, o então Deputado Federal Marcelino Fraga renunciou a seu cargo para não ser cassado por estar envolvido com o “Escândalo dos Sanguessugas”, também conhecido como “Máfia das ambulâncias”, com a finalidade de não ter impedimentos para candidatar-se a Deputado Estadual. Foi um escândalo de corrupção que estourou em 2006 devido à

descoberta de uma quadrilha que tinha como objetivo desviar dinheiro para a compra de ambulâncias.

O caso daria origem, no mesmo ano, ao “Escândalo do Dossiê”. A charge indica que Fraga inicia a sua campanha como Deputado Estadual, mas não pode concorrer pelo fato de seu pedido de inscrição ser impugnado por causa das investigações de corrupção.

Nas charges aqui analisadas, ora com legendas, ora sem qualquer inscrição, prevaleceu o senso crítico, retratado pelo chargista de forma sintetizada, sempre envolvendo assuntos do dia a dia do mundo, do País e da sociedade capixaba, satirizando também a política contemporânea, utilizando-se de personagens conhecidas por seus leitores.

O material analisado demonstrou ser muito mais do que simples desenhos, pois todos exploraram uma manifestação crítico-social tendo a política em primeiro plano, expressando graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas. A partir dessas análises pode-se apreender que para alcançar a proposta contida na charge basta estar por dentro do que acontece ao seu redor. Dessa maneira, o significado pretendido pelo chargista ao produzir a mensagem parece ser confirmado, no primeiro momento, pelo que ele infere de tudo que presencia na mídia, interpretando e reinterpretando. No momento seguinte, é a vez do leitor/eleitor, que faz várias inferências até concluir a validade ou a invalidade da mensagem transmitida.

Todo esse processo fica evidente nas charges de Amarildo, pois, para obter o efeito desejado, este artista constrói a imagem concentrando-se na elaboração de uma forma inteligível de propagar a sua mensagem. E para ocorrer todo o processo de comunicação é necessário que o leitor/eleitor faça também a leitura da imagem que está a sua frente, percebendo todos os traços que compõem o desenho e fazendo inferências daquilo que está subjacente a esses traços. Em outras palavras, tudo que está explícito e implícito na charge de Amarildo. A partir da análise pode-se perceber como se determina que a charge-segmento pertence a um grupo de tópicos e qual é a abrangência de cada grupo de tópicos afins.

De certa forma, é por meio das personagens criadas pelo chargista e dos acontecimentos que contextualizam a crítica, como por exemplo, a denúncia, em que se promove uma tentativa de conscientização popular, objetivando atingir o convencimento do leitor por meio da persuasão (SILVA, 2008).

#### 4.1 Constituição da estrutura hierárquica do tópico discursivo “Campanha Eleitoral 2006”

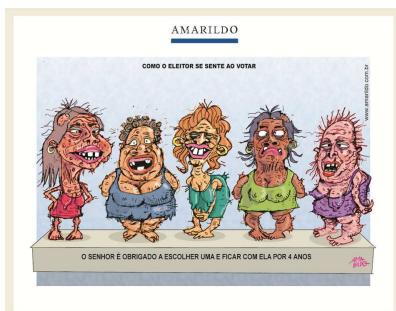
Como já foi exposto por esta pesquisa, o gerenciamento do tópico faz parte da relação de organicidade manifestada pela interdependência estabelecida, simultaneamente, nos planos hierárquico e sequencial. É a partir dessa relação que se percebem as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre os tópicos. Essa dependência entre os tópicos é provocada pelo grau de abrangência do assunto e pelas articulações intertópicas relativas a adjacências ou a interposições na linha discursiva.

Assim, a conversa como um todo é percebida como coerente, apresentando, a partir de sua continuidade, a preservação da funcionalidade comunicativa por um tempo maior. Essa é uma perspectiva entre os estudiosos responsáveis pela divulgação da pesquisa sobre tópico discursivo, no Brasil. Como eles concordam que cada enunciado é relevante, semântica ou pragmaticamente, para o enunciado anterior a ele ou para o seguinte é que, partindo da premissa de que a charge é elaborada de acordo com os acontecimentos do dia a dia, torna-se necessário observar o seu processo constitutivo, procurando detectar o tema que se encontra dissolvido entre as linguagens que perpassam esse gênero textual.

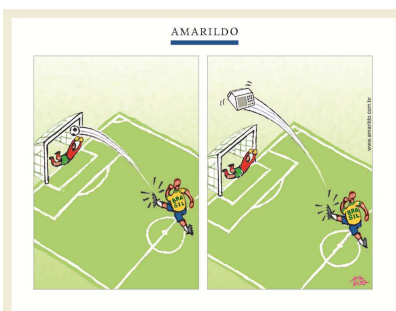
Como cada enunciado, nesta pesquisa, é tratado como charge-segmento, parte-se da ideia de que cada uma é relevante para a outra, dessa forma, percebe-se a coerência num texto chargístico. Essa coerência é adquirida a partir da continuidade apreendida num nível mais alto de sua estrutura hierárquica. No caso desse gênero textual, a preservação da funcionalidade comunicativa é garantida por um tempo maior de forma coerente por meio da intertextualidade temática intuída nas produções de Amarildo, no tempo delimitado para estudo, como se nota nas charges-segmentos do 1º subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, que Amarildo intertextualizou *Política* com *Copa do Mundo*, como nas charges-segmentos 85 e 115; com profissão de Decorador, como na charge-segmento 165; e com *Corrupção*<sup>60</sup>, abordando além da busca pela mudança, também a falta de interesse pelos telespectadores/leitores de assistirem ao horário eleitoral, como nas charges-segmentos 51, 121, 150, 161, 162, 179, 204, 205 e 206, como é apresentado a seguir:

---

<sup>60</sup> As palavras em itálico são os assuntos de maior destaque que perpassam os subtópicos.



Charge-segmento- 51: Eleitor/escolha, Publicada em 1/5/2006



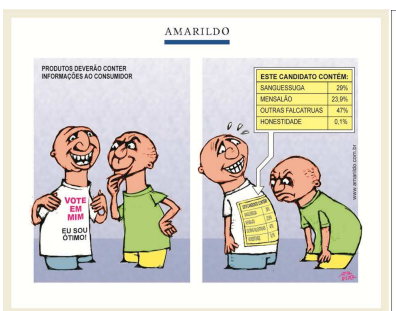
Charge-segmento- 85: Urna Eletrônica, Publicada em 4/6/2006



Charge-segmento 115: Urna Eletrônica, Publicada em 4/7/2006



Charge-segmento- 121: Voto, Publicada em 9/7/2006



Charge-segmento 150: Histórico do candidato, Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento- 161: Horário Eleitoral, Publicada em 17/8/2006



Charge-segmento 162: Horário Eleitoral Castigo, Publicada em 18/8/2006



Charge-segmento 165: Horário Eleitoral Decoração, Publicada em 21/08/2006



Charge-segmento 179: Pesquisa, Publicada em 4/9/2006



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral/Escolha, Publicada em 29/4/2006



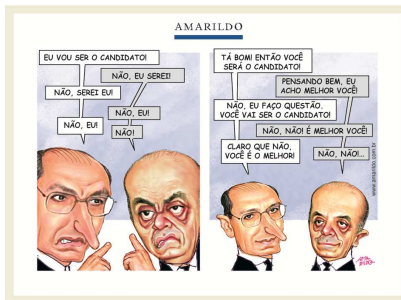
Charge-segmento 205: Urna Eletrônica, Publicada em 30/9/2006



Charge-segmento 206: Voto X Cassar Corrupto, Publicada em 1/10/2006

No 2º subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, Amarildo continua intertextualizando *Política* com *Copa do Mundo*, como na charge-segmento 85; com *Corrupção*, como nas charges-segmentos 132, 150, 151, 186, 196 e 202; com *Obra de Arte*,

como na charge-segmento 176; com questões internas de Empresa, como nas charges-segmentos 142, 175 e 191; com pesquisa, como nas charges-segmentos 1, 4,32, 75, 124, 125, 154, 174, 178, 184, 187, 189 e 193; e também com atentado Terrorista, como na charge-segmento 186, como é mostrado a seguir:



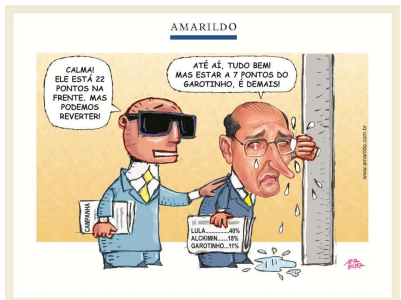
Charge-segmento 1: Pré-candidatura, Publicada em 12/3/2006



Charge-segmento 4: Candidatura, Publicada em 15/3/2006



Charge-segmento 32: Disputa, Publicada em 12/4/2006



Charge-segmento 75: Pesquisa, Publicada em 25/5/2006



Charge-segmento 85: Urna Eletrônica, Publicada em 4/6/2006



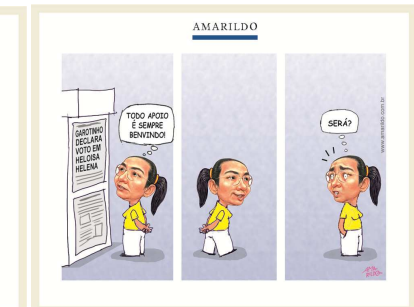
Charge-segmento 124: Pesquisa, Publicada em 12/7/2006



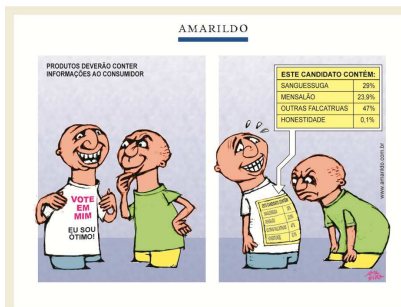
Charge-segmento 125: Pesquisa, Publicada em 13/7/2006



Charge-segmento 132: Pesquisa, Publicada em 20/7/2006



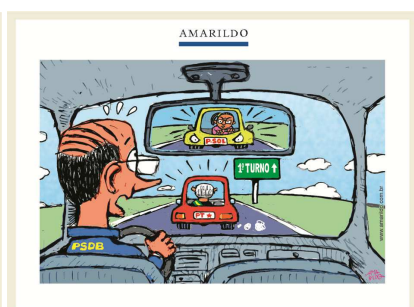
Charge-segmento 142: Coligação, Publicada em 29/7/2006



Charge-segmento 150: Histórico do Candidato, Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 151: Campanha X Tempo, Publicada em 7/8/2006



Charge-segmento 154: Pesquisa, Publicada em 10/8/2006

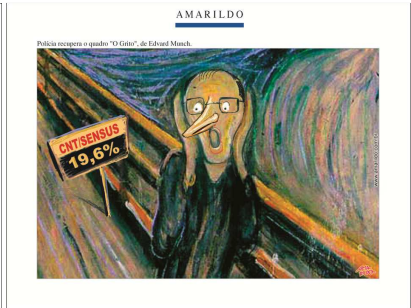




Charge-segmento 174: Pesquisa,  
Publicada em 30/8/2006



Charge-segmento 175: Pesquisa,  
Publicada em 31/8/2006



Charge-segmento 176: Pesquisa,  
Publicada em 1/9/2006



Charge-segmento 178: Pesquisa,  
Publicada em 3/9/2006



Charge-segmento 184: Pesquisa,  
Publicada em 9/9/2006



Charge-segmento 186: Voto,  
Publicada em 11/9/2006



Charge-segmento 187: Pesquisa,  
Publicada em 12/9/2006



Charge-segmento 189: Pesquisa,  
Publicada em 14/9/2006



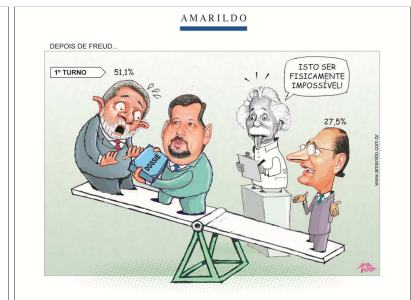
Charge-segmento 191: Pesquisa,  
Publicada em 16/9/2006



Charge-segmento 193: Objetivo,  
Publicada em 18/9/2006



Charge-segmento 196: Pesquisa,  
Publicada em 21/9/2006



Charge-segmento 202: Pesquisa,  
Publicada em 27/9/2006

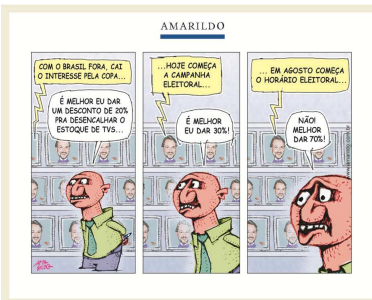


Charge-segmento 203: Debate,  
Publicada em 28/9/2006

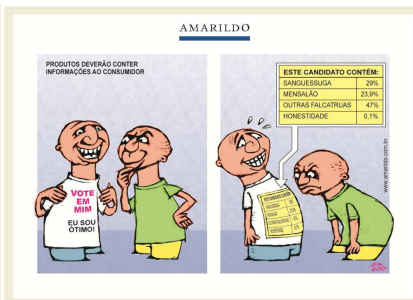
No 3º subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, Amarildo dá sequência à intertextualidade temática tratando de *Política* com campanha, como na charge-segmento 113; com *Copa do Mundo*, como na charge-segmento 119; com *Comércio*, como na charge-segmento 119; e com *Corrupção*, como na charge-segmento 150, como é mostrado a seguir:



Charge-segmento 113: Campanha,  
Publicada em 2/7/2006

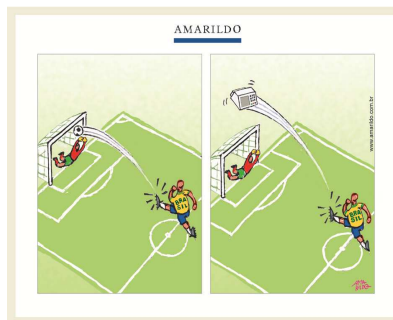


Charge-segmento 119: Campanha,  
Publicada em 7/7/2006



Charge-segmento 150: Histórico do Candidato, Publicada em 6/8/2006

No 4º subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, esse chargístico intertextualiza *Política* com *Copa do Mundo*, como na charge-segmento 85; com *Corrupção*, como nas charges-segmentos 160 e 186; e com atentado Terrorista, como na charge-segmento 186, como é tratado a seguir:



Charge-segmento 85: Urna Eletrônica,  
Publicada em 4/6/2006



Charge-segmento 160: Campanha,  
Publicada em 16/8/2006

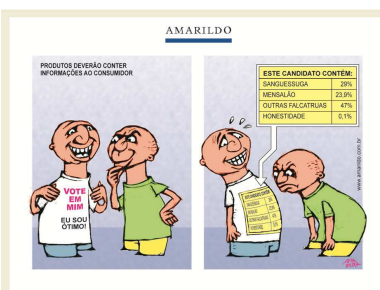


Charge-segmento 186: Voto,  
Publicada em 11/9/2006

No último subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, Amarildo prossegue intertextualizando *Política* com *Comércio*, como na charge-segmento 119; e com *Corrupção*, como nas charges-segmentos 150 e 160, como é mostrado a seguir:



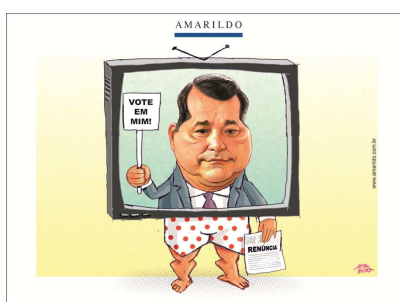
Charge-segmento 119: Campanha, Publicada em 7/7/2006



Charge-segmento 150: Histórico do Candidato, Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 160: Campanha, Publicada em 16/8/2006



Charge-segmento 167: Campanha, Publicada em 23/8/2006

A partir da observação dessas charges-segmentos, é que se procede à análise da continuidade tópica. Nesse sentido, afirma-se que as charges-segmentos apresentam uma estrutura peculiar de seu gênero, isto é, em sua composição há a linguagem que se compõe simultaneamente de imagem (o desenho) e de palavras, sendo que em algumas charges encontra-se somente o elemento visual em suas composições.

É preciso frisar que a busca por sentido, nas charges que apresentam além da imagem a linguagem verbal, ocorre por meio da relação entre imagens e palavras e também por meio do sentido sócio-histórico, que caracteriza o contexto a que a charge se remete. Já nas charges que exploram apenas a linguagem não verbal, seus sentidos se dão na relação da imagem com o contexto em que cada uma foi elaborada.

Como a linguagem da charge está em constante comunicação com a notícia, é possível que não seja compreendida sem uma explicação sobre o fato que a gerou. Por conta de tal possibilidade é que buscar o contexto sócio-histórico foi essencial para se realizar a análise de cada charge, para então se proceder à constituição da estrutura hierárquica do tópico discursivo “Campanha Eleitoral 2006”.

Além disso, e como propõe Lins (2008), a análise da continuidade tópica se dá por intermédio da observação das falas dos personagens em conjugação com os elementos não-verbais e paralinguísticos.

Portanto, a preservação do tema Campanha Eleitoral 2006 foi conseguida por meio da intertextualidade temática que Amarildo, ao longo do texto chargístico, foi tecendo os assuntos de forma coerente. Para se detectar cada assunto que se encontra dissolvido entre as linguagens que perpassam esse texto torna-se relevante, como ficou demonstrado nessa análise, buscar o sentido nas charges. Esse sentido é construído por meio do nível semântico pela significação das palavras e dos enunciados, e também da associação das palavras e das imagens em cada charge-segmento.

Além desses pontos, esta pesquisa é apoiada também na noção de *frame* com base na ideia de que o conhecimento arquivado na memória em forma de estruturas de dados é aflorado quando necessário na memória do interlocutor desse texto chargístico. No caso da análise dessas charges-segmentos, puderam ser identificados, dentro de cada tópico, os pontos que levaram a inferência dos assuntos, estabelecendo conjuntos de charges-segmentos que fazem parte de cada subtópico na pesquisa. É a partir dessa trajetória que se reflete que o tema abordado é “Campanha Eleitoral 2006”.

Pode-se observar, assim, que três tópicos discursivos foram mantidos em muitas charges-segmentos, mesmo com as mudanças nos tópicos sentenciais, o que importa é a ligação com a mesma estrutura de relevância tópica, que no caso dessa análise são elas: *Política, Copa do Mundo e Corrupção*. Dessa forma, a continuidade temática, atuou no sentido de se manterem ativados os *frames* relacionados a cada subtópico em desenvolvimento, e, em nível mais alto, ao quadro tópico ‘1º Turno’ e, ainda, ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Portanto, na estrutura intertópica tem-se a pirâmide formada a partir de camadas tópicas, que se superpõem pela abrangência temática.

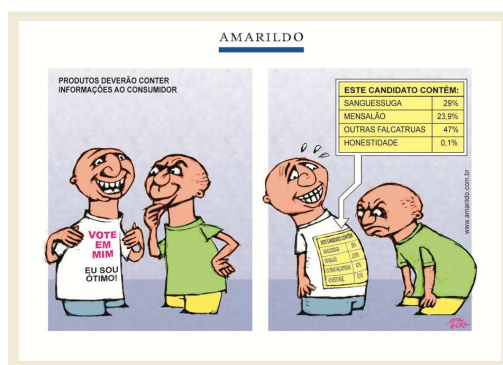
No entanto, observou-se na estrutura hierárquica do supertópico tratado que assuntos foram sendo inseridos, mas se encontram cinco pequenos momentos de continuidade, como no subtópico Campanha Eleitoral Geral, as charges-segmentos: 161 e 162; 204, 205 e 206; como no subtópico Campanha Eleitoral para Presidência da República, as charges-segmentos: 124 e 125; 150 e 151; 174, 175 e 176; 186 e 187; 202 e 203. Contudo, na maioria das charges-

segmentos o que ocorre é a descontinuidade em sua organização geral, característica desse gênero textual.

Então, no nível mais alto de abrangência da organização hierárquica, observou-se que a ausência de continuidade na maioria das charges-segmentos não significou incoerência no processo de elaboração do texto chargístico. Ao contrário, a noção de continuidade, nesse texto chargístico, se referiu ao modo como os tópicos foram desenvolvidos no seu interior, obedecendo, como na conversação, em primeiro lugar, a condição de contiguidade, observada no plano intertópico; e, em segundo lugar, ao esgotamento, observado no plano intratópico. De tal modo que a mudança de tópico envolveu um movimento de um aspecto do tópico para outro, gerando um conjunto diferente de referentes, não implicando, portanto, em incoerência em sua linha discursiva.

O esgotamento de um determinado tema ocorre quando há a mudança de tópico. Esse caso é visto no texto chargístico analisado no *corpus* desta pesquisa. No entanto, esse esgotamento não ocorre de forma paulatina. Ao se observar o comportamento organizacional do tópico discursivo na sequência de charges de Amarildo constata-se, após uma variedade de inserções, o esgotamento de um tópico, conforme no subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, há a charge que inicia o tópico campanha eleitoral, a charge-segmento 1: Geraldo Alckmin e José Serra, publicada em 12/3/2006. Seu término ocorre na charge-segmento 203: Debate nas eleições para Presidência, publicada em 28/9/2006. Esse subtópico é composto por 25 charges-segmentos. O subtópico precedente ‘Campanha Eleitoral Geral’ inicia com a charge-segmento 51: Como o eleitor se sente ao votar, publicada em 1/5/2006. Em seu término, há a última charge do tópico campanha eleitoral, a charge-segmento 206: Eleição dedo arma, publicada em 1/10/2006. Esse subtópico é composto por 12 charges-segmentos. O subtópico posterior ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ inicia com a charge-segmento 113: Paulo Hartung reeleição, publicada em 2/7/2006. Seu término ocorre com a charge-segmento 150: Produtos deverão conter informações ao consumidor, publicada em 6/8/2006. Esse subtópico é composto por apenas 3 charges-segmentos. Em seguida, há o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’ que inicia com a charge-segmento 85: Brasil bola X urna 3, publicada em 4/6/2006. Seu término ocorre com a charge-segmento 186: Congresso 11 de setembro, publicada em 11/9/2006. Esse subtópico é composto também por apenas 3 charges-segmentos. Em seguida, há o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’ que inicia com a charge-

segmento 119: Campanha venda TV, publicada em 7/7/2006. Seu término ocorre com a charge-segmento 167: Vote em mim!, publicada em 26/8/2006. Esse subtópico é composto por 4 charges-segmentos. Observa-se que os léxicos que compõem cada charge-segmento estão relacionados com política: ‘Alckmin’, ‘Serra’, ‘eleitor’, ‘votar’, ‘eleição’, ‘Hartung’, ‘reeleição’, ‘urna’, ‘congresso’, ‘campanha’ e ‘vote’. Entretanto, na charge-segmento 150: Produtos deverão conter informações ao consumidor, o que a introduz em política além de ser a imagem de um candidato e de um eleitor, há léxicos em sua elaboração que correspondem à política, como é mostrado a seguir:



Charge 150: Produtos informações ao consumidor, Publicada em 6/8/2006

Ao contrário disso, se ocorrer descontinuidade no sequenciamento do tópico detecta-se, além do processo de inserção, que provoca suspensão temporária do tópico, o processo de reconstrução, que trata da reelaboração da sequência discursiva, ou seja, a reconstrução provoca uma espécie de patinação na progressão discursiva. No caso do *corpus* escolhido para análise nesta pesquisa o que se percebe na descontinuidade é o processo de inserção. Esse processo ocorre em muitos momentos, levando a vários temas que vão se agrupando em vários subtópicos. Esse processo é que dá movimento ao texto chargístico. Do período correspondente a 12 de março a 1º de outubro ocorreram 203 inserções no supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Essas inserções perpassaram as 47 charges-segmentos que, de forma hierárquica, compõem os cinco subtópicos, que por sua vez, compõe o único quadro tópico desse tópico maior.

Em relação às inserções vistas de forma geral, implica dizer que: entre a charge-segmento 1 e a 4 ocorreram 2 inserções; da 4 a 32 ocorreram 27 inserções; da 32 a 51 ocorreram 18 inserções; da 51 a 75 ocorreram 23 inserções; da 75 a 85 ocorreram 9 inserções; da 85 a 113 ocorreram 27 inserções; da 113 a 115 ocorreu 1 inserção; da 115 a 119 ocorreram 3 inserções; da 119 a 121 ocorreu 1 inserção; da 121 a 124 e 125 ocorreram 2 inserções; da 125 a 132

ocorreram 6 inserções; da 132 a 142 ocorreram 9 inserções; da 142 a 150 e 151 ocorreram 7 inserções; da 151 a 154 ocorreram 2 inserções; da 154 a 160, 161 e 162 ocorreram 5 inserções; da 162 a 165 ocorreram 2 inserções; da 165 a 167 ocorreu 1 inserção; da 167 a 174, 175 e 176 ocorreram 6 inserções; da 176 a 178 e 179 ocorreu 1 inserção; da 179 a 184 ocorreram 4 inserções; da 184 a 186 e 187 ocorreu 1 inserção; da 187 a 189 ocorreu 1 inserção; da 189 a 191 ocorreu 1 inserção; da 191 a 193 ocorreu 1 inserção; da 193 a 196 ocorreram 2 inserções; por fim, da 196 a 202, 203, 204, 205 e 206 ocorreram 5 inserções. Todo esse episódio de ocorrência se deu entre 26 intervalos, valendo aqui ressaltar que entre as charges-segmentos: 124 e 125; 150 e 151; 161 e 162; 174, 175 e 176; 186 e 187; 202, 203, 204, 205 e 206 que ocorreu foi o processo de continuidade.

Observou-se que a ausência tanto das marcas não-verbais quanto das verbais assinalou a inserção de outros assuntos, tal fato também foi observado em relação à ausência dessas marcas que prolongou por um período mais longo de espaço/tempo indicando que houve mudança de tópico.

No diagrama<sup>61</sup>, visualiza-se com clareza o desenvolvimento do tópico no que se refere ao eixo hierárquico. Verifica-se, a partir desta demonstração, que o aparente caos temático vai tomando coerência na medida em que os assuntos se interligam, relacionando-se em camadas mais altas da hierarquia tópica. Além disso, mesmo parecendo haver uma desorganização na distribuição dos temas, nota-se que as charges-segmentos versadas se encaixam em um *frame* particular, ou seja, campanha política, permitindo remeter a esquemas de conhecimentos relacionados ao enquadre referente ao que ocorre a cada quatro anos na vida do brasileiro/capixaba<sup>62</sup>.

Vale ressaltar sobre o uso do espaço para elaborar esse gênero textual. Como a charge é via de regra constituída por quadro único e o chargista raramente recorre à divisão do espaço é que se observou nas charges que fazem parte da campanha eleitoral que Amarildo elaborou as suas produções de forma solta, isto é, nas charges-segmentos: 32, 51, 75, 113, 124, 132, 160, 161, 162, 165, 167, 174, 175, 176, 178, 179, 184, 186, 189, 193, 196, 202, 203, 205, 206 usou somente um quadro para transmitir sua ideia. Nas charges-segmentos: 1, 4, 85, 121, 125, 150, 191 dividiu o quadro em duas partes. Nas charges-segmentos: 119, 142 e 187 Amarildo

---

<sup>61</sup> O diagrama correspondente ao Supertópico “Campanha Eleitoral 2006” está configurado na página 226, desta dissertação.

<sup>62</sup> O termo brasileiros/capixabas, nesta pesquisa, refere-se a eventos que os brasileiros viveram, e, para capixabas, refere-se a eventos que interessaram somente aos capixabas.

dividiu cada quadro em três partes. Nas charges-segmentos: 151 e 204 dividiu em quatro partes. E, por fim, na charge-segmento 115 Amarildo dividiu em seis partes. Isso corresponde dizer, que Amarildo procurou usar o espaço delimitado para a sua produção de acordo com o seu leitor, quer dizer, que, enquanto não se fez entender, aumentou a quantidade de divisão no quadro, para o seu leitor acompanhar a sua produção com o mínimo de equívoco, como ocorre numa interação conversacional. Observou-se, ainda, que em muitas de suas produções incorporou desenho e texto escrito.

Então, se as charges são produzidas diariamente, inserções e mudanças de assuntos geram as continuidades e as descontinuidades em sua organização geral, esse tipo de produção se assemelha, pois, com a forma de organização tópica de textos falados. Pautando por essa perspectiva, acrescenta-se ainda que o texto produzido nesse gênero textual não há repetição, como também não se observaram frases coordenadas comuns na oralidade, isto corresponde dizer que o texto chargístico está no entremeio do escrito com o oral.

Outro ponto que se destaca no texto chargístico trata de tópicos desenvolvidos progressivamente, isto é, são os tópicos que se desenvolvem progressivamente, em que nem bem se acaba de falar de um tópico já se começa outro. Observa-se, no supertópico “Campanha Eleitoral 2006” fluidez, correspondendo dizer que Amarildo preferiu falar de maneira mais solta, indo e voltando no desenvolvimento do tópico, ou seja, preferiu “falar topicalmente”<sup>63</sup>.

#### **4.1.1 Organização linear**

Como na charge, para se criar uma cena, são operadas a seleção e a combinação de elementos verbais e não verbais e essa cena, por vezes, não ocorre a partir de um desenrolar sequencial dos episódios, o sentido deve ser construído de forma alternativa. Pautando por esse enfoque, pressupõe-se que o observador da charge complementa a dramatização, supondo um começo e um desfecho temporais que não estão ali desenhados. Dessa operação encarrega-se

---

<sup>63</sup>Maiores detalhes na página 71, desta pesquisa.



o leitor, conferindo alguma cronologia a uma percepção necessariamente simultânea da ação traçada, segundo Quadros (2008).

Em vista de tal assertiva, o leitor, então, consegue perceber, em relação às produções chargísticas, quando se inicia um determinado assunto e quando há o seu esgotamento. Ao se tratar a organização tópica na linearidade discursiva no supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, analisa-se o desenvolvimento de cada subtópico, observando que cada um apresenta estrutura próxima à progressão conversacional. Nela, os tópicos na linearidade discursiva estão distribuídos contínua e descontinuamente.

Conforme fica claro na sequência de cada subtópico presente no quadro tópico “1º Turno”, que corresponde ao supertópico tratado, suas charges-segmentos são marcadas por léxicos que guardam referência direta com o assunto campanha, são eles: desenhos de urna eletrônica, caricaturas dos respectivos candidatos, entre outros elementos que configuram campanha política.

Por meio das falas dos personagens conjugadas com os elementos visuais, às vezes somente visuais, é possível detectar que há muitas inserções de segmentos pertencentes a outro subtópico, isto é, há mais charges-segmentos não-contíguos do que contíguos. Os segmentos contiguamente verificados são vistos somente nos subtópicos ‘Geral’ e ‘Presidência da República’. Isso corresponde dizer que a organização linear do supertópico em questão se dá de forma não-contígua.

Na organização linear das charges, observam-se elementos ativados e outros desativados por meio de esquemas internalizados dos leitores/eleitores, estrategicamente mantidos pelo chargista para que eles possam detectar o objetivo de seu trabalho. As informações passadas em cada proposta do artista são percebidas mediante as estratégias anafóricas, aliadas com processos entoacionais (fato percebido pelo leitor), com seleções sintáticas ou construções paralelas, e, por fim, com topicalizações e associações, como em Marcuschi (2006). No gênero charge, além dos pontos fixados, a linearidade resulta de uma complementaridade entre palavra e imagem, a qual orienta o leitor/eleitor no trajeto de elaboração feito pelo chargista.

Desse modo, parte-se para a análise da organização linear das sequências de charges observando as inserções que podem aparecer entre segmentos que constituem um mesmo subtópico. Além do mais, busca-se constatar mecanismos linguísticos e não linguísticos

sinalizando indicadores de continuidade na constituição dos subtópicos referentes ao quadro tópico “1º Turno”, tratado na “Campanha Eleitoral de 2006”.

No que tange ao desenvolvimento linear do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, constata-se que o subtópico ‘Presidência da República’ destaca-se por ter maior extensão. Em sua composição há 25 charges-segmentos, diferente do 1º subtópico: ‘Campanha Eleitoral Geral’, composto de 12 charges-segmentos; do 3º subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, composto de 3 charges-segmentos; do 4º subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, composto também de 3 charges-segmentos; e do último subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, composto de 4 charges-segmentos. Totalizando 47 charges-segmentos. Na organização do desenvolvimento linear não foi levado em consideração o subtópico com maior número de charge-segmento, e sim, aquele que inicia a estrutura hierárquica vista no contexto de campanha eleitoral.

O supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, na pesquisa ampliada, refere-se ao 3º subtópico intitulado “Campanha Eleitoral”, do supertópico “Temática do chargista Amarildo”. Em vista disso, o *corpus* para esta dissertação foi delimitado a partir do início da produção chargística de Amarildo relativa à campanha eleitoral no Espírito Santo, o mesmo ocorre com o término de suas produções. De tal modo que se observa haver muitas charges-segmentos transpassando o subtópico ‘Campanha Eleitoral’. Dessa forma, vários assuntos são abordados, correspondendo a inserções e mudanças de tópicos.

Já a continuidade do tópico em charge-segmento em que há somente desenhos é percebida pelas escolhas de traços do chargista que o elabora de modo que seu interlocutor possa transformar a imagem em sentido para o seu mundo, por conta disso o chargista procura dar traços comuns a todos os seus interlocutores. Assim, percebe-se que no 1º subtópico, intitulado ‘Campanha Eleitoral Geral’, a continuidade tópica é apreendida nas charges 85 e 115 pelo desenho de uma urna. Nessas duas charges-segmentos, Amarildo fugiu ao método usual na produção de charges que, em regra, é um gênero constituído por um único quadro<sup>64</sup> (QUADROS, 2008). Nessas duas produções, o chargista utilizou de dois quadros na primeira e de seis quadros na segunda, explorando ao máximo o espaço. Nas imagens, o artista

---

<sup>64</sup>Sobre esse assunto ver página 79, desta pesquisa.

metamorfoseia a bola em urna, intertextualizando os dois momentos vividos pelos brasileiros/capixabas<sup>65</sup>: a Copa do Mundo e a Campanha Eleitoral.

Também é vista a continuidade tópica em charges elaboradas somente com imagem no segundo subtópico, ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, é identificada nas charges-segmentos 174, 187 e 193, os quais detêm somente marcas não-verbais em suas constituições. Embora a charge 85, que faz parte do subtópico anterior, seja predominantemente não verbal, ela não se encaixa neste subtópico porque não pode ser analisada apenas como produção constituída de imagem, pois o que marca a sua introdução é o que está destacado na camisa do jogador: ‘BRASIL’, fugindo ao propósito em pauta. O que não ocorre na charge 174, que tem sua introdução, no subtópico em análise, marcada pelas duas caricaturas, ambas correspondentes aos candidatos à Presidência da República. Assim como na charge 187, em que Amarildo novamente amplia seu objeto de trabalho elaborando, em três quadros, caricaturas dos dois candidatos à Presidência da República: Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin. O mesmo ocorre com a charge 193. Essas marcas não-verbais funcionam, segundo Lins (2008, p. 157), “como pistas semânticas que indicam a continuidade tópica”.

Bem como as marcas verbais remetem aos subtópicos abordados no supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, os elementos linguísticos, utilizados por Amarildo no restante das charges, remetem ao propósito do supertópico em análise. Ao se observar o gráfico exposto no “terceiro capítulo” desta dissertação<sup>66</sup>, pode-se verificar que as charges-segmentos relacionadas a cada subtópico proposto não aparecem sempre contíguas na sequência, pois diferentes assuntos são abordados nesse período pelo chargista, até que os temas, tratados em cada subtópico, voltem a tomar destaque na sequência, permanecendo por mais charges-segmentos. Isso ocorre até que haja novas inserções, e assim sucessivamente, até que o subtópico seja abandonado por definitivo.

De um modo geral, os subtópicos são compostos de charges-segmentos que aparecem, na maioria das vezes, distantes uma das outras na organização textual. Em relação ao subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, percebe-se que o chargista iniciou o seu trabalho abordando esse tema no primeiro dia do mês de maio, estendendo até o primeiro dia do mês de outubro, período que fecha o *corpus* desta dissertação. Nele, destacam-se somente dois momentos de

---

<sup>65</sup> O termo brasileiros/capixabas, nesta pesquisa, refere-se a eventos que os brasileiros viveram, e para capixabas referem-se a eventos que interessaram somente aos capixabas.

<sup>66</sup>Da página 150 à 153.

sequência: as charges-segmentos 161 e 162 e as de número 204, 205 e 206. O restante das charges-segmentos encontram-se distantes uma das outras.

Em seguida, parte-se para o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, que inicia na charge publicada no dia 12 de março, marco de início do *corpus*, com término na produção do dia 28 de setembro. Nele, há cinco pequenas sequências, são essas: as charges-segmentos 124 e 125; 150 e 151; 174, 175 e 176; 186 e 187; e por fim, 202 e 203. Como na análise anterior, as outras charges-segmentos encontram-se distantes uma das outras; umas, porém, encontram-se menos distantes. Nos subtópicos restantes não há sequência de charges-segmentos, todas se encontram distantes uma das outras.

Configura-se de forma esclarecedora, como demonstrado no diagrama já citado<sup>67</sup>, que a expansão das charges-segmentos realmente se compõe de segmentos não-contíguos, mas essa desordem nas publicações se desfaz ao se analisar o eixo hierárquico, permitindo constatar que, na verdade, o quadro tópico foi mantido pela sequência dos subtópicos, constituídos por segmentos tópicos com temáticas afins que, na maioria das vezes, aparecem não-contíguos. Porém, essa descontinuidade não atrapalha a coerência, pois ela é percebida pela visão global, que se concentra principalmente na busca por camadas superiores, a fim de detectá-la, isto é, a coerência é estabelecida em níveis superiores.

O diagrama permite, assim, visualizar um panorama amplo do plano adotado pelo chargista. Nesse plano geral, é possível observar o processo de descontinuidade que mostra que a introdução de um subtópico ocorre após esgotamento do anterior. Entretanto, essa mudança não acontece gradativamente, com transição feita a partir do esvaziamento paulatino de um subtópico e a introdução de outro. O que ocorre, na realidade, é o abandono do subtópico anterior e a introdução de outro, tal como Lins (2008) observou em seu trabalho sobre a organização tópica nas tiras em quadrinhos. E, segundo a autora, isso não ocorre de forma tão simples, o que se vê, no fundo, é um corte no subtópico em pauta e o início de outro, e assim sucessivamente até acabarem as ocorrências de subtópicos (LINS, 2008).

Percebe-se, por conseguinte, que a introdução de um tema se dá antes do esgotamento do anterior. Tal ocorrência talvez seja justificada pela própria finalidade desse gênero textual que, como já foi visto em Lopes (2008), retoma constantemente notícias veiculadas pela própria mídia, ou seja, em sua constituição, o chargista procede à ancoragem pragmática,

---

<sup>67</sup> Configurado na página 226, desta dissertação.

relativa ao desenvolvimento não-contíguo dos segmentos de cada subtópico. Com isso, pode-se considerar que seja consequência da não-linearidade temporal, visto que as charges são publicadas uma a cada dia, aproveitando os acontecimentos momentâneos, voltando a assuntos anteriormente tratados ou inserindo novos assuntos.

Essa não-linearidade na publicação das charges é percebida nos subtópicos como ruptura. Essa ruptura detectada se aproxima da oralidade, uma vez que, nesse tipo de texto, assuntos de um mesmo tema aparecem em momentos diferentes na interação conversacional. Apoiando-se nos estudos de Lins (2008), é possível traçar semelhanças no modo como os textos são identificados nas charges e nos quadrinhos. Lins (2008, p. 174) percebeu que “não foram observados segmentos de transição, com marcadores explícitos, como se vê na conversação”. Logo, a mudança brusca é percebida “apenas a partir de uma visão global do texto”, Lins (2008, p. 174). Tal ocorrência é igualmente notada nas charges analisadas.

Ao se tratar da semelhança com o texto conversacional se percebem inserções ocorridas em nível de subtópico. Para tal expectativa, atentou-se para a configuração do supertópico “Temática do chargista Amarildo”<sup>68</sup>. Para a sua elaboração foi utilizada a relação das charges veiculadas no Jornal *A Gazeta* desde o dia 12 de março ao dia 1º de outubro<sup>69</sup>. Ao se analisarem os segmentos tópicos postos em ordem crescente de publicação, foram detectadas, em cada subtópico do quadro tópico ‘Campanha Eleitoral’, muitas inserções provenientes de vários temas. Essas inserções são claramente demonstradas no diagrama da página 147.

É nesse ponto que se encontra a semelhança entre a organização percebida no texto conversacional e no texto chargístico<sup>70</sup>, pois o que se observa nessas inserções é a presença variada de assuntos, como ‘crime’, ‘crise’, ‘corrupção’, ‘futebol’, ‘bloqueio de celular’, ‘violência no trânsito’, entre outros que perpassam o 3º quadro tópico do supertópico “Temática do chargista Amarildo”: ‘Campanha Eleitoral’. Isso corresponde dizer que nesse quadro tópico transcorrem segmentos tópicos interligados aos subtópicos dos outros quadros tópicos do supertópico “Temática do chargista Amarildo”. Pode-se afirmar, com essa observação, que assim como na oralidade, no texto chargístico os assuntos são introduzidos e reintroduzidos até serem abandonados por completo.

---

<sup>68</sup> Da página 150 à 153.

<sup>69</sup> Essa relação encontra-se discriminada nas tabelas dispostas nas páginas 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116 e 117.

<sup>70</sup> Considera-se nesta pesquisa que cada charge corresponde a um segmento, dessa forma, um conjunto de segmentos corresponde a um texto, que corresponde ao Texto de Charge. Essa perspectiva é embasada nos estudos de Lins (2008), que considera como Texto de Quadrinhos um conjunto de tiras. Assim, se cada tira corresponde a um segmento, um conjunto de segmentos corresponde a um texto.

Outro ponto destacado nesta pesquisa trata da manifestação da descontinuidade na charge, provocada por rupturas e inserções observadas nas publicações diárias desse gênero. Como já foi examinada, essa descontinuidade não implica em falta de coerência. Assim, índices de continuidade verbais e não-verbais presentes nos segmentos tópicos vão indicando a que subtópico cada segmento pertence e mostrando o subtópico, cada vez mais expandido, a partir de novas abordagens ou perspectivas, como em Lins (2008).

A descontinuidade detectada nas charges analisadas está associada ao fato de que cada subtópico envolvido está caracterizado pela cisão de um tópico em partes. Isso possivelmente ocorre devido a esse gênero textual se aproximar da fala. O processo de descontinuidade linear configurado é dado, portanto, pela separação de segmentos de um mesmo tópico, intercalados por segmentos de outros tópicos, sendo caracterizado basicamente por fenômenos de inserção.

Para se falar em processo de inserção é preciso levar em conta o princípio da centração. Antes, no entanto, é necessário entender que o processo de inserção é constituído de segmentos tópicos que não fazem parte do contexto analisado (campanha eleitoral de 2006), mas que não acarretam nenhum problema na coerência do processo interativo, pois o leitor, que é o interlocutor da charge, está inserido no contexto amplo do ano de 2006, e participa de todos os acontecimentos, deles tomando conhecimento. Mesmo que seja um momento atípico<sup>71</sup> para o leitor/eleitor, ele consegue acompanhar e fazer pontes para entender o sentido que o chargista intenciona comunicar. Nesse período em questão, vários fatos ocorreram paralelamente, como eleição e reeleição, Copa do Mundo, avalanche de denúncias e onda de crimes que se alastrou por vários lugares. A partir desses pontos, os quais perpassam o período de estudo desta pesquisa, percebe-se quando o chargista está discorrendo sobre o mesmo tópico, quando ele muda, corta, cria digressão e retoma a algum ponto deixado para traz.

Essa descontinuidade na organização sequencial é restabelecida num nível mais alto e abstrato da hierarquia tópica, não prejudicando o estabelecimento da coerência. Apesar de esses tópicos serem desenvolvidos em diferentes momentos do texto, eles apresentam início, meio e fim.

---

<sup>71</sup> O termo “atípico” foi usado para se referir a momentos que ocorrem a cada 4 anos, e para se referir também à 1ª reeleição no Espírito Santo e a 2ª no Brasil depois das Diretas Já.

Analisando os segmentos que não se relacionam topicamente com os precedentes nem com os que se seguem, percebe-se a suspensão de um tópico, e a inserção de um novo tópico e, em seguida, uma reintrodução do tópico previamente desenvolvido. Essas inserções, conforme os estudos de Jubran et al. ([1992] 2002), constituem as chamadas digressões percebidas nas inserções ocorridas, por exemplo, entre a primeira charge-segmento e a segunda do primeiro subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’<sup>72</sup>, que inicia pela charge-segmento de número 51. Antes de retornar ao tema campanha eleitoral, há uma digressão, tratando de ‘corrupção política estadual’; nas próximas três charges-segmentos, há as inserções ‘questão internacional e nacional’; em seguida, ocorre uma digressão, abordando o tópico ‘crise no Estado – impunidade’. Depois, há a inserção ‘questão internacional’, e nos dois segmentos seguintes ‘questão nacional’. Em seguida, mais duas digressões abordam, além do tópico ‘tentativa de bloqueio de celular’, também o tópico ‘corrupção política nacional e estadual’. Novamente, nos dois segmentos que se seguem aparece a ‘questão internacional’. Em seguida, outra digressão ocorre, ‘corrupção política nacional’; há o retorno de ‘questão nacional’ nas duas inserções seguintes, sendo que, o segundo segmento trata também da ‘Copa do Mundo’. Incide-se a sexta digressão, que trata de uma inserção, em que, ao mesmo tempo, na mesma produção, o chargista aborda o crime organizado e a tentativa de bloqueio de celular nos presídios. A digressão ocorre somente quando é tratado o crime organizado, porque na charge-segmento seguinte o chargista continua a falar de bloqueio de celular nos presídios. Em seguida, advém a sétima digressão com a charge-segmento que trata da ‘Copa do Mundo’. Mais uma inserção, tratando de ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’. Novamente uma digressão, na charge-segmento que trata de ‘crise no Estado’, abordando ‘segurança pública’. Nas duas charges-segmentos seguintes, ocorrem inserções que tratam da ‘corrupção política nacional’; para, em seguida, ocorrer outra digressão com a charge-segmento ‘questão nacional’. Em seguida, ocorrem duas inserções, tratando de ‘tentativa de bloqueio de celular’ e de ‘bloqueio prejudicando o consumidor’. Nas três últimas charges-segmentos do trecho analisado do subtópico “Campanha Eleitoral Geral”, a digressão ocorre na antepenúltima charge-segmento, havendo aí a introdução do tópico ‘crise no Estado’ no tópico ‘futebol’. Recapitulando, foram ao todo 10 digressões em 34 charges-segmentos.

---

<sup>72</sup> O subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’ é composto de 12 charges, correspondendo às charges-segmentos: **51, 85, 115, 121, 150, 161, 162, 165, 179, 204, 205 e 206.**

Como exemplo desse fenômeno, a seguir, as charges-segmentos que provocam as digressões entre a charge-segmento 51, que inicia o subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’ e a charge-segmento 85, que finaliza esse subtópico:



Charge-segmento 51: Como o eleitor se sente ao votar, Publicada em 1/5/2006



Charge-segmento 52: Garotinho faz greve de fome, Publicada em 2/5/2006



Charge-segmento 53: Lula e Evo Morales, Publicada em 3/5/2006



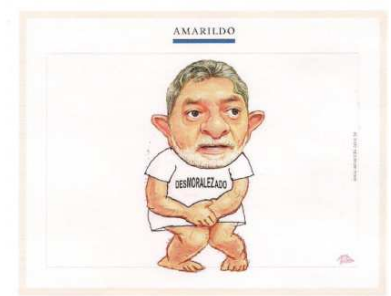
Charge-segmento 54: Lula, Evo e o Consumidor”, Publicada Chávez, em 4/5/2006



Charge-segmento 55: Lula, Evo, Kirchner e Chávez, Publicada em 5/5/2006



Charge-segmento 56: Legislativo, Executivo e Judiciário, Publicada em 6/5/2006



Charge-segmento 57: Lula desmoralizado, Publicada em 7/5/2006



Charge-segmento 58: Lula carro telefone, Publicada em 8/5/2006



Charge-segmento 59: Aumento do combustível, Publicada em 9/5/2006



Charge-segmento 60: Presídio de segurança máxima, Publicada em 10/5/2006



Charge-segmento 61: Garotinho e Silvinho TV, Publicada em 11/5/2006



Charge-segmento 62: Hugo Chávez, Evo Morales e o poema, Publicada em 12/5/2006





Charge-segmento 63: Basta Petrobrás, Publicada em 13/5/2006



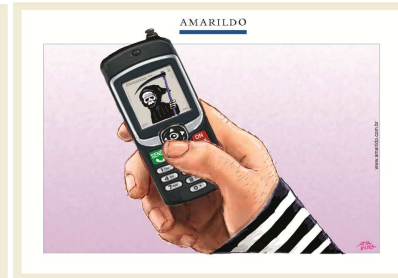
Charge-segmento 64: Sanguessuga, Publicada em 14/5/2006



Charge-segmento 65: Gás conversão e desconversão, Publicada em 15/5/2006



Charge-segmento 66: Mortes em São Paulo e convocação, Publicada em 16/5/2006



Charge-segmento 67: Presidiários usam celular, Publicada em 17/5/2006



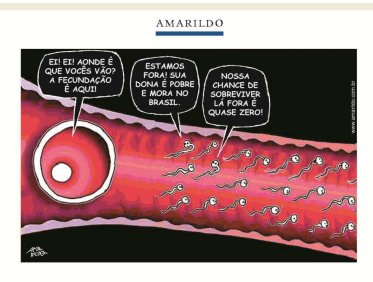
Charge-segmento 68: Bandido nervoso com a conta de celular, Publicada em 18/5/06



Charge-segmento 69: Secretaria de Justiça, celular presídio, Publicada em 19/5/2006



Charge-segmento 70: Operadora bloqueia sinal de celular em Zona de risco, pobre, Publicada em 20/5/06



Charge-segmento 71: Violência fecundação, Publicada em 21/5/2006



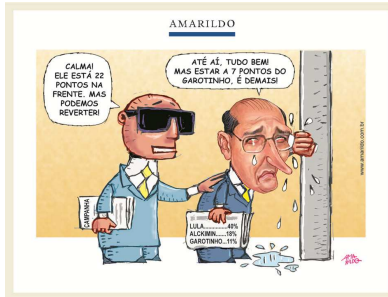
Charge-segmento 72: Lula e Evo Morales ao celular, Publicada em 22/5/2006



Charge-segmento 73: Bloqueio de celular nos presídios, Publicada em 23/5/2006



Charge-segmento 74: Presidiários tentam ligar para Parreira, Publicada em 24/5/2006



Charge-segmento 75: Pesquisa Lula 20 pontos Alckmin, Publicada em 25/5/2006



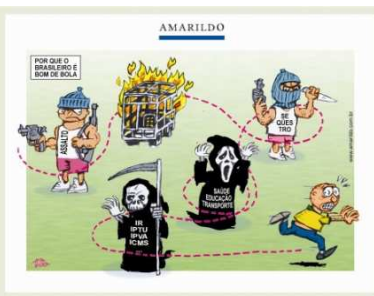
Charge-segmento 76: Fax morte pânico, Publicada em 26/5/2006



Charge-segmento 77: Câmara CPI advogado preso, Publicada em 27/5/2006



Charge-segmento 78: Transfusão de sanguesugas, Publicada em 28/5/2006



Charge-segmento 79: Brasileiro, futebol assalto, Publicada em 29/5/2006



Charge-segmento 80: Bloqueio de celular, Publicada em 30/5/2006



Charge-segmento 81: Bloqueio de celular nos presídios, Publicada em 31/5/2006



Charge-segmento 82: Telefone em presídio, Publicada em 1/6/2006



Charge-segmento 83: Diadeção na vida do capixaba, Publicada em 2/6/2006



Charge-segmento 84: Ronaldo jogador, Publicada em 30/6/2006



Charge-segmento 85: Brasil bola X urna 3, Publicada em 4/6/2006

Dascal e Katriel, citados por Lins (2008), propõem três tipos de digressões: a) as digressões baseadas no enunciado, caracterizadas pelo fato de existir algum tipo de relação semântica ou pragmática de conteúdo entre o enunciado principal em curso e o digressivo; b) as digressões baseadas na interação, em que a relação semântica de conteúdo não ocorre, mas há a relação

pragmática de conteúdo, pois ela ocorre no fluxo conversacional motivada por algo ocorrido no contexto em que ocorre a interação conversacional; c) as digressões baseadas nas sequências inseridas, constituídas por uma grande variedade de atos de fala corretivos, esclarecedores, informativos e classificadores. Dentre elas, nota-se que as digressões ocorridas entre as charges-segmentos 51 e 85 estão pautadas na interação, em que a relação semântica de conteúdo não ocorre, mas há a relação pragmática de conteúdo, ou seja, todas as digressões estão fundamentadas no contexto demarcado “Campanha Eleitoral 2006”, correspondendo dizer que esses segmentos subordinados a outros de nível mais alto a que esses se submetem, acabam por perder o caráter digressivo.

Ampliando a noção de tópico discursivo, observa-se que no funcionamento da categoria de tópico discursivo se destacam três estratégias<sup>73</sup>: a repetição, a paráfrase e os parênteses no texto de charges. Essas estratégias destacadas encontram-se nos títulos que anunciam cada charge. Como exemplo utiliza-se o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ com três charges-segmentos. A primeira charge é a de número 113, intitulada ‘Paulo Hartung reeleição’; a segunda, correspondendo ao número 119, ‘Campanha venda TV’; e por fim, a de número 150, ‘Produtos deverão conter informações ao consumidor’. Analisando-se os títulos propostos por esse chargista, tem-se no léxico ‘reeleição’ a ideia de campanha, portanto a estratégia destacada neste ponto é a paráfrase; no segundo título, tem-se a estratégia da repetição, porque o léxico de base é ‘campanha’; no último título, pode-se inferir a ideia de que houve um parêntese, quer dizer que no contexto daquele momento se falava muito em ‘corrupção’. Caso um estudo detalhado fosse realizado em todos os subtópicos, perceber-se-ia que essas estratégias estão presentes em todas as charges-segmentos que compõem os outros subtópicos analisados.

Conforme consta na relação de charges desta pesquisa, há 206 charges distribuídas em vários assuntos que perpassam o supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Em vista disso, observa-se que no primeiro subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, há 12 charges, iniciando na charge 51, publicada no dia 1º de maio e terminando na de número 206, publicada no dia 1º de outubro. Constata-se que a sua publicação ocorreu no dia da eleição. Por sua vez, o segundo subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, possui 25 charges, iniciando na de número 1, publicada no dia 12 de março, com encerramento na charge de número 203, publicada no dia 28 de setembro. Neste subtópico, constata-se que o chargista o estendeu

---

<sup>73</sup> Ver sobre as estratégias nas páginas 45, 46 e 47, desta pesquisa.

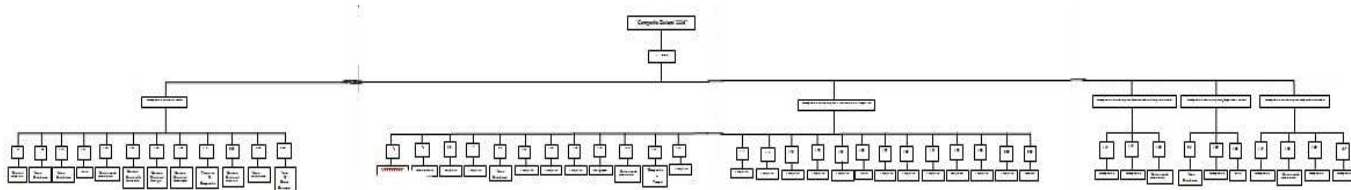
consideravelmente até abandoná-lo, após a 25ª produção. Em relação ao terceiro subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, há somente 3 produções chargísticas, tendo o seu início na charge 113, publicada no dia 2 de julho, sendo abandonado na charge 150, publicada no dia 6 de agosto. Verifica-se que o chargista além de demorar a tratar desse tema, o explorou pouco, como também trabalhou de forma esporádica. No penúltimo subtópico, ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, há também 3 charges tratadas de forma esporádica pelo chargista, iniciando na charge 85, publicada no dia 4 de junho, sendo abandonado na charge de número 186, publicada no dia 11 de setembro. Partindo para o último subtópico tratado, ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, nele há 4 charges, iniciando na charge 119, publicada no dia 7 de julho, sendo abandonado na charge 167, publicada no dia 23 de agosto.

Essa forma de organização pode ser comparada a conversas espontâneas, em que assuntos vêm à superfície da conversação e são abandonados, às vezes, por se esgotarem, dando lugar a outros. No caso da organização do texto chargístico, observou-se que no primeiro subtópico houve vários abandonos, retomados até o seu esgotamento, que ocorreu por chegar ao final da campanha eleitoral. No segundo subtópico, o mesmo ocorreu. Nos outros, seus inícios ocorreram depois de muitas inserções dos dois primeiros subtópicos, o mesmo se deu com seus abandonos e retornos, até seus termos por completo. Sendo configurados como na preservação da interação conversacional.

Todo esse procedimento de início de subtópico, de abandono e depois de retorno, até ser abandonado de vez, isto é, até o seu término, está claramente exposto na configuração apresentada a seguir, que mostra como se organiza o tópico discursivo em charges jornalísticas no jornal *A Gazeta*, no contexto da campanha eleitoral 2006.

Apresenta-se a configuração que exemplifica a hierarquização do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, em que há 1 quadro tópico: “1º Turno”, que se divide em 5 subtópicos: ‘Campanha Eleitoral Geral’, ‘Presidência da República’, ‘Governo do Espírito Santo’, “Deputado Federal” e “Deputado Estadual”. Esses subtópicos são constituídos por 47 segmentos tópicos, vale ressaltar que não são apresentados em ordem linear, e alguns segmentos tópicos pertencem a outros subtópicos.

### 4.1.1.2 Configuração do Supertópico “Campanha Eleitoral 2006”



## 4.2 Organização hierárquica

De acordo com o que foi abordado na organização linear, os segmentos tópicos, com temáticas afins, constituem um subtópico que contém, por sua vez, outros segmentos tópicos, também constituídos de temas afins que compõem outro subtópico, e assim por diante. Nota-se que esses subtópicos formam o único quadro tópico do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”: “1º Turno”. Vale ressaltar que os segmentos tópicos mantidos pela sequência dos subtópicos constituídos aparecem não-contíguos. Isso não implica falta de coerência, pois ela é percebida pela visão global detectada em camadas superiores, as quais levam ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”.

Observa-se, no plano geral<sup>74</sup>, que a introdução de um subtópico não ocorre após o esgotamento do anterior, pois os segmentos tópicos, que compõem cada subtópico, no *corpus* analisado, ocorrem por fatores pragmáticos. Logo, a não-linearidade temporal vista nas charges pode ser explicada por conta da publicação ser veiculada uma a cada dia, isto é, produzida dia a dia de acordo com os acontecimentos que ocorrem na sociedade e que são repercutidos na mídia.

Por conta disso, a passagem de uma charge para a outra não ocorre sequencialmente, assim, ao agrupá-las em tópicos afins percebe-se que os subtópicos não se realizam de forma gradual. Isso implica dizer que a transição de um subtópico para outro não é feita a partir do esvaziamento paulatino de um subtópico e a introdução de outro. Essa transição é sentida pelo analista ao operar a combinação de elementos verbais e não-verbais que, a partir daí, além de perceber as relações vistas nas charges, confere cronologia nos traços do chargista.

Essa perspectiva permite observar os temas tratados nos subtópicos como sendo todos pertencentes ao quadro tópico “1º Turno” que, por sua vez, corresponde ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Isso implica afirmar que o quadro tópico foi mantido único pela sequência de subtópicos constituídos por charges-segmentos, as quais abordaram assuntos afins, aparecendo raramente contíguos, principalmente nos subtópicos ‘Campanha Eleitoral Geral’ e ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’. Nesses, as publicações foram feitas com, no mínimo, dez publicações para ocorrerem no máximo três charges-segmentos contíguos, retornando ao ponto anterior, ou seja, aos segmentos não-contíguos. Por outro lado,

---

<sup>74</sup> Configuração na página 226.

nos subtópicos ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’ encontram-se somente charges-segmentos não-contíguas. A seguir, observam-se nas charges-segmentos os momentos contíguos vistos nos subtópicos ‘Campanha Eleitoral Geral’ e ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’. No primeiro, encontram-se



Charge-segmento 161: “Horário eleitoral”  
Publicada em 17/8/2006

Charge-segmento 162: “Horário Eleitoral Gratuito”,  
Publicada em 18/8/2006



Charge-segmento 204: “Horário Eleitoral: candidato bom”,  
Publicada em 29/9/2006

Charge-segmento 205: “Eleição Google 2”,  
Publicada em 30/9/2006

Charge-segmento 206: “Eleição dedo arma”,  
Publicada em 1/10/2006

Já no segundo, encontram-se mais momentos contíguos, como foi relatado.



Charge-segmento 124: “Lula e Alckmin pesquisa eleitoral gancho”,  
Publicada em 12/7/2006

Charge-segmento 125: “Lula, Alckmin, ajuda”,  
Publicada em 13/7/2006



Charge-segmento 150: "Produtos informações ao consumidor", Publicada em 6/8/2006



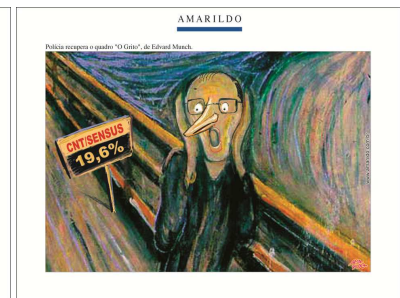
Charge-segmento 151: "Heloísa Helena e Lula", Publicada em 7/8/2006



Charge-segmento 174: "Alckmin pesquisa Box 2", Publicada em 30/8/2006



Charge -segmento 175: "Alckmin Volks demite", Publicada em 31/8/2006



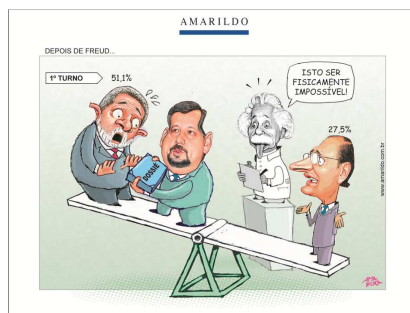
Charge-segmento 176: "O Grito de Alckmin", Publicada em 1/9/2006



Charge-segmento 186: "Congresso 11 de setembro", Publicada em 11/9/2006



Charge-segmento 187: "Alckmin Box saca volta", Publicada em 12/9/2006



Charge-segmento 202: "Lula e Alckmin" Publicada em 27/9/2006



Charge-segmento 203: "Debate nas eleições para Presidência", Publicada em 28/9/2006

No que tange às condições de produção do texto chargístico, a coerência, na sequência de charges que dá origem a esse texto, será estabelecida em camadas hierárquicas mais elevadas, pelo fato de existir semelhanças com o texto oral, no que se refere à organização tópica.



Percebem-se assuntos sendo introduzidos e abandonados; alguns retomados em seguida; outros, depois de um longo tempo projetados na superfície textual. Após fazer um paralelo com os estudos de Lins (2008, p. 189), o texto de charges, como o texto de quadrinhos, “alinha-se a outros gêneros escritos”.

Para compreender a semelhança entre o texto chargístico com traços de um texto oral, mas com características de texto escrito, busca-se em Lins (2008) a análise que elabora em relação às diversas características distintivas da escrita, que aponta algumas características primordiais do texto escrito. Segundo Lins (2008), a escrita pressupõe uma interação que ocorre à distância (espaço-temporal), havendo um planejamento anterior à produção. Além disso, frisa que a criação é individual e possibilita revisão. Na escrita há livre consulta e a reformulação é sempre uma possibilidade, desde que feita pelo escritor. O acesso imediato é impossível; não há como o autor processar o texto a partir das possíveis reações de seu leitor. Por fim, como o texto produzido passa pelo processo de elaboração e reelaboração, o leitor não tem acesso a isso, somente ao resultado final.

Como no trabalho de Lins (2008), em que o texto em quadrinhos se encaixa perfeitamente nas condições citadas, o texto chargístico também se enquadra nessas características distintivas da escrita. Isso ocorre pelo fato de que, tanto no texto de charges, como no texto em quadrinhos a sua produção é a de um texto escrito. Contudo, seus autores parecem ter a intenção de que seus textos sejam percebidos como uma produção oral, como se a sua produção estivesse ocorrendo no momento mesmo da interação entre o leitor/interação conversacional e os personagens de seus textos. Caso tenha somente um personagem, supõe-se haver a intenção de uma interação implícita entre leitor e personagem.

Tal situação é constatada quando a organização de tópicos discursivos é verificada no texto chargístico, onde se observa uma semelhança com a produção oral, por haver nele inserções, rupturas, provocando descontinuidades na sequência de publicação. A linguagem informal usada para constituir o diálogo também aproxima esse gênero da produção momentânea, como se não houvesse um planejamento antecipado, como se a preservação da funcionalidade comunicativa dependesse somente do contexto sociocomunicativo, dos fatos que vão acontecendo à volta dos interlocutores e, com isso, os assuntos vão surgindo, ressurgindo, sendo deixados de lado, como na oralidade.

No entanto, um fato deve ser ressaltado em relação à produção oral, em sua constituição há coerência, pois mesmo que os assuntos surjam no momento da interação, seus interlocutores procuram organizar suas falas de forma coerente com o propósito de que o outro interaja e de que o assunto se preserve por um tempo. Como ficou demonstrado no estudo depreendido e comungando com os estudiosos a ideia de que se os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, ou de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, a coerência é percebida e estabelecida no texto oral.

Apesar das distinções entre fala e escrita expostas, uma polêmica, no entanto, permeia todo esse debate. Lins (2008, p. 190) a resume afirmando que “não é fácil manter uma distinção entre fala e escrita numa postura funcionalista” e cita duas distinções no plano do discurso: na língua escrita, em que há coerência e elaboração; e na língua falada, onde essas duas dimensões também estão presentes. Desse modo, a perspectiva que considera a fala o lugar da realização informal e a escrita o da realização formal da língua foi abandonada por vários autores, como por exemplo, Marcuschi.

Dessa forma, ocorre no texto chargístico um processo que implica a passagem de um texto falado para o texto escrito, havendo organizações e acertos, atingindo um processo de retextualização. Na realidade, esse processo de retextualização salienta Lins (2008, p. 190) não significa a “passagem do caos para a ordem, mas a passagem de uma ordem para outra ordem”. Sendo assim, tanto as sequências de quadrinhos trabalhadas por Lins (2006/2008), quanto às sequências de charges estudadas nesta pesquisa podem ser vistas como produções altamente organizadas. Ainda que seus tópicos sejam variados, seus leitores sabem como interligá-los e como entender as produções linguísticas e visuais que são próprias desse gênero.

Conforme se pode apreender, a linguagem imagética e a verbal mantêm uma relação de forma próxima e integrada, o que intensifica a combinação de material visual com a escrita, possibilitando com isso, que a charge se constitua como texto para leitura e interpretação. Ao se interpretar uma charge composta por elementos verbais e visuais procura-se o significado dessa produção pelo entrelaçar das duas linguagens, mas quando se interpreta somente o desenho ignorando os elementos verbais, provavelmente o resultado dessa interpretação seja a produção de outras imagens, isto é, de outros textos. Tal procedimento leva à incompletude inerente, isto implica dizer, da linguagem verbal e da não verbal.

Já a charge produzida somente com linguagem não verbal, observando-a a partir dessa perspectiva que evidencia que a charge produzida somente com elementos visuais possui elementos implícitos, mas que são perceptíveis ao leitor, que os captura e que os utiliza para montar o seu próprio texto, ou seja, a sua própria interpretação, a partir de cada detalhe oferecido pela imagem. Em vista desses aspectos apontados, cada charge que compõe o supertópico “Campanha Eleitoral 2006” foi analisada atentamente, sendo que vieram à tona várias interpretações, nas quais muitas outras seriam possíveis, pois cada leitor tem conhecimentos acumulados de formas diferentes, proporcionando outras leituras, como também maneiras diferentes de interpretar a imagem que desponta a sua frente.

Com isso, verifica-se que o texto produzido a partir de imagens intercaladas com palavras, às vezes produzido somente com imagens, e o texto produzido oralmente são tão conexos quanto o texto escrito. Seguindo o raciocínio de Lins (2008, p. 190), depreende-se que “não existem textos – escritos ou orais – totalmente explícitos”. A esse respeito, como o texto constitui-se de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção do sentido e que, para realizar tal construção, ele terá de preencher lacunas, formular hipóteses, testá-las, como sugeri Lins (2008, p. 190), encontrar hipóteses alternativas em caso de “desencontros” entre o dito e o não-dito, fazendo-o por meio de deduções que exigem a mobilização de conhecimentos anteriores, dos conhecimentos pressupostos, como os partilhados, do conhecimento da situação comunicativa, do gênero textual e de suas exigências, segundo salienta Lins (2008).

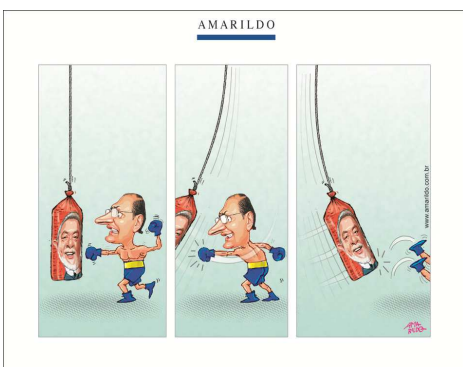
No texto chargístico, o dito e o não-dito ocorrem concomitantemente, pois neles há uma relação implícita, subentendida, de que tudo incide em um contexto, derivado da linguagem. O implícito pode ser pressuposto a partir das ideias que não são expressas de maneira explícita no texto. Observa-se nas charges produzidas a partir de elementos visuais e outras a partir dos elementos escritos e visuais, expostas a seguir como exemplo, que tanto na produção oral quanto na escrita o pressuposto no não-dito garante a coesão no plano do discurso.



Charge-segmento 85: Brasil bola X urna 3,  
Publicada em 4/6/2006



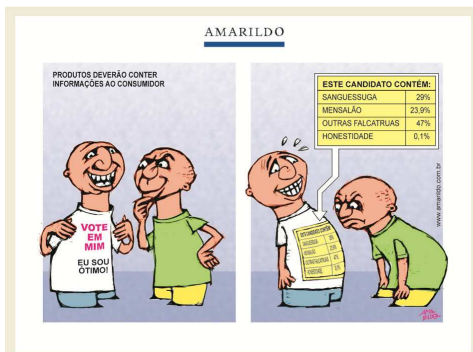
Charge-segmento 174: Alckmin pesquisa Box 2,  
Publicada em 30/8/2006



Charge-segmento 187: Alckmin Box saco volta,  
Publicada em 12/9/2006



Charge-segmento 193: Lula e Geraldo Alckmin,  
Publicada em 18/9/2006



Charge-segmento 150: Produtos informações ao consumidor,  
Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 161: Horário eleitoral,  
Publicada em 17/8/2006



Charge-segmento 162: Horário Eleitoral Gratuito,  
Publicada em 18/8/2006



Charge-segmento 165: Horário Eleitoral Gratuito,  
Publicada em 21/8/2006



Charge-segmento 179: Pesquisa eleitoral,  
Publicada em 4/9/2006



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral:  
candidato bom, Publicada em  
29/9/2006

Desse modo, percebe-se que, a partir das análises feitas primeiramente de forma superficial<sup>75</sup> e num segundo momento de forma mais densa, voltadas já para a organização das charges<sup>76</sup>, que a compreensão terá de ocorrer de maneira não-linear, como nas pesquisas de Lins. Essa autora distingue em seu estudo o “falar sobre um tópico” e o “falar topicalmente”<sup>77</sup>.

No texto chargístico os tópicos são poucas vezes mantidos, como nos primeiros subtópicos ‘Campanha Eleitoral Geral’ e ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’. No restante dos subtópicos, os tópicos não se desenvolvem progressivamente, levando a dizer que nos primeiros subtópicos o autor falou apenas sobre um tópico, como nas charges-segmentos 161 e 162; 204, 205 e 206; 124 e 125; 150 e 151; 174 e 175. Logo, se pode notar que o chargista falou topicalmente na maior parte da produção do seu texto de charges, por ser elaborado por transições progressivas. Isso quer dizer que a temática em sua produção é aberta, aproximando da fala, por seu afrouxamento na gestão do tópico.

Dessa forma, as produções de Amarildo seguem os acontecimentos tratados na mídia, indo e voltando no desenvolvimento do tópico, e muitas vezes intertextualizando com outros tópicos, implicando em uma produção solta, diversificada e bem elaborada, levando o seu leitor a interagir num processo de parceria entre ambos. Essa parceria é vista em Lins (2008), que se baseia por sua vez em Koch (1999), em relação à produção de sentido, enfatizando que “a coerência não está apenas no texto, mas resulta de uma construção dos parceiros na situação interativa, com base numa série de fatores textuais, cognitivos ou interacionais” (LINS, 2008, p.192).

<sup>75</sup> Consta da página 150 à 153.

<sup>76</sup> Consta na página 226.

<sup>77</sup> Encontra-se de forma detalhada nas páginas 70 e 71.

Visto dessa maneira, parece ser de interesse do chargista que seu leitor participe intensamente de sua produção, com isso levando a novas produções, podendo ser comparado a uma conversação espontânea em que há interesse dos parceiros que a conversação flua.

### **4.3 Estrutura intratópica**

Como discutido anteriormente, num texto oral ou escrito há elementos interligados entre si que possibilitam ao interlocutor compreender aquilo que está sendo proferido pelo outro na interação conversacional. É a partir dessa perspectiva textual-interativa que os traços que envolvem o princípio de centração são buscados, os quais levam a recortar qualquer gênero textual em partes menores. Essa percepção se consolidou, como já exposto, com os estudos de Jubran (2006), que inovou ao particularizar o uso do tópico discursivo como uma categoria analítica, capaz de identificar e delimitar unidades de natureza textual – bem como uma unidade concreta de análise – denominadas de segmento tópico.

Jubran (2006) enfatiza ainda as estratégias e os mecanismos de construção textual, constatando indicações na funcionalidade do texto relativas à organicidade intratópica. Nesse ponto, verificam-se como os tópicos estão delimitados na organização do texto chargístico. Dessa forma, com base no princípio da centração, identificam-se as estratégias linguísticas e visuais utilizadas por Amarildo para sinalizar a segmentação tópica.

Assim, interessa a presente pesquisa, identificar a complementaridade entre os componentes visual e linguístico e a função de cada um na estruturação tópica do texto. Para essa análise da linearidade buscam-se unidades analíticas menores da hierarquia tópica, percebidas em nível de segmento tópico. Assim, novos pontos de um assunto desenvolvido dentro de um subtópico surgem e a mudança de um subtópico para outro ocorre. Por conseguinte, o ponto de maior destaque percebido no interior de cada segmento é que orienta a segmentação.

#### **4.3.1 Abertura de tópico**

No gênero charge, a introdução de um tópico é feita por meio de marcadores linguísticos e não linguísticos. As charges usadas para a análise dessa questão faz parte de um conjunto de charges correspondente ao recorte temporal que demarca, especificamente, o período de campanha eleitoral no estado do Espírito Santo. Aborda-se a questão da abertura de tópico nessas charges pelo fato de na campanha eleitoral de 2006 ocorrer à primeira reeleição instituída, no Espírito Santo, para governador.

Analisa-se, por conseguinte, os marcadores linguísticos dos subtópicos ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’ seus segmentos tópicos geralmente são introduzidos por meio de enunciados, tais como perguntas, seguidas de respostas, às vezes com tom exclamativo, como nas charges 113 e 160. Reflexões também ocorrem seguidas de exclamações, como na charge 119. Em alguns momentos, notou-se apenas a presença de exclamações, como nas charges 150 e 167. Em poucos segmentos tópicos há títulos, como na charge 150, que repete nos dois subtópicos em questão.

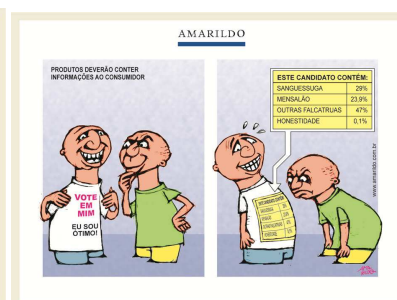
#### Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’



Charge-segmento 113: Paulo Hartung  
Reeleição, Publicada, 2/7/2006

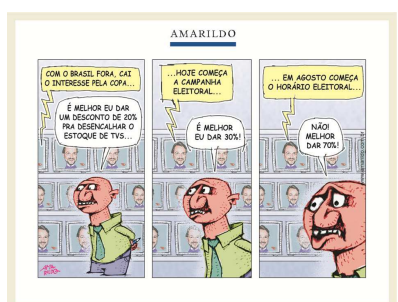


Charge-segmento 119: Campanha venda TV,  
Publicada em 7/7/2006

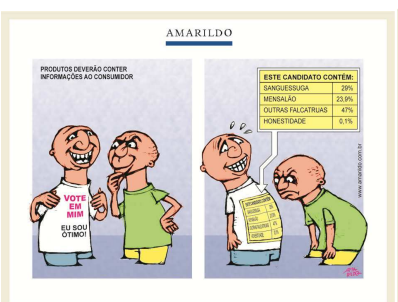


Charge-segmento 150: Produtos informações ao consumidor,  
Publicada em 6/8/2006

#### Subtópico: ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’



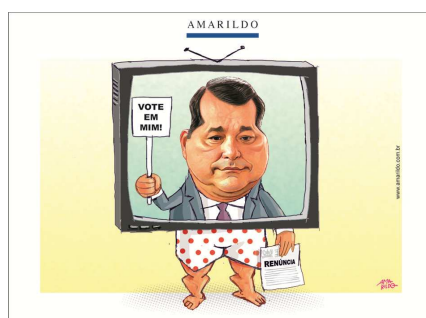
Charge-segmento 119: Campanha venda TV, Publicada em 7/7/2006



Charge-segmento 150: Produtos informações ao consumidor,  
Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 160: Gravação,  
Publicada em 16/8/2006



Charge-segmento 167: Vote em mim!  
Publicada em 23/8/2006

Neste ponto em diante, analisar-se-ão as charges-segmentos do supertópico “Campanha Eleitoral 2006” de forma aleatória. São percebidos marcadores com atos ilocutórios<sup>78</sup> nessas charges. Como já mostrado, apesar de a centração ser um princípio norteador da organização tópica, as marcas linguístico-discursivas possibilitam de forma objetiva o analista a alcançar a delimitação tópica de forma segura, evidenciando os atos ilocutórios, como as perguntas, as repetições, as frases feitas, entre outras citadas por Lins (2008), como por exemplo, pedido de informação, pedido de opinião, pedido de esclarecimento, reclamação, convite, aconselhamento, afirmação ou exclamação. Assim, percebe-se em cada marca citada a intenção do interlocutor.

Como os atos ilocutórios marcam, com frequência, o começo de um novo segmento, sobretudo no momento em que há perguntas, observa-se nas produções de Amarildo, no período proposto de análise do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, que, em sua maioria, a introdução de tópico é feita a partir de enunciados exclamativos, como nas charges-segmentos discriminadas em ordem cronológica de publicação: 1, 75, 125, 142, 150, 151, 161, 162, 167, 175, 178, 189, 191, 202, 204. A introdução de tópico com enunciados interrogativos se encontram nas charges-segmentos de número 4, 113, 121, 160, 161, 162, 165, 179, 196. Em relação à introdução de tópico com enunciados afirmativos há somente em quatro charges-segmentos: 51, 184, 205 e 206<sup>79</sup>.

Nota-se, dessa forma, na análise das charges, que a introdução de tópico se dá por meio de diferentes atos de fala, valendo ressaltar a produção de número 161, por nela constar dois enunciados interrogativos e um exclamativo no mesmo balão, o qual inicia a interação conversacional dessa charge-segmento. As inscrições encontram-se abaixo descritas:

<sup>78</sup> São discutidos de forma detalhada nas páginas 68 e 69.

<sup>79</sup> Visualizar os pontos abordados em relação às charges da página 161 à 166.



- E aí, filhinha?
- Como foi o seu dia?
- Me conta tudo!



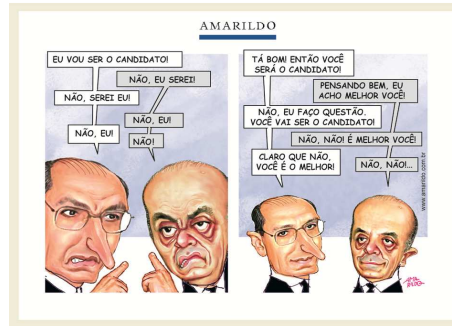
Charge-segmento 161: Horário eleitoral,  
Publicada em 17/8/2006

Diferente dos atos de fala citados, há ocorrências em que os enunciados interrogativos, exclamativos e afirmativos têm sentidos diferentes dos mencionados. Então, ao detalhar cada introdução de tópico é possível deduzir, na primeira charge-segmento correspondente ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, que ocorre uma disputa entre dois candidatos à campanha eleitoral para Presidência da República. Em todos os balões de fala há um ponto de exclamação fechando a ideia de imposição em relação ao problema em discussão, ou seja, quem será o escolhido pelo partido para ser o candidato à Presidência da República. Os elementos não linguísticos são as caricaturas de Alckmin apontando o dedo para Serra e dizendo:

- Eu vou ser o candidato!

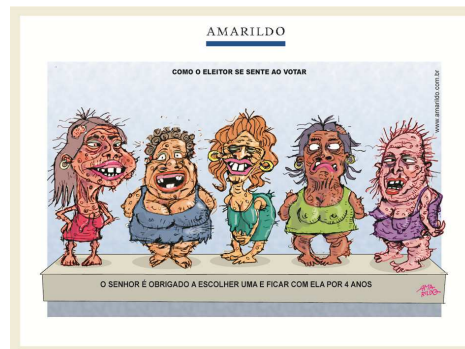
Enquanto Serra retruca:

- Não, eu serei!



Charge-segmento 1: Pré-candidatura,  
Publicada em 12/4/2006

Na charge-segmento 51, infere-se também a ideia de imposição, após a escolha, manifestada no enunciado a seguir: “O SENHOR É OBRIGADO A ESCOLHER UMA E FICAR COM ELA POR 4 ANOS”. O elemento não linguístico parece reforçar essa imposição.



Charge-segmento 51: Eleitor/escolha,  
Publicada em 1/5/2006

Já na charge-segmento75, os enunciados exclamativos possuem a ideia de conforto emocional, como é destacado no enunciado abaixo:

- Calma! Ele está 22 pontos na frente. Mas podemos reverter!

Nas charges-segmentos160 e 179, há enunciados interrogativos indicando pedido de opinião.

Como se pode observar:

Charge-segmento 160:

- E aí, ficou bom?

Charge-segmento 179:

- E o Sr. vai votar nele por que o acha o melhor candidato?

Nas charges 4, 113, 165e 196, encontra-se pedido de esclarecimento introduzindo o tópico, como a seguir:

Charge-segmento 4:

- Como é que vocês fizeram para fazer o Serra desistir?

Charge-segmento 113:

- Governador, o senhor vai sair com essa camisa?

Charge-segmento 165:

- O senhor tem certeza de que quer o sofá nesta posição?

Charge-segmento 196:

- Se eu já estou quase eleito, pra que eu iria querer um dossiê desses?

Há também o pedido para sanar a curiosidade e a ansiedade vistas nas charges-segmentos: 121 e 184. Na charge-segmento 184, não há balão introduzindo o tópico, e sim uma placa dependurada na tenda de uma cartomante anunciando a previsão do futuro. O que marca a ansiedade é o gesto do candidato Geraldo Alckmin, elemento não linguístico.

Charge-segmento 121:

- A Sra. pode mesmo prever o futuro?



Charge-segmento 121: Voto,  
Publicada em 9/7/2006



Charge-segmento 184: Pesquisa,  
Publicada em 9/9/2006

Charge-segmento 184:

VEJA O SEU FUTURO

Em relação à charge-segmento 125, o enunciado exclamativo parece enfatizar a ideia de que o Presidente Lula está pronto para a qualquer momento enviar ajuda, como é destacado no enunciado a seguir:

- Você quer ajuda!

Nas charges-segmentos 142 e 191, pode-se inferir a introdução de uma conclusão exclamativa por meio de pensamento nas duas charges, conforme exposto abaixo:

Charge-segmento 142:

- Todo apoio é sempre bem-vindo!

Charge-segmento 191:

- Putz! Não adiantou nada!

Na charge-segmento 150, há um pedido de voto escrito na camisa de um candidato:

Charge-segmento 150:

- Vote em mim

Eu sou ótimo!

A charge 151 é dividida em quatro quadros, dois em cima e os outros dois na parte de baixo. Os enunciados exclamativos que aparecem na sequência de cima, abrindo a fala do então sindicalista Lula, têm a mesma força ilocutória que o enunciado proferido pela candidata à época a presidência da República Heloísa Helena, pois possuem um ideal político, como a seguir nos enunciados:

Proferida por Lula (ontem)

- Abaixo o capital!

Agora, o enunciado proferido pela candidata em 2006 (Hoje)

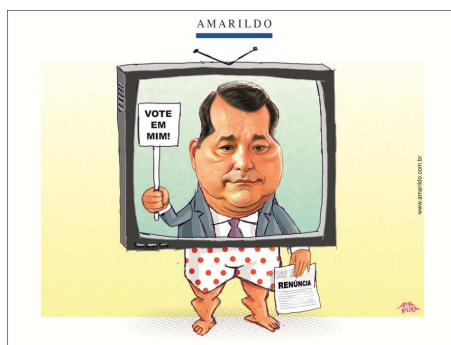
- Fora corruptos!

Na charge-segmento 162, há um pedido para sair do castigo:

- Mamãe, eu posso sair?

Já na charge-segmento 167, o enunciado exclamativo escrito numa plaquinha parece conter a ideia de pedido de auxílio, como é destacado no enunciado e reforçado pelo não linguístico da fisionomia de desamparo de Marcelino Fraga:

- Vote em mim!



Charge-segmento 167: Campanha,  
Publicada em 23/8/2006

Na charge-segmento 175, infere-se a introdução de um pedido de agradecimento, como a seguir:

- Gente, obrigado pela força!

Na charge-segmento178, a introdução advém como uma informação:

- Chefe! Encontramos uma coisa estranha enterrada aqui embaixo!

Na charge-segmento189, subentende-se que Fernando Henrique Cardoso, ao oferecer ajuda a Geraldo Alckmin, está na realidade o ajudando a perder a disputa. Tal possibilidade é percebida pelo não linguístico que mostra o lado negativo da ajuda:

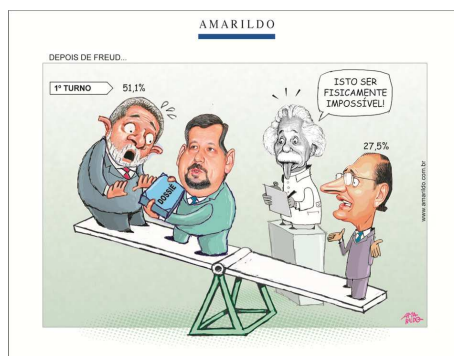
- Peraí, que eu vou dar um empurrãozinho!



Charge-segmento 189: Pesquisa,  
Publicada em 14/9/2006

Na charge-segmento202, infere-se que o físico Albert Einstein está proferindo uma constatação, que pode ser observada a seguir:

- Isto ser fisicamente impossível!



Charge-segmento 202: Pesquisa,  
Publicada em 18/9/2006

Na charge-segmento204, infere-se que o horário eleitoral é um bom momento para esclarecer ao eleitor qual é o melhor candidato para ele, como no enunciado articulado por um eleitor:

- Que candidato bom!



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral/Escolha,  
Publicada em 29/4/2006

Nas charges-segmentos 205 e 206, do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, a introdução surge por intermédio de uma sugestão acompanhada de enunciado afirmativo, como a seguir:

Charge-segmento 205:

CANDIDATO BOM

Charge-segmento 206:

“ARMA” PARA CASSAR CORRUPTO

Por fim, além dos atos de fala, muitos com força ilocucionária, observam-se outros atos de fala em forma afirmativa acompanhados de reticências. Duas charges-segmentos são introduzidas por enunciados terminados com o sinal de reticências, permitindo ao leitor/eleitor viajar por várias possibilidades, pois é característica dessa pontuação indicar não somente interrupção de pensamento, como também omitir algo que se tem em mente, mas não é dito por algum motivo, podendo indicar uma possível passividade. Lins (2008, p. 198) salienta que “o emprego de reticências na formulação desses atos de fala parece indicar um efeito interativo; a ruptura na fala do analisando pode sinalizar para a necessidade de tomada de atitude por parte do analista”. Analisando a primeira charge-segmento de número 119, do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, a elocução proferida pelo jornalista da TV Gazeta ES é

- Com o Brasil fora, cai o interesse pela copa...

Essa fala interrompida pelo chargista introduz o raciocínio do vendedor da loja de eletrodoméstico que, ao ouvir o início da matéria, percebe que as vendas de TVs cairiam muito, por isso pensou em descontos. O final da fala proferida pelo vendedor também foi omitida pelo chargista, tal escolha sugere que a intenção era fazer com que o trecho exposto valesse para o propósito da crítica, pela derrota que o Brasil sofreu na Copa do Mundo, à época.

Já na charge-segmento de número 204, do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, a elocução que aparece é a do apresentador do horário eleitoral gratuito,

- Horário Eleitoral Gratuito...

O chargista provavelmente optou por finalizar com reticências por não fazer parte do seu propósito o restante da fala do apresentador. O que se pode inferir a partir da fala do telespectador/eleitor é a crítica feita pelo chargista com a ajuda do elemento não verbal, marcado pelo cidadão/eleitor sentado numa poltrona com a fisionomia de alguém que está sob efeito de alguma droga. Isso parece ser confirmado pelo último quadro, como consta na charge exposta a seguir:



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral/Escolha,  
Publicada em 29/4/2006

As análises sobre os atos de fala para introdução de segmento tópico permite verificar a ligação entre o processo interacional estabelecido e as personagens que aparecem nas ilustrações de Amarildo. Quanto aos atos de fala, Lins (2008) explica que parecem ser típicos de início de conversação, classificados como comportamentais por Austin. Assim, como pedir informação, pedir ajuda, pedir opinião, reclamar, aconselhar, opinar, entre outros, “são atos que constituem estratégias de comportamento interacional e facilitam a introdução de tópico na conversação” (LINS, 2008, p. 200).

Esse processo interativo usa comumente vocativos para introduzir um segmento tópico, isso é perceptível tanto para o caso das charges, quanto para o das tiras de quadrinhos analisadas por Lins. Essa autora conclui que, assim como ocorre “nos textos falados, o vocativo, nos quadrinhos, é uma forma de acionar um processo de interação” (LINS, 2008, p. 200). Em 39 charges, Amarildo lançou mão desse termo oracional somente em 5 delas, visando colocar em evidência alguns personagens em sua produção, marcando a existência de um diálogo. Em ordem cronológica, demonstram-se, em **negrito**, os vocativos usados para chamar a atenção do interlocutor para o locutor introduzir a sua fala, como nos enunciados a seguir:

Charge-segmento113,

-**Governador**, o senhor vai sair com essa camisa?

Charge-segmento161

- E aí, **filhinha**?

Charge-segmento162

- **Mamãe**, eu posso sair?



Charge-segmento175

- **Gente**, obrigado pela força!

Charge-segmento178

- **Chefe!** Encontramos uma coisa estranha enterrada aqui embaixo!

Já nas charges-segmentos abaixo, o que marca recurso linguístico de abertura de diálogo são as interjeições: calma, e aí, peraí e putz. Como expostas a seguir:

Charge-segmento 75

- **Calma!** Ele está 22 pontos na frente. Mas podemos reverter!

Charge-segmento 160

- **E aí**, ficou bom?

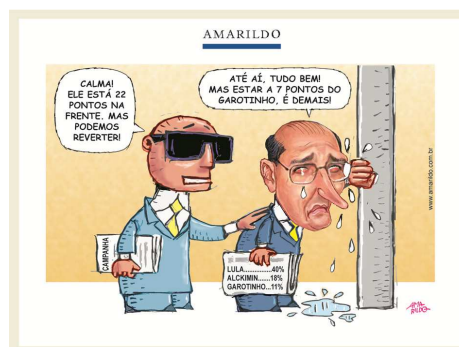
Charge-segmento 189

- **Peraí**, que eu vou dar um empurrãozinho!

Charge-segmento 191

- **Putz!** Não adiantou nada!

Na charge-segmento75, tem-se a impressão que o coordenador de campanha de Alckmin usou o verbo calmar (= acalmar) no imperativo afirmativo tentando serenar a situação para que tivesse “calma”. O objeto não linguístico na charge mostra que foi uma forma carinhosa de tranquilizá-lo, pois Alckmin perdia expressão a cada dia na campanha. Tal percepção pode-se constatar na exposição da charge a seguir:



Charge-segmento 75: Pesquisa,  
Publicada em 25/5/2006

Na charge-segmento160 a expressão “e aí” foi usada em sentido de particularidade, isto é, o candidato pergunta como está a sua aparência ao maquiador. Na charge-segmento189, o que está em relevo é a maneira despreocupada de Fernando Henrique frente à provável derrota de seu companheiro de partido e candidato ao cargo de Presidente da República. Como se pode perceber na charge-segmento a seguir:



Charge-segmento 189: Pesquisa,  
Publicada em 14/9/2006

Na última charge-segmento 191, a expressão que abre a fala de Alckmin é uma gíria “Putz grila”. Interjeição que exprime espanto, surpresa, impaciência, desapontamento, zanga etc. No caso do desiludido candidato, a expressão parece encaixar mais em desapontamento, pois todas as estratégias para crescer nas pesquisas falharam.



Charge-segmento 191: Pesquisa,  
Publicada em 16/9/2006

Vale salientar que os recursos linguísticos de abertura nas charges-segmentos, começando pelo primeiro subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’<sup>80</sup>, são compostos de elementos linguísticos e não linguísticos. Os recursos não verbais utilizados com frequência nesse subtópico são: ‘candidato’, ‘urna’, ‘eleitor’, ‘TV’. Na charge-segmento51, há caricaturas desmesuradas e deformadas de candidatos. Dessa forma, conjectura-se que o chargista não pretendeu mostrar a aparência, e sim o interior e as atitudes dos candidatos à eleição. Nas charges-segmentos85, 115, 121 e 205, o elemento não linguístico é o desenho da urna

<sup>80</sup> As charges que correspondem ao subtópico “Campanha Eleitoral Geral” estão expostas na página 161.

eletrônica usada nas eleições. Nas charges-segmentos 149 e 179, o elemento não linguístico que marca a pesquisa eleitoral é o desenho do eleitor. Nas charges-segmentos 161, 162, 165 e 204, o elemento não linguístico que marca o horário eleitoral gratuito é o desenho de uma TV em cada charge-segmento. Por fim, na charge-segmento 206, o que marca a eleição é o desenho de uma mão com o dedo indicador apontando para uma direção certa, pressupõe-se que a urna eletrônica seja o alvo.

Os recursos linguísticos de abertura de tópico do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’<sup>81</sup> nas charges-segmentos são as caricaturas de Alckmin, Lula, Heloísa Helena, e os desenhos de tribuna e jogador/eleitor de futebol. Na maioria das charges-segmentos a caricatura do candidato Geraldo Alckmin aparece marcando a introdução do tópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, como nos segmentos 1, 4, 75, 124, 154, 174, 175, 176, 178, 184, 187 e 191. Já a caricatura de Lula aparece somente nas charges-segmentos 32, 125, 132, 151, 193, 196 e 202. A caricatura de Heloísa Helena, marcando a introdução desse tópico, aparece somente na charge-segmento 142. Na charge-segmento 85, caracterizado pelo desenho de um campo de futebol com um jogador lançando a bola para o gol, o que marca a abertura de tópico é a camisa escrita BRASIL e a bola, no quadro seguinte, transformando-se em urna. Dessa forma, pode-se inferir que essa charge-segmento pertence à ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ pelo fato da camisa constar Brasil. Já na charge-segmento 186, o elemento não verbal que abre o tópico está no monumento do Congresso Nacional em Brasília. Para fechar os recursos não verbais do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, menciona-se a charge que explora o desenho das tribunas, as quais se correlacionam ao debate dos candidatos a Presidência da República. O alvo desenhado em uma delas, e as armas dispostas nas bancadas restantes indicam que o alvo é o candidato Lula, que, à época, enfrentava uma série de denúncias de corrupção em seu governo, como já explorado nesta dissertação<sup>82</sup>.

Além dos recursos linguísticos que marcam abertura dos subtópicos citados, há os que marcam abertura do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’<sup>83</sup>. A charge-segmento 113 sinaliza a abertura desse tópico com o elemento não verbal: a caricatura de Paulo Hartung, candidato à reeleição para governador. Na charge-segmento 119, o

---

<sup>81</sup> As charges que correspondem ao subtópico “Campanha Eleitoral para Presidência da República” estão expostas nas páginas 159 e 160.

<sup>82</sup> A análise dessa charge-segmento encontra-se da página 194 à 195, desta pesquisa.

<sup>83</sup> As charges que correspondem ao subtópico “Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo” estão expostas na página 165.

elemento não verbal é a logomarca da TV Gazeta, marcando a campanha do Espírito Santo. E na última charge-segmento, de número 150, a abertura de tópico acontece com o elemento não verbal, as cores encontradas na camisa do candidato. Essas cores são as mesmas da bandeira do Estado do Espírito Santo: branca, rosa e azul.

Seguindo com a análise dos recursos não verbais, chega-se ao subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’<sup>84</sup> com três charges-segmentos. A primeira corresponde ao número 85, em sua elaboração o elemento não verbal que abre o tópico é o desenho de um jogador/eleitor com a camisa amarela escrita Brasil. Na charge-segmento160, o elemento não verbal que mostra abertura de tópico é a caricatura de um sanguessuga. Na última charge-segmento, 186, pode-se inferir que o elemento não verbal que abre o tópico é o desenho do Congresso Nacional com a cúpula convexa, simbologia que marca a câmara dos Deputados em Brasília.

Para encerrar a análise dos elementos não linguísticos relacionados ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, abordam-se as charges-segmentos119, 150 e 167, da ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’<sup>85</sup>. Na primeira, o elemento não verbal de abertura é a logomarca da TV Gazeta, que marca a ideia de campanha no Espírito Santo. Na segunda, as cores da bandeira do Espírito Santo. Na última, a caricatura do candidato à Deputado Estadual Marcelino Fraga.

Todo esse procedimento de análise da atuação dos componentes linguístico e visual na organização tópica das charges de Amarildo permite constatar que a complementaridade entre eles é de grande importância na construção das sequências de charges que compõem o supertópico analisado. Pode-se perceber que eles exercem papéis diferentes e fundamentais na constituição dessas sequências, sendo que o componente verbal atua na introdução das charges-segmentos, já o componente não verbal atua na introdução e na manutenção dos subtópicos. Lins (2008, p. 206) constata que ambos “levam à percepção de que parece haver um compartilhamento de funções de cada um desses componentes”.

Vale lembrar que da mesma forma que a abertura de tópico é sinalizada pelas marcas verbais e não-verbais, vistas até aqui, há outro fator relevante nessa sinalização que está relacionado à

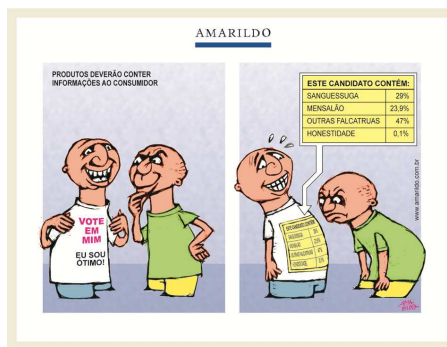
---

<sup>84</sup> As charges que correspondem ao subtópico “Campanha Eleitoral para Deputado Federal” estão expostas na página 165.

<sup>85</sup> As charges que correspondem ao subtópico “Campanha Eleitoral para Deputado estadual” estão expostas nas páginas 165 e 166.

mudança lexical. A introdução de um novo bloco de referentes indica o início de outro subtópico. Em 39 charges-segmentos analisadas para o supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, pode-se ter uma noção bem definida de tal recurso, a partir da observação dos elementos lexicais encontrados em 8 charges-segmentos expostas abaixo que marcam a mudança de um subtópico para outro.

As charges-segmentos 150 e 151 demarcam mudança do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’ para o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’. Na charge-segmento 150, o léxico ‘Vote’ refere-se à campanha de forma genérica; e na charge-segmento 151, os léxicos ‘Abaixo o capital!’ referem-se à campanha presidencial, como ficam registrados nas charges a seguir:



Charge-segmento- 150: Histórico do candidato,  
Publicada em  
6/8/2006



Charge-segmento 151: Campanha X Tempo,  
Publicada em  
7/8/2006

As charges-segmentos 160 e 161 assinalam a mudança do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal e Estadual’ para o subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’. Na charge-segmento 160, o léxico ‘deputado’ refere-se à campanha tanto para a Câmara Federal quanto para a Estadual; e na charge-segmento 161, os léxicos ‘Horário Eleitoral Gratuito’ referem-se à campanha de forma ampla, como ficam registrados nas seguintes charges-segmentos:



Charge-segmento 160: Campanha,  
Publicada em  
16/8/2006



Charge-segmento 161: Horário Eleitoral  
Conversa, Publicada em  
17/8/2006

As charges-segmentos 178 e 179 marcam a mudança do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ para o subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’. Na charge-segmento 178, o léxico ‘pesquisa’ refere-se à campanha para Presidência da República; e na charge-segmento 179, o léxico ‘votar’ refere-se à campanha de forma geral, como registrado a seguir:



Charge-segmento 178: Pesquisa,  
Publicada em 3/9/2006



Charge-segmento 179: Pesquisa X,  
Publicada em 4/9/2006

Por fim, as charges-segmentos 203 e 204 marcam a mudança do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ para o subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’. Na charge-segmento 203, o léxico ‘Eleições’ reforçado pela logomarca da Rede Globo de Televisão, no canto esquerdo, refere-se à campanha presidencial; e na charge-segmento 204, os léxicos ‘Horário Eleitoral Gratuito’ referem-se de modo geral à campanha, como ficam registrados nas charges a seguir:



Charge-segmento 203: Debate, Publicada  
em 28/9/2006



Charge-segmento- 204: Horário Eleitoral/  
escolha, Publicada em 29/4/2006

### 4.3.2 Manutenção de tópico

De acordo com o que se pode notar até aqui, vários assuntos perpassam o texto chargístico analisado, uns mais proeminentes que outros, mas que mantém de forma ativa a produção do

chargista Amarildo. A manutenção do tópico nesse gênero textual é garantida pela utilização de recursos linguísticos e visuais, como Lins (2008, p. 207) verifica em sua análise, esses recursos “se complementam proporcionando progressão temática ao tópico em foco”.

Dessa forma, observam-se marcas características de fechamento de um tópico e de abertura de outro nas charges analisadas. Em ‘Campanha Eleitoral Geral’ os léxicos ‘eleitor’ e ‘eleição’ marcam seu início e seu fechamento num processo de hiponímia. Em ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, o ‘diálogo’ promovido pelos candidatos que disputavam o cargo à presidência do Brasil marca o início, e os ‘desenhos com as tribunas para o debate entre os candidatos que disputavam à presidência da república’ marcam o seu fechamento. Em ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ o início é marcado pela ‘caricatura do candidato à reeleição ‘Paulo Hartung’’, e o léxico ‘governador’ comprova a disputa do segundo mandato, e a marca de fechamento ocorre com os desenhos de um candidato à eleição e um eleitor. Em ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’ a marca de início é o desenho de uma ‘urna’ sendo lançada em direção ao gol por um jogador com a camisa do Brasil, e a marca de fechamento desse tópico é o desenho de um ‘título de eleitor’ sendo lançado em direção ao Congresso Nacional. Por último, em ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’ a marca de início ocorre pela ‘crítica do horário eleitoral’ ser obrigatório nas emissoras, no caso da charge é a emissora filiada da Rede Globo: ‘TV Gazeta’, a marca de fechamento ocorre com a caricatura de ‘Marcelino Fraga’ tentando se eleger como Deputado estadual, nesse ponto, tem-se um processo de hiperonímia. Enfatiza-se, nessas análises, que o componente não verbal exerce papel relevante, por ser o elemento que também promove a introdução e a manutenção de cada subtópico. Todos os léxicos e desenhos expostos pertencem ao mesmo universo semântico ‘campanha eleitoral’.

Sendo assim, pode-se comparar o texto chargístico com o texto de tiras, pois neste, uma das formas mais importantes de promover a progressão textual destacada por Lins é pela recorrência de determinados elementos, como a ‘imagem do personagem-título’, que abre o conjunto de expectativa associada ao *frame* que ele incorpora. No caso das charges analisadas, vários elementos foram detectados, como as imagens de múltiplos personagens e figuras/objetos que abrem cada conjunto relacionado ao *frame* que cada um incorpora. No caso do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, os personagens e as figuras são diversificados sugerindo, dessa forma, muitas “possibilidades de abordagens tópicas”, como Lins (2008, p. 207) expõe em seu estudo.

Em relação ao nível hierárquico, a recorrência de itens visuais específicos determina a delimitação de subtópicos. Essa delimitação é percebida por personagens e figuras/objetos que remetem a *frames* de campanha eleitoral, destacados nos subtópicos da seguinte forma:

No subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’:

- personagens-candidatos
- objeto: urnas eletrônicas
- TVs (propaganda eleitoral)
- figura/dedo para digitar o número do candidato na urna eletrônica.

No subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’:

- personagens-candidatos: Geraldo Alckmin
- Luiz Inácio Lula da Silva
- Heloísa Helena
- figura/léxico: BRASIL
- objeto/monumento: Congresso Nacional
- objeto/discursar: Tribuna

No subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’:

- personagens-candidatos: Paulo Hartung
- Fictício<sup>86</sup>
- objeto/TV

No subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’:

- figura/léxico: BRASIL
- personagem-candidato: Sanguessuga

---

<sup>86</sup> O termo fictício é usado para indicar que Amarildo não elaborou nenhuma caricatura de candidato em específico.



- objeto/monumento: Congresso Nacional

No subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’:

- objeto/TV

- personagens-candidatos: Fictício

Sanguessuga

Marcelino Fraga

Essa estratégia segue até esgotar por completo o supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, ocorrendo na charge-segmento 206, publicada no dia 1º de outubro, com o título “‘Arma’ para cassar corrupto”, exposta a seguir:



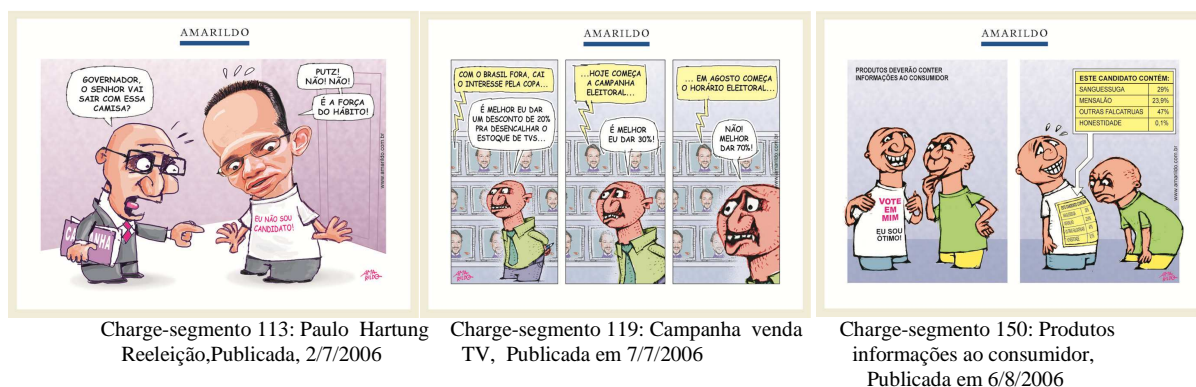
Charge-segmento 206: Eleição dedo arma,  
Publicada em 1/10/2006

Infere-se que Amarildo pretendeu fechar enfatizando o momento de crise, repleto de denúncias, vivido pelos brasileiros. Aproveita-se para observar que corrupção é um tema sempre em pauta, seja no Congresso Nacional, nos governos federal, estaduais e municipais, seja ainda em empresas estatais e outras esferas da vida pública.

Como a charge é publicada diariamente e os temas abordados são aleatórios, dependendo somente da repercussão de um assunto na mídia, a presença dessas marcas não-verbais auxilia na organização dos blocos de charges-segmentos que pertencem a um mesmo subtópico. Há também o cenário em que os personagens atuam que exerce a mesma função, possibilitando demarcar também a progressão de um subtópico. No cenário do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’<sup>87</sup> é explorado em alguns momentos o ambiente aberto, como rua, campo de futebol; em outros, o ambiente fechado, como em tenda, sala de estar etc. Já no subtópico

<sup>87</sup> Todas as charges do supertópico “Campanha Eleitoral 2006” estão expostas nas páginas 161, 162, 163, 164, 165 e 166.

‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, no total de três charges, em duas há o uso de cenário em ambiente fechado, como é possível notar na charge-segmento 113, que provavelmente retrata o Palácio do Governo; e a charge 119, em que o cenário é uma loja de eletrodomésticos; e por fim, o cenário na charge-segmento 150 que é aberto, mostrando um candidato que faz campanha corpo a corpo na rua. Constatam-se tais aspectos nas charges-segmentos expostas a seguir:



Em relação ao aspecto linguístico, observa-se que o recurso utilizado de forma frequente no desenvolvimento tópico nas sequências de charges analisadas se encontra também nas sequências analisadas por Lins (2008, p. 207), que é a “ativação de um conjunto de referentes que ganha proeminência em um conjunto determinado de tiras”. Isso se dá, segundo Lins (2008, p. 208), através da perspectiva de Koch (1992/2002), “basicamente pela seleção de lexemas pertinentes a um mesmo campo conceitual, garantindo [...] continuidade temática” que age no sentido de manter “ativado o *frame* relacionado ao subtópico em desenvolvimento, e, em níveis mais altos”, pertinentes ao supertópico em pauta.

Ressalta-se que nas charges analisadas percebe-se o mesmo que Lins (2008)<sup>88</sup> ao salientar que nas tiras analisadas em seu estudo a progressão tópica se realiza por meio de cadeias semântico-lexicais, fato constatado na configuração do tema explodido, exposto na página seguinte. Observa-se que na manutenção do tema campanha eleitoral ocorrem os processos vistos por Koch e Penna (2006)<sup>89</sup>: sinonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, repetições, rotulações, nominalizações – que atuam como reativadores de um tópico introduzido.

Outro aspecto também abordado por essas autoras é percebido pela ativação dos processos referenciais. Como na constituição da memória discursiva, estão envolvidas, como operações básicas, as estratégias de referenciação, como a construção/ativação pela qual um objeto

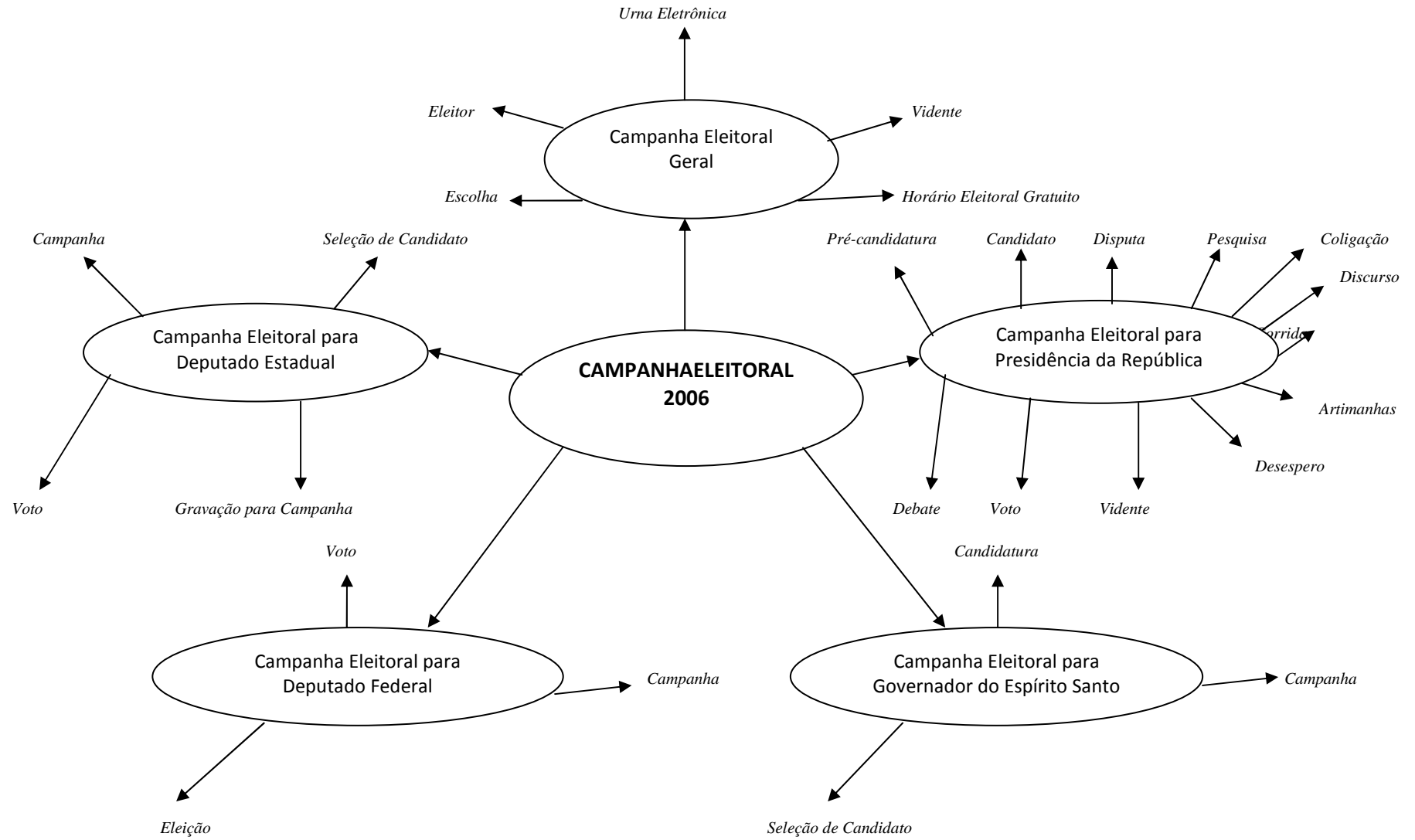
<sup>88</sup> Maiores detalhes na página 63, desta dissertação.

<sup>89</sup> Sobre esse assunto consultar as páginas 65 e 66, desta pesquisa.

textual, até então não mencionado, é introduzido, passando a preencher um espaço cognitivo na rede conceitual do modelo de mundo textual, nesse caso, tem-se ‘campanha eleitoral’ sendo introduzido. Em relação à reconstrução/reativação ocorre por um nóculo já presente na memória discursiva que é reintroduzido na memória operacional por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece em foco, como nos léxicos ‘urna eletrônica’, ‘eleitor’, ‘horário eleitoral gratuito’, ‘voto’, ‘gravação para campanha’, ‘pré-candidatura’, ‘disputa’, ‘pesquisa’, ‘coligação’, ‘debate’, ‘escolha’ e ‘discurso’. Já na desfocalização/desativação, essa estratégia de referenciação ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores, nesse ponto, introduz-se ‘seleção de candidato’, ‘vidente’, ‘corrida’ ‘desespero’ e ‘artimanhas’.

Todo esse percurso fica claro a partir do esboço a seguir, que traz a configuração do tema explodido com o ponto central para o qual irradiam léxicos referentes à “Campanha Eleitoral 2006”:

### 4.3.2.1 Configuração do Tema Explodido



No esquema, permitiu-se visualizar que a organização ocorreu de forma radial, em que o supertópico “Campanha Eleitoral 2006” representou o centro para o qual irradiaram os itens apontados. Parece que esse tipo de progressão é próprio do gênero charge, pois as suas publicações dependem dos acontecimentos ocorridos no mundo com repercussão na sociedade, ou seja, raramente há uma sequência.

Nas análises do supertópico “Campanha Eleitoral 2006” foram encontradas somente duas pequenas sequências de publicação, contendo três charges em cada uma. Isso parece permitir dizer que há uma progressão temática linear, havendo nesse ponto uma pequena sequência que pode sugerir uma narrativa. Porém, a produção desse supertópico em sua maioria não ocorre por progressão temática linear, e sim, por progressão temática por tema explodido. Na primeira sequência de charges, um aspecto interessante que marca a manutenção do tópico da primeira charge-segmento para a segunda é o enunciado linguístico que transmite uma ideia tanto positiva quanto promissora, o enunciado ‘candidato bom’; em relação à segunda charge-segmento para a terceira, parece haver no enunciado afirmativo e tranquilizador ‘candidato bom’, mas o que aparece como resultado da pesquisa é que leva o eleitor a ideia de alerta, provocando o leitor/eleitor; na charge-segmento seguinte, a refletir sobre a sua escolha. Tais assertivas podem ser vistas no enunciado: “‘Arma’ para cassar corrupto’. Na segunda sequência, não há elementos linguísticos, o que marca a manutenção de tópico é a ocorrência da caricatura de Geraldo Alckmin nas três charges-segmentos.

Observam-se, a seguir, duas sequências de charges-segmentos que parece marcar a progressão temática linear, sugerindo uma sequência de uma narrativa.



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral, Candidato bom, Publicada em 29/9/2006



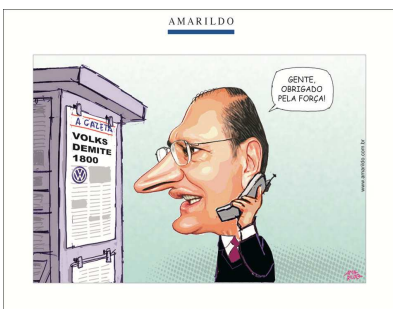
Charge-segmento- 205: Eleição Google 2, Charge-segmento 206: Eleição dedo arma, Publicada em 30/9/2006



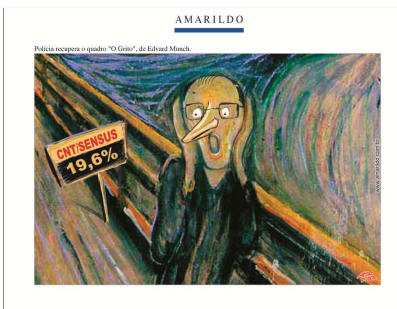
Charge-segmento 206: Eleição dedo arma, Publicada em 1/10/2006



Charge-segmento 174: Alckmin pesquisa  
Box 2, Publicada em 30/8/2006



Charge-segmento 175: Alckmin Volks demite,  
Publicada em 31/8/2006

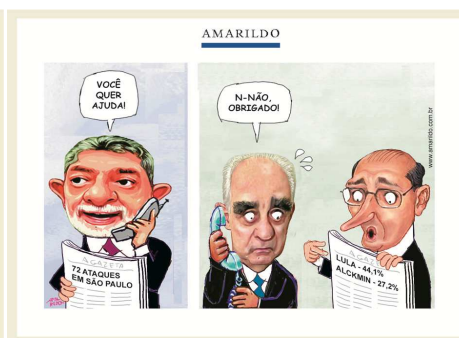


Charge-segmento 176: O Grito de Alckmin,  
Publicada em 1/9/2006

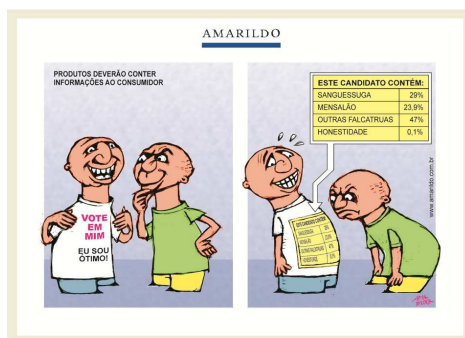
Não com menos valor, mas com menos charges-segmentos a manutenção do tópico é feita por duas charges-segmentos em três grupos, relacionados da seguinte forma: o primeiro é composto pelas charges-segmentos 124 e 125; o segundo, pelas charges-segmentos 150 e 151; e por fim, pelas charges-segmentos 160 e 161, expostas a seguir:



Charge-segmento 124: Lula pescado, Alckmin,  
Publicada em 12/7/2006



Charge-segmento 125: Lula, Alckmin, ajuda,  
Publicada em 13/7/2006



Charge-segmento 150: Produtos informações  
ao consumidor, Publicada em 6/8/2006



Charge-segmento 151: Heloísa Helena e Lula,  
Publicada em 7/8/2006



Charge-segmento 160: Campanha,  
Publicada em 16/8/2006



Charge-segmento 161: Horário eleitoral,  
Publicada em 17/8/2006

Observando-se o primeiro grupo, têm-se as caricaturas dos candidatos que disputavam de forma acirrada ao cargo de Presidente da República. Nas duas charges-segmentos o que marca a manutenção do tópico é a pesquisa presente nas duas charges. Em relação à primeira aparece o léxico ‘pesquisa’, na imagem fica explícita a ideia de que Lula está à frente. Na segunda charge, a perspectiva de que o candidato Lula está à frente é confirmada no jornal que o candidato Alckmin está segurando: Lula 44,1%; e Alckmin com 27,2%. Analisando o grupo seguinte, o que marca a manutenção do tópico é o enunciado ‘Vote em mim’ que é levada para a charge-segmento seguinte, de forma implícita nos discursos dos candidatos a disputa pela Presidência da República. No grupo a seguir, a marca de manutenção do tópico é vista no que está escrito na frente da mesa: ‘Gravação do Horário Eleitoral Gratuito’. O produto final dessa gravação é visto na TV que aparece na charge-segmento seguinte. Salienta-se também que a manutenção tópica é vista no enunciado que aparece na tela da TV. No último grupo, o que parece marcar a manutenção do tópico é o ‘Dossiê’ entregue ao Presidente da República e candidato à reeleição pelo PT. O que mantém essa charge-segmento ligada ao próximo é o alvo que se encontra numa das Tribunas da charge-segmento 203. Implicitamente esse alvo representa o candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva, pois o seu governo estava sendo alvo de denúncias.

Corroborar-se que no gênero charge a utilização da linguagem verbal-icônica caracteriza continuidade tópica. Enfatizando a linguagem produzida somente pelo imagético que Lins (2008, p. 223) ressalta em suas análises que “a exploração da imagem é outro recurso de que pode se valer o autor para assinalar continuidade/progressão temática”.

#### **4.3.3 Fechamento de tópico**

Em relação ao fechamento de tópico, observando atentamente de forma genérica a produção chargística de Amarildo no período de campanha política parece que a única ocorrência de fechamento explícito diz respeito ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, e não dos subtópicos que compõem esse supertópico. O término dessa produção ocorre de forma gradativa nas últimas charges-segmentos, isto é, o chargista começou a encerrar suas produções sobre a campanha eleitoral com os elementos linguísticos ‘horário eleitoral’; em seguida, com a urna eletrônica, ocorrendo o léxico em destaque: ‘candidato bom’; e por fim,

com a arma que o eleitor possui que é o dedo indicador como o cano de uma arma com uma mira, sugerindo o elemento linguístico ‘voto’.

A sequência é produzida pela introdução do elemento linguístico ‘Horário Eleitoral Gratuito’, passando pelo comentário do telespectador/eleitor, que manifesta de maneira positiva a sua opinião em relação aos candidatos, dizendo:

- Que candidato bom!
- Esse também é excelente!
- Esse outro é ótimo!

Na charge-segmento seguinte, o elemento linguístico dá sequência ao elemento linguístico anterior: ‘Candidato bom’. Os elementos linguísticos de transição para a charge-segmento 205 são os que aparecem no resultado da pesquisa: ‘Não foi encontrado nenhum documento correspondente’. Na última charge-segmento, aparece como título o enunciado conclusivo com função de fechamento de tópico, no que diz respeito à campanha eleitoral geral, fortalecendo a ideia de alerta aos eleitores: “Arma” para cassar corrupto’. Tudo isso fica claro nas charges a seguir:



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral, Candidato bom”, Publicada em 29/9/2006



Charge-segmento 205: Eleição Google 2, Publicada em 30/9/2006



Charge-segmento 206: Eleição dedo arma, Publicada em 1/10/2006

Nessas charges-segmentos que demonstram fechamento do supertópico, apresentam-se diferentes atos ilocutórios como a ‘opinião’ manifestada pelo telespectador/eleitor, encontrada na primeira charge-segmento, que abre o fechamento tópico; na seguinte, a ‘conclusão’ de uma busca; na última charge-segmento, a ‘decisão’ imposta ao eleitor.

Os recursos expostos de fechamento mostram uma demarcação ampliada que abrange todos os subtópicos correspondentes ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Por isso, ao se tratar do fechamento de tópico, alguns pontos merecem atenção em relação aos segmentos



tópicos que se apresentam de forma generalizada, dentro do supertópico em pauta, por não ocorrer sinalização pontual de um subtópico para outro, da mesma forma que se observa de um quadro tópico para outro. Isso ocorre por se tratar de temas advindos das circunstâncias do momento político vivido à época.

Analisando o fechamento do tópico da charge-segmento de número 1, de 12/3/2006, observa-se o uso de reticência no balão de fala que o encerra. Há a entonação descendente, citada por Jubran et al. ([1992] 2002, p. 352)<sup>90</sup>, como marca prosódica, “em que os falantes modulam continuamente sua expressão verbal, imprimindo-lhe inflexões”, marcando término “na maioria das vezes com inflexão conclusa”, como a seguir:

-... Claro que não, você é o melhor! (Fala de Alckmin)

-... Não, não!... (Fala de Serra)

Nos balões de fala encontrados nas charges-segmentos 125 e 151 há o uso de paráfrase, marca léxico-semântica com a função de trazer na fala dos candidatos o conteúdo exposto. No caso da primeira é o conteúdo dos jornais que Lula e Alckmin seguram, como fica exposto abaixo:

Charge-segmento 125, o que está escrito no jornal, em seguida a fala de Lula:

‘72 ataques em São Paulo’

- Você quer ajuda!

Na charge-segmento 151, será observado o advérbio de tempo que introduz cada quadro desse segmento, seguindo a fala de Lula, para, então, a fala de Heloísa Helena:

‘Ontem’ (Lula)

- Abaixo o capital!

‘Hoje’ (Lula)

-Não é bem assim!

‘Hoje’ (Heloísa Helena)

- Fora corruptos!

---

<sup>90</sup> Páginas 68 e 69.

‘Amanhã’ (Heloísa Helena)

- Não é bem assim!

Observam-se nas charges-segmentos 142 e 191 a ocorrência da marca vista em Jubran et. al. de inflexão, marcando a entonação descendente, na abertura dos tópicos; e a entonação ascendente, marcando fechamento desses tópicos. Dessa forma a entonação acontece no sentido inverso às outras charges-segmentos, como é mostrado a seguir:

Charge-segmento 142, com a fala de Heloísa Helena:

- Todo apoio é sempre bem-vindo!

- Será?

Charge-segmento 191, com a fala de Alckmin:

- Putz, não adiantou nada!

- O senhor não tem nada mais radical, não?!

Considerando o fechamento do tópico em cinco das 12 charges-segmentos do subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, mais precisamente nos segmentos 121, 161, 162, 165 e 179 a abertura de tópico se dá por um enunciado interrogativo e o seu fechamento ocorre por um enunciado exclamativo. Nas charges-segmentos 175, 178, 189 o fechamento de tópico ocorre pelas marcas léxico-semânticas, como os enunciados conclusivos proferidos pelo candidato Alckmin, pelo assaltante e pelo ex-presidente Fernando Henrique, à época. A entonação descendente fortalece a inflexão conclusiva, percebida pelo sinal de exclamação, como é mostrado a seguir em cada charge-segmento:

Charge-segmento 175:

- Gente, obrigado pela força!

Charge-segmento 178:

- Chefe! Encontramos uma coisa estranha enterrada aqui embaixo!

Charge-segmento 189:

- Peraí, que eu vou dar um empurrãozinho!

No caso da charge-segmento 204, a abertura e o fechamento do tópico ocorrem por enunciados exclamativos. Como é exposto a seguir:



Charge-segmento 204: Horário Eleitoral,  
Publicada em 1/10/2006

Essas análises levam a perceber que a produção do texto escrito da charge está próxima da produção de um texto falado, em se tratando de organização tópica, como em uma conversação que os interlocutores interagem, revezando os turnos de forma dinâmica. O mesmo ocorre com o tópico, por se constatar que no texto chargístico a sua estrutura também é dinâmica e suscetível de alterações constantes. Apesar de a centração ser um princípio norteador da organização tópica, as marcas linguístico-discursivas encontradas nesse trajeto de análise possibilitou de forma objetiva se alcançar a delimitação tópica de forma mais segura.

Observou-se que a conduta de Amarildo em sua produção é de mostrar uma interação entre os participantes que parecem se submeter a uma expressão verbal que ordena o fluxo das mensagens. Ressalta-se que, enquanto durou o tema em pauta na mídia, os personagens tratados por Amarildo se mantiveram perfeitamente engajados no processo interacional, apesar da multiplicidade de tópicos que o constituem. De igual importância, os leitores das charges foram captando os sinais emitidos por esses personagens de Amarildo e orientando seus interlocutores/leitores às suas falas, como salienta Jubran et al. ([1992] 2002, p. 352), “segundo o fio condutor (o tópico) responsável pela tessitura e coerência da conversação”.

As marcas evidenciadas por meio de a realização linguística, propostas por esses pesquisadores, ajudaram no critério de identificação de cada segmento tópico, possibilitando, com isso, a sua delimitação. Essas marcas possuem também “reconhecido valor discursivo e/ou pragmático”, como percebidas por Jubran et al. ([1992] 2002, p. 352).

## Considerações Finais

Abordar o campo de estudos sobre o tópico discursivo tornou-se necessário, nesta pesquisa, por ser este aporte teórico um meio bastante enriquecedor e eficaz de se chegar a uma análise mais precisa dos temas tratados no gênero charge, publicados no jornal *A Gazeta*. Embora esta dissertação dialogue com estudos que contribuíram particularmente para a ampliação da teoria do Tópico Discursivo, no Brasil, não despreza, em contrapartida, a coletânea de trabalhos que abordam essa teoria em vários gêneros textuais.

Ao se pretender perpassar os vários estudos pôde-se com isso dar sustentação a esta pesquisa, de forma mais intensa aos estudos de Lins (2006/2008) por se aproximar do *corpus* analisado. Nesse estudo, essa autora trabalhou com tiras de quadrinhos em que há a linguagem verbal-icônica.

Desse modo, a presente pesquisa pode ser incluída entre os estudos da organização do tópico discursivo que se ocupam de aplicar tal teoria na análise de gêneros textuais. No caso deste trabalho, a charge foi o gênero textual privilegiado, o qual representou, nos limites do recorte cronológico proposto, um período inédito na história política do Espírito Santo: o da reeleição para o cargo de governador do estado.

Como os primeiros passos em direção a uma abordagem textual-interativa da linguagem oral em situações de diálogo face a face, os quais partiram de pesquisadores que juntamente com Koch ([1989] 1996) foram os precursores dessa proposta no Brasil, vale salientar que uma das contribuições desse estudo está na ênfase acerca da dificuldade de se detectar o tópico discursivo, o que tornou relevante a elaboração de mecanismos eficazes de percepção, minimizando ao máximo a sua margem de erro. Partindo dessa necessidade, os estudos avançaram, chegando ao diagrama proposto por Koch ([1993] 2007)<sup>91</sup> utilizado por muitos autores que analisaram a organização do tópico discursivo em textos, e que também foi utilizado com êxito nesta dissertação.

Na visão de Koch (2003, p. 126), para os linguistas: “entender a interação humana através da língua é entender praticamente tudo. Como é que o ser humano se comporta em sociedade,

---

<sup>91</sup>Em seu trabalho intitulado *Organização Tópica da Conversação*.

como é que ele age, interage, argumenta, contra-argumenta, persuade etc.”, maneira que foi relevante para se perceber o homem em sociedade nesta pesquisa.

A fim de fornecer as noções correlatas à organização do tópico discursivo no gênero charge, que ostenta um movimentado fluxo informacional, reproduzido por um chargista no contexto sócio-histórico em que viveu, esta pesquisa objetivou trabalhar com as charges produzidas no período de campanha política, visualizando essa produção como texto. Como Lopes (2008) salientou que a charge, como texto e gênero discursivo inserido no jornal impresso, pode mobilizar mais de uma linguagem em sua textualização: a verbal e as não-verbais simultaneamente. Assim, esta pesquisa teve por objetivo analisar a articulação da linguagem verbal-icônica das charges publicadas no jornal impresso *A Gazeta*, no intuito de verificar como se organizou o tópico discursivo no processo de textualização das charges publicadas no período eleitoral de 2006.

Observa Lopes (2008) que o texto chargístico é mais um texto de opinião presente no jornal impresso, que se constrói mediante a articulação de suas linguagens, contribuindo para a compreensão dos seus efeitos de sentido. Em seu conteúdo, encontra-se um comentário crítico sobre algo que está acontecendo. É nesse universo que entram os políticos, ocupando lugar de destaque na publicação e rendendo boas manchetes para o veículo jornalístico, segundo Rios (2008).

Nessa arte, percebeu-se o chargista como aquele que transforma “a pessoa em personagem ou a criação de um personagem com base em um modelo vivo” (RIOS, 2008, p. 299). Amarildo, em certos momentos, trabalhou com a hipérbole para criar personagens que remetessem a figuras conhecidas por seus leitores. Fato visto em alguns traços produzidos sutilmente por esse chargista. Nesses traços, o exagero e a agressividade em seus contornos foram componentes indissociáveis nessas produções, aliados a sua sutileza de artista. Tratando da produção chargística selecionada e analisada nesta pesquisa, geralmente com teor político, publicada diariamente no jornal *A Gazeta*, configurou-se numa espécie de imagem-síntese do contexto político eleitoral de 2006 no Espírito Santo.

Dessa forma, o que se propôs foi um estudo focado nas charges referentes ao período de campanha política eleitoral, as quais compõem um quadro sequencial que varia tematicamente. Por conta disso, o contexto foi, em princípio, ampliado para depois ser fechado numa conjuntura local. Logo, o evento maior, intitulado “*Temática do chargista*

*Amarildo*”, configurou o todo do *corpus*. A sequência de charges apareceu, neste momento, em ordem cronológica, discriminada por título e data de publicação. Dessa forma, na hierarquização desse supertópico, foram distinguidos nove quadros tópicos: 1º) Questões Sócio-Político-Econômicas; 2º) Corrupção Política; 3º) *Campanha Eleitoral*; 4º) Futebol; 5º) Crise no Estado; 6º) Outros Temas Sócio-Políticos; 7º) Crime; 8º) Tentativa de Bloqueio de Celular; 9º) Violência no Trânsito. Esses quadros tópicos se dividiram em 35 subtópicos, como por exemplo, o quadro tópico “Questões Sócio-Político-Econômicas” que contém, por sua vez, os subtópicos ‘Questão Sócio-Político-Econômica Internacional’, ‘Questão Sócio-Político-Econômica Nacional’ e ‘Questão Sócio-Político-Econômica Estadual’; e o quadro tópico “Corrupção Política”, compreendendo aos subtópicos: ‘Corrupção Política Nacional’, ‘Corrupção Política Estadual’ e ‘Corrupção Política Municipal’. Cada subtópico tem uma gama de segmentos tópicos, como por exemplo, o subtópico ‘Questão Sócio-Político-Econômica Nacional’ composto por 42 segmentos tópicos. O supertópico em pauta totalizou 250 segmentos tópicos.

Ressalta-se, neste ponto, que o supertópico “*Campanha Eleitoral 2006*” correspondeu, na pesquisa ampliada, ao terceiro quadro tópico intitulado “*Campanha Eleitoral*”, presente no supertópico “*Temática do chargista Amarildo*”. Em vista disso, o *corpus* foi delimitado a partir do início e do término da produção chargística referente à campanha eleitoral no Espírito Santo. De tal modo, observou-se haver muitos segmentos tópicos transpassando o supertópico “*Campanha Eleitoral 2006*”. Sendo assim, vários assuntos foram abordados, correspondendo a inserções e a mudanças de tópicos encontrados nesse supertópico.

Enfim, as charges foram separadas por assuntos e subassuntos afins, correspondendo a 9 quadros tópicos, 35 subtópicos e 250<sup>92</sup> segmentos tópicos. Após esse primeiro tratamento junto ao *corpus*, a pesquisa pôde se concentrar em seu principal objetivo, o que resultou no estudo temático das charges em torno da política, seja centrada nos candidatos, seja no horário eleitoral, seja na eleição, seja na reeleição. Com isso, cada item que envolveu o assunto política foi analisado de modo a organizar, graficamente, o tópico discursivo no período proposto.

As charges selecionadas, tanto para verificar a organização hierárquica da temática de *Amarildo* quanto para a campanha eleitoral 2006, foram submetidas à identificação e delimitação de segmentos tópicos; à observação dos procedimentos pelos quais os segmentos

---

<sup>92</sup> O aumento de charges está relacionado à repetição de algumas charges em outros subtópicos.

tópicos delimitados foram distribuídos no plano discursivo linear e de que forma se inter-relacionaram no plano discursivo hierárquico; por fim, a caracterização estrutural desses segmentos, detectando o início, a manutenção e o fechamento de cada tópico. Vale ressaltar que o estudo em relação à campanha eleitoral 2006 foi minuciosamente detalhado por ser esse o alvo desta pesquisa.

Com o intuito de investigar como se organiza o tópico discursivo em sequências de charges, com base nas categorias abstratas de contração e de organicidade, tratou-se, primeiro, de observar a organização tópica da charge a partir do exame da delimitação de segmentos tópicos com base no princípio da contração. Depois, especificou-se, de forma mais peculiar, cada tópico em sua estrutura organizacional, dentro de uma análise funcionalista. Em seguida, partiu-se para análise das charges, salientando que cada desenho foi considerado um segmento tópico, que, por sua vez, passou a ser visto como uma charge-segmento<sup>93</sup>. Dessa forma, numa sequência sucessiva de abrangência menor, novos desdobramentos surgiram, os quais novamente se desdobraram resultando no supertópico “*Temática do chargista Amarildo*”. Para depois, no mesmo processo de análise, resultar no supertópico “*Campanha Eleitoral 2006*”.

A análise das sequências tópicas foi feita em consonância com o arcabouço teórico já exposto. A partir da noção de tópico discursivo e de suas propriedades – como contração e organicidade, supertópico, quadro tópico, subtópico e segmento tópico – pôde-se focalizar a progressão do tópico discursivo, com vistas a explicar como aquilo de que se fala se organizou em termos de continuidade e verificar como os tópicos interagiram entre si.

Como, nesta pesquisa, concentrou-se em analisar o comportamento organizacional do tópico discursivo na sequência de charges que marca o início da produção chargística de Amarildo Lima relativa à campanha eleitoral no Espírito Santo, o mesmo ocorreu com o término de suas produções elaboradas entre 12 de março e 1º de outubro de 2006, em que se observou o gerenciamento do tópico, pela relação de organicidade manifestada pela interdependência estabelecida tanto no plano hierárquico quanto no sequencial. Sendo assim, foi a partir dessa relação que se puderam perceber as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre os tópicos, provocada pelo grau de abrangência do assunto e pelas articulações intertópicas relativas às adjacências ou às interposições na linha discursiva encontradas no texto chargístico demarcado para estudo.

---

<sup>93</sup>Maiores detalhes sobre o uso desse termo encontram-se na página 73, desta pesquisa.

Dessa forma, ressalta-se que esse texto chargístico é igualmente percebido, como a conversa, como produção coerente, apresentando, a partir de sua continuidade, a preservação da funcionalidade comunicativa por um tempo. Pautando por esse enfoque, a análise da continuidade tópica se deu por intermédio da observação das falas dos personagens em conjugação com os elementos não-verbais e paralinguísticos.

Como cada enunciado, nesta pesquisa, foi tratado como charge-segmento, partiu-se da ideia da relevância de uma para a outra. Dessa forma, percebeu-se a coerência no texto chargístico produzido por Amarildo. Ressalta-se que essa coerência foi adquirida a partir da continuidade apreendida no nível mais alto de sua estrutura hierárquica.

Essa preservação foi sentida a partir da premissa de que se a charge foi elaborada de acordo com os acontecimentos do dia a dia, garantiu-se a sua funcionalidade comunicativa por um tempo maior de forma coerente por meio da intertextualidade temática que seintuiu nas produções de Amarildo, no tempo delimitado para estudo, como se notou no subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, que Amarildo intertextualizou Política com Copa do Mundo, com profissão de Decorador e com Corrupção. No subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, Amarildo continuou intertextualizando Política com Copa do Mundo, com Corrupção, com Obra de Arte, com questões internas de Empresa e também com atentado Terrorista. No subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, Amarildo deu sequência à intertextualidade tratando de Política com Copa do Mundo, com Comércio e com Corrupção. No subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, esse chargístico intertextualizou Política com Copa do Mundo, com Corrupção e com atentado Terrorista. No último subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, Amarildo prosseguiu intertextualizando Política com Comércio e com Corrupção. Por conseguinte, a preservação do tema Campanha Eleitoral 2006 foi conseguida por meio da intertextualidade que Amarildo, ao longo de seu texto chargístico, teceu os assuntos de forma coerente.

Por meio de tais percepções, pretendeu-se demonstrar que o texto chargístico apresentado como produto final passa por uma série de planejamentos, elaborações, estruturações, aproximando do texto escrito pelo seu teor de construção anterior a sua publicação. No entanto, não é o que os produtores desse gênero textual pretendem transmitir. Em sua elaboração se tem a ideia de momentaneidade, como numa conversa informal entre os usuários da língua.



Entretanto, mesmo que em sua produção esteja presente essa momentaneidade, a charge depende de um leitor atualizado que entenda o que o artista quis se expressar no quadro. No entanto, esse artista ao transformar uma pessoa de verdade, como um homem público, em caricatura, cria uma figura que dá passos próprios e segue as leis de uma realidade que é a da charge, segundo Rios. São essas características da personagem, trabalhadas em geral de forma cômica, que asseguraram uma sobrevida à criação do chargista.

Enfoca-se que, nas charges analisadas, o chargista retratou de forma sintetizada o seu senso crítico. Amarildo, em suas produções, envolveu assuntos do mundo, do País e da sociedade capixabense. Também de forma satírica envolveu a política contemporânea. Esse chargista elaborou caricaturas de personagens, à época, conhecidas por seus leitores até hoje.

Um ponto de relevância para esta pesquisa parte da constatação de que o gênero charge detém um caráter de informalidade que atrai a atenção dos leitores, bem como a ideia de que, nele, a noção exata de um contexto é imprescindível para a construção de seu sentido. Trabalhos em diversas áreas do conhecimento foram desenvolvidos tendo como objeto central o estudo das charges, utilizado para compreender diversos aspectos do campo do saber, sejam eles históricos, semióticos, sociológicos, sejam linguísticos<sup>94</sup>. As charges, de modo particular, buscam de forma humorística “criticar um fato ou um acontecimento específico, em geral de natureza política ocorrido no dia a dia” (GURGEL, 2004, p. 3), proporcionando, com isso, um panorama bastante amplo de estruturação temática, que permitiu verificar a continuidade ou a descontinuidade de uma linguagem composta por itens verbais e não verbais.

Considerado um gênero complexo, pelo fato de concretizar relações abstratas e de se encontrar, como nas tiras em quadrinhos, embebido em referências orais, a linguagem verbal-icônica da charge tende a se atualizar com frequência, de acordo com o foco temático em destaque, tratados nas notícias veiculadas na mídia.

Quando se trata de ler e de interpretar charges, há que se considerar que os seus leitores acompanharam os acontecimentos sociais e políticos, pois a linguagem da charge está em

---

<sup>94</sup> Cita-se como exemplo os trabalhos de Gurgel (2004), “A Charge numa Perspectiva Discursiva”, artigo publicado na revista *Lathé Biosa Centro de hermenêutica do presente*. Editora Universidade Federal de Rondônia. Ano IV, nº 135 – Fevereiro – Porto Velho; Baeder (2007), “Olhar semi-simbólico de um desenho-charge de Angeli”, artigo publicado na revista *Estudos semióticos*(FFLCH-USP) - número três; Lopes (2008), “Charge Jornalística: Estudo do Discurso Chargístico da Folha de São Paulo Veiculado no Período da Crise Deflagrada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC)”, Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Silva (2008), “Charges: Do Discurso “Político” Eleitoral ao Discurso Político da Opinião Pública”, Mestrado em Linguística, Fac. de Letras, UFMG, Minas Gerais.

comunicação constante com a notícia. Como salienta Quadros (2008), a charge vem consolidando e ampliando sua presença na mídia nacional, situação que ocorre devido a constituir “realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão” (QUADROS, 2008, p. 68). Por conta de tais fatos, tornou-se necessário, para se desenvolver a análise das charges, situá-las no contexto sócio-histórico da época, verificando suas condições de produção. Isso corresponde dizer que, tornou-se necessário, para se fazer uma boa leitura, levar em conta o contexto em que a passagem a ser lida estava inserida. Dessa forma, vale lembrar que em muitas charges esse contexto veio manifestado explicitamente por palavras; em outras, veio implícito nos componentes imagéticos. Por conta disso, várias pesquisas foram necessárias para se resgatar o momento vivido pelos brasileiros/capixabas<sup>95</sup>.

Sendo assim, na análise da estrutura da organização tópica, a leitura e contextualização das charges de Amarildo foram necessárias para se detectar cada assunto que se encontrava dissolvido entre as linguagens que perpassaram o texto. Para buscar o sentido nas charges, uma retrospectiva sobre os fatos que as geraram situou o leitor em seu contexto sócio-histórico da época, dando igual valor às linguagens encontradas em sua elaboração, como a linguagem verbal, a não verbal, e em algumas somente a linguagem não verbal. Esse sentido foi construído por meio do nível semântico pela significação das palavras e dos enunciados, e também da associação das palavras e das imagens em cada charge. Buscou-se por sentido, nas charges que apresentaram além da imagem a linguagem verbal, a relação entre imagens e palavras e também por meio do sentido sócio-histórico, que caracterizou o contexto a que a charge se remete. Já nas charges que exploraram apenas a linguagem não verbal, observou-se que seus sentidos se deram na relação da imagem com o contexto em que cada uma foi elaborada. Dessa forma, puderam-se observar os conteúdos, entrelaçando as linguagens nelas encontradas. Suas leituras foram possibilitadas pela ativação de esquemas de conhecimentos internalizados pelo interlocutor da produção de Amarildo.

Pautando por esse enfoque, a análise preliminar foi o ponto de largada para se verificar o conteúdo de cada charge. Nesse trabalho de análise, além de se examinar o conteúdo que perpassou cada charge, também se pôde, de forma clara, determinar a que grupo de tópico pertencia cada charge, a abrangência de cada grupo de tópicos afins. Atentou-se para os marcadores linguísticos relacionados ao processo eleitoral vistos em cada charge, além das

---

<sup>95</sup> Sobre o uso desse termo encontra-se na página 212, desta pesquisa.

caricaturas dos políticos. Como na produção chargística a linguagem é sincrética não se pôde olhar somente para a linguagem verbal nesta pesquisa, por conta disso, a linguagem não verbal se tornou também ponto relevante para direcionar cada charge em um tópico determinado.

Na constituição da estrutura hierárquica do tópico discursivo “Campanha Eleitoral 2006”, observou-se que a continuidade temática atuou no sentido de se manterem ativados os *frames* relacionados a cada subtópico em desenvolvimento, e, em nível mais alto, ao quadro tópico ‘1º Turno’ e, no nível mais alto ainda, ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Portanto, na estrutura intertópica, elaborou-se a pirâmide formada a partir de camadas tópicas, que se superpuseram pela abrangência temática. Nessa estrutura hierárquica do supertópico tratado, encontram-se apenas 7 momentos de continuidade, como no subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’ as charges-segmentos 161 e 162; 204, 205 e 206 e no subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’ as charges-segmentos 124 e 125; 150 e 151; 174, 175 e 176; 186 e 187; e, por fim, 202 e 203; na maioria das charges-segmentos ocorreu a descontinuidade em sua organização geral.

De tal modo, que no nível mais alto de abrangência da organização hierárquica, observou-se que nesse texto chargístico a continuidade se referiu ao modo como os tópicos foram desenvolvidos no seu interior, obedecendo, como na conversação, além da condição de contiguidade, observada no plano intertópico; ao esgotamento, observado no plano intratópico. Assim, a mudança de tópico envolveu um movimento de um aspecto do tópico para outro, por conseguinte, gerando um conjunto diferente de referentes, que não implicou em incoerência em sua linha discursiva.

Ao contrário da continuidade, há a descontinuidade provocada pelo processo de inserção. Ao se observar o comportamento organizacional do tópico discursivo na sequência de charges de Amarildo, constatou-se muitas inserções até o esgotamento de um tópico. Esse processo ocorreu em muitos momentos, levando a vários temas que foram sendo agrupados em cinco subtópicos. No período destacado para análise, ocorreram 203 inserções no supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Foram inserções que perpassaram as 47 charges-segmentos que, de forma hierárquica, compuseram os cinco subtópicos, que por sua vez, compôs o único quadro tópico desse tópico maior: “1º Turno”. Destaca-se que esse processo proporcionou movimento a esse texto chargístico.

Ressalta-se que se as charges são produzidas diariamente, inserções e mudanças de assuntos geraram as continuidades e as descontinuidades em sua organização geral, então, esse texto chargístico se assemelha com a forma de organização tópica de textos falados; observou-se, pois, nessas inserções a presença variada de assuntos. Afirma-se, com essa observação, que assim como na oralidade, nesse texto chargístico os assuntos são introduzidos e reintroduzidos até serem abandonados por completo.

De maneira geral e em via de regra, encontra-se na charge mais imagem do que texto escrito, cuja produção objetiva alcançar uma impressão de oralidade. Desse modo, quando há a presença do texto escrito, ele surge como uma linguagem coloquial, mesmo que haja todo um planejamento para a execução da mensagem. Nesse ponto, observou-se, nesse texto chargístico, que houve sim um planejamento prévio por Amarildo, mas com características de uma produção não planejada, quer dizer, sua produção parece ocorrer no momento que o leitor interage com a charge desse artista.

Mesmo que em algumas charges tenha encontrado uma quantidade considerável de texto escrito, essas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades, até porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo de determinadas situações comunicativas. No caso da charge, da tira em quadrinhos, do romance, do texto jornalístico, a escrita formal e a fala informal constituem polos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam diversos graus de planejamento na interação conversacional. Isto é, há a correção da linguagem oral, como se essa linguagem não fosse escrita.

No gênero charge, como na tira em quadrinhos, no romance, ao executar a sua criação, tem-se o cuidado para não se escrever de forma rígida. Segundo Matos (1945, p. 98) “um dos maiores encantos do livro está na correção de sua linguagem oral. A sua língua não é escrita não, mas é uma límpida voz falada”. Para esse autor o ato de escrever é rígido, sendo a maneira mais eficaz de se matar a palavra (MATOS, 1945, p. 98). Esse autor vai além, salientando que “a palavra escrita fixa tão mal a palavra falada como a fotografia representa a pessoa: - simplesmente os seus aspectos externos ou, ainda melhor, unicamente as suas partes mecânicas [...]” (MATOS, 1945, p. 98).

Como na escrita, encontra-se somente o contexto de uso, e na interação face a face os contextos de produção e o de uso se misturam, vale destacar que, nesse sentido, tanto na

escrita quanto na conversação, os produtores dos gêneros citados fazem uso de uma multiplicidade de recursos além das simples palavras que compõem as estruturas. Quanto aos aspectos que envolvem o contexto, o que se observa é que há sempre um contexto para a fala e outro para a escrita. No caso da produção chargística, produziu-se um texto respeitando as principais regras gramaticais, mas se aproximando de um texto informal, mesmo que seja escrito. Tudo isso visando à produção de sentidos.

Pautando por essa perspectiva, observou-se que nesse texto chargístico não houve repetição, como também não se observaram frases coordenadas comuns na oralidade. Assegura-se, partindo dessa perspectiva, que esse texto chargístico está no entremeio do escrito com o oral. Constatou-se, portanto, que Amarildo produziu de maneira solta, indo e voltando no desenvolvimento do tópico, isto é, falando topicalmente.

Em relação à organização linear, observou-se que o leitor percebe nessas produções chargísticas quando há o início de um assunto e quando há o seu esgotamento. Sendo assim, ao se tratar da organização tópica na linearidade discursiva no supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, analisou-se o desenvolvimento de cada subtópico. Observou-se que cada um apresentava estrutura próxima à progressão conversacional, isto é, os tópicos na linearidade discursiva foram distribuídos contínua e descontinuamente.

A organização linear do supertópico em questão se deu de forma não-contígua. Isso foi percebido por meio das falas dos personagens combinadas com os elementos visuais, às vezes somente visuais, quer dizer, em algumas charges apresentaram somente marcas não-verbais em suas constituições. Essas marcas não-verbais funcionaram como pistas semânticas que indicaram a continuidade tópica. Dessa forma, foi possível detectar que a partir das muitas inserções de segmentos pertencentes a outro subtópico, há mais charges-segmentos não-contíguas do que contíguas na produção do período proposto para análise nesta pesquisa. Ressalta-se que não foram observados segmentos de transição, com marcadores explícitos, a mudança brusca foi percebida apenas a partir de uma visão global do texto chargístico.

Ao se analisar as charges-segmentos que não se relacionaram topicamente com as precedentes nem com as que se seguiram, percebeu-se a suspensão de um tópico, e a inserção de um novo tópico e, em seguida, uma reintrodução do tópico antecipadamente desenvolvido. Essas inserções constituíram as chamadas digressões. O trabalho de análise incluiu somente as charges-segmentos que estão entre a 1ª charge-segmento e a 2ª do primeiro subtópico

‘Campanha Eleitoral Geral’<sup>96</sup>, ou seja, entre a charge-segmento 51 e a 85. Com essa amostra de 34 charges-segmentos verificaram-se 10 digressões<sup>97</sup>.

Dentre as três digressões propostas por Dascal e Katriel (1982), notaram-se que as digressões ocorridas estão configuradas na interação, em que a relação semântica de conteúdo não ocorreu, mas há a relação pragmática de conteúdo, ou seja, todas as digressões foram fundamentadas no contexto demarcado “Campanha Eleitoral 2006”, correspondendo dizer que essas charges-segmentos subordinadas a outras de nível mais alto a que essas se submeteram, acabaram por perder o caráter digressivo.

Observou-se que no funcionamento da categoria de tópico discursivo se destacaram três estratégias no texto de charges. A amostra para análise foi retirada das charges-segmentos do subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’. Na primeira charge-segmento número 113, intitulada ‘Paulo Hartung reeleição’; na segunda, de número 119, com o título ‘Campanha venda TV’; e por fim, na de número 150, ‘Produtos deverão conter informações ao consumidor’. Analisaram-se nos títulos propostos por Amarildo nessas charges-segmentos os léxicos. Na primeira, o léxico ‘reeleição’ deu ideia de campanha, portanto a estratégia destacada neste ponto foi a paráfrase; no segundo título, observou-se a estratégia da repetição, porque o léxico de base é ‘campanha’; no último título, pôde-se concluir a ideia de parêntese, quer dizer, no contexto daquele momento se falava muito em ‘corrupção’.

Constatou-se, portanto, no caso da organização desse texto chargístico, produzido por Amarildo, que no primeiro subtópico vários assuntos abandonados foram registrados, retomados até o seu esgotamento, que ocorreu no findar da campanha eleitoral. No segundo subtópico, ocorreu o mesmo processo. Nos outros, seus inícios ocorreram depois de muitas inserções dos dois primeiros subtópicos, o mesmo se deu com seus abandonos e retornos, até seus termos por completo. Sendo assim, a forma de organização desse texto chargístico pode ser comparada a conversas espontâneas, em que assuntos vêm à superfície da conversa e são abandonados, às vezes por seus esgotamentos, dando lugar a outros assuntos.

Já na organização hierárquica, todo esse processo visto na organização linear não implicou em incoerência. O que se diagnosticou foram segmentos tópicos mantidos pela sequência dos

---

<sup>96</sup> O subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’ é composto de 12 charges, correspondendo às charges-segmentos: **51, 85, 115, 121, 150, 161, 162, 165, 179, 204, 205 e 206.**

<sup>97</sup> Pesquisar nas páginas 219, 220, 221, 222, 223, 224 e 225, desta dissertação.

subtópicos constituídos que apareceram não-contíguos. Raríssimos foram os segmentos tópicos contíguos na produção do período proposto para análise. Para se chegar a essa conclusão, foram agrupados segmentos tópicos com temáticas afins, constituindo um subtópico que conteve, por sua vez, outros segmentos tópicos, também constituídos de temas afins que compuseram outro subtópico, chegando ao de maior enfoque. Como resultado final desse agrupamento, obteve-se um quadro tópico: “1º Turno” do tema maior: o supertópico “Campanha Eleitoral 2006”.

Numa visão geral, tais ocorrências não implicaram em incoerência, nesse texto chargístico, pois essas camadas superiores levaram a um tema maior, mesmo após ocorrerem tantas interrupções dentro de cada grupo de temas. Ressalva-se que tantas interrupções ocorreram por fatores pragmáticos, por ser a charge produzida dia a dia de acordo com os acontecimentos que ocorrem na sociedade e que são repercutidos na mídia. Isso corresponde dizer que a fonte inspiradora de Amarildo vem de imagens de várias partes, pois a sua curiosidade é também pela humanidade antípoda. À época, os assuntos giraram em torno da Campanha Eleitoral para Presidente da República, Governador, Deputado Federal, Deputado Estadual e Senador; Copa do Mundo; Corrupção; Crime Organizado; Bloqueio de celular; campeonato estadual, ataques terroristas, entre outros assuntos que fizeram parte da vida do brasileiro/capixaba.

Na estrutura intratópica, observaram-se elementos interligados que possibilitaram compreender o que estava sendo tratado na produção de Amarildo. A partir da perspectiva textual-interativa, os traços do princípio de centração foram buscados, os quais permitiram recortar o gênero textual em questão em partes menores, identificando as estratégias linguísticas e visuais utilizadas por Amarildo. Pautando por esse princípio, enfatizaram-se, ainda, as estratégias e os mecanismos de construção textual, verificando indicações, na funcionalidade desse texto chargístico, relativas à organicidade intratópica<sup>98</sup>. Nesse ponto, verificaram-se como os tópicos foram delimitados na organização desse texto chargístico.

Como novos pontos de um assunto desenvolvido dentro de um subtópico foram percebidos, detectaram-se, então, mudanças de um subtópico para outro. Assim, na abertura de cada tópico, buscaram-se marcadores que pudessem distinguir a abertura de um tópico para outro<sup>99</sup>. Para esse aspecto, analisaram-se os marcadores linguísticos e não linguísticos dos

---

<sup>98</sup> Maiores detalhes pesquisar na página 235, desta dissertação.

<sup>99</sup> Maiores detalhes pesquisar da página 235 à 251, desta dissertação.

subtópicos ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’ e ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’. Observou-se que nas charges-segmentos, na maioria das vezes, a introdução de tópico ocorre por meio de enunciados, como perguntas, seguidas de respostas, às vezes com tom exclamativo, como reflexões seguidas de exclamações. Notaram-se também apenas exclamações.

Outras marcas foram detectadas nas charges-segmentos do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, como os marcadores com atos ilocutórios. Esses atos ilocutórios marcaram, com frequência, o começo de um novo segmento, sobretudo no momento de perguntas. Observou-se que nessas produções, em sua maioria, a introdução de tópico foi feita a partir de enunciados exclamativos, em algumas com enunciados interrogativos e em poucas com enunciados afirmativos. Observaram-se outros atos de fala em forma afirmativa acompanhados de reticências.

Tratando dos marcadores não linguísticos são as caricaturas de personagens conhecidos na política, como a de Geraldo Alckmin, de Serra, de Lula, de Heloísa Helena para candidatos à Presidência da República. Também como a de Paulo Hartung para Governador do Espírito Santo, de Marcelino Fraga para Deputado Estadual, entre outras que marcaram a qual subtópico pertence cada charge-segmento. Desenhos e cores também foram observados como marcadores não linguísticos. Perceberam-se também marcadores de diálogo, como os vocativos. Observaram-se elementos lexicais marcadores de subtópico.

Ao tratar da manutenção tópica<sup>100</sup> vista na continuidade temática ‘campanha eleitoral’, observou-se a ativação de um conjunto de referentes que ganhou evidência em um conjunto determinado de charges, recurso esse utilizado de forma frequente no desenvolvimento tópico nas sequências das charges analisadas. Isso se deu pela seleção de lexemas pertinentes a um mesmo campo conceitual, com isso, garantindo a continuidade do tema em pauta ‘campanha eleitoral’. Dessa forma, agindo no sentido de manter ativado o *frame* relacionado a cada subtópico em desenvolvimento, e, em níveis mais altos, relacionados ao supertópico “Campanha Eleitoral 2006”.

A progressão tópica, nesse supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, realizou por meio de cadeias semântico-lexicais organizadas de dois modos particulares: um demonstra a progressão temática linear e o outro a progressão temática por tema explodido. Nesta

---

<sup>100</sup> Maiores detalhes pesquisar da página 251 à 259, desta dissertação.



pesquisa, percebeu-se que nas charges-segmentos analisadas a continuidade em sua maioria aconteceu por tema explodido<sup>101</sup>, isto é, de forma radial, em que o item de maior destaque representou o centro: “Campanha Eleitoral 2006”, para o qual irradiaram os itens: ‘campanha eleitoral’, ‘urna eletrônica’, ‘eleitor’, ‘horário eleitoral gratuito’, ‘voto’, ‘gravação para campanha’, ‘pré-candidatura’, ‘disputa’, ‘pesquisa’, ‘coligação’, ‘debate’, ‘escolha’ e ‘discurso’, ‘seleção de candidato’, ‘vidente’, ‘corrida’ ‘desespero’ e ‘artimanhas’. Logo, percebeu-se que nas charges analisadas a manutenção do tema ‘campanha eleitoral’ ocorreu pelos processos vistos por Koch e Penna (2006), que são responsáveis pela relação de sentido estabelecida entre as palavras que compõem o léxico ‘campanha eleitoral’.

Dessa forma, percebeu-se que tal relação representou fator decisivo na construção dos enunciados, ajudando, portanto, na produção desse texto chargístico, levando-o a uma produção precisa, clara e coerente. Mediante tais elucidações, constatou-se que as relações de significado existentes entre essas palavras, serviram de auxílio para se construir pensamentos e, a partir daí, expor opiniões relacionadas ao tema “Campanha Eleitoral 2006”. Partindo desse pressuposto, a coesão foi adquirida por vocábulos ou expressões com traços semânticos semelhantes.

Essa é uma estratégia linguística de produção de sentido em situação de uso, pelo fato de esse texto chargístico se encontrar no entremeio do oral e o escrito. Esse é um enfoque que articulou uma dupla funcionalidade, apresentando uma reflexão sobre o papel do léxico no texto. Trata-se, portanto, de um ponto de vista não só léxico-semântico, mas também cognitivo-textual. Esse enfoque fundamentou-se na concepção de texto como unidade de relações sequenciadas, cuja textualização foi mantida pelos mecanismos próprios da progressão textual.

Essa progressão operou de forma dinâmica e variada, recorrendo a um conjunto de recursos léxico-semânticos, no qual foi relevante o papel desempenhado pelas escolhas lexicais pelo chargístico. Nessa estratégia, houve introdução, preservação, continuidade e retomada linguística, assim entrelaçando os objetos presentes na memória textual de seus leitores. De fato, a seleção lexical constituiu um mecanismo muito produtivo nas operações de designação, pois permitiu criar e manter os enunciados.

---

<sup>101</sup> A configuração do tema explodido encontra-se na página 257, desta dissertação.

Observou-se que não houve fechamento de tópico<sup>102</sup> de forma explícita nos subtópicos, a única ocorrência explícita de fechamento ocorreu no supertópico “Campanha Eleitoral 2006”. Isto é, o término dessa produção ocorreu de forma gradativa nas últimas charges-segmentos. Amarildo foi encerrando com os elementos linguísticos ‘horário eleitoral’, na charge-segmento 204; em seguida, com a urna eletrônica, com o léxico em destaque: ‘candidato bom’, na charge-segmento 205; e por fim, com a arma que o eleitor possui que é o dedo indicador, como o cano de uma arma com uma mira, sugerindo o elemento linguístico ‘voto’, na charge-segmento 206. Apesar de a centração ser um princípio norteador da organização tópica, as marcas linguístico-discursivas detectadas possibilitaram de forma objetiva a alcançar a delimitação tópica de forma segura, com o mínimo de equívocos.

No que tange ao desenvolvimento linear do supertópico “Campanha Eleitoral 2006”, é preciso lembrar que sua organização não se deu de forma quantitativa, mas atribuindo importância ao grau de hierarquia que envolve a campanha eleitoral. Assim, os subtópicos aparecem sucessivamente, obedecendo a uma ordem hierárquica de sequência. O subtópico ‘Campanha Eleitoral Geral’, composto de 12 charges-segmentos<sup>103</sup>, foi o primeiro a ser organizado, o qual foi seguido pelo subtópico ‘Campanha Eleitoral para Presidência da República’, em destaque por ter maior extensão, apresentando 25 charges-segmentos. Na sequência, aparece o terceiro subtópico ‘Campanha Eleitoral para Governador do Espírito Santo’, composto de 3 charges-segmentos; o quarto subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Federal’, formado também de 3 charges-segmentos e, por fim, o subtópico ‘Campanha Eleitoral para Deputado Estadual’, composto de 4 charges-segmentos, totalizando 47 charges-segmentos.

Assim, de forma abrangente, essa exposição permitiu mostrar a complementaridade entre a perspectiva léxico-semântica e a perspectiva cognitivo-textual na análise da funcionalidade do léxico no texto. Esse ponto de vista mostrou, ainda, as relações semânticas entre elementos lexicais, fundadas num conhecimento enciclopédico comum, as quais são bastante significativas no que se referiu à configuração desse texto chargístico produzido por Amarildo. Vale ressaltar que essa produção manifestou uma clara interdependência entre semântica e pragmática, visível nos sentidos lexicais tratados no texto que abordaram a campanha eleitoral em 2006. Isso permitiu dizer que os léxicos tratados nesse período validaram um esquema cognitivo e pragmático de análise. Outra abordagem do papel do

---

<sup>102</sup> Maiores detalhes pesquisar nas páginas 260, 261, 262, 263 e 264, desta dissertação.

<sup>103</sup> Sobre a mudança de termo a explicação é encontrada na página 73, desta dissertação.

léxico na construção desse texto, colocando-o progressivamente a um nível mais global, que pôde incorporar os múltiplos processos inerentes à sua tessitura.

Em suma, em se tratando de organização tópica, a produção chargística de Amarildo se aproximou da produção de um texto falado. Tal assertiva partiu da observação da conduta de Amarildo em sua produção. Enquanto durou o tema campanha eleitoral na mídia, os personagens tratados se mantiveram perfeitamente engajados no processo interacional, apesar da multiplicidade de tópicos que o perpassaram, como denúncias de corrupção, Copa do Mundo, campeonatos, coligações, guerra, violência no trânsito, problemas sociais, entre outros que marcaram o ano de 2006.

Com base nas reflexões a respeito de tópico discursivo, cada charge, teve equivalência às cenas traçadas numa só produção, resultando em um evento, considerada como um segmento tópico (frase-segmento). Por sua vez, cada frase-segmento correspondeu a um episódio de um evento maior, que em nível vertical constituiu-se sequencialmente de subtópicos, quadros tópicos e supertópico.

Desse modo, verificou-se, no decorrer das charges publicadas diariamente no jornal impresso *A Gazeta*, no intervalo de sete meses, uma continuidade tópica possibilitada pela sequência temática com que o chargista organizou a sua seção cotidiana. Nessa perspectiva, a noção de que a continuidade tópica, uma vez explicitada na produção chargística do jornal *A Gazeta*, apresentou-se sob uma forma descontínua, o que não impediu que se estabelecesse uma sequência estimulada por meio de uma imagem que desencadeou outras possibilidades de produção de sentido, numa nítida sobreposição da linguagem não verbal à linguagem verbal.

Trabalhar com o gênero charge foi desvendar alguns dos procedimentos utilizados pelo artista capixaba Amarildo para produzir o efeito que esperava perante seus leitores. A concisão na imagem e no texto escrito, a antítese e o uso de estereótipos são alguns exemplos percebidos em suas charges. Foram simplificações como essas que exerceram um surpreendente impacto sobre a imaginação coletiva, à época. No caso, tanto a leitura da imagem quanto da palavra foram multidirecionadas, por depender apenas do olhar de cada interlocutor que acompanhou as suas produções, segundo Saliba. Vale ressaltar, neste ponto, que os assuntos tratados nessas produções ainda são vistos até hoje na política.

Com isso, Amarildo, por meio de sua produção que comporta múltiplas linguagens, parece deixar transparecer a preocupação em ser perspicaz, ao desnudar os acontecimentos trazendo

à tona situações, por vezes, implícitas na notícia convencional. O modo sutil e astucioso com que o chargista explorou episódios na vida da sociedade brasileira e capixabense pode ser compreendido como uma prática ideologicamente marcada pelo desejo de esse chargista exercer influência sobre o seu leitor, que de forma capciosa foi convidado a lê-la de modo crítico e mais profundo.

Ao se escrever esta dissertação, procurou-se preencher uma lacuna nos estudos sobre o Tópico Discursivo no gênero charge, pois na Linguística Textual não se tem conhecimento de trabalhos com referência à temática envolvendo esse gênero no assunto proposto para este estudo. Muitos outros estudos foram executados, mas até o início desta pesquisa ainda não havia sido pensado os dois em conjunto. O gênero charge e a noção de tópico foram unidos neste estudo.

Durante o tempo de execução, pretendeu-se corresponder às expectativas que um leitor atento poderia, por ventura, ter em relação aos conteúdos trabalhados, procurando abordar os estudos produzidos por linguistas brasileiros que ajudaram a ampliar as áreas de pesquisa na Linguística, principalmente em relação à estrutura do texto e em relação aos estudos que abordam o gênero charge, incluindo seu suporte e o seu produtor. Dessa forma, espera-se que o leitor, ao final da pesquisa, tenha adquirido informações referentes à teoria que envolveu o Tópico Discursivo, o gênero charge e o suporte.

## **ANEXO**

## AUTORIZAÇÃO

Eu, Amarildo Lima, inscrito no CPF sob o nº 818467117-20, portador da cédula de identidade nº510708-ES, pelo presente termo, autorizo Silênia de Azevedo Silveira Rangel, inscrita no CPF sob o nº 070 242 997-03, portadora da cédula de identidade nº 056 546 30-2, a usar de 206 charges, publicadas em A Gazeta, no período correspondente de 12 de março a 1º de outubro de 2006, de minha autoria, a título gratuito e em caráter irrevogável, para fins de uso em sua Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal do Espírito Santo e em futuras publicações de artigos acadêmicos em periódicos institucionais todos sem fins lucrativos. Fica terminantemente proibido o uso das 206 charges em qualquer outro tipo de material que não sejam os citados acima.

Declaro que as charges cedidas são de minha exclusiva autoria.

Autorizo, ainda, por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Vitória, 20 de abril de 2012.



Amarildo Lima

## Referências

### Bibliografia

BAEDER, Berenice Martins. **Olhar semi-simbólico de um desenho-charge de Angeli**. In. Estudos Semióticos, São Paulo, n.3, 2007.

BENTES, Anna Christina; RIO, Vivian Cristina. Razão e Rima: reflexões em torno da organização Tópica de um Rap Paulista. In. **Revista Cadernos de Estudos Linguísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 115-124, 2006.

BITTENCOURT, Gabriel. **História geral e econômica do Espírito Santo: do engenho colonial ao complexo fabril-portuário**. Vitória, ES: [s.n.], 2006.

\_\_\_\_\_. **Historiografia Capixaba & Imprensa no Espírito Santo**. Vitória: EDIT, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Editora da UNICAMP, 1989.

CORTINA, Arnaldo, MARCHEZAN, Renata Coelho. Teoria Semiótica: a questão do sentido. MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 393-438.

DASCAL, Marcelo. **Fundamentos metodológicos da linguística. V. IV Pragmática**. Campinas, UNICAMP, 1982.

DIJK, Teun Adrianus van. **Cognição, discurso e interação**. (Org. Ingedore V. Koch). São Paulo: Contexto, 1992.

DUCROT, Oswald. **Linguagem, Metalinguagem e performativos**. In: \_\_\_\_\_. O dizer e o dito (revisão e tradução). Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In. PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo. Humanitas Publicações, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, M<sup>a</sup> Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. A movimentação tópica numa visão pragmático-discursiva. In. **Revista Cadernos de Estudos Linguísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 85-104, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2.ed. 5<sup>a</sup> impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. “Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em programas de entrevistas e debates”. In. **Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 135-142, 2006.

GALVÃO, Marise Adriana Mamede. **As inserções parentéticas na interação em sala de aula**. São Paulo: UNESP; UFRN-Currais Novos, 2002.

GORSKI, Edair Maria. **O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita**. Tese de doutorado: Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2005.

GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**. Cambridge University Press, 1982.

GURGEL, Nair. “A charge numa perspectiva discursiva”. In. **Centro de hermenêutica do presente**. Porto Velho, Universidade Federal de Rondônia, Ano IV, nº 135, 2004.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Saltes. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller- Campinas. 14.ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

JUBRAN, Clélia Cândido Abreu Spinard. “Organização tópica da conversação”. In. ILARI, R. (Org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, [1992] 2002. V.2. p. 341-428.

\_\_\_\_\_. “Revisitando a noção de tópico Discursivo”. In. **Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 33-41, 2006.

KOCH, I. G. V; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. G. V. et al. “Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado”. In: CASTILHO, Ataliba (Org.). **Gramática do Português Falado**. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/ FAPESP, V.1, [1989] 1996. p. 145-184.

\_\_\_\_\_. **Texto e coerência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. “Digressão e relevância conversacional”. In. **Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n. 37, jul-dez.:81-91, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.



\_\_\_\_\_. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. "Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual". In. **Revista Cadernos de Estudos Linguísticos.** Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48 (1): 23-32, 2006.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem.** 10. ed. São Paulo: Contexto, [1993]2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça, PENNA, Maria Angélica de O. "Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual". In. **Revista Cadernos de Estudos Linguísticos.** São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48 (1): 23- 31, 2006.

LINS, Maria da Penha Pereira (UFES). "Organização tópica do discurso de seqüências de tiras diárias de quadrinhos". In. **Revista Cadernos de Estudos Linguísticos.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 125-134, 2006.

\_\_\_\_\_. **O tópico discursivo em textos de quadrinhos.** Vitória: EDUFES, 2008.

LINS, Maria da Penha Pereira, OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle. "A busca do sentido pelo processo inferencial nas tiras de Mafalda". In. **Revista (Con)textos linguísticos,** Vitória: PPGEL, Ufes, nº 3, p. 143-152, 2009.

LOPES, Luís Fernando. **Charge Jornalística: Estudo do Discurso Chargístico da Folha de S. Paulo Veiculado no Período da Crise Deflagrada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC).** Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Pragmática para o discurso literário.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Elementos de Lingüística para o texto literário.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "Referenciação e Progressão Tópica: aspectos Cognitivos e Textuais". In. **Revista Cadernos de Estudos Linguísticos.** Campinas- SP: IEL/UNICAMP, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48 (1): 7- 22, 2006.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTA, Mário Eduardo, (Org.). **Manual de Lingüística.** 1. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

MATOS, Mário. **O personagem persegue o autor.** Rio de Janeiro: "Seção de Livros" da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S.A., 1945.

MAYNARD, D. “Placement of topic changes in conversation”. In. **Semiótica**, 30–3/4. p. 263-290, 1980.

MORATO, Edwiges Maria. “Gestão do tópico e relevância conversacional na interação entre afásicos e não afásicos, ou quando uma mão lava a outra”. In. **Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 105-113, 2006.

MORAIS, Orlando Mendes de; PENA, Leonam de Azeredo. **Dicionário de Sinônimos e Antônimos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Tupã Editora, 1953.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. “Polidez e Interação”. In. COUTINHO, Carmen Rosa Caldas; CABRAL, Leonor Sclir (Org.). **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. “Organização tópica do texto e ensino de leitura”. In. **Linguagem & Ensino**, vol. 8, n. 1, p.149-160, 2005.

\_\_\_\_\_. “O Tópico Discursivo Como Categoria Analítica Textual-Interativa”. In. **Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 42-51, 2006.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

REDE GAZETA DE COMUNICAÇÕES. **A Gazeta: 80 anos de história: 1928-2008**. Vitória, ES: A Gazeta, 2008.

REZENDE, Renato Cabral. “O tópico discursivo em questão: considerações teóricas e análise de uma narrativa literária”. In. **Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 71-84, 2006.

REYES, Graciela. “Introdução”. In. **El abecé de la pragmática**. Madri. 9. ed. Arco/libros, S.L., 2011.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa** (Tomo II). Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.

RIOS, Dellano. “Os mecanismos da charge”. In. **Revista Plenarium**, v.5, n.5, p. 299 - 305, out., 2008.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira**, da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Rosilene Alves da. **Charges: do discurso “político” eleitoral ao discurso político da opinião pública**. Fac. de Letras, UFMG, Minas Gerais, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “Relevo e desenvolvimento de tópico discursivo”. In. **Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos**, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978. O Tópico Discursivo, 48(1): 53-70, 2006.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.

XAVIER, Antonio Carlos e CORTEZ, Suzana (Org.). **Conversas com lingüistas: Virtudes e controvérsias da linguística**. Editora Parábola, São Paulo, Brasil, 2003.

## Documentos eletrônicos

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. **As escolhas lexicais e o desenvolvimento do tópico discursivo nos diálogos do NURC/SP**, 2005. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maluv019.pdf>>. Acesso em: 11 de novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. A repetição como elemento condutor do tópico discursivo. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maluv019.pdf>>. Acesso em: 28 de novembro de 2011.

INTERPRETANDO telas/twitter: @redxvest. **ARTE - Fonte do Conhecimento**. O Grito. [s.d.].<http://artefontedeconhecimento.blogspot.com.br/2010/07/o-grito-1893-edvard-munch.html>. Acesso em: 30 de janeiro de 2011.

ASSOCIAÇÃO Nacional de Jornais. **A Gazeta de Vitória completa 80 anos**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/sala-de-imprensa/noticias/a-gazeta-de-vitoria-completa-80-anos/>>. Acesso em: 22 de setembro de 2010.

BARROS, Arethusa Andrea Fernandes de O. **A atividade inferencial para a construção de sentidos no gênero textual charge**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT13/13.12.pdf>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **ILHA, Revista de Antropologia**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.v9.com/s#gsc.tab=0&gsc.q=entextualiza%C3%A7%C3%A3o&gsc.page=1>. Acesso em: 3 de maio de 2012.

BRACCHI, Daniela Nery. **Fotografia contemporânea e intersemiotividade**. [s.d.]. Disponível em: <[www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es)>. Acesso em: 25 de outubro de 2011.

LIMA, Amarildo. **BLOG do Amarildo. Charges. Caricaturas**. [s.d.]. Disponível em: <<http://amarildocharge.wordpress.com/>> Acesso em: 24 de setembro de 2009.

CONSULTOR Jurídico. **Horário Eleitoral Gratuito custa R\$ 850 milhões**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2010-ago-18/horario-eleitoral-gratuito-radio-tv-custa-850-milhoes>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2012.

DUPLIPENSAR. Net. **Eleições no Estado do Espírito Santo em 2006**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/dossies/eleicoes-2006/eleicao-para-governador-do-espírito-santo.html>>. Acesso em: 22 de setembro de 2011.

FERRAZ, Janaína de Aquino. **Gêneros multimodais: novos caminhos discursivos**. VIII ENIL/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/2\\_Janaina\\_AF.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/2_Janaina_AF.pdf). Acesso em: 25 de novembro de 2011.

FLANNERY, Mércia Santana. **Identidade e representação em pequenas estórias: o caso de imigrantes brasileiros.** (UPenn). [s.d.]. Disponível em: <http://www.v9.com/s#gsc.tab=0&gsc.q=entextualiza%C3%A7%C3%A3o&gsc.page=1>. Acesso em: 3 de maio de 2012

FOLHA. Com. **Entenda o caso do dossiê.** [s.d.]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u83557.shtml>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

GAZETA on-line. **Charge, o que é isso?** [s.d.]. Disponível em: [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2009/05/514272-charge+o+que+e+isso.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/05/514272-charge+o+que+e+isso.html)>. Acesso em: 20 de setembro de 2009.

GAZETA. **A Gazeta 80 anos.** [s.d.]. Disponível em: [http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/eu\\_aqui/comunidade/index.php&cd\\_guia=949](http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/eu_aqui/comunidade/index.php&cd_guia=949)>. Acesso em: 20 de setembro de 2009.

HISTÓRIA Brasileira. **Diretas Já.** [s.d.]. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/diretas-ja/>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2012.

INDICADORES Econômicos FEE. **Impacto na relação Brasil-Bolívia, com a nacionalização dos hidrocarbonetos bolivianos, em 2006.** [s.d.]. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/1644/2011>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

ISTO É Dinheiro. **O fabuloso assalto ao banco pagador.** [s.d.] Disponível em: [http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4634\\_O+FABULOSO+ASSALTO+AO+BANCO+PAGADOR](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4634_O+FABULOSO+ASSALTO+AO+BANCO+PAGADOR)>. Acesso em: 05 de janeiro de 2012.

LA INSIGNIA. **Volkswagen: lucro, demissões e barbárie.** [s.d.]. Disponível em: [http://www.lainsignia.org/2006/agosto/econ\\_001.htm](http://www.lainsignia.org/2006/agosto/econ_001.htm)>. Acesso em: 05 de janeiro de 2012.

LEITURA, UM ATO SAGRADO. **Definição de charge jornalística.** [s.d.]. Disponível em: <http://idemargareth.blogspot.com/2007/09/definio-de-charge-jornalstica.html>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

MATOS, Marcos. **O que é charge?** [s.d.]. Disponível em: <http://byboca.com.br/charge.htm>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

MORAES, Cleide Pires de; RODRIGUES, Marlon Leal. **O discurso das charges nos jornais.** [s.d.]. Disponível em: <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Cleide%20Pires%20de%20Moraes%20e%20Marlon%20Leal%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 22 de setembro de 2011.

PEREIRA, Everton Almeida. **Sujeito e linguagem em as palavras e as coisas,** de Michel Foucault. [s.d.]. Disponível em: [www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es)>. Acesso em: 25 de outubro de 2011.

PORTAL de Notícias. **Deputados Estaduais eleitos no Espírito Santo**. [s.d.]. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Eleicoes/0,,AA1294365-6291-2612,00.html>>. Acesso em: 31 de dezembro de 2011].

QUADROS, Cynthia Morgana Boos de. **As relações interdiscursivas entre a arte, a política e o jornalismo: as charges de Cao Hering**. [s.d.]. Disponível em: <[http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/94950\\_Cynthia.pdf](http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/94950_Cynthia.pdf)>. Acesso em: 16 de janeiro de 2012.

REVISTA Linguagem em Discurso. **A imagem: interpretação e comunicação**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/05.htm>>. Acesso em: 23 de outubro de 2011.

SOUZA, Tania C. Clemente. **A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

SUA PESQUISA. **Eleições 2006**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/eleicoes2006/>>. Acesso em: 31 de dezembro de 2011.